P. JULIO MARIA
Missionario de N. Senhora do SS. Sacramento

O CHRISTO, O PAPA E A EGREJA

ou

Segredos Intimos do Papado

TERCEIRA EDIÇÃO
Revista pelo Autor

1940
EDITORA: O LUTADOR
Manhumirim

NIHIL OBSTAT:
P. Angelo Contessotto S. J.
Censor ad hoc

IMPRIMATUR
Caratingen., 15 Aprilis 1935
† *Josephus Maria*
Episc. Diœcesanus

REIMPRIMATUR
Caratingen., 7 Augusti 1939
† *Joannes*
Episcopus Diœc.

Approvação

de Sua Excellencia Rvma.

D. José Maria Parreira Lara

D. D. Bispo de Caratinga

Revmo. P. Julio Maria.

Mando-lhe os meus sinceros parabens pelo seu novo livro: "O Christo, o Papa e a Egreja" *e parabens tambem por aproveitar tão bem os talentos que Deus lhe confiou.*

Segue o meu Imprimatur, *com muito prazer, e envio-lhe a opinião do Censor ad hoc.*

O Censor escreveu ao Exmo. Sr. Bispo:

"Li o livro de 450 *paginas que V. Excia. me remetteu, e edifiquei-me muito com uma leitura tão convincente e sólida.*

Acho que "O Christo, o Papa e a Egreja ou Segredos intimos do Papado" *é obra fadada a produzir um grande bem entre os fracos na fé, que se deixam, facilmente, impressionar com essas discussões protestantes que, apesar de mil vezes refutadas, voltam novamente á baila nesse continuo "sport de herejes", como classificou*

essa campanha de discussões o nosso P. Leonel Franca.

Com o meu "Nihil obstat", *como Censor ad hoc, nomeado por V. Excia., vão tambem os meus sinceros parabens, por uma obra de tanta erudição e utilidade, no momento."*

P. ANGELO CONTESSOTTO S. J.

APRECIAÇÃO DO EPISCOPADO E DA IMPRENSA SOBRE O PRESENTE LIVRO

O illustre Episcopado é unanime em proclamar as extraordinarias qualidades da presente obra.

Sua Eminencia o *Cardeal D. Sebastião Leme* chama-o "um livro luminoso que victoriosamente refuta todas as objecções contra a Egreja."

D. José Carlos de Aguirre, Bispo de Sorocaba, escreve: "Venho passando dias a fio na leitura de seus livros de polemica religiosa.

São admiraveis!

Concedeu-lhe N. S. dotes inapreciaveis de clareza, vigor de argumentação, e sobretudo, delicadeza no trato com os adversarios, fazendo-se ler por elles com interesse."

D. Severino Vieira de Mello, Bispo de Piauhy, escreve: "Li, com cuidado, o seu livro: *O Christo, o Papa e a Egreja*; gostei immensamente: estou certo de que irá fazer um grande bem."

D. Rodolpho de Oliveira Penna, Bispo de Barra do Rio Grande, escreve: "Não posso deixar de affirmar-lhe a minha admiração, pelo talento que Deus N. S. lhe deu, e que tanto

refulge em seu livro admiravel: *O Christo, o Papa e a Egreja.* Quanto bem vae fazer este livro!"

D. José Maria Parreira Lara, Bispo de Caratinga, mandou ao autor os seus parabens, pelo livro e por aproveitar tão bem os talentos que Deus lhe confiou.

O *Censor Ecclesiastico,* Pe. Angelo Contessotto S. J., diz no *NIHIL BSTAT,* que se edificou muito com esta leitura tão convincente e solida, que acha obra fadada a produzir um grande bem entre os fracos na fé, e com os seus sinceros parabens por uma obra de tanta erudição e utilidade no momento.

A *"A Cruz",* do Rio de Janeiro, diz, por sua vez, entre outros louvores: "*O Christo, o Papa e a Egreja* é um livro magnifico, uma obra de folego destinado ao mais franco successo.

O Padre Julio Maria disserta com proficiencia e fé. Em cada um dos assumptos que focaliza se lobriga uma autoridade que fala, um crente que convence, um artista que fascina. E' um livro que instrue, não deixando na sombra de uma duvida sequer, os pontos combatidos de nossa religião.

E' um livro que se impõe sem necessidade de propaganda."

"O Diario", de Minas, escreve: "Os livros do Pe. Julio Maria correm o mundo e são lidos em toda a parte, com o interesse que corresponde aos assumptos palpitantes que elle trata.

Pode-se dizer que em nossos dias, o Pe. Julio Maria é um dos autores mais lidos, tanto por causa de seu modo vivo, claro e penetrante de expôr as verdades, como pelos assumptos palpitantes que trata.

Em seus livros, e de modo especial no presente livro, *"O Christo, o Papa e a Egreja",* não ha banalidades, lugares communs; tudo ahi é novo, cheio de vida, de enthusiasmo, e o que é melhor ainda, cheio de uma doutrina solida, profunda, que permitte ao leitor penetrar no amago das questões mais abstractas.

O presente livro, no dizer dos entendidos, é um dos mais bellos que produziu o espirito luminoso do grande polemista."

A *"Ave Maria"*, de S. Paulo, recommendando o livro, escreve: "Recebemos com grande jubilo outro livro da brilhante penna do P. Julio Maria. Merece, na verdade, as mais francas e enthusiasticas felicitações o espirito culto do conhecido e apreciado escriptor por esta sua nova, valiosa producção literaria, onde resplandece, mais do que nunca, seu primoroso talento, indiscutivelmente, um dos mais bellos de que se possam orgulhar nossas gloriosas hostes catholicas.

Recommendamos, por isso, instantemente, a recente publicação de tão benemerito *religioso literato, P. Julio Maria."*

O *"Lar Catholico"*, de Juiz de Fóra, escreve tambem:

"Eis um optimo trabalho do incansavel missionario de N. Sra. do Smo. Sacramento, que é o Revmo. Pe. Julio Maria. Realmente: *O Christo, o Papa e a Egreja* é uma das melhores publicações do Revmo. Pe. Julio Maria, e devia ser lida e estudada por todos os catholicos que pelas circumstancias se veem obrigado a estar sempre em contacto com protestantes ou maus catholicos."

Terminemos estas apreciações pela analyse do grande publicista, literato, Soares de Azevedo, nas *"Vozes de Petropolis"*.

"Espirito combativo, escriptor ardente e versado em todas as questões que mais de perto dizem respeito á Egreja universal, o P. Julio Maria já é autor de uns 20 livros, todos elles de consideravel acceitação em nossos meios de cultura. O livro de agora, mais de polemica, nem por isso deixa de expôr doutrina muito solida e por processos amenos, não raro jocosos. Assim é que vemos o P. Julio Maria ás voltas com as mil e uma accusações que os protestantes formulam contra a riqueza do Papa, o *trafico* religioso, as riquezas dos padres, as diatribes contra certos Pontifices que os protestantes consideram de vida menos austera. Dahi passa á constituição da Egreja, aos primeiros Papas, á inspiração divina, á tradição e ás Escripturas, á infallibilidade, etc.

Comquanto sempre em fórma de polemica, não raro vigorosa, o Padre Julio Maria offerece-nos um trabalho de grande actualidade, dadas as manifestações dos ultimos annos, partidas de sectarios impenitentes, contra a vida da Egreja de Deus e a sua actuação nos graves problemas dos nossos tempos. "Obra de erudição e de actualidade" — diz o censor, e nós não precisaremos de dizer mais, por excusado."

S. d'A.

Introducção

O mundo moderno quer conhecer segredos.

Tudo o que tem apparencia de segredo exerce irresistivel attractivo.

Uma sciencia, ou uma doutrina, só se torna apreciada pelo seu lado revelador de SEGREDOS.

Segredos do passado ou do futuro...

Segredos de familia ou de consciencia...

Segredos da natureza ou dos transcendentes...

Segredos desta vida ou de além-tumulo...

Haja segredos, e haverá leitores...

E' deante de uma tal disposição quasi morbida que, sem ser propheta, eu mesmo predigo um futuro glorioso para o humilde livrinho, que hoje lanço ao publico.

O livro terá successo, porque tem segredos... MUITOS SEGREDOS... segredos palpitantes... que quasi todos ignoram e que todos deviam conhecer.

O presente livro corresponde plenamente á ansiedade geral de conhecer segredos.

Temos de desvendar um grande segredo...

Um segredo misterioso...

Um segredo profundo!

Um desses segredos que nos envolvem, nos penetram, excitam a nossa admiração, sem que os mais argutos cheguem a penetrar no âmago da questão e a desvendar o nó enygmatico do mesmo.

O mundo quereria conhecel-o... e parece ter medo de conhecer a verdade.

Porque este medo?...

Pela razão de a revelação deste SEGREDO impôr uma norma á nossa vida e uma orientação ás nossas idéas.

Ora, tal norma e orientação exigem uma reforma.

Toda reforma exige um sacrificio...

E a natureza viciada tem horror ao sacrificio.

* * *

Este segredo é a EGREJA CATHOLICA, é O PAPADO.

Eis uma instituição multisecular, sempre atacada e sempre triumphante... excitando o enthusiasmo de uns e o odio de outros.

Não é um mysterioso segredo aquelle que é continuamente um objecto de amor e de odio?...

Instituição curiosa...

Donde vem ella?

Que pretende?

Como é feita?

Quaes são seus meios de acção?

Qual é a sua base?

Qual a sua força?

Qual o segredo de sua sobrevivencia?

Eis umas tantas perguntas que revelam factos palpaveis e inexplicaveis para muitos, deixando entrever um mysterio... um segredo.

E este segredo quero desvendal-o aqui.

O presente livro será um livro REVELADOR para muitos, pois lhes mostrará uma Egreja que desconheciam por completo, ou conheciam apenas através do prisma multicôr das calumnias grotescas da impiedade ou das tôlas objecções dos protestantes.

O Christo, o Papa e a Egreja

E' uma Trindade na UNIDADE: Trindade na natureza... unidade na pessoa.

'O Christo, o Papa e a Egreja, — é uma unica e mesma pessoa: O CHRISTO.

São três naturezas distinctas.

O Christo é DEUS.

O Papa é o REPRESENTANTE de Deus.

A Egreja é a OBRA de Deus.

Trindade admiravel, cujas relações intimas constituem uma das mais sublimes paginas da theologia catholica!

Penetrar estas intimidades . . . levantar um canto do véu que encobre estes thesouros divinos. . . desvendar o segredo que envolve a existencia do Papado e da Egreja: tal é o fim destas paginas.

Este estudo foi provocado, como verá o leitor nos primeiros capitulos, por boletins protestantes e consultas catholicas.

Após a refutação ás objecções, não convinha parar em caminho; e, depois de ter removido a poeira e a lama com que a ignorancia e a impiedade procuram embaciar o esplendor do Papado, era mistér fazer-se uma exposição clara, simples, theologica, dos segredos intimos da Egreja, para melhor salientar sua GLORIA perante o mundo e sua SANTIDADE perante Deus.

Leiam estas paginas aquelles que, sinceros e sedentos de verdade, procuram a luz para o espirito e o amor para o coração.

Encontrarão aqui os SEGREDOS INTIMOS da Egreja, a sua fonte de vida, sua força no martyrio, seu segredo de expansão, seu heroismo na luta e seu triumpho na virtude.

Não receio repetil-o: Este livro é um REVELADOR DE SEGREDOS para muitos e muitos . . . até para homens instruidos que, embora conheçam a Egreja em sua constituição e em

sua vida exterior, ignoram-na em sua vida interior e nos segredos de sua fecundidade.

Fazer brilhar e scintillar a verdade — pois ella nunca brilha com demasiado fulgor — e aproximar as almas desta verdade — já que nunca se aproximam bastante — tal é a unica aspiração do autor.

P. Julio Maria S. D. N.

CAPITULO I

Uma simples approximação

Entre as numerosas consultas que me chegam, a cada instante, recebi um folheto interessante que demonstra mais uma vez o odio dos amigos protestantes á Egreja catholica e o seu grande desejo de humilhá-la.

Estamos fartos de saber disso; porém os boletins que elles espalham, além de mostrarem o rancôr que os possue á verdade, revelam ao mesmo tempo uma estupenda ignorancia dos factos e da historia, e isto não se perdôa num seculo de civilização e de progresso.

Enviou-me um estudante a seguinte cartinha e o boletim que quero estampar aqui integralmente para dar-lhe uma resposta clara e solida.

Revmo. Padre Julio Maria.

Sendo leitor assiduo de vosso extraordinario "O Lutador" e observando, por meio delle, a vossa grande sabedoria, digna dos maiores encomios, resolvi, mediante vossa lucidez prover-

bial, dirigir-me a vós, pedindo mui respeitosamente a V. Revma. fazer por obsequio a refutação do canhestro parallelo entre Jesus Christo e o Papa, o qual se encontra no boletim incluso.

Confiado, não no meu pedido, mas na vossa bondade, despeço-me muito grato, e subscrevo-me.

De V. Revma., servo em J. Chr.

B. R.

I. O boletim infamante

Jesus Christo e o Papa
(*Segundo Delilez*)

JESUS CHRISTO	O PAPA
1. Jesus Christo, o homem de dor, trazia uma corôa de espinhos, a gottejar sangue.	O Papa gosa todas as delicias e traz uma triplice corôa real, estrelada de pedrarias.
2. Jesus Christo nasceu pobre, e pobre viveu e morreu.	O Papa possue terras, casas, palácios. E' riquissimo.
3. Jesus Christo não tinha onde repousar a cabeça.	O Papa habita um palacio que contém 11.000 camaras, o mais vasto do mundo.

JESUS CHRISTO	O PAPA
4. Só do céu se occupava Jesus Christo.	O Papa se occupa sómente de politica, e tem embaixadores junto de todas as potencias.
5. Jesus Christo veiu servir, e dar a vida para redimir a humanidade.	Os Papas se fazem servir, e têm occasionado a morte de milhões de homens que não pensavam como elles.
6. Jesus Christo queria que seus discipulos fossem servos de todos.	Dos seus o Papa faz principes.
7. Jesus Christo e seus discipulos curavam as doenças e faziam milagres.	O Papa e o seu clero têm torturado e trucidado os homens.
8. Jesus Christo andava a pé pela Galiléa para prédicar.	O Papa não se move do lugar sinão carregado por quatro homens.

9. Jesus Christo lavava os pés a seus discipulos.	O Papa dá o seu pé a beijar, salvo uma vez por anno, em que elle finge imitar o Mestre.
10. Jesus Christo era manso e humilde de coração.	O Papa foi sempre intolerante e dominador.
11. Jesus Christo alimentava as multidões.	O Papa se circumda de riquezas e de cofres atulhados de adereços e pedrarias, emquanto o povo da Italia morre de fome.
12. Jesus Christo ensinava a verdade.	O Papa ensina e pratica o contrario do que Jesus Christo ensinou. Dando mentiras intocaveis, á força imposta ao povo, e que produzem a hypocrisia geral.
13. Jesus Christo expulsava do templo os vendilhões.	O Papa e a Egreja fazem trafico de ceremonias religiosas: a missa, os sacramentos, as orações, as indulgencias, as reliquias, etc.

14. Jesus Christo ordenava que todos respeitassem as autoridades.	Os Papas têm desligado subditos do juramento de fidelidade aos principes.
15. Jesus Christo era a mesma santidade.	Leia-se a historia de Xisto IV, Innocencio VIII, João XI, João XII, Alexandre VI, João XXIII.
16. Jesus Christo disse: Amae-vos uns aos outros.	Os Papas têm accendido odios, açulado guerras. Trinta Annos, Albigenses, Valdenses, S. Bartholomeu, Dragonadas, etc.

Ninguem póde servir a dois senhores — Math., 6: 24.

Escolhei hoje a quem haveis de servir — Josué, 24: 15.

II. O boletim verdadeiro

O primeiro boletim é o producto do odio que insulta e blasphema sem saber o que é e o que faz o Papa.

Vou reproduzir aqui o mesmo boletim, mas dando-lhe o termo de comparação verdadeiro.

Jesus Christo e o Papa

(Segundo a verdade)

JESUS CHRISTO	O PAPA
1. Jesus Christo, o homem de dor, trazia uma corôa de espinhos, a gottejar sangue.	O Papa é o martyr de todos os seculos, flagellado pelos impios, coroado de espinhos pelos maçons, cuspido pelos protestantes, vendido pelos apostatas, blasphemado pelos espiritas, carregando a cruz pesada sob os apupos dos libertinos, communistas, divorcistas, sexualistas, etc.

---

2. Jesus Christo nasceu pobre, e pobre viveu e morreu.	O Papa nada possue neste mundo. O palacio que elle habita é o patrimonio da Egreja catholica, e de nada ali pode dispor, vivendo e morrendo pobre como o seu divino Mestre.
3. Jesus Christo não tinha onde repousar a cabeça.	O Papa repousa a cabeça como Jesus, em cima do travesseiro dos odios, das blasphemias, da ignorancia e do fanatismo de todos os falsos credos, perdoando seus perseguidores e orando por elles.
4. Só do céu se occupava Jesus Christo.	O Papa occupa-se só da Egreja, das almas, da felicidade do seu immenso rebanho e da conversão de seus inimigos.
5. Jesus Christo veiu servir, e dar a vida	O Papa é o servo dos servos de Deus, o pae

para redimir a humanidade.

da humanidade, dando a sua vida para o bem e o progresso da Egreja e da humanidade.

---

6. Jesus Christo queria que seus discipulos fossem servos de todos.

O Papa exige, conforme o Evangelho, que todos os catholicos sejam os servos dos pobres e dos que soffrem, ensinando e praticando a caridade para com todos.

---

7. Jesus Christo e seus discipulos curavam as doenças e faziam milagres.

O Papa allivia em toda parte a pobreza e o soffrimento; faz milagres, cura doenças, como fizeram Pio X e o Pontifice Pio XI, em diversas occasiões.

---

8. Jesus Christo andava a pé pela Galiléa para prédicar.

O Papa, não podendo ir pessoalmente, pois os Papas são sempre homens de idade avançada, manda os seus missionarios atra-

vés do mundo e dos seculos, e elle mesmo, pelas suas encyclicas, instrue e dirige os catholicos.

---

9. Jesus Christo lavava os pés a seus discipulos.

O Papa lavaria até os pés dos protestantes, maçons, espiritas, communistas, si elles voltassem a Roma, em vez de lançar o seu odio contra a Santa Sé.

---

10. Jesus Christo era manso e humilde de coração.

O Papa é o mais humilde e manso dos homens, e quem não o acredita que vá até Roma verificá-lo.

---

11. Jesus Christo alimentava as multidões.

O Papa alimenta o mundo pela palavra divina, e até multiplicaria os pães para nutrir os inimigos, si fossem ter com elles.

---

12. Jesus Christo ensinava a verdade.	O Papa, infallivel como successor de S. Pedro e de Christo, nunca errou em materia de fé e de costumes. Elle é o representante da verdade contra a mentira e o erro.
13. Jesus Christo expulsava do templo os vendilhões.	O Papa expulsa do templo de Deus os successores dos vendilhões, os que vendem a sua alma por interesses humanos.
14. Jesus Christo ordenava que todos respeitassem as autoridades.	O Papa manda respeitar toda autoridade legitima nos seus limites, mas não acceita falsas autoridades como Luthero, Knox, Allan Kardec, Staline, etc.
15. Jesus Christo era a mesma santidade.	Entre os 266 Papas, desde S. Pedro até ho-

	je, há 86 santos canonizados após verificação rigorosa de suas virtudes e dos milagres por elles operados, e 166 foram homens de excepcionaes virtudes.
16. Jesus Christo disse: Amae-vos uns aos outros.	O Papa tem sido sempre o Pacificador do mundo, o exemplo vivo da caridade para com o proximo.

Tal é a comparação desapaixonada, que não simplesmente os catholicos devem fazer, mas a que é obrigado todo homem sensato.

Não se trata de julgar um homem segundo a apreciação dos seus mais rancorosos inimigos, mas é necessario ouvir os seus amigos, e sobretudo os indifferentes.

O juizo destes ultimos, desde que não haja odio e obcecação, é mais acertado, pois já estão em melhor condição de julgar imparcialmente a verdade.

Os pobres protestantes, que nunca viram o Papa, que nunca foram a Roma, nem siquer leram um livro a não ser protestante, são incapa-

zes de julgar o Papa porque desconhecem completamente os factos e a historia.

III. Conclusão

Terminemos com o mesmo texto com que termina o folheto protestante.

Ninguem póde servir a dois senhores (Math. VI, 24.

Estamos plenamente de accordo.

O Christo e Luthero:

Eis ahi dois Senhores.

O Papa não é um SENHOR, mas, sim, o successor de S. Pedro, o continuador e representante de Jesus Christo na terra.

Seguir o Papa é seguir a Jesus Christo.

E Luthero?

De quem é elle o representante e successor?

De Satanás, do primeiro revoltoso, do primeiro mentiroso...

Seguir a Luthero é, pois, seguir ao proprio Satanás.

E o boletim protestante termina a sua triste ladainha, dizendo: *Escolhei hoje a quem haveis de servir.* (Josué, XXIV, 15).

A nossa escolha já está feita; e si não o estivesse, não haveria nenhuma hesitação.

Seguiremos a Jesus Christo, representado no mundo pelo Papa, o Pae, e o seu legitimo substituto.

Não seguiremos a Satanás, representado por Luthero, o revoltoso, o libertino, o apostata, o bebado...

Escolhei, pois, caros protestantes, e lêde bem a vida de vosso fundador, para vos convencerdes de que Deus, a verdade, a santidade, a pureza infinita, não póde ser representado neste mundo por um homem que tão vergonhosamente destôa de toda verdade, de toda santidade e de toda a pureza. (1).

Escolhendo entre os dois, não hesitamos: Queremos o Papa... unicamente o Papa, exclusivamente o Papa, porque sómente elle tem credenciaes de autoridade divina, de virtude pessoal, com as promessas do proprio Jesus Christo: *Quem vos escuta a mim escuta, e quem vos despreza, a mim despreza.* (Luc., X, 16).

---

(1) Ler o nosso livro: *O diabo, Luthero e o protestantismo,* ou segredos internos do protestantismo. Obra de apreciação intima, historica e moral do protestantismo.

CAPITULO II

Objecções contra o Papa

Recebi uma consulta interessante, cuja resposta agradará aos protestantes e aos catholicos.

Aprecio muito taes consultas, pois tomando em flagrante as idéas dos amigos e inimigos, há occasião de lançar um jacto de luz no meio das trevas accumuladas pelo erro.

Agradeço, pois, ao meu digno consulente, que não é catholico, isto é palpavel, mas que diz não ser protestante.

Talvez seja elle baptista, pois os baptistas, dizendo-se descendentes de S. João Baptista, não o querem ser de Luthero.

Mas pouco importa a origem da seita que o meu consulente segue; o certo é que a sua consulta levanta grande numero de erros que procurarei refutar aqui sem nada omittir, sem nada esquecer, nem desviar, pois a Egreja Catholica não receia a luz e o estudo, mas sómente a ignorancia e o vicio.

I. Consulta e resposta geral

Eis a carta em questão:

Andradas, 27 de Junho de 1934.

RVMO. PADRE JULIO MARIA.

Rvmo. Senhor:

Antes de dar começo ao assumpto principal que me levou a lhe escrever a presente, devo dizer-lhe que não sou protestante e nem espirita.

Li no seu jornal de 24 deste mez o boletim "infamante", como V. Revma. diz, e tambem a comparação feita por V. Revma.. Da leitura de ambas as comparações, a feita pelos protestantes e a feita pelos padres, no meu fraco entender, cheguei á conclusão que V. Revma. pretendeu desviar o assumpto, querendo negar o que os protestantes affirmam, dizendo que o Papa não é rico, que "o palacio que elle habita é o Patrimonio da Egreja Catholica e de nada ali póde dispôr, vivendo e morrendo pobre como o seu Divino Mestre"...

Eu, pelo pouco que li da historia de Christo, sei que elle viveu e morreu pobre, mas não sabia que elle, como o Papa, viveu em Palacio!!!

Para evitar o prolongamento desta, peço a V. Revma. esclarecer-me os pontos abaixo, mas com respostas claras e leaes, (espero que V. Revma., fazendo excepção dos demaes padres

que têm a alma da côr da roupa), seja leal, não pretendendo desviar as respostas.

1.º *O Papa traz ou não a triplice corôa estrellada de pedrarias?*

2.º *E' verdade que o Papa não se move do logar sinão carregado?*

3.º *E' mentira que o Papa dá o pé para se beijar?*

4.º *Não é verdade que o Papa e a Egreja traficam as ceremonias religiosas?*

5.º *Dos 266 Papas, desde S. Pedro até hoje, os 86 canonizados, por quem o foram? E si todos elles foram homens virtuosos, no tempo das celebres "Fogueiras Santas", os Papas andavam no mundo da lua? V. Revma., dizendo que de tudo que disse de Luthero, nada disse de si, mas que tudo foi recolhido dos historiadores, Denifle, Grizar e etc., porém esqueceu-se de citar tambem aqui as historias de Xisto IV, Innocencio VIII, João XI, Alexandre VI, etc., que tambem são optimas!...*

Criado ao dispôr

J. M. S.

Além das cinco perguntas, há na carta do amigo, um conjuncto de affirmações, ante as quaes não devo passar em silencio, pois si, devéras, elle procura a verdade, é dever meu salientaI-a em todas as partes da consulta.

Na resposta ao boletim infamante, não desviei nem uma só virgula do assumpto, mas neguei peremptoriamente o que o tal boletim affirmava.

Basta apenas um pouco de bom senso, para ver o odio, a má fé e a calumnia em cada linha e em cada palavra de tal CONTRASTE entre Christo e o Papa.

O raciocinio tem por fim descobrir a verdade entre diversas asserções, como o *contraste* tem por fim salientar um ponto, comparando-o com outro.

Diga-me, caro consulente: póde o amigo acreditar que o Papa seja tal qual o pintam os protestantes e outros inimigos da religião?

Permittiria o mundo catholico, que professa para com o successor de S. Pedro sentimentos de obediencia, de veneração e de amor profundo, que este homem fosse um monstro, um perverso ou uma especie de anti-Christo?

Então o catholico, por ser catholico, não terá mais nem brio, nem dignidade, nem consciencia?

Governadores, reis, imperadores, generaes, marechaes, sabios e ricos prostram-se diante deste ANCIÃO veneravel que se chama o Papa, julgando ser uma honra e uma felicidade, o receber a sua bençam e beijar-lhe a mão, e póde o sr. acreditar que este ancião, que se impõe ao respeito e á veneração dos homens, do mun-

do e dos seculos, seja um simples explorador, um perverso, um monstro?...

Um municipio revolta-se contra um prefeito indigno.

Um Estado arranca do throno um presidente vicioso.

Uma nação pega em armas para exilar um chefe miseravel.

E o mundo catholico consentiria ser governado por miseraveis exploradores, por monstros humanos, sem revoltar-se, sem protestar e sem sentir-se envergonhado?

Ah! é demais, caro protestante, e só o odio cégo é capaz de formular taes baixezas.

Para elevar a dignidade da autoridade suprema, a Egreja Catholica, que, de certo, bem ultrapassa em cultura, em nobreza, em brio e em virtude, as seitas protestantes, escolhe entre os seus sacerdotes o que há de mais digno, mais virtuoso e mais capaz... Si escutassemos os protestantes, todos os Papas seriam uns monstros humanos!...

Mas, não vê o sr. que isso é insultar á christandade inteira, que é rebaixar o mundo catholico em peso, unicamente para satisfazer a odio e rancores?...

Não vê o sr. que um tal procedimento é indigno e que uma tal affirmação não é o producto do raciocinio, nem do exame dos factos da historia, mas unicamente da má fé e do odio,

que diz que o Papa é perverso porque os protestantes dizem que elle assim deve ser?...

II. O palacio do Papa

Vamos á segunda affirmação perversa da carta do nosso amigo baptista.

E' uma tecla já gasta, a dos palacios e da riqueza do Papa.

Ninguem póde acreditar nisso, como de facto ninguem acredita.

O Papa habita um grande palacio! Perfeitamente, e deve habital-o.

Se não tivesse o seu palacio, seria uma suprema humilhação para o catholicismo inteiro.

Não tem o presidente da republica o seu palacio? Porque não mora elle numa choupana de palha?

Porque não anda de pés descalços?

Porque?...

Tal pergunta é insensata.

Mas appliquemol-a á situação do Papa.

O presidente do Brasil é o CHEFE TEMPORAL de uns 50 milhões de brasileiros, e ahi limita-se a sua autoridade.

O Papa é o CHEFE ESPIRITUAL do mundo, a maior autoridade do universo, a mais respeitada, a mais incontestada, a mais extensa, a mais proficua e mais duradoura

E este chefe, ao qual reis e imperadores visitam, consultam, prostrando-se reverentes aos seus pés, este chefe não teria direito a um palacio, a um throno e ás honras protocollares?

Mas, então, caro protestante, o mundo catholico, civilizado, é um mundo de zulús e de indios?

Si o Papa não tivesse um palacio, e até o mais bello palacio do mundo (o que não tem), uma côrte, um throno, deixe-me dizer todo o meu pensamento: seria a suprema vergonha dos catholicos, como o seria para o povo brasileiro si o seu presidente não tivesse nem palacio, nem ministros, nem honras, nem regalias.

O Cattete é o palacio do chefe do Brasil. O Vaticano é o palacio do chefe da Egreja catholica.

Digam-me si isso não é logico e necessario.

E si o é, porque então estes protestos simplesmente grotescos dos protestantes?

E' simplesmente inveja, ciume!

O protestantismo não tem chefe. Nelle cada qual é chefe, e como tal não precisa de palacio ou côrte.

A Egreja é a sociedade monarchica, instituida por Jesus Christo.

Esta sociedade tem um chefe, e uma autoridade, o successor de S. Pedro, e esta autoridade não é uma supremacia mumificada, mas viva, espiritual e social.

Como autoridade ESPIRITUAL deve manter integra a religião de Jesus Christo.

Como autoridade SOCIAL, deve adaptar-se aos usos e costumes dos seculos, emquanto estes usos e costumes são compativeis com a moral de Christo.

Os primeiros chefes do Brasil, ao virem de Portugal, para pôrem os alicerces da civilização brasileira, não encontraram aqui palacios, mas moraram em choupanas, depois em casas coloniaes, e só seculos depois é que foi construido o Cattete.

Jesus Christo veio ensinar aos homens a verdade divina como peregrino e missionario, fundou a Egreja catholica, sem casa e sem morada fixa.

Pedro foi o primeiro successor do Christo na terra.

Por sua vez, S. Pedro foi, antes de tudo, apostolo, missionario, prégador do Evangelho, e não precisava de palacio e nem podia tel-o.

A' medida que a Egreja foi se organizando, se solidificando, podendo ter o seu centro seguro, os successores de S. Pedro fixaram-se em Roma, onde morreram martyrizados os apostolos S. Pedro e S. Paulo; organizaram o centro administrativo da Egreja, os seus archivos, os seus auxiliares, e, para isso, precisavam de um predio adequado, adaptado a estas necessidades.

E' a origem do palacio do Vaticano.

O Vaticano foi construido sobre o tumulo de S. Pedro, e os primeiros papas já ali fixaram a sua residencia.

E' ahi que em 800 S. Leão III recebeu Carlos Magno e o coroou Imperador.

Poi o Papa Nicolau V que inaugurou as actuaes construcções do Vaticano em 1447.

O edificio foi se completando, pouco a pouco, conforme ás necessidades, até tomar a feição actual, sob o Pontificado do Papa Pio VII, o qual foi adaptado ás necessidades administrativas do centro da Egreja catholica.

Sim, o Papa mora em um palacio, porque é chefe, é autoridade, e toda a autoridade, para merecer o respeito dos subditos, deve saber respeitar a si mesmo.

E este respeito não é simplesmente a VIRTUDE.

A virtude é interior e muitas vezes despercebida pelos homens; mas o que todos percebem é a MAJESTADE: da imponencia, da habitação, do ambiente e da convivencia.

Todos os povos civilizados e até incultos exigem isso de seus chefes; e nós, catholicos, poderiamos permittir que o nosso chefe, nosso pae e mestre, fosse um vulgar plebeu, pela morada, pela vida, pelo vestuario?

Ah! isso não, meu protestante, nunca!

Em qualquer logar os proprios protestantes fazem questão que o seu *pastor*, que nenhuma autoridade possue, seja bem hospedado, trajado e tratado. E a primeira autoridade do mundo, a *primeira*, seria obrigada a habitar um casebre e andar de pés descalços, a trajar-se de tunica grosseira, sob o pretexto que S. Pedro, ao ser chamado pelo divino Mestre, andava talvez descalço, trajava tunica operaria e habitava um humilde casebre?...

Mas, meu amigo, tudo isso é grotesco.

III. O representante de Christo

Então, o mundo não póde mais progredir, evoluir?

Será preciso conservar os usos e costumes primordiaes da raça humana?

Adão e Eva, no paraizo terrestre, vestiram-se de um cinto de folhagem, andavam de pés descalços, dormiam na verde relva e comiam os productos da natureza em seu estado natural.

Será preciso que a sociedade moderna continue com estes usos?

Em acreditar no protestante assim devia ser. Mas, então, porque não começa elle a fazêl-o?

Verdade é que o protestantismo, em sua inesgotavel fecundidade de ABSURDOS, já produziu os ADAMITAS, seita que toma por base andar nos trajes de Adão.

Mas, felizmente, a policia encarregou-se de mostrar-lhes que a sociedade progride e possue *manicomios*, o que não havia no tempo de Adão, e ahi foram parar os taes Adamitas.

Mas vamos ao caso de Jesus Christo e do Papa.

Jesus Christo viveu neste mundo, pobre, desprezado, soffrendo, e terminou no patibulo da Cruz, para salvar a humanidade perdida.

Elle passou uma vida de trabalho, de miseria e de opprobrios. Era o Redemptor.

Mas, meu caro amigo, lembre-se que Jesus Christo era Deus, que fazia milagres, resuscitava os mortos, etc..

Elle podia humilhar-se, rebaixar-se e sempre ficava grande, sublime, porque era Deus.

E mais Elle se humilhava, mais sublime ficava, pois a grandeza, ao humilhar-se, não se amesquinha, mas auréola-se.

Um rei ou imperador que desce de seu throno, e prostra-se aos pés de um pobre para consolál-o e servil-o, torna-se maior neste acto, do que sentado em seu throno, com o sceptro na mão e a corôa na cabeça.

Assim foi o Christo.

Mas o Papa não é o Christo em pessôa; é o seu REPRESENTANTE.

O Papa, embora revestido de uma autoridade divina, permanece HOMEM, e não tendo a grandeza por natureza, como o Christo, deve

adquiril-a pela situação e majestade de sua vida exterior.

Elle é o REPRESENTANTE de Christo, e como tal deve cercar-se da dignidade e da grandeza que convém Áquelle de quem é representante.

Elle é o CHEFE SUPREMO da Egreja universal e, como tal, deve manter-se numa altura que convém a uma autoridade.

Elle é o PAE DA CHRISTANDADE; por isso, deve conservar sobre os seus proprios filhos a autoridade de Pae, pela dignidade e a bondade que exerce sobre elles.

Ora, eu pergunto ao meu caro protestante: o que diria o sr. si, indo a Roma, encontrasse ali um simples padre mal trajado, de pés descalços, morando numa casinha pobre, trabalhando num terreiro? Que não diria o povo, — amigos e inimigos?

Diria instinctivamente: Será este o representante de Christo, a maior autoridade do mundo? Não póde ser!... Isto é indigno!

E diriam muito bem.

Eis porque o Papa deve ter o seu palacio, a sua côrte, a sua guarda de honra, o seu protocollo, as ceremonias solennes, para mostrar a todos a GRANDEZA d'Aquelle a quem representa.

Elle é o *embaixador de Christo*.

Os povos tributam aos embaixadores as

mesmas honras que tributam ao chefe da nação que elles representam.

Devemos, pois, honrar e venerar o Papa, não como PESSÔA HUMANA, mas como PESSÔA REPRESENTATIVA da autoridade de Jesus Christo.

E como o Christo está acima de todas as honras e dignidades, podemos e devemos, de modo *relativo*, honrar o seu representante... E toda honra está abaixo da que tal representante merece.

Eis porque chamamos o Papa *Sua Santidade*, ou ainda: *O Santo Padre.*

E' como si dissessemos: *A santidade de Christo*, representada pelo Papa.

Pouco importa a santidade pessoal do Papa; o que importa é a santidade de Christo; elle é sempre: *O Santo Padre.*

IV. O Ancião de Roma

Após estas considerações geraes, o meu caro baptista deve comprehender — si o quizer — a razão porque o Papa mora num palacio e cerca-se de majestade, sem, com isso, afastar-se, dos exemplos e da doutrina do divino Mestre que disse: *As raposas têm as suas covas e as aves do céu os seus ninhos; porém, o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.* (Math., VIII, 20).

Jesus Christo nada possuia para si proprio, mas sempre achava um agasalho onde passar a noite e ahi reunir os seus discipulos.

O Papa é tão pobre como o seu divino Mestre, e foi por ser elle pobre que a Egreja construiu-lhe um palacio, o Vaticano, que é o PATRIMONIO da Egreja universal, mas este patrimonio não pertence a nenhum Papa em particular.

O Papa é pobre, mora em um palacio que não é propriedade sua, mas pertence á Egreja catholica; vive, por assim dizer, da caridade de seus filhos que o sustentam.

O Papa apparece majestoso, mas com paramentos e adornos que são proprios á sua DIGNIDADE e não á sua pessôa CIVIL.

Elle vive no Vaticano, longe da familia e dos amigos, unicamente cercado pelos seus auxiliares na administração, exercendo uma actividade que se póde chamar quasi milagrosa.

O Papa é um cidadão veneravel, pela idade, pelo saber, pela virtude, e, muitas vezes, pelo sangue. Um ancião, já exhausto pelos trabalhos do ministerio das almas, que não vive mais para si, mas unicamente para o immenso rebanho que lhe foi confiado.

E este ancião, vestido de branco, descendente de uma estirpe immortal, anel vivo de uma corrente inquebrantavel, columna indestructivel, contra a qual se quebram os dentes das fé-

ras humanas, como os golpes dos tyrannos; este homem está sempre sorridente, calmo, dominando os tempos, os seculos e os imperios.

O mar das paixões, o oceano da corrupção, o vulcão do odio, como os esgotos dos vicios lançam-lhe a lama e as suas lavas ferventes, e este ancião, com a mesma mão que abençôa os seus filhos fiéis, abençôa tambem os que o maldizem e blasphemam.

Oh! pobre protestante, confessa que tudo isso é divinamente bello, majestoso, e ao mesmo tempo grandiosamente divino.

Procuras provas da divindade da Religião? Eis ahi uma prova resplandescente, que nenhum raciocinio humano póde explicar.

A unica explicação possivel é a palavra do divino Mestre: *Tu és Pedro, e, sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* (Math., XVI, 18).

Este ancião é Pedro...

E' Pedro, sempre vivo na pessôa de seus successores.

E este ancião, curvado sob o peso dos annos, não é simplesmente a mão que ABENÇÔA, mas a mão que TRABALHA.

Um Papa é um perpetuo milagre.

Para não citar factos do passado, citemos apenas os exemplos do saudoso Papa até há pouco reinante, o Santo Padre Pio XI.

Um pouco antes de escrever eu o presente artigo encontrei no "O Mensageiro da Fé", Maio de 1935, a seguinte notinha, mais eloquente que todos os raciocinios:

— *Sua Santidade o Papa Pio XI completou a 31 de Maio o seu 77.º anniversario natalicio. A data, entretanto, não foi festejada, consoante o desejo do Pontifice de vel-a passar o mais despercebido possivel.*

Apesar da idade avançada, o Papa continúa a impressionar pela sua energia e actividade permanente. Nos ultimos mezes elle trabalhou dia e noite, não constituindo exaggero affirmar que o seu labor foi superior ao de muitos homens da metade de sua idade.

Durante as festividades do Anno Santo, com effeito, Sua Santidade pronunciou 1.307 *discursos ou sermões curtos, dirigidos aos peregrinos, aos recem-casados, membros de associações religiosas e outras aggremiações. Desse total, mil foram feitos em italiano e o resto em francez e allemão.*

O Summo Pontifice, durante aquelle periodo, falou quatrocentas vezes aos grupos de jovens catholicos pertencentes a varias associações, duzentas aos recem-casados e sessenta a diversos grupos constituidos de pessôas pertencentes a distinctas atividades ou profissões. Os seus discursos os mais notaveis serão enfeixados em livros e publicados numa edição espe-

cial commemorativa das festividades do Anno Santo.

Eis o Papa, como elle é realmente e não como o representam os protestantes.

Para elles o Papa é uma especie de MUMIA e de estatua que se carrega na Basilica de S. Pedro e no Vaticano, emquanto elle apresenta os seus pés a beijar, e abençôa aos que se prostram deante da sua séde gestatoria.

Estão vendo a differença entre a physionomia verdadeira do Papa e a representação *maniaca* do protestantismo.

Mas, trataremos deste assumpto separadamente.

V. O Sacerdocio

Antes de responder ás perguntas de meu amigo protestante não devo passar em silencio uma accusação grotesca por elle atirada aos padres em geral.

E' outra mania protestante.

Accusa os padres de terem a *alma da côr da roupa*, e espera que eu seja mais claro e leal que os outros padres.

Não levanto o insulto; tenho pena do insultador.

Baba não se refuta: varre-se e desinfecta-se.

Mas vamos á historia, aos factos, com sinceridade e lealdade *sem desviar as respostas.*

Que é o sacerdocio? Que é um sacerdote? Talvez o bom baptista nunca tenha examinado de perto taes perguntas.

O sacerdocio é a continuação do ministerio de Jesus Christo entre os homens.

E' um ESTADO, e não uma simples funcção.

S. Paulo já o disse formalmente: *"Tu és sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melchisedech"*. (Hebr., V, 6).

E em que consiste esta ordem de Melchisedech?

E' ainda S. Paulo quem a explica: *Era Sacerdote do Altissimo,* diz elle, *sem pae, sem mãe, sem genealogia, sem principio de dias, sem fim de vida, e tornado assim semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.* (Hebr., VII, 1-3).

O sacerdocio de Jesus Christo é o TYPO EXEMPLAR, figurado pelo sacerdocio de Melchisedec... e Jesus Christo instituiu este sacerdocio, em sua Egreja, como devendo elle constituir a parte DOCENTE da mesma Egreja, emquanto os fieis serão a parte ENSINADA.

Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio, diz Elle aos seus apostolos, os primeiros Padres. (Joan., XX, 21).

Sendo Elle, pois, sacerdote da ordem de Melchisedec, e enviando os seus apostolos na mesma qualidade, é claro que estes ultimos par-

ticipam deste mesmo sacerdocio, ficando pertencentes á mesma ORDEM.

Sem pae, sem mãe: deixando tudo, para consagrar-se ao serviço de Deus.

Sem genealogia: sem esposa, guardando a castidade por amor de Jesus Christo.

Sem principio de dias: visto o sacerdocio ser eterno, e achar em Deus o seu protótypo.

Sem fim de vida: não podendo nunca terminar; pois o Sacramento da Ordem imprime na alma um caracter indelevel, *tornado assim semelhante ao Filho de Deus*, que não teve pae na terra, que ficou virgem sem geração, que é Deus e como tal eterno.

Eis o que é o SACERDOCIO instituido por Jesus Christo.

Agora é preciso saber distinguir numa classe a ASSOCIAÇÃO e os MEMBROS. Todos o comprehendem.

A sociedade ou classe sacerdotal é santa e divina.

Os sacerdotes ou membros desta classe são homens, e, como taes, podem ter as suas fraquezas.

Tudo que é humano está sujeito a esta lei.

A classe medica é digna, nobre, altruistica, embora haja medicos exploradores, ignorantes, assassinos.

A classe nada perde com taes elementos

prevaricadores; o mal recae sobre o individuo e não attinge a classe.

Ninguem discute esta regra.

Porque os protestantes querem discutil-a quando se trata dos sacerdotes?

O sacerdocio, como estado, é DIVINO. A grande, a grandissima maioria dos sacerdotes é constituida por homens de virtudes, de abnegação, de sacrificio e de zelo.

Póde haver uns trahidores entre elles, mas são relativamente poucos.

Quando acontece um escandalo, a imprensa inimiga mette a trombeta no mundo e grita aos quatro cantos do universo, com immenso exaggero, o facto escandaloso.

E que são taes factos quando se pensa que no mundo inteiro há perto de 700.000 sacerdotes?

Note-se bem: 700.000, de modo que, si em um anno houvesse 700 escandalos, isso seria 1 sobre 1.000.

Qual é a classe que encontra apenas UM escandalo entre MIL componentes?

Tal classe não existe aqui na terra.

E o sacerdocio catholico está nestas condições.

Pode-se dizer que taes escandalos não somente são UM por mil, mas talvez UM sobre DEZ MIL.

Póde haver aqui e acolá um *traidor*, um Ju-

das. Infelizmente há, mas raras vezes, em comparação ao numero dos sacerdotes.

E o protestante tem a coragem de chamar a alma do sacerdote de "alma negra"!

Meu caro amigo, examine de perto os taes homens a quem vós protestantes chamaes *pastores*, sejam elles baptistas, evangelistas, methodistas, presbyterianos, etc.

Faça uma estatistica, o que outros já fizeram e publicaram, e ahi o senhor encontrará sobre 10 pastores, embora casados, dois ou três de vida francamente immoral e nojenta.

Isto é um facto.

A mancha no clero catholico é calumnia. Nunca foi e nunca será provada.

O sacerdote catholico é instruido, moral, honesto, trabalhador e progressista.

O sacerdote catholico está acima das calumnias, do odio, do vicio e do despeito; elle é casto, virtuoso, e digno ministro de Deus.

Eis a verdade, tanto historica, como experimental.

Está vendo, o meu amigo, que a sua asserção é uma hypothese mentirosa, proveniente ou da ignorancia, ou da calumnia, ou da falta de bom senso.

Há actualmente no Brasil perto de 5.000 sacerdotes.

Quantos escandalos encontramos no Brasil? Supponhamos que haja uns 5 por anno.

Não existem tantos; muitos dos que os baptistas padres nunca o foram, como ultimamente fizeram com um *mulatinho* sem compostura, a quem chamaram de padre doutor Emilio Ferreira.

Tal mulatinho nunca foi nem padre, nem doutor, mas um simples porteiro de seminario, e depois preparatoriano, expulso por falta de intelligencia e comportamento.

Pondo, pois, cinco escandalos por anno, isto representaria UM por MIL.

Que bella e admiravel é aquella classe que conta entre mil, apenas 5 desleixados ou indignos!

Digitus Dei est hic!

Para uma pessôa capaz de reflectir, seria isso o bastante para provar a divindade da Egreja catholica, pois só ella, no meio de todas as seitas religiosas, possue um sacerdocio casto e santo, e sómente ella conta ministros que vivem exclusivamente para Deus e para as almas.

VI. A corôa do Papa

Após as elucidações precedentes, posso agora responder directamente ás interrogações do amigo baptista.

Elle pergunta: *O Papa traz ou não a triplice corôa estrellada de pedrarias?*

Não, o Papa não traz uma tal corôa, mas

faz uso della nas grandes cerimonias de seu magisterio.

A corôa é o symbolo da realeza.

Todos os reis recebem semelhante corôa, não para trazêl-a sempre, mas para usal-a por occasião das manifestações extraordinarias de seu poder.

O Papa possue a sua TIARA.

Que é a tal TIARA?

E' a mitra usada por todos os Bispos nas grandes cerimonias. A *mitra* e o *baculo* constituem as insignias proprias de sua autoridade.

O Papa, nas cerimonias liturgicas, usa a mitra episcopal como qualquer outro Bispo, e só usa a *tiara* nos prestitos solennes, nas cerimonias de corôação, antes e depois das funcções pontificaes, na Basilica de S. Pedro.

A *tiara* tem a forma de uma mitra, tendo como ornato três corôas de metal superpostas, para exprimir o seu poder de papa, de bispo e de rei; a *tiara* é encimada por uma cruz.

A *tiara* é feita de seda como a mitra dos bispos. Será ella encrustada de pedras preciosas? Não o sei; mas, assim sendo, ella é apenas o que deve ser: a expressão da grandeza e do poder que representa.

Sendo a *tiara* a corôa do maior monarcha do mundo, do successor de São Pedro, ou representante do proprio Christo, nunca será bastante bella, rica e preciosa para tal autoridade.

Ella não é a corôa do Papa como homem, mas, sim, a corôa do Christo vivendo entre os homens, na pessôa de seu lugar-tenente.

Eis onde terminam as formidaveis invectivas dos amigos protestantes.

Porque não protestam elles contra a corôa do czar da Russia, que era de ouro purissimo e pedras preciosas que lhe custaram milhões de contos?

Porque não protestam elles contra as corôas do Rei da Inglaterra, da Italia, da Belgica, assim como contra os antigos Imperadores de Roma, de França e da Allemanha?

Porque?

Por ser o Papa o chefe da Egreja catholica, é para elles o unico e o maior inimigo, e o que elle faz é censuravel, mesmo si não o fosse em outros.

Menos odio, caros protestantes... mais bom senso... mais lealdade e mais dignidade.

VII. A Séde gestatoria

Outra pergunta, que exprime uma objecção dos protestantes: *E' verdade que o Papa não se move do lugar sinão carregado?*

Não é verdade... é outra mentira grosseira.

Como já mostrei acima, o Papa, embora seja homem de idade avançada, não é uma

MUMIA, mas é de uma actividade e de um espirito de trabalho espantoso.

O Papa anda, viaja, passeia até, e em vez de ser carregado, é capaz de carregar os outros, como tem acontecido com diversos Papas, que carregavam até doentes para o hospital.

A vida do Papa, como provarei mais tarde, é antes de tudo uma vida de oração, de meditação de união a Deus, para poder governar a catholicidade, porém os Papas são homens de acção... e de acção quasi milagrosa.

Quem não conhece as obras theologicas, ou os volumes de encyclicas do grande Leão XIII?

Quem não ouviu falar da actividade assombrosa do Santo Pio X, reformador do direito canonico, do canto-chão e de muitas outras modificações uteis na Egreja, por este Pontifice levadas a efeito?

Quem não ouviu ainda falar da actividade extraordinaria do saudoso Pontifice Pio XI e das suas volumosas obras scientificas?

Homem de sciencia, linguista, scientista, trabalhava quasi noites inteiras, escrevendo innumeras cartas aos Bispos, aos governos, publicando encyclicas que são verdadeiros tratados theologicos, esgotando o assumpto, e com isso administrando pessoalmente a Cidade do Vaticano, interessando-se pelos telegraphos, radio, estradas de ferro, etc., etc..

E o amigo protestante julga que tal homem

só sae de seu palacio, majestosamente sentado num throno, carregado por outros?

A tal *séde gestatoria*, de que fala o amigo, é toda outra cousa.

E' um pequeno throno movel, no qual o Papa é levado unicamente nas solennes entradas na Basilica de S. Pedro.

Tal cerimonia existia em Roma entre os Imperadores e os chefes militares, que eram carregados em triumpho pelo povo.

Este uso transmittiu-se á pessôa do Papa.

Além disso, nas imensas agglomerações de povo que ocorre de todas as partes do universo, para as grandes festas religiosas na Basilica de São Pedro, é preciso que todos possam ver o Papa, e o unico meio de vêl-o é de elle percorrer a Basilica, carregado e sentado em seu throno, que é a séde gestatoria.

Dahi elle pode ser visto por todos e abençoar a todos.

E esta entrada é uma das cerimonias mais tocantes do catholicismo.

Nesta multidão immensa, há pessôas de todos os credos como de todos os paizes e de todas as posições sociaes.

Há pessôas que vão assistir a estas festas por devoção, ao passo que outras ali vão por curiosidade; uns são os filhos do Pastor Supremo que desejam acclamar, outros são filhos rebeldes que o querem criticar.

Mas, apenas o mestre de cerimonias dá o signal annunciando a entrada do Soberano Pontifice... apenas o seu vulto majestoso, calmo, aureolado de não sei que reflexo sobrenatural, apparece na entrada... apenas todos fitam um olhar nesta apparição, que parece ser do outro mundo... e eil-os de joelhos, amigos e inimigos, almas piedosas, indifferentes e censores, todos prostram-se como impellidos por mão invisivel.

Há uns que choram, outros que supplicam, outros que acclamam, mas ninguem fica indifferente.

Sente-se que é o CHRISTO que passa...

Vê-se que é Elle quem abençôa...

E entre aquelles que entram, há incredulos, zombeteiros e censuradores, que se levantam comovidos, soluçando...

Sentiram a mão de Deus...

Viram qualquer cousa da majestade divina.

Eis ahi cousas, caro protestante, que são uma prova da divindade da Egreja catholica.

Só a Egreja catholica tem destas manifestações onde se sente perfeitamente o sobrenatural; onde elle parece entrar no homem por todos os seus sentidos e até por todos os poros de seu corpo.

O protestantismo, rancoroso, critico, mumificado em seu grosseiro *materialismo*, não tem idéa destas grandiosas manifestações, em que o

Christo parece REVIVER entre nós na pessôa de seu successor, o pontifice romano, para, por elle, dirigir, consolar e abençoar a humanidade.

VIII. O beija-pés papal

Mais outra formidavel objecção protestante. O consulente pergunta: *E' mentira que o Papa dá o pé para se beijar?*

Sim, caro amigo, é mentira, e mais que mentira.

O Papa, como autoridade suprema, deixa-se beijar os pés, pela devoção do povo.

Perfeitamente, e isto mostra a veneração, o amor que o povo catholico dedica ao representante de Christo.

Vê-se, pela objecção, que os protestantes afiguram-se o Soberano Pontifice tal qual uma estatua, collocada em cima de um throno, e os catholicos a desfilarem diante desta estatua, beijando-lhe os pés.

Idéa grotesca, como aliás o são todas as idéas protestantes no que diz respeito ao culto catholico.

O Santo Padre recebe diariamente centenas e centenas de visitas e ás vezes dá audiencias a milhares de pessôas.

Elle recebe a todos, em pé, com carinho, e com aquelle sorriso que parece ser proprio aos

successores de Christo, parecendo um reflexo do olhar profundo do proprio Christo.

Elle conversa com todos, e tem para todos palavras de animação e de conforto .

Na occasião da entrada do Pontifice, todos os assistentes põem joelhos em terra, para receberem a benção do Santo Padre; e depois desta benção, aproximam-se, cumprimentam e entram em conversa com elle.

Tudo isso é digno, como é simples... é paternal, como é majestoso... é diplomatico, como é intimo.

Escute a este respeito o que acaba de publicar o "Santuario d'Apparecida": a noticia é de hontem, e põe em plena luz o que acabo de dizer:

"TODOS DE JOELHOS — *Em Abril deu o Santo Padre audiencia a 70 jornalistas, representantes de quatro mil jornaes.*

Nunca o Representante de Christo se mostrára a uma reunião tão variada, pois quanto á raça tanto havia europeus e americanos, como africanos e asiaticos; quanto á religião ao lado dos catholicos havia protestantes, judeus, mahometanos e pagãos.

Reunidos na sala de audiencia, ficaram esperando mais de uma hora e discutiram em voz baixa si deviam acompanhar a "moda catholica" *de se ajoelhar.*

Um protestante, natural de Berlim, não gosta de dobrar os joelhos diante do Pontifice Romano; e então o arabe, inimigo do christianismo? e o judeu? e o japonês, adorador de Budda?

Ainda não tinham chegado a um accordo, quando entrou um diplomata da côrte pontificia que os cumprimentou sorrindo, e disse: "Então, meus senhores, cada um conforme o seu gosto". *Era o gesto mais liberal e cavalheiresco possivel: que cada um fizesse conforme lhe dictava a sua consciencia, sua educação, seu modo de ver.*

O Santo Padre entrou e... todos se puzeram de joelhos, nem um ficou de pé.

"E nenhum perdeu com isto uma perola de seu diadema", escreveu depois um jornalista protestante que esteve presente.

Admiravel grandeza da dignidade papal que mesmo a esses homens dominou e impôs tão profundo respeito."

Que tal, amigo crente, onde está o seu tão censurado beija-pés?

Os jornalistas nem siquer se lembraram delle; apenas lembraram-se de pôrem-se de joelhos e embora uns fossem anti-catholicos, nenhum delles hesitou em fazêl-o, sentindo como que reflectir-se sobre a pessôa do Pontifice supremo a majestade divina.

Quer dizer isto que ninguem beija os pés do pontifice romano?

Não... longe disso... todos os catholicos sentir-se-iam felizes em poderem beijá-los como expressão de sua veneração.

E' por causa deste sentimento que foi se introduzindo o costume, em certas occasiões, de beijar os pés do Santo Padre.

Nas recepções particulares e solennes, é costume que aquelles a quem o Papa recebe beijem-lhe os pés.

Eis as grandes cerimonias protocollares em uso.

O Santo Padre assenta-se no throno Pontifical, cercado dos Cardeaes assistentes.

As pessôas admittidas á esta recepção solenne, aproximam-se e beijam um dos pés do Santo Padre, e tratam depois o assumpto que os levou á presença do Chefe da Egreja.

Tudo isso é simples e majestoso.

O Papa não dá o pé a beijar *por orgulho* ou espirito de dominação, mas deixa-se beijar o pé, para satisfazer o respeito e a piedade dos fieis, que sentem-se felizes em poder beijar os pés do REPRESENTANTE de Christo, e que o fazem com a mesma veneração, com que beijariam os pés do Salvador.

Está vendo o amigo protestante que o caso é todo differente daquelle que lhe apresentou a imaginação!

Conclusão

Para não prolongar exaggeradamente esta *resposta*, dividamol-a aqui, reservando para outros capitulos a resposta ás duas ultimas objecções.

Estas ultimas, de facto, não podem ser tratadas superficialmente, sob pena de se lhe tirar o valor de uma resposta irrefutavel.

Do que precede devemos tirar uma conclusão.

O meu consulente deve ter notado que as objecções formuladas provêm todas da ignorancia dos factos.

A historia não se inventa, pois é uma realidade, uma série de factos, e só se póde julgar destes factos e reunil-os em historia, depois de conhecer todos os pormenores, antecedentes e consequentes.

E é isso o que falta completamente aos protestantes.

Elles têm por principio não lêr livros romanos.

E' a primeira e maior recommendação de seus pastores.

Pouco importa que leiam autores communistas, espiritas, atheus, herejes, mas não devem ler autores romanos.

Porque esta prevenção... esta prohibição? Da parte da classe dirigente protestante, a razão

é muito simples. Elles não ignoram que os catholicos tratam as questões religiosas com muito respeito e carinho e penetram até no ámago das questões.

Os raciocinios catholicos são claros, convincentes, e as suas conclusões imperiosas.

Os pastores devem saber disso; e receando que esta clareza e esta logica imperiosa abram os olhos daquelles que estão illudidos por elles, prohibem a leitura destes livros.

Entretanto, meu caro baptista, reflicta bem; si o conhecimento do protestantismo é o bastante para ser protestante, elle não é sufficiente para atacar o catholicismo.

Para atacar principios, dogmas, ensinos, etc., é preciso conhecer taes principios e dogmas.

Ora, nenhum protestante conhece a doutrina catholica; e não a conhecendo, vae andando por paus e pedras, negando o que nós affirmamos e affirmando o que nós negamos.

Pretende abater idolos que só existem em sua imaginação exaltada, destruir doutrinas que não existem, e ridicularizar cerimonias que nunca viu, mas que conhece, apenas, através da lente de augmento do preconceito e da mentira.

Tudo isso não é sério, caro amigo, mas é de criança.

O que precede, que é a simples resposta do-

cumentada ás suas objecções, é mais uma prova dessa asserção.

São calumnias, interpretações erradas, exaggeros, e tudo isso envolto na mais completa ignorancia.

Sendo sincero o meu consulente, deve confessar que estava completamente illudido em tudo que aqui tenho expôsto, acerca do famoso palacio da Papa, da vida e actividade do Papa, da corôa (tiara), da séde gestatoria e do beija-pés Papal.

Tudo isso entendido como o entende o espirito dos protestantes, augmentado pela ignorancia e o rancor da seita, parecia verdadeiro phantasma, quando em realidade tudo isso é natural, logico, digno e nobre, tanto em sua concepção, como em sua execução e symbolismo.

E assim caem todas as objecções protestantes. Basta oppôr-lhes a realidade dos factos, para que a phantastica objecção se desmorone e desappareça.

Como se vê, a Egreja Catholica não procura, nem póde procurar DESVIAR os assumptos a tratar, mas ella os toma bem de frente e pela base e os expõe pela simples exposição da verdade.

Si o amigo, sincero e leal, comparasse a verdade catholica com o simulacro protestante, comprehenderia logo de que lado está a verda-

de, a sinceridade, e de que lado está a mentira e a hypocrisia.

Espero que estas noções hão de dissipar em seu espirito muitos preconceitos nebulosos, mostrando-lhe a grandeza e a sublimidade do pontificado de S. Pedro sempre vivo, sempre firme, atravessando os seculos e as paixões, sem nada perder de sua gloria e de sua firmeza.

Sempre e sempre será o rochedo inabalavel sobre o qual o Christo fundou a sua Egreja immortal, promettendo *estar com ella até ao fim dos seculos*.

E o Christo não mentiu.

Elle está com a sua Egreja.

E esta Egreja está sempre com Elle, sem que as paixões humanas possam macular a sua branca tunica, ou que as revoluções possam abalar o seu granitico pedestal.

Tu és Petrus, repetem os seculos, inclinando-se diante do Pontifice Romano.

Tu és Petrus, repete o Christo Eterno, protegendo o seu representante na terra.

Tu és Petrus, exclamam os catholicos, soluçando de commoção e beijando-lhe os pés sagrados.

Tu és Petrus... e os teus pés são os pés de um homem, mas este homem é verdadeiramente o representante de Deus na terra.

CAPITULO III

As riquezas do Vaticano

Continuemos a responder ás objecções de nosso amigo baptista.

Após a leitura do que precede, elle já deve ter reformado um certo numero de suas idéas sobre o Papado e as cerimonias do palacio dos Papas; e talvez que as respostas desenvolvidas tenham dissipado as duvidas das perguntas ainda não respondidas.

Estas perguntas são duas, e quero dar-lhes aqui uma resposta completa, para que as nevoas levantadas pelo erro protestante desappareçam, cedendo lugar á luz resplandecente da verdade catholica.

I. *O trafico religioso*

A 4.ª objecção é a seguinte:

Não é verdade que o Papa e a Egreja traficam as cerimonias religiosas?

Não, meu amigo, nem há sombra de verdade nisso; há sómente cegueira protestante.

Antes de tudo faço-lhe notar a injustiça de attribuir ao Papa e á Egreja o que devia ser attribuido aos padres.

Si tal trafico existisse, não seria obra, nem do Papa, nem da Egreja, mas unicamente de seus ministros, os sacerdotes.

Mas, pouco importa; vamos ao caso, sem nada omittir, e depois de provada a mentira da objecção, provarei a verdade da existencia deste facto entre os protestantes.

O que o amigo entende por cerimonias religiosas é, com certeza: a santa missa, os sacramentos, as procissões religiosas, etc..

Vender objectos religiosos como taes, chama-se SIMONIA, e é um crime condemnado positivamente pela Egreja.

Não basta accusar com palavras, é preciso citar factos.

Eu quereria que o perspicaz amigo me citasse um unico exemplo de trafico religioso.

O Padre celebra a missa nas intenções daquelles que o pedem; não vende a missa, mas pede apenas uma remuneração pelo seu trabalho.

De facto, a missa dura pelo menos meia hora.

Para celebrar é preciso paramentos de seda, altar, com as diversas alfaias prescriptas, vinho, hostia, velas, um ajudante, etc.

Ora, tudo isso exige uma despesa.

E além disso, o sacerdote deve vestir-se e alimentar-se.

Por que seria elle obrigado a fazer tudo isso sem nada receber daquelles que lhe encommendam a missa?

Depois há os sacramentos. São sete.

O baptismo: o padre precisa das alfaias necessarias, de registros para lançar os assentos; tem, pois, direito a uma pequena remuneração.

A chrisma é administrada pelo Bispo ou por um sacerdote delegado. Há uma remuneração sem importancia, que serve para a viagem do Prelado.

A eucharistia, embora occasione despesas, é inteiramente GRATUITA.

A confissão é completamente GRATUITA, e ahi só paga quem tiver roubado, fazendo a restituição do bem alheio, mal adquirido.

A extrema uncção, que exige mais fadigas, é completamente GRATUITA.

A ordem é GRATUITA, mas exige a vocação sobrenatural e os estudos necessarios.

O matrimonio exige uma leve remuneração, pois exige bastante tempo, leitura dos proclamas e registros volumosos.

Todas as outras cerimonias são feitas de graça. Há procissões, benção do Santissimo, novenas, via sacra, recitação do terço, orações vocaes e mentaes, devoções, etc., etc., e tudo isso é GRATUITO.

Entre todos os serviços da egreja, as unicas cerimonias para as quaes se pede uma esportula, alliás muito modesta, são: a Santa Missa, quando os fieis a pedem para si, o Baptismo e o Matrimonio.

Todas as outras são GRATUITAS.

Eis o que passa na Egreja Catholica.

Si comparassemos isso com o que se passa nas seitas anti-catholicas, o amigo ficaria horrorizado pelo CONTRASTE.

A comparação seria longa; é melhor resumil-a com a historia de um catholico que virou protestante para não ser mais obrigado a contribuir ás obras religiosas.

A historia dirá mais que todas as razões que se podia citar, pois é a expressão exacta de factos vistos que todos os protestantes reconhecerão.

II. Historia de Serapião

Lavrador incansavel, duro na enxada e na foice, o tio Serapião tinha um defeito: chorava quando devia desatar os cordeis do saquitel que lhe servia de carteira. Tirar dahi um mil réis era operação dolorosa, mais dolorosa do que a extracção de um dente recalcitrante.

Quando lhe vinham apresentar uma subscripção, o sovina, que farejava de longe os esmoladores, mandava responder-lhes que não estava em casa, mas o ardil, uma vez descoberto, não surtia o menor effeito, e os supplicantes não se retiravam sem a esmola implorada. O lavrador tinha que *se explicar*, fosse como fosse.

Em vão allegava que a crise era assoberbadora e que a roça não rendia, sendo-lhe impossivel assignar quantia mui avultada.

— Qualquer cousa serve, retorquiam os irmãos; o santo agradece a bôa vontade.

E o velho, quasi morto de dôr, acabava por dar uma pellega que via sair do saquitel, como as mães afflictas contemplam o filho de partida para a guerra.

Tambem era demais! Não tinham fim os peditorios que se repetiam, a bem dizer, como os dias do calendario. Hoje era a festa de São Sebastião e amanhã a missa de São Benedicto. Mais adiante vinha a ladainha de Nossa Senhora da Conceição ou o novenario do Divino. Numa semana perambulavam os andores do Santissimo, e na outra os encarregados de Santo Antonio. Quando não era para São José, era preciso para São Pedro.

Até das parochias vizinhas appareciam esmoladores devidamente autorizados. A folhinha parecia ter sido repartida entre os promotores de solennidades religiosas e os festeiros enxameavam como nuvens de gafanhotos.

— Já dei, já dei, gemia de cada vez o tio Serapião, com uma voz de flagellado!

— Deu, mas não foi para a nossa lista, retorquiam os algozes.

E de coração a sangrar, o triste roceiro desembolsava algum nickel querido.

Conversando uma noite na varanda com um vizinho protestante, o tio Serapião lamentava tamanhos excessos. O biblista aparou na unha o pião da queixa e gabou, com phrases bastante insinuantes, entremeadas de versiculos, o desprendimento dos irmãos separados.

— Nossa lei não tem disto!

— Como? indagou o ferreta.

— Experimente! Há de ver que nossa religião não festeja santos, nem mercadeja sacramentos, nem vende missa e nem vive á custa das almas.

— Oh! que cousa bôa! exclamou o somitico.

— E vocemecê abraçando a Biblia, não sabe quantas economias fará.

Diz o proverbio que todos os caminhos levam a Roma. Tambem é de crêr, sejá verdade o inverso, pois por mil veredas é facil afastar-se alguem de Roma.

Pela estrada da avareza foi que o nosso lavrador abandonou os arraiaes papistas. Ao chegar no biblismo, onde não mais seria victima de irmandades, o bom velho deu um suspiro de allivio, como o viajor escapo do temivel perigo.

Apesar de não saber ler comprou uma Biblia, a preço convidativo. O pastor assegurou-lhe que revendia o livro com perda.

Ao depois, o neophito, apesar de ter uma voz de bambú ôco e rachado, recebeu a collecção dos hymnos e psalmos, para cantar na hora do culto. Sempre evangelical, o ministro affirmou que não ganhara no negocio, e que deveria exigir o duplo por tão linda obra.

O tio Serapião gemeu no cobre.

Eram sacrificios da entrada.

Neste mundo não há ventura que se não pague, e o *néo-virado* julgou melhor não se fazer de rogado.

Um bello dia, recebeu o verdadeiro baptismo. Fremiu pela igrejola um alegrão, porque está escripto: *"Haverá maior jubilo no céu pelo peccador que fizer penitencia, do que por noventa e nove justos que não hão mister de penitencia."* (Luc., XV-7).

No auge da piedade, o pastor mandou vir cerveja e doces em honra do catechumeno, por cuja conta ficou a nota a pagar, naturalmente. O lavrador teve ganas de grotestar, para estrear o diploma de protestante, mas por cautela conservou-se mudo.

Decorreram quinze dias numa calma amoravel sem apparição de esmoladores, quando, em um sabbado, na hora do almoço, apresentou-se um presbyteriano.

— Venho, disse este, saber com que quantia

vocemecê contribuirá para o fundo presbyterial!

— Contribuir para quê? urrou tio Serapião, que pulou como si estivesse em cima de agulhas.

— Para o fundo presbyterial!

Mau, mau! Já começa a inana! Mas quem é o senhor?

— Sou o procurador dos enveloppes. Ajunto offertas para o pastor.

O velho fona refegou o rosto, mas subscreveu qualquer mensalidade, para não passar por tibio da nova lei, e porque, si enticasse com os novos irmãos, ficaria ridicularizado perante os catholicos.

No dia seguinte surgiu o cobrador dos dizimos, funccionario importante do presbyterianismo. Como o lavrador escancarasse os olhos, ao ponto de quasi tirál-os das orbitas, o protestante fitou o céu e elucidou suavemente:

Está escripto: *Todos os dizimos da terra, ou sejam de grão, ou sejam de frutos, são do Senhor.* (Lev., 27, 30). Irmão, não sejas surdo á voz materna da Biblia, que nos manda depositar aos pés do Altissimo, representado pelo pastor, a decima parte dos seus haveres!

Vagas saudades do romanismo começaram a viçar no coração do roceiro que, doente de tantas facadas, se sentia feliz como esfolado vivo. Via que o peior vem sempre depois, mas era tarde para o contra-vapor.

E cada dia, na casita do ancião, desfilaram verdadeiros christãos: zeladores do seminario presbyteriano de Campinas, propagandistas do vintém diario presbyterial, cobradores de moedas de anniversarios, encarregados da casa de culto, constructores de novos templos, redactores do jornal da seita, promotores de escolas dominicaes, delegados do hospital evangelico, era um nunca acabar de pedintes biblistas que surgiam, empalmavam a mão e desappareciam. O pobre matuto teve até de assignar uma subscripção promovida para offertar um brinde á senhora do pastor, no dia em que a piedosa criatura fizesse annos pela sexagesima vez.

O tio Serapião dava, dava e dava, mas de cada vez o furor se lhe adensava na alma, tanto que, incapaz de tolerar mais tempo a mendicancia biblieira, muniu-se um bello dia de uma estaca de brauna, ao ver assomar no batente da porta o procurador dos enveloppes. Se este não empresta ligeiro a perna da cotia, em lastimoso estado lhe ficara o enveloppe do craneo, tamanha era a colera do desfructado.

No domingo seguinte, durante a Missa parochial, o tio Serapião penetrava devagar na Egreja Catholica e ali, encostado num pilar, piedosamente rezava o terço. Ao sair, como ironico lhe perguntasse alguem se já deixára os biblicos, o bom do lavrador respondeu:

— Deixei, sim, senhor! E para nunca mais

lá voltar! Homem, o *catholicismo*, com tanto de festas, me sairá mais barato.

III. *As riquezas dos padres*

E' a eterna lenga-lenga dos protestantes que procuram accusar os padres, de serem homens de dinheiro.

Nada mais ridiculo.

Já houve tempos, é certo, em que o sacerdote estava em condições de fazer fortuna, porém estes tempos já passaram.

Ninguem, absolutamente ninguem aspira ao sacerdocio por fins lucrativos.

Para formar um padre, são exigidos não menos de 12 annos de estudos.

E taes estudos devem ser feitos como internos de um seminario.

Supponde que o seminarista, pagando a sua pensão e uma leve despesa de livros, de roupa e de viagens, gaste apenas a quantia de uns dois contos por anno, isso daria um total de 24 contos de réis a gastar para que um menino chegue ao Sacerdocio.

E' uma despesa superior a qualquer outro estado de vida intellectual.

Com menor despesa os paes podiam formar o filho em medicina, advocacia, pharmacia, guarda-livros, dentista, commercio, etc..

De modo que a formação de um padre é a mais dispendiosa e menos rendosa.

Vê-se logo que os paes não têm nenhum INTERESSE MATERIAL em dirigir um filho para o seminario, como o filho não tem interesse pessoal, em abraçar o estado sacerdotal.

Este estado, além do sacrificio de castidade que impõe, do afastamento do mundo e do trabalho exhaustivo que lhe é proprio, não lhe promette nenhum bem-estar que compense estes sacrificios.

O sacerdote deve receber de Deus a graça da vocação; do contrario seria incapaz de perseverar num estado de vida em que TUDO E' PARA DEUS, e nada para si mesmo.

Depois destes sacrificios iniciaes, o padre pode ser collocado numa freguezia.

Que ganhará elle ahi?

O necessario para viver, manter-se e conservar as obras religiosas que lhe impõe o seu cargo.

Quantos vigarios vivem pobres, completamente pobres, e depois de uma vida trabalhosa, não possuem nem um vintém para tratar-se na velhice.

— Mas há padres ricaços, exclamam os protestantes!

Póde haver... e os há, de certo; mas notem bem que de 50, talvez 45 receberam estas rique-

zas por herança dos paes, e apenas uns 5 chegaram a ajuntar um modesto peculio.

No clero catholico, não há sómente filhos de plebeus, há filhos de ricos, millionarios, de nobres, e até de principes e reis.

Que elles sejam ricos, podem ser; é fortuna paterna, que lhes é pessoal, podendo dispôr della para as obras catholicas, ou deixál-a á familia após a sua morte.

Ninguem pode retirar-lhes este direito.

*
**

E mesmo si o padre ajuntasse uma pequena fortuna de seu grande serviço na milicia clerical, seria isso peccado?

O Salvador disse que *o operario merece a sua remuneração*: *Dignus est operarius mercede sua.* (Luc., X, 7). E o Apostolo: *Não sabeis vós que aquelles que servem ao altar, participam do altar.* (1, Cor., IX, 13).

O padre é ministro de Deus, mas é homem tambem. Como homem deve vestir-se, ter a sua casa, ter o seu sustento, e, não podendo entregar-se a outros affazeres que não combinam com a sua dignidade e o seu ministerio, como poderá elle viver, si nada recebe em retribuição de sua dedicação ao serviço da Egreja?

Qualquer homem de bom senso comprehende o ridiculo desta objecção inspirada unicamente pelo odio e a mania de protestar.

O sacerdote é o homem DO ALTAR, e como tal deve viver do altar.

Elle não vende, nem trafica nenhuma cerimonia religiosa, mas tem direito a uma remuneração pelos serviços que presta sem obrigação, em virtude de seu officio.

Confessa, ás vezes, dias e noites inteiras; distribue a sagrada communhão, visita os doentes, consola-os, administra-lhes os ultimos sacramentos, ensina o catecismo ás crianças, prega aos adultos, celebra o santo sacrificio, e para tudo isso nada pede... absolutamente nada; portanto, é razoavel que exija pelo menos uma remuneração de seu serviço daquelles que pedem para si a INTENÇÃO da missa, como dos que fazem baptizar as crianças e daquelles que se casam.

E' pouco... porém é o bastante para a sua vida sobria, modesta e retirada do mundo.

IV. As indulgencias

Na accusação que diz respeito ao trafico das cerimonias religiosas, deve, de certo, estar incluida a velha objecção contra as indulgencias.

Tenha o meu amigo pensado ou não nesta accusação, será, entretanto, util explanál-a e dar-lhe depois a resposta necessaria.

Dizem que foi por causa das indulgencias, que Luthero revoltou-se contra a Egreja.

Não pode ser; a questão das indulgencias foi apenas um PRETEXTO.

Luthero acreditava nas indulgencias, mas sentiu-se humilhado por não ter sido escolhido em vez dos Dominicanos para prégál-as.

Accusou, pois, a Egreja, de vender as indulgencias a preço de dinheiro.

Esta accusação é falsa.

O Papa Leão X mandou pedir escolas para terminar as construcções da Basilica do Vaticano, e em recompensa desta boa obra o Pontifice concedeu uma indulgencia.

Uma cousa é: comprar uma indulgencia e outra: receber uma indulgencia em recompensa de uma boa obra.

A Egreja concede indulgencia aos que tratam dos enfermos, aos que instruem as crianças nas verdades religiosas, aos que cooperam ás diversas boas obras de caridade, de zelo, de apostolado, etc.

Taes indulgencias são uma recompensa e não uma compra.

A accusação de Luthero e dos outros protestantes, seus netinhos, é pois uma calumnia, uma invenção malevola e sem fundamento.

Que é a indulgencia?...

A indulgencia é a remissão da pena temporal, devida ao peccado venial ou mesmo ao peccado mortal, depois de perdoada a pena eterna.

As indulgencias não perdoam, pois, os peccados; estes são perdoados pelo baptismo e pela penitencia, mas sómente a pena temporal, sempre annexa ao peccado já perdoado.

Encontramos na propria Biblia a mencionada existencia desta pena temporal.

Moysés pede a Deus: *Perdôa o peccado deste povo, segundo a grandeza de tua misericordia.*

E Deus lhe respondeu: *Eu lhe perdoei, conforme tu me pediste,* mas nenhum dos que desviaram de mim *verá a terra que eu prometti com juramento a seus paes.* (Num., XIV, 19).

Eis como Deus perdoa aos israelitas o peccado commettido, mas não lhes perdôa toda a PENA TEMPORAL, devida aos mesmos peccados.

Mas tem a Egreja catholica o poder de perdoar as penas temporaes?

Não há duvida; ella tem pleno poder para isso. Note bem, amigo baptista, que Jesus Christo disse sómente a PEDRO e a mais ninguem: *eu te darei as chaves do reino dos céus: tudo o que ligares sobre a terra, será tambem ligado no céu, e tudo o que desatares sobre a terra, será tambem desatado no céu.* (Math., XVI, 19).

Estas palavras mostram claramente que Pedro e seus successores têm o poder de perdoar todo o peccado, toda a pena ETERNA como TEMPORAL, e tirar todo o OBSTACULO que possa impedir os fiéis de gozarem eternamente de Deus.

Este poder é admiravelmente symbolizado pelas *chaves do reino do céu.*

Não é desde o tempo de Gregorio I que as indulgencias estão em uso na Egreja catholica, como cavilosamente insinúam os protestantes, e sim, desde o principio do christianismo.

O Apostolo S. Paulo, perdoando ao incestuoso de CORINTHO a pena que lhe fôra imposta, não fez mais que conceder uma INDULGENCIA. *A indulgencia de que usei . . . foi por amor de vós, na pessôa de Christo,* diz elle. (II, Cor., II, 6-10).

A este respeito vale a pena recolher uma confissão do proprio Luthero.

Escute bem, caro amigo, o que elle escreve numa carta a Alberto: *Por minha alma, eu vos garanto que, quando me abandonei a contestar as indulgencias, eu não sabia o que era uma indulgencia, mais do que aquelles que me vinham consultar sobre tal materia.* (Ep. ad Alb. 1518).

Bella e sincera confissão de ignorancia, que se pode applicar aos protestantes que atacam as indulgencias sem saberem O QUE E' uma indulgencia.

E depois de ter aprendido o que é uma indulgencia, elle escreve em suas *Discussões*:

"Nunca desprezei, nem jamais ensinei que se desprezassem as indulgencias. Si há quem negue a verdade das indulgencias do Papa, seja *anathema.*" (Disp. Lips. th. 3).

Taes indulgencias não se adquirem á preço de dinheiro, mas á preço de BOAS OBRAS. Para excitar a fazer boas obras, a Egreja promette *indulgencias,* como ella as concede em remuneração de bôas obras feitas: Nada mais!

Não se trata pois de traficar cerimonias, mas sim, de estimular as bôas obras, e recompensar as nobres iniciativas.

Nada mais... e isso já é muito.

Conclusão

Concluamos aqui este assumpto, lançando um ultimo olhar sobre as tão decantadas riquezas do Papa.

Mentir, exaggerar, calumniar, — são cousas de que qualquer tôlo é capaz; porém, DIZER NÃO E' PROVAR, e até hoje os protestantes não provaram uma só das ASSERÇÕES absurdas que levantaram contra o Papa... emquanto nós provamos diariamente pela historia e pelas estatisticas a falsidade de suas objecções.

Não há boletim protestante que não faça allusão ás riquezas fabulosas amontoadas nos cofres do Vaticano.

Parece ser molestia chronica nos arraiaes adversos.

Em todos os paizes christãos fazem-se annualmente as COLLECTAS destinadas ás obras

catholicas, como são a propagação da fé, a santa infancia, o óbulo de São Pedro, etc.

Entra dinheiro nos cofres do Vaticano.

De facto, deve entrar qualquer cousa para que tambem possa sair.

Que fazem os Papas com tanto dinheiro?

Que fazem?

Basta ler as revistas religiosas para sabêl-o.

Que fez o Santo Padre em pról dos prisioneiros, orphãos e familias enlutadas, durante a grande guerra?

Distribuiu milhares e milhares de liras, figurando em frente de todas as obras de caridade.

Que fez ainda, há pouco, o Vaticano, pela Russia, paiz que cada vez mais se afasta de Roma?

Milhões de liras saem todos os annos do Vaticano, para alliviar as necessidades do genero humano.

E' grande deslealdade mencionar apenas as sommas que ENTRAM no Vaticano, e não querer ver as que dali SAEM.

Os protestantes e communistas gritam, aqui no Brasil, que os catholicos mandam enormes quantias para o Vaticano, calando-se, porém, quanto ás maiores quantias que o Brasil recebe.

Eis uma pequena estatistica a respeito:

No anno de 1929 o Brasil mandou para Roma 98.000 liras (uns 98 contos).

E' um facto. E quanto recebeu para as missões entre os selvicolas do Amazonas, Pará e Matto Grosso?

Recebeu a respeitavel somma de 480.000 liras (cerca de 480 contos).

Recebemos deste modo, 372 contos mais do que demos.

A famosa "Casa do Vaticano", o "Banco de S. Pedro", como se vê, é o melhor do mundo.

Pondo-se nelle 98 contos, recebe-se 480 contos.

No anno de 1932 o Brasil mandou para Roma 226.375 liras.

A generosidade dos catholicos vae augmentando... e Roma não se deixa vencer.

Recebemos de lá 478.000 liras, isto é, 478 contos.

Roma enviou-nos 251 contos a mais do que enviamos.

Estes 251 foram distribuidos entre as missões dos diversos estados do norte.

E assim nos outros annos.

A differença ora é maior, ora é menor, mas, ainda nunca as nossas *collectas* superaram os subsidios que Roma nos mandou para as nossas missões.

Em compensação desta generosidade o Vaticano é constantemente injuriado pelos ignorantes e pelos perversos.

Eis os thesouros do Papa. São THESOUROS

DE UM PAE; e si a sua mão direita recebe, a sua mão esquerda distribue o que recebe!

Parece até que o amor deste pae multiplica os donativos para alliviar os soffrimentos de seus filhos, como Jesus Christo multiplicava os pães para sustentar as forças dos que o seguiam.

Eis o trafico religioso que existe em Roma, e o modo como o Papa vende as cerimonias.

A accusação é ridicula.

A refutação parece-me bastante clara, para confundir os calumniadores e abrir os olhos aos ignorantes.

E' o que eu queria fazer neste capitulo.

CAPITULO IV

Os Papas canonizados

A ultima objecção de meu amigo baptista-maçon, — digo baptista-maçon, porque descobri no fim de seu nome os três pontos caracteristicos, — levanta uma questão que muitos ignoram.

O irmão tripingado pergunta: *Dos 264 Papas, desde S. Pedro até hoje, os 86 canonizados por quem o foram?*

A pergunta é logica e merece uma resposta completa, porque si todos sabem o que é um Santo, poucos sabem como elle é canonizado.

E' o que pretendo explicar aqui.

A pergunta "*por quem o foram*" indica o pensamento do consulente, que certamente julga que o Papa pode canonizar a quem quizer.

Quanto á phrase seguinte, zombeteira como é, deixo-a correr; ella receberá a sua resposta pela exposição da verdade. De facto, elle ajunta esta phrase muito maçonica e muito baptista: "E si todos elles foram homens virtuo-

sos, no tempo das celebres "Fogueiras Santas" os Papas andavam no mundo da lua?".

Não é preciso ir até o mundo da lua para descobrir a verdade; os lunaticos andam por este mundo, embora sujeitos ás influencias da lua, emquanto os ignorantes em historia sobem até á lua, sem saber o que se passa aqui na terra.

Vamos, pois, fazer luz nestas trevas, para instruir um pouco os ignorantes.

Que é um Santo?

Como se faz uma Canonização?

Pode o Papa canonizar a quem quizer?

Que é exigida da parte do Santo para ser canonizado?

Eis quatro perguntas a que vou responder aqui.

I. Que é um Santo

Que é um Santo?

E' um catholico que, durante a sua vida, praticou, de modo heroico, as virtudes christãs. E' um homem como outro qualquer, porém, em sua vida TRÊS elementos devem ficar illibados: a rectidão de DOUTRINA, a rectidão da VIDA e o HEROISMO na pratica das virtudes.

Faltando um destes três elementos não pode haver santidade.

Deve professar integralmente a religião de Jesus Christo, de modo que não se encontre em

sua doutrina, professada ou ensinada, falada ou escripta, nenhum erro voluntario no que diz respeito aos dogmas da Egreja catholica.

E' o primeiro distinctivo.

A *rectidão de vida* consiste em praticar integralmente a vida christã, tal qual é revelada por Jesus Christo e ensinada pela autoridade da Egreja.

Nenhum vicio, nenhum elemento contrario á lei divina pode entrar em sua vida.

Deve afastar todo peccado mortal e todo apego ao peccado venial.

Com estes dois elementos temos o homem PERFEITO, mas não temos ainda o santo.

O que constitue a *santidade* propriamente dita é o cumprimento do terceiro requisito ou a pratica heróica da virtude.

A pratica HEROICA da virtude é mais que a SIMPLES pratica da virtude.

O afastamento de todo o peccado já é uma virtude, e pode até ser uma virtude heróica num ponto determinado.

Chama-se heróico o que exige da nossa parte um esforço acima do commum.

E' mais que bravura; E' BRAVURA desmedida.

E' mais que coragem; E' ARROJO extraordinario.

E' mais que virtude; E' O HEROISMO da virtude.

E o Santo é aquelle que pratica a virtude de um modo heroico.

Agradecer um serviço prestado *é educação.*

Retribuir um serviço *é nobreza.*

Fazer o bem ao proximo *é virtude.*

Fazer bem aos inimigos E' HEROISMO.

Do mesmo modo pode-se dizer:

Cumprir com os mandamentos de Deus e da Egreja é ser bom catholico.

Fazer mais do que Deus pede é ser virtuoso.

Praticar os conselhos evangelicos é ser Santo.

Eis o que é um Santo.

E' ser homem pela natureza e ser anjo pela virtude.

E', na expressão de Christo, *viver neste mundo, sem ser deste mundo*: *De mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo* (Joan, XV, 19).

São João diz que *o mundo é concupiscencia da carne, concupiscencia dos olhos e orgulho da vida* (1, Joan, II, 16).

A santidade é o contrario; é o dominio da concupiscencia da carne, a mortificação da vista e a humildade da vida.

O Santo é tudo isto.

Estão vendo, pois, que a santidade não é uma promulgação da Egreja; a Santidade é SUBJECTIVA, está no homem, é praticada pelo

homem; a Egreja nada mais faz, sinão reconhecer que tal homem é SANTO.

Todos os homens podem ser santos, pois a graça de Deus não falta; porém, todos não são santos, porque todos não cooperam com a graça divina.

Nem o protestantismo, nem o espiritismo, nem o maçonismo, nem o communismo, podem ter santos, porque falta-lhes a RECTIDÃO da doutrina, são herejes, e como taes separados de Deus.

O catholicismo tem SANTOS, embora todos os catholicos não o sejam, porque não sabem pedir a Deus a coragem e a força necessarias para praticarem actos heroicos de virtude.

II. Como se canoniza um santo

Ninguem, por santo que seja, mesmo fazendo milagres, pode ser canonizado durante a vida, porque, sujeitos ás fraquezas humanas, aquelles que hoje estão em pé, podem cair amanhã. São Paulo nos avisa com muita razão que *aquelle que julga estar em pé tome cuidado para não cair.* (1 Cor., X, 12).

E' preciso, pois, morrer antes... porém não é a morte que traz a santidade, mas, sim, a vida que deve dá-la...

E' durante a vida que o homem deve praticar as *virtudes* que fazem os santos.

Morrendo uma pessôa, com reputação de virtude extraordinaria, a Egreja, com uma prudencia consummada, não permitte seja logo considerada, nem invocada como santa.

Ella exige que o santo demonstre, elle mesmo, do alto do céo, a virtude de sua vida, fazendo milagres... ou, melhor, a Egreja espera que Deus manifeste a santidade de uma pessôa, communicando-lhe o DOM DE MILAGRES.

E, fazendo milagres, uma pessôa, é canonizada, santa?

Nada!... é apenas a entrada, é o primeiro passo.

Fóra de casos excepcionaes nenhum santo é canonizado antes de 50 annos depois de morto; a Egreja quer provas, provas palpaveis e irrefutaveis.

E aqui começa o processo da canonização, processo longo, minucioso, rigoroso.

Primeiro a Egreja ordena ao bispo do lugar que organize um *Tribunal Diocesano.*

Este tribunal recolhe todos os documentos deixados pelo finado, interroga os sobreviventes, examina os escriptos, verifica os factos e os milagres, examina a heroicidade das virtudes praticadas, e, após annos de indagações e de investigações, recolhe todos os documentos *pró* e *contra* e remette-os á Roma.

Uma commissão de cardeaes e theologos é nomeada pelo Soberano Pontifice para examinar os escriptos, as virtudes e os milagres do *servo de Deus.*

Passam-se mezes e annos.

Tudo é examinado e discutido.

Havendo factos solidos e virtudes extraordinarias, a commissão nomeia o advogado ou defensor da causa e o seu contradictor.

Ambos fazem um estudo sobre os três pontos em questão: DOUTRINA, VIRTUDES, MILAGRES, porém, fazem-no num sentido opposto.

O DEFENSOR procura provar a orthodoxia da doutrina do servo de Deus, as suas virtudes e o valor dos milagres feitos por elle, depois da morte.

O CONTRADICTOR, sempre apoiado sobre os documentos, procura rebater as asserções do primeiro e mostrar o lado fraco da doutrina, das virtudes e dos milagres adduzidos.

Após varias reuniões, em presença dos theologos e outros sabios, a questão é resolvida favoravel ou desfavoravelmente.

Averiguando-se a absoluta orthodoxia da doutrina, a heroicidade das virtudes praticadas, o servo de Deus sae vencedor, no primeiro exame.

Averiguando-se a certeza absoluta de um milagre, provado, authentico, a Egreja proclama o servo de Deus: VENERAVEL.

Depois disso, espera-se mais uns annos.

Havendo outros milagres, ficam submettidos ao exame e ás discussões da commissão, e averiguado mais outro milagre, provado, authentico, o veneravel recebe o titulo de BEMAVENTURADO.

Novamente demora-se alguns annos...

Si o bemaventurado continuar a fazer milagres, a commissão examina-os de novo, com o mais extremo rigor, e sendo o TERCEIRO MILAGRE provado authenticamente, o Soberano Pontifice lavra o decreto definitivo de canonização.

Usando de seu privilegio de infallibilidade, pela assistencia do Espirito Santo, elle proclama a absoluta rectidão de doutrina, a heroicidade das virtudes e a authenticidade pelo menos de três milagres, dando ao bemaventurado o titulo glorioso de SANTO.

Eis como a Egreja canoniza os santos.

O amigo está vendo, pela demora, pelas investigações e discussões, que a Egreja procede com extrema prudencia, e que o chefe da Egreja, ao dar o titulo de SANTO a um servo de Deus, cerca-se de todas as garantias humanas, além da assistencia especial do Espirito Santo, que faz deste acto de canonização um acto de infallibilidade pontifical.

III. A vontade do Papa

Chegamos á terceira e quarta pergunta já indicadas: póde o Papa canonizar a quem quizer? e que é exigido para ser canonizado?

Como acabámos de ver, a canonização não depende do Papa, mas, sim, da SANTIDADE da pessôa a qual deve ser manifestada pelos milagres.

O Papa não póde canonizar a quem quizer, mas sómente a quem estiver nas três condições aqui indicadas:

Ter uma *doutrina* recta.

Ter praticado as *virtudes* de modo heróico.

Ter feito, pelo menos, *três milagres,* depois da morte, e tudo isso deve ser averiguado e provado authenticamente, por testemunhas, escriptos, ou outros documentos.

O Papa é, pois, o INSTRUMENTO da canonização, proclamando uma santidade já manifestada por Deus, pelos milagres.

Ora, o milagre é o sello de Deus.

Só Deus pode fazer milagres, e só pode fazê-los para o bem e para a edificação da Egreja.

Nada mais sério e rigoroso do que as discussões acerca da heroicidade das virtudes.

Já, humanamente falando, após tantas precauções e exigencias, é quasi impossivel o Papa enganar-se.

E, religiosamente falando, sendo a canoni-

zação um acto de suprema autoridade em questão directamente ligada aos dogmas de fé, á pratica da moral e á edificação publica, o Papa torna-se infallivel, fala *ex-Cathedra*, com toda a autoridade de successor de S. Pedro, e o poder do proprio Christo, que lhe disse: *Quem vos escuta, escuta a mim*: *Qui vos audit, me audit*. (Luc., X, 16).

O Papa não pode canonizar quem não reune em sua pessôa as três qualidades indicadas.

Eis o que reduz a nada as numerosas objecções protestantes contra os santos.

Em sua ignorancia a respeito das leis rigorosas da canonização em uso na Egreja catholica, elles julgam que basta o Papa dizer que alguem é santo, para que o seja, como basta um pastor dizer a qualquer *crente* que de hoje em diante elle será *prégador*, para que elle julgue sêl-o, e percorra o mundo, dizendo asnices de todos os quilates.

Ninguem é santo, porque o Papa o proclamou; mas o Papa o proclamou porque E' SANTO, e porque tal santidade está authenticamente verificada e provada.

Há annos um sabio professor protestante, inglês, da universidade de Oxford, quiz examinar de perto e *de visu* o proceder das canonizações.

Partiu para Roma com carta de recommendação, pedindo para examinar por si mesmo os documentos das canonizações.

O cardeal prefeito, encarregado das causas, entregou-lhe o processo completo, *pró* e *contra*, de umas oitenta CAUSAS em julgamento.

O professor levou os documentos para o hotel, onde, durante um mez, examinou-os detidamente, confrontando as razões *a favor*, citadas pelo defensor e as razões CONTRA, dadas pelo contradictor.

Examinou, confrontou, tirou as suas conclusões favoraveis, e, convenceu-se de que todos os factos, a doutrina, as virtudes e os milagres eram incontestaveis e que estes nomes mereciam toda a auréola dos santos.

Assim disposto, foi então ter com o cardeal, para entregar-lhe os documentos e agradecer-lhe a nimia gentileza, manifestando o resultado positivo de seu inquerito, e dizendo-se convencido da rigorosa exactidão dos processos e da certeza dos resultados.

— Ah! si todos os processos fossem deste modo seguros e provados, exclamou o professor protestante, ninguem mais podia duvidar dos santos existentes na Egreja Romana.

Mas, qual não foi o seu espanto, quando o cardeal lhe respondeu:

— Pois bem, todas estas causas que o sr. julgou irrefutaveis e certas, foram rejeitadas

pela Egreja como insufficientes, nenhum destes milagres foi approvado pela commissão.

O professor cahiu das nuvens... ou melhor, saiu do erro protestante, e hoje venera e invoca os santos com tanto maior fervor quanto mais os desprezara antes, emquanto protestante.

Conhecendo agora como se canoniza um *santo* e o que é exigido para isso, podemos resolver o problema posto pelo nosso baptista-maçon.

Dos 266 papas, 86 são canonizados

— Por quem, pergunta elle?

Pelos papas, segundo os tramites que acabo de indicar, tendo sido examinados a vida, a doutrina e os milagres feitos por elles.

Citemos aqui a lista admiravel destes santos papas, desde São Pedro até S. Felix, sem nenhuma interrupção, isto é, do anno 32 da era christã até ao anno 532, tendo-se succedido neste intervallo 57 papas, todos elles santos canonizados.

Do anno 532 até os nossos dias, uns foram canonizados, outros não, porém, todos, fóra de uns três, talvez, têm sido homens de extraordinarias virtudes.

As calumnias protestantes têm procurado lançar a sua lama sobre a tunica alva de certos

pontifices, porém, á medida que as paixões lutheranas vão diminuindo, e que a historia verdadeira vai sendo examinada mais imparcialmente, desapparecem taes manchas, e não está longe o dia em que o papado brilhará com todo o fulgor de uma santidade sem sombra, como brilha a sua infallibilidade nunca desmentida.

IV. Santos Papas

Para vermos, de perto, este phenomeno, unico na historia, de uma successão ininterrupta de 56 papas, succedendo-se no governo supremo da Egreja, todos elles aureolados com o resplendor da santidade, citemos aqui a lista dos 100 primeiros papas.

Mais eloquente que todos os raciocinios, esta lista admiravel mostrará o dedo de Deus, a divindade da Egreja, e a dignidade dos successores de São Pedro.

E, notem bem, os papas não são santos porque os seus successores assim o declararam, mas os papas os canonizaram porque elles DERAM PROVAS manifestas de sua santidade, pelas virtudes durante a vida e pelos milagres depois da morte.

Esta longa lista será pois um argumento irrefutavel para aquelles que sinceramente querem acreditar nos argumentos.

A tal lista será, ao mesmo tempo, a refuta-

ção áquelles que procuram aviltar o papado, calumniál-o, procurando citar nomes de papas perversos, os quaes só existem em sua imaginação ou nas historias falsificadas pelo odio protestante e maçonico.

SECULO I

S. PEDRO, principe dos Apostolos, residiu primeiramente 7 annos em Antiochia; dali transferiu a séde apostolica para Roma, onde soffreu o martyrio no dia 29 de Junho do anno 67, depois de ter governado a Egreja durante 34 annos, dos quaes 25 annos e 2 mezes passou em Roma.

1	S. Pedro . . . . governou de	33 a 67
2	S. Lino, de Volterra, martyr	67—69
3	S. Anacleto, romano ,,	79—90

SECULO II

4	S. Clemente I, romano, martyr	90— 99
5	S. Evaristo, da Syria ,,	99—107
6	S. Alexandre I, romano ,,	107—116
7	S. Sisto I, romano ,,	116—125
8	S. Telesphoro, grego ,,	125—136
9	S. Hygino, grego ,,	136—140
10	S. Pio I, d'Aquiléa ,,	140—154
11	S. Aniceto, syriaco ,,	154—166
12	S. Sotero, da Campania ,,	166—174
13	S. Eleuterio, epiroto ,,	174—189

SECULO III

14	S. Victor I, africano, martyr	189—198
15	S. Zepherino, romano, ,,	198—217
16	S. Calixto, ,, ,,	217—222
17	S. Urbano, ,, ,,	222—230
18	S. Ponciano, ,, ,,	230—235
19	S. Anthero, grego ,,	235—236
20	S. Fabiano, romano ,,	236—250
21	S. Cornelio, ,, ,,	251—253
22	S. Lucio I, ,, ,,	253—254
23	S. Estevão I, ,, ,,	254—257
24	S. Sixto II, de Athenas ,,	257—258
25	S. Dyonisio, de Tunis ,,	259—268
26	S. Felix I, romano, ,,	269—274
27	S. Eutichiano, toscano, ,,	275—283
28	S. Caio, dalmata ,,	283—296

SECULO IV

29	S. Marcellino, romano, martyr	296—304
30	S. Marcello, ,, ,,	308—309
31	S. Eusebio, da Calabria	309—310
32	S. Melchiades, africano	311—314
33	S. Silvestre I, romano	314—335
34	S. Marcos, ,,	336
35	S. Julio I, ,,	337—352
36	S. Liberio ,,	352—366
37	S. Damaso, portuguez	366—384
38	S. Siricio, romano	384—399

SECULO V

39	S. Anastacio, romano	399—401
40	S. Innocencio I, de Albano	401—417
41	S. Zozimo, grego	417—418
42	S. Bonifacio I, romano	418—422
43	S. Celestino I, da Campania	422—432
44	S. Sixto III, romano	432—440
45	S. Leão I, toscano	440—461
46	S. Ilaro, de Cagliari	461—468
47	S. Simplicio, de Tivolo	468—483
48	S. Felix II (III), romano	483—492
49	S. Gelasio I, africano	492—496
50	S. Anastacio II, romano	496—498

SECULO VI

51	S. Symmacho, romano	498—514
52	S. Hormisdas, de Frassinoni	514—523
53	S. João I, toscano, martyr	523—526
54	S. Felix III (IV), de Benevento	526—530
55	S. Bonifacio II, romano	530—532
56	S. João II, ,,	533—535
57	S. Agapito I, ,,	535—536
58	S. Silverio, de Fron. martyr,	536—537
59	Virgilio, romano	537—555
60	Pelagio I ,,	556—561
61	João III, ,,	561—574
62	Benedicto I, romano,	574—579
63	Pelagio II, ,,	579—590
64	S. Gregorio I (Magno), romano	590—604

SECULO VII

65	Salbiniano, de Volterra	604—606
66	Bonifacio III, romano	607—607
67	S. Bonifacio IV, Marso	608—615
68	S. Adeodato, romano	615—618
69	Bonifacio V, de Napoles	619—625
70	Honorio I, da Campania	625—638
71	Severino, romano	640—640
72	João IV, dalmata	640—642
73	Theodoro I, grego	642—649
74	S. Martinho I, de Todi, mart.	649—653
75	S. Eugenio I, romano	654—657
76	S. Vitaliano, de Segni	657—672
77	Adeodato, romano	672—676
78	Dono, ,,	676—678
79	S. Agathão, grego	678—681
80	S. Leão II, siciliano	682—683
81	S. Benedicto II, romano	684—685
82	S. João V, antiochiano	685—686
83	Conon, da Thracia	686—687

SECULO VIII

84	S. Sergio I, siciliano	687—701
85	João VI, grego	701—705
86	João VII, ,,	705—707
87	Sisinnio, da Syria	707—707
88	Constantino I	708—715
89	S. Gregorio II, romano	715—731
90	S. Gregorio III, da Syria	731—741

91	S. Zacharias, grego	741—752
92	S. Estevão II, romano	752—757
93	S. Paulo I, ”	757—767
94	S. Estevão III, de Syracusa	768—772
95	Adriano I, romano	772—795
96	S. Leão III, ”	795—816
97	S. Estevão IV, ”	816—817
98	S. Pascoal I ”	817—824
99	Eugenio II ”	824—827
100	Valentino ”	827—827

Conclusão

Paremos aqui...

Eis os 100 primeiros papas, com a sua origem e o tempo do seu pontificado.

Para um protestante sincero, que continuamente ouve falar dos papas como monstros humanos, e do papado, como sendo uma invenção romana, tal lista deve fazer impressão.

E note elle, que tal lista não é uma combinação romana; mas, sim, um facto HISTORICO, que a propria historia profana transmitte e confirma.

Que prova isto?

Prova, primeiro, que o papado é verdadeiramente uma INSTITUIÇÃO DIVINA.

Elle desce directamente do proprio Jesus Christo, que escolheu São Pedro, como primeiro papa; e os papas foram se succedendo através dos seculos, com uma pontualidade quasi mathematica.

Os papas dos três primeiros seculos, salvo rarissimas excepções, foram martyrizados.

Como o seu grande chefe, São Pedro, elles tambem pagaram, com a vida, a solenne profissão de sua fé.

Ora, apenas corre o sangue de um papa, os chefes da Egreja se reunem e, sob a inspiração do Espirito Santo, elegem-lhe um successor que, por sua vez, apenas poucos mezes depois de sua eleição, é arrancado de seu throno, tingindo com seu sangue o sceptro immortal da soberania que acaba de receber.

Mas pouco importa!

Succedem-se novos papas...

Com um heroismo quasi dramatico, senta-se um outro sobre o throno há pouco banhado pelo sangue de seu antecessor e emquanto eleva o seu sceptro para governar o mundo catholico, inclina a cabeça, para dar a sua vida pelo rebanho dos christãos.

E apesar do MARTYRIO ceifar os papas, e deitál-os num tumulo sempre aberto pelas perseguições, a Egreja nunca fica sem pastor.

A palavra de Christo realiza-se ao pé da letra: *Eu estou comvisco até ao fim dos seculos.* (Math., XXVIII, 20).

Nunca as portas do inferno prevalecerão contra a Egreja. (Math., XVI, 18).

Oh! diga-me, caro protestante, não é admiravel isso? não é divino? não é um milagre perpetuo do poder divino?

E assim vão se succedendo os papas, desde

S. Pedro até ao pontifice actual, Pio XII, gloriosamente reinante.

*
**

E o que não é menos divino que esta SUCCESSÃO ininterrupta é a SANTIDADE dos papas.

Já expliquei o que é preciso para ser santo, e para ser canonizado.

Pois bem, examine esta longa lista dos cem primeiros papas, e veja quantos entre elles têm ante o nome a letra *S*, que indica que já são canonizados.

Os 57 primeiros papas, sem nenhuma excepção, são canonizados.

Eis 57 heróes da fé e da virtude, e estes martyres heroicos, succedem-se sem desfallecimento... sem hesitação.

De 57 em diante, vão-se alternando os que são santos canonizados, e outros que, embora não o sejam, foram quasi todos homens de extraordinaria virtude.

Aqui e acolá há uns que não são santos, porém a santidade cerca sempre o seu throno, e de vez em quando apparece com mais fulgor, durante a sua vida e após a morte.

Examine a lista, caro protestante, e digame si tudo isso não é admiravel e divino!...

O fulgor da santidade, que realça e eleva a Cathedra de S. Pedro, é tão grande e refulgen-

te, que os herejes e viciados de todos os tempos concentram sobre ella o seu odio e as suas calumnias.

Mas calumnia não é argumento, nem historia; é baixeza, indigna de um homem sincero.

Medite, pois, no que acabo de expôr aqui sobre o papado, e tire a conclusão que dimana dos factos historicos certos.

Esta conclusão deve ser necessariamente a admiração, o respeito, a submissão e a convicção de que o Papa é verdadeiramente O SUCCESSOR de S. Pedro, e que estes successores sempre estiveram e sempre estão na ALTURA de sua sublime missão, que é representar o Christo aqui na terra e conservar integra a religião divina ensinada por Elle.

Assistido pelo Espirito Santo, o Papa sempre tem confirmado os seus irmãos, como lh'o pediu o Salvador: *Confirma fratres tuos.* (Luc., XXII, 32).

CAPITULO V

Os maus Papas

O meu consulente baptista acaba naturalmente a sua lista de objecções, dizendo que tendo eu dado informações sobre a vida de Luthero, devia dar tambem sobre a vida de certos papas, e dizer o que foram Xisto IV, Innocencio VIII, João XI, Alexandre VI.

Pois não, caro amigo; vamos percorrer um instante a vida destes papas, ou melhor, quero mostrar-lhe o que foram, porque vejo que o senhor o ignora completamente, ou conhece apenas a historia dos papas através das calumnias protestantes.

Não se deve repetir simplesmente o que os inimigos da religião vão citando. Em questões tão graves, é preciso recorrer ás fontes, ou pelo menos a autores serios e desapaixonados.

Digamos aqui umas palavras sobre cada um destes papas incriminados, e analysemos-lhes a vida com sinceridade e franqueza.

I. O Papa Xisto IV

O Papa Xisto IV occupou o throno Pontificai de 1471 a 1484, isto é, durante 13 annos.

A memoria deste Papa tem sido enxovalhada indignamente pelos inimigos da religião.

O traductor de Cesar Cantú, protestante fanatico (Antonio Ennes), sob pretexto de pôr a historia universal em conformidade com o estado actual das sciencias historicas, falsificou completamente a historia dos papas, tecendo ou reproduzindo estas miseraveis legendas, que bem mostram o odio protestante, a mentira baixa dos sectarios, na triste faina de rebaixar a gloria da séde de São Pedro.

O livro de Cesar Cantú, actualizado pelo sr. Antonio Ennes, não merece nenhuma fé, desde que trata de historia da Egreja; é um simples calumniador, um falsario da historia verdadeira, como se pode provál-o pelas historias contemporaneas e por numerosos documentos até hoje conservados nas bibliothecas antigas.

O Papa Xisto IV, no seculo: Francisco de la Rovere, era religioso Franciscano, e foi até geral de sua ordem.

Os historiadores contemporaneos falam de sua admiravel piedade e de seu espirito ponderado.

E assim devia ser.

Quem conhece um pouco as ordens religio-

sas, sabe que sendo o superior geral eleito entre os mais dignos da ordem, taes superiores são quasi sempre homens de virtudes e de capacidades superiores.

O Embaixador Nicodemo de Pontremoli, que o conhecia de perto, diz que "*era de todos conhecida a piedosa e santa vida levada por elle, até ser eleito Papa aos* 57 *annos*", idade em que não se acredita facilmente que uma pessôa piedosa possa mudar completamente de procedimento moral.

Um outro testemunho ocular, Senarega, genovez e embaixador em Roma, escrevendo mais tarde os annaes de sua cidade, faz os maiores elogios do Papa Xisto IV, dizendo que era "*muito insigne pela santidade de sua vida.*"

Do mesmo modo exprimem-se os chronistas contemporaneos Angelo de Tumulillis e André Bernardo.

A linguagem dos historiadores imparciaes da época é unanime em louvar a virtude deste pontifice.

O unico que levantou a voz para calumniar este papa, foi um inimigo da religião e dos papas, um politiqueiro chamado Infessura.

Mas, que valem as accusações de um sectario diante da unanimidade dos testemunhos contrarios? *Testis unus, testis nulus,* dizem os causidicos.

Os proprios historiadores protestantes reconhecem a calumnia, e só o odio ou a ignorancia pode propalar accusações que nunca foram provadas.

O Anglicano Creighton (III, 115), por exemplo, escreve: "Infessura manchou a memoria deste Papa, com accusações dos mais atrozes crimes. Estas incriminações, feitas por um homem parcial, que escreve com patente animosidade, devem ser desprezadas como destituidas de provas."

O historiador *Reumont* (Lourenço II, 453) não é menos explicito. Elle escreve: "Infessura exaggera contra a verdade a culpa do Papa." E chama-o: "o verdadeiro representante da inexhaurivel maledicencia dos romanos, o qual offereceu materia a todos aquelles que se deleitam em casos escandalosos."

Mais outro historiador, *Gregorovius,* diz que há mentira patente em Infessura (L. Borgia, Stuttgart, 1847, 11-12).

Frantz (p. 481 e 483) que estudou cuidadosamente a vida de Xisto IV, tal qual o apresenta o calumniador Infessura, mostra adulterações da verdade feitas por elle, dizendo que chega a acceitar pasquinadas como testemunhas irrefragaveis. (V. Thomasini, 550).

Diante destas affirmações eu pergunto ao meu consulente, onde está a verdade?

A historia imparcial inteira, sem excepção,

considera o Papa Xisto IV como um homem de excepcionaes virtudes.

Uma unica voz levanta-se entre estas testemunhas, a voz de um sectario, inimigo do Papa (pois era um partidario dos Colonnas, que combatiam o Papa).

Esta unica voz, a de Infessura, foi repellida e refutada pelos proprios contemporaneos e historiadores subsequentes, como calumniadora e mentirosa.

Que fica, pois, em pé?

A verdade da historia, não como conta o falsificador de Cesar Cantú, mas como o proclama a tradição e a historia.

O Papa Xisto IV era um homem de virtude, e não manchou em nada a alva tunica de seu pontificado.

Não quero aqui contar, em seus pormenores, a vida e o governo deste illustre pontifice; basta refutar as calumnias atiradas contra elle, mostrar a sua completa innocencia, e o odio maldizente dos protestantes que acceitam e propalam tudo o que é contra a Egreja, sem examinar as fontes, ou os factos destas calumnias.

II. O Papa Innocencio VIII

O Papa Innocencio VIII figura tambem na lista negra dos inimigos da Egreja.

Este pontifice foi o successor de Xisto IV, no governo da Egreja, e reinou de 1484 a 1492, occupando a Sé Apostolica, durante quasi 8 annos e glorificando-a pelas mais bellas virtudes como pelo zelo mais esclarecido.

Para bem comprehender a acção deste papa como a de seu antecessor, necessario seria historiar a *Inquisição* tão diffamada pelos inimigos da Egreja, que querem attribuir á Egreja os excessos dos governos.

Innocencio VIII, antes de entrar nas ordens sagradas, era um rico negociante de Genova, foi casado e teve muitos filhos.

Após a morte de sua esposa, ordenou-se e foi um sacerdote exemplar.

Sua virtude, seus talentos e seus successos em varios negocios importantes o fizeram nomear successivamente bispo, cardeal e depois papa, em successão a Xisto IV.

Era na época de grandes perturbações na Europa.

Fernando V e Isabel, rainha de Castella, sua esposa, depois de oito annos de guerra contra os mouros, acabaram por tomar-lhes a cidade de Granada, sua capital.

Pela tomada desta cidade, a Espanha ficou livre para sempre da dominação dos mussulmanos, que os esmagava desde mais de oito seculos.

Nestes momentos de enthusiasmo patriotico, no delirio de uma victoria tão assignalada,

comprehende-se que houve da parte dos espanhóes uma reacção contra os mouros, judeus e herejes.

Desejosos de firmar os seus triumphos, os reis da Espanha queriam expulsar o resto dos mahometanos e os proprios herejes, que tanto sangue tinham derramado no solo patrio.

Fernando e Isabel pediram, pois, ao Papa Xisto IV a licença de erigir em seus Estados o tribunal da Inquisição, para confirmar a fé e a felicidade de seus povos; porém, convém salientál-o: a Inquisição não tinha o caracter barbaro e perseguidor que os protestantes lhe attribuem.

O Papa Xisto IV concedeu a licença em 1478, porém com difficuldade e com condições destinadas a salvaguardar os direitos que a caridade christã reconhece sempre ao arrependimento.

Esta Inquisição era independente dos bispos e collocada sob a autoridade do rei.

Tinha um fim inteiramente politico e assemelhava-se, nas idéas de Fernando e Isabel, ao que chamamos no Brasil "a policia estadoal" (V. Histor. protestantes Ranke, Leo, Guizot, etc.)

Os regulamentos foram feitos em conselho real, pelos dois soberanos, e *Torquemada*, a quem se tem tanto calumniado, nada mais fazia, do que executál-os.

A Inquisição na Espanha, foi em geral mais severa do que entre os outros povos.

Roma censurou varias vezes seus actos e foi mesmo um lugar de refugio para muitos culpados ou accusados, que appellavam para os juizes, sempre mais indulgentes da côrte pontificia.

Talvez se deva attribuir essa severidade da Inquisição espanhola ao seu caracter exclusivamente politico.

Os espanhóes, exasperados pela má fé dos judeus, e por tantas lutas contra os mouros, não podiam deixar de se conduzir com algum rigor.

São as reflexões de Balmes (Tom. II) do cardeal Paca (Mem. t. II) e de Berault (t. VIII).

E mesmo assim, com todo o seu rigor, este tribunal procedia com justiça e paciencia.

Os juizes annunciavam aos herejes um termo de graça de 30 para 40 dias, durante os quaes elles podiam reconhecer a sua culpa, pedir e obter o perdão.

Qual é o tribunal civil de hoje que principia por offerecer a graça e misericordia aos culpados?

Nenhum.

E o tribunal da inquisição o fazia impreterivelmente.

Basta de exaggeros e de calumnias.

Para julgar uma instituição é preciso co-

nhecer os tempos, os costumes desta época, e analysar os factos em seu quadro proprio, e não conforme as idéas do tempo em que vivemos.

Quanto ao numero das pessôas que pereceram, sobre o cadafalso, é incontestavel que a inquisição, não só na Espanha, mas das quatro partes do mundo, derramou muito menos sangue do que as guerras civis das diversas nações.

Eis a época em que appareceu o Papa Innocencio VIII.

A sua acção foi calma, energica, justiceira, e nenhuma violencia perturbou os oito annos de seu reinado.

Para poderem manchar a alva tunica deste pontifice, os protestantes inventaram as mais extravagantes e absurdas accusações.

Innocencio VIII, elevado á suprema dignidade da Egreja, recebia frequentes visitas de sua familia.

Nada havia de se admirar nisso, pois tendo sido casado, e tendo diversos filhos, era natural que estes ultimos, com as suas familias, visitassem o pai, o sogro, e talvez avô.

Este facto tão natural e tão simples deu occasião a maliciosas criticas e a calumnias mesquinhas e inverosimeis.

Os historiadores contemporaneos, entre os quaes Onuphro, louvam a mansidão exemplar

deste pontifice, e a perfeita integridade de sua conducta até ao fim de sua vida.

Eis a que se limitam as accusações inventadas contra este pontifice. Nenhuma dellas resiste ao minimo exame, tanto da historia, como do bom senso.

E' invenção do odio protestante, para amesquinhar a gloria do throno de S. Pedro, porém a historia já fez justiça a este odio, e o throno papal resplandece sempre na majestade de uma indefectivel grandeza.

III. O Papa Alexandre VI

O successor de Innocencio VIII, foi o Papa Alexandre VI, no seculo: Rodrigues Lenzuoli.

Antes de entrar no sacerdocio, Rodrigues era official nos exercitos do rei de Espanha.

Nascera em Valença no anno 1431; foi nomeado cardeal em 1456 por Calixto III, papa virtuoso e sabio, promovido ao soberano pontificado em 1492, com 61 annos de idade; morreu em 1503, tendo governado a Egreja durante 11 annos.

Os inimigos da religião imputam-lhe toda especie de crimes, devassidão, incestos, usurpações, envenenamentos, assassinatos, etc., porém, parece certo que estas accusações não passam de outras tantas calumnias.

E' verdade, segundo a maior parte dos his-

toriadores, Rodrigues Lenzuoli ou Borgia teve 5 filhos durante a sua vida militar; mas Chantrel, autor distincto e consciencioso, prova com optimas razões que se esta asserção não é falsa (pois a duvida é fundada), o jovem guerreiro teve esses filhos dum legitimo matrimonio; que elle conservou sempre bons costumes no meio mesmo dos exercitos, e que não entrou no sacerdocio sinão depois da morte de sua mulher. (Hist. pop. des Papes: t. 17, p. 37 a 76).

Irreprehensivel na carreira das armas, sua conducta tornou-se edificante todo o tempo do seu cardinalato.

"A vida do cardeal Borgia, diz Chantrel, foi sempre exemplar e digna de elogios; para o accusarem, seus inimigos foram obrigados a acoimál-o de hypocrita."

"Elle era tão estimado (por suas virtudes como por seus talentos) que se lhe confiava os negocios mais importantes da Egreja e do Estado, e na morte de Innocencio VIII, os cardeaes o escolheram unanimemente entre três candidatos, como o mais digno do pontificado e o mais capaz de remediar os grandes males que ameaçavam e principiavam a perturbar a religião e a sociedade". (Id., p. 125).

Alexandre VI correspondeu plenamente á expectativa geral.

Homem de vasto genio e de perfeita inte-

gridade, restabeleceu a ordem e fez respeitar a justiça.

Segundo Audin, sob o seu pontificado, o pobre como o rico, poude achar juizes em Roma.

Povo, soldados, cidadãos, todos lhe tinham a maior estima e o mais sincero affecto.

Sua vida era piedosa, laboriosa, caritativa, sobria e austera (Hist. de Leon X, t. I) e sua morte foi tão bella e edificante como seu pontificado. (Chantrel: Ib., p. 195).

Em uma palavra, Alexandre VI, conclue Chantrel, foi um GRANDE REI e um GRANDE PAPA.

Como explicar a origem de tantas imputações contra aquelle pontifice?

Sua energia em reprimir as desordens e em repellir as pretenções dos principes rebeldes, junta á circunmstancia de ter elle tido filhos na sua mocidade, embora legitimos, foi mais que sufficiente para dar lugar a essas falsas accusações.

Quantas vezes a calumnia é ainda mais gratuita.

Não vale a pena levantar todas as atrocidades assacadas á memoria deste illustre pontifice.

Fala-se, por exemplo, de seu commercio in-

cestuoso com a filha Lucrecia, porém este pretenso crime não passa de fabula, fabricada pelo odio protestante.

O historiador Burchard, que é tão brutal em sua narração e tão franco em contar tudo quanto elle achou de mau na vida de Alexandre VI, não diz uma palavra sobre tal commercio incestuoso.

Outros accusaram o pontifice de ter envenenado o irmão do sultão Bajaset, chamado *Djem*.

Ora, o mesmo Burchard affirma que a causa da morte de Djem foi uma comida que lhe fez mal; e o medico do principe attestou que succumbira a um catarrho do peito.

Muitas outras testemunhas refutam tal calumnia.

Brognolo, testemunho ocular, escrevia em 1495 ao Marquez de Mantua: "A 25 do passado morreu em Napoles o irmão do Grão-Turco; acredito em sua morte natural, ainda que muitos dizem que lhe foi dado de beber veneno: o que é verdade é que era desregradissimo em tudo."

Outra accusação: o envenenamento do cardeal Orsini.

E' outra calumnia, já refutada. Um amigo do cardeal Orsini, Justiniano, escrevendo ao Doge, diz que o cardeal Orsini estava nas ultimas, e que os medicos desesperavam de o sal-

var, sem dizer uma palavra de tal envenenamento.

Mais outra calumnia:

Dizem que Alexandre VI e seu irmão Cesar morreram de um veneno que tinham preparado para os cardeaes.

E' uma inepcia.

Tal noticia achou assento na enfermidade simultanea do Papa e de Cesar, e na rapida corrupção do cadaver.

O consciencioso historiador Von Pastor diz que a ultima doença do Papa foi a perigosa febre romana, e, segundo o parecer de um dos medicos assistentes, a causa immediata da morte foi a apoplexia.

"A noite de 17 para 18, diz Von Pastor, foi má; a febre voltou com violencia.

Alexandre VI confessou-se ao bispo de Carinola e commungou.

O seu irmão Cesar Borgia, melhorou e venceu a enfermidade, mas a idade avançada do Papa não resistiu ao ataque (contava 73 annos) e morreu na mesma tarde."

"Considerando o intervallo do estado normal de saude, que durou seis ou sete dias, desde os primeiras symptomas da doença, e considerando tambem o curso dos accessos periodicos da febre, deve-se, sem duvida alguma, excluir o envenenamento."

E Von Pastor conclue: "Vae tambem de

encontro a tal hypothese a relativamente pequena violencia dos phenomenos occorridos, o relativo bem-estar entre o primeiro e o segundo accesso, e finalmente a propria duração da enfermidade e os symptomas da mesma". (Hist. dos Papas III, 474 e seg.).

Quem levantou taes calumnias foi sobretudo o libertino Guicciardini; pois bem, escute a apostrophe que o impio e insuspeito Voltaire lhe dirige a esse respeito: "Eu ouso dizer a Guicciardini: A Europa é enganada por ti, e tu o tens sido pela tua paixão; tu eras inimigo do Papa, tu acreditaste demais no teu odio". (Dissertação sobre a morte de Henrique IV).

Eis o illustre Papa Alexandre VI, tão calumniado pelos inimigos da religião, vingado por uma critica sã e desapaixonada da historia e rehabilitado na gloria e na majestade de sua dignidade.

Chamo a attenção sobre esta reivindicação de dignidade, dos proprios escriptores catholicos, pois um certo numero dentre elles, tem se deixado illudir pelas asserções calumniosas de Bembo, Giovio, Sanuto e Pedro Martyr, que todos foram copiando calumnias uns dos outros, sem procurarem provas sérias e fundadas.

Muitos livros catholicos procuram restringir os pretensos crimes do Papa Alexandre VI, mas poucos têm tido a coragem de refutál-os, de rejeitál-os, como asserções sem provas.

Este desaggravo mostra com quanta cautela se deve lêr ou ouvir as imputações formuladas contra os soberanos pontifices.

Lembremo-nos que a revolta e o odio procuram sempre abater as cabeças mais altas.

Sendo o Papa a cabeça da Egreja, tem contra elle o rancor, o odio, a calumnia e os insultos de todas as heresias e de todos os vicios.

IV. O Papa João XI

Deixei para o ultimo lugar o Papa João XI, mais uma victima do odio anti-clerical.

Este pontifice foi eleito Papa em 931, e morreu em 936, após um pontificado apenas de 5 annos incompletos.

Para comprehender as razões das accusações levantadas contra este pontifice e os outros que o seguiram, é preciso conhecer um pouco a decadencia desta época de sangrentas perseguições, de schisma, de heresias, de invasão dos barbaros.

No meio das paixões politicas, das violencias e vinganças daquella época succederam-se quatro papas, todos os quatro incriminados, porém sem prova nenhuma; são: Sergio III, João X, João XI e João XII.

O meu consulente fala apenas de João XI, porém não será inutil lançar um olhar escrutador sobre os quatro para melhor comprehen-

dermos a sua acção, no meio da agitação daquelle tempo.

E' certo que houve um tempo em que o papado se tornou victima dos partidos que se disputavam Roma e o sceptro imperial.

Diversos papas succederam-se, no governo da Egreja, alguns delles, talvez, sem o devido preparo, e até sem os antecedentes que os deviam recommendar ao mundo catholico; entretanto, facto maravilhoso, digno de reparo e que patenteia a assistencia divina da Egreja, nenhum destes papas falhou no desempenho de suas altas funcções de chefe da Egreja.

Não sómente nenhum delles, na cadeira de Pedro, ensinou o erro, mas, diversas vezes, embora suspeitos em sua vida anterior, quando nomeados papas, mostraram-se virtuosos e habeis.

A época era de decadencia geral, e certos papas deste tempo, promovidos ao solio pontifical pelas facções, muitas vezes sem liberdade, nada podiam fazer para preservar da decadencia os povos que lhes eram confiados.

Roma era dominada pela condessa Theodora, princeza de Toscana, e suas filhas, Theodora, a moça, e Marozia, afamadas pelas suas desordens e poderosas pelas allianças que tinham formado.

Intrometteram-se diversas vezes na eleição dos papas, procurando collocar, na Sé pontifical, bispos por ellas protegidos.

O facto é certo; porém não prova ainda que taes bispos ou cardeaes, embora protegidos por estas princezas poderosas, por serem filhos de amigos ou parentes, fossem indignos das honras do Pontificado.

Deus se serve até das paixões dos homens e dos acontecimentos politicos, para executar os designios de sua Providencia.

Os papas desta época, em consequencia das desordens destas protectoras, têm sido injusta e indignamente accusados, porém, sem provas sufficientes, e muitas vezes por paixões politicas contrarias.

O primeiro destes papas é Sergio III.

Flodoardo e outros historiadores graves e conscienciosos affirmam e provam que Sergio subiu ao throno pontificio (em 905), não pelas intrigas de Marozia, como dizem os inimigos da Santa Sé, mas a pedido do clero e do povo romano, segundo o costume daquelle tempo.

Accrescentam que Sergio, longe de levar uma vida criminosa com sua pretendida protectora, honrou tanto a seu pontificado, que se fez admirar por todo o orbe catholico. (1).

E' igualmente falso dizer-se que João X, chegado ao pontificado por empenho de Theodora, não tivesse outro merito sinão o de um

(1) Hist. de l'infaill des Papes: Rohrbach, T. XII. — Blanc: Tom. II. — A. Goud: Hist. Eccl.

bello exterior e de um amor culpado para sua protectora.

A verdade é que elle foi um papa cheio de sabedoria, fiel a todos os seus deveres, digno de veneração, e que, durante mais de 14 annos, foi a gloria e a felicidade da Egreja romana.

Elle foi digno, conclue Flodoardo (2), por sua morte, de ir occupar um lugar no céu, pois, foi assassinado, no anno 928, por ordem de Marozia; isto vem a ser, que morreu pela justiça.

Marozia, a mulher depravada, fez assassinar este pontifice, só porque não lhe era sympathico e não se sujeitava a seus caprichos.

Bastaria este facto para provar que este papa não foi imposto por esta criatura, e nem siquer tinha a sua estima.

Succederam a João X os papas: Leão VI e Estevão VIII, ambos de curto pontificado, morrendo o ultimo em 931, após dois annos de reinado.

Aqui intervém a oppressão omnipotente de Marozia. Ella fez nomear papa, com o nome de João XI, um filho que tivéra, por um commercio criminoso, de Guy, duque de Spoleto.

Este soberano pontifice foi ordenado na idade de 25 annos, e deixou-se inteiramente governar por um irmão uterino, que afinal fê-lo

(2) Flodoardo — Nicolas le Mystique, Patriarche grec — Muratori.

lançar numa cadeia onde morreu miseravelmente em 955.

Afóra sua injustificavel fraqueza não se lhe exprobaram crimes ou inconducta.

E' certo até que estabeleceu regras, cheias de sabedoria, para a canonização dos santos e a eleição dos papas.

As accusações, levantadas contra este papa, são grotescas, ridiculas e sem fundamento; e basta falar de sua morte, como prisioneiro de seu proprio irmão, para refutar os absurdos inventados contra elle.

Falta ainda João XII, outro filho que Marozia tivera do duque de Spoleto.

A imposição foi mais violenta ainda no caso presente do que no caso de João XI.

Era um estudante apenas de 18 annos.

E' de acreditar que, nesta idade, o jovem não estivesse preparado para tal encargo, porém nada prova que elle fosse indigno.

Não ha crimes que os inimigos da Egreja não lhe imputem; porém taes accusações são desmentidas pelos historiadores mais sérios e pelos monumentos contemporaneos.

Um concilio, celebrado em 964, encerra um bello elogio deste papa (1), mostrando assim, publicamente, que si houvesse qualquer irregu-

(1) Henri Leo: Hist. d'Italia. — De Sismondi — Miley — Othon Frenisque — Baronio — Muratori.

laridade em sua promoção, a sua vida estava á altura de seu cargo e de sua dignidade.

O meu consulente pediu apenas uma explicação sobre a vida de João XI; eis que fui além de seu pedido, e talvez, sem que elle o soubesse, assignalei mais outros papas incriminados, dando-lhe a explicação de todos elles. (2).

Conclusão

Terminando aqui o libello de meu consulente, devem tambem parar as respostas.

Creio ter respondido a tudo, não deixando uma só virgula nas trevas, de modo que o meu amigo baptista, sendo sincero e leal, poderá elle mesmo tirar a conclusão, e verificar que as objecções formuladas contra a Santa Sé de Roma, não passam de calumnias sem fundamento, de asserções sem prova e de argumentos balôfos.

Um homem sério, desejoso de conhecer a verdade, e não de satisfazer a preconceitos e paixões, deve confessar que o papado é a mais bella e sublime instituição deste mundo; é tão sublime que ultrapassa todo o esforço humano, mostrando por si, ser uma instituição divina.

Não negarei que tenha podido haver fraqueza na pessôa de certos papas, porém estas

---

(2) Para os outros papas accusados, ver o nosso livro: Balburdia protestante, Cap. VII. — Os maus Papas, pag. 138.

fraquezas são rarissimas, constituem a rara excepção e nunca alcançaram o ensino infallivel da autoridade suprema, que o papa representa e de que elle é o orgão vivo neste mundo.

As accusações, accumuladas pela heresia, o odio e o vicio, são quasi sempre falsas e pre exaggeradas.

Entre os diversos papas accusados, há apenas uns três, quando muito, contra os quaes a accusação parece ter algumas provas convincentes: um no X seculo, outro no XI e outro no XV. Digo e repito que as accusações parecem ter umas provas, mas não digo que as têm, porque até para os mais incriminados há contradictores sérios e contradicções flagrantes.

E estes poucos factos não podem escandalizar a ninguem; ao contrario, mostram a protecção especial da Providencia, mostram que os papas são homens, revestidos de uma autoridade divina.

Aliás, a excepção prova a regra; não se notaria tanto as faltas de uns papas, si a immensa maioria não fosse digna, santa; sobre um papa que escandalizou a Egreja, cincoenta a edificaram.

E' incontestavel que nenhum throno no universo produziu tanta sabedoria, sciencia e virtude como o throno de S. Pedro.

*
**

Podia-se perguntar aos detractores de Roma, porque privilegio inaudito quereriam elles que em tempos de decadencia universal, tanto nos povos como nos monarcas, a santa Sé não estivesse occupada sinão por homens excepci-naes, geniaes e santos?

A infallibilidade não é genio, nem impec-bilidade, mas, sim, a preservação do erro em to-do o que diz respeito á fé e á moral.

Um outro facto, verdadeiramente divin que mostra com quanto desvelo Jesus Christ dirige e protege a sua Egreja é o não haver em dias de perturbações nem herejes, nem impostores, nem lobos, procurando perturbar o divino rebanho.

Parece que nos tempos em que o pontificado romano luta com difficuldades internas, o demonio do erro fica encadeado.

Quando, por rarissima excepção apparece, sobre o throno eterno de Pedro, um papa incapaz, é neste tempo que a Egreja goza de uma tranquillidade perfeita, como si Deus não permittisse que a verdade fosse atacada, desde que o seu representante não esteja em condições de defendel-a.

Si Deus permitte que pilotos indignos sentem-se ao leme, Elle mesmo então encarrega-se de dirigir o navio da Egreja.

Parece que Deus permitte, ás vezes, estas

nuvens de decadencia para melhor salientar o brilho da luz divina.

Elle reserva para si o governo supremo; os homens são seus instrumentos; quando os instrumentos não são aptos, Elle mesmo age directamente, mostrando, deste modo, que Elle é o Chefe Supremo, a pedra fundamental, a base da Egreja.

E estas falhas, além de fortificar a nossa fé em Deus, devem augmentar a nossa confiança em sua Egreja.

Terminemos com a citação de um pequeno trecho do conhecido Papini, autor da Historia de Christo:

QUEM E' O PAPA?

"Aquella criatura é um homem como nós e fala em nome da divindade.

E' uma criatura terrestre, como nós o somos, e fala sempre do céu, mesmo quando parece conversar sobre as cousas da terra.

Que é vivente e em perenne communhão com os mortos.

Que é moderno e parece antiquissimo, porque representa a perpetuidade.

Que é peccador e, entretanto, póde perdoar toda a culpa e distribuir a herança das graças deixadas pelos santos.

Que é de uma nação e dirige-se a todas as nações.

Criatura unica, que deveria ser ouvida e obedecida mais do qualquer mestre, mais do que qualquer rei.

Eis o Papa!".

Amor, veneração, pois, á Egreja immortal de Christo... e que este amor e esta veneração se estendam ao seu chefe visivel, ao successor de Pedro, ao representante de Christo, ao supremo pontifice desta Egreja... ao Santo Padre, o Papa!

CAPITULO VI

A Dynastia de Pedro

O tempo passava diante de mim... o terrivel tempo, que, com a foice destruidora na mão, a tudo abate, destróe e faz desapparecer.

Que fizeste tu, ó terrivel destruidor, destes imperios que pareciam encher o universo com o ruido de suas conquistas?

Onde está Thebas?

Onde está Babylonia?

Onde está Athenas?

Onde estão os palacios dos Cesares?

E o tempo, com um sorriso melancolico e desdenhoso, indicou com o dedo uns farrapos de purpura, restos de corôas, columnas de marmore em ruina, sobre as quaes se sentavam os pastores descuidados:

— Olha! disse-me elle.

— E que farás tu dos imperios, das republicas que hoje dominam o mundo, e destes sceptros, destas corôas, destes thronos tão resplandecentes?...

— O que fiz dos outros: um pouco de pó que o vento dissipará.

— Que farás deste throno apparentemente tão fraco, que nenhum poder humano sustenta, deste throno, em que está sentado, na calma e na oração, aquelle que o mundo catholico chama *o Papa?*

O tempo ficou silencioso e irado, e a *Eternidade*, indicando-o desdenhosamente com o dedo, respondeu-me com um accento que me arrepiou até no mais intimo de meu ser: *Nunca o destruirá! Non prævalebit!* . . .

E' deante deste throno eterno, que venho inclinar-me, meu Deus!

E' a sublime e divina dynastia deste throno que quero estudar agora.

Tenho refutado as calumnias que a impiedade atirou contra uns papas: é o lado negativo. Quero mostrar agora o lado positivo, a fundação, a grandeza do throno e da dynastia que se senta sobre este throno: a dynastia de Pedro.

I. A Egreja

E' um estudo sublime que vamos começar.

São horizontes divinos que vamos contemplar.

Em vez de nos determos na parte NEGATIVA da Egreja, mostrando o que ella NÃO E', entremos na parte POSITIVA, considerando o que ella é verdadeiramente.

Para comprehender bem o que é o Papa, é preciso não isolál-o da obra divina que elle dirige: a Egreja, — como para bem comprehender a grandeza da Sma. Virgem Maria, é preciso não separál-a do plano divino, mas collocál-a ao lado de Jesus Christo, de quem ella recebe a sua auréola e a sua grandeza.

Ao tratar-se do Papa deve-se seguir o mesmo methodo.

O Papa, considerado na Egreja, é grande e sublime; apparece auréolado da gloria que cerca o proprio Christo; emquanto considerado isoladamente é um homem dotado do maior poder deste mundo, mas sempre um homem.

Ora, o que devemos ver no Papa é O REPRESENTANTE DE DEUS na terra, é o Chefe mortal de uma egreja immortal e o guia infallivel da verdade eterna.

Façamos este estudo... tão attrahente quão sublime...

A Egreja do Christo é um mundo inteiro de idéas que se levanta diante de nós.

Que é a Egreja?

O Catecismo responde que é *a sociedade de todos os christãos* que professam a mesma fé e recebem os mesmos Sacramentos, sob a obediencia dos legitimos pastores e principalmente do Papa.

E' uma definição *analytica* bella, completa, e ao alcance de todos.

Podia-se dar uma definição *synthetica*,

mais curta, e, para as intelligencias cultas, mais luminosa ainda.

Que é a Egreja?

E' a sociedade das almas na luz e no amor.

Há sociedades de estudos, de commercio, de negocios: são sociedades humanas.

Há uma sociedade divina: a reunião das almas.

E que querem as almas?

Querem LUZ E AMOR.

A luz da VERDADE.

O amor DO CORAÇÃO.

Que sociedade sublime!

Os homens se unem para explorar esta verdade unica, e banhar-se neste amor, o unico amor verdadeiro.

E sendo uma sociedade, deve haver um CHEFE.

E esta sociedade, procurando bens divinos, como são a verdade e o amor, o seu chefe deve ser DEUS.

Esta sociedade, funccionando aqui na terra, este chefe deve ser um HOMEM.

Que mysterio inefavel! Uma sociedade divino-humana, com um chefe divino-humano.

Sim, é mysterioso, mas é divinamente bello, e tudo isto está divinamente realizado na Egreja de Christo.

A Egreja existe aqui na terra; é uma verdadeira sociedade, uma reunião visivel de ho-

mens, mulheres e crianças; e esta sociedade tem por Chefe o Filho de Deus, o proprio Christo.

E como o Christo, immortal, depois de sua morte, resurreição, ascenção, não póde mais permanecer de *modo visivel* e sensivel no meio desta sociedade, Elle tem o seu representante, o Papa.

O Papa é da terra, mas representa o céu.

O Papa fala á terra, mas fala do céu.

O Papa ensina na terra, mas a verdade ensinada é do céu.

O Christo é o chefe da Egreja, abrangendo as egrejas: *gloriosa* no céu, *padecente,* no purgatorio, *militante,* na terra.

A majestade de Christo governa a egreja do céu.

A misericordia de Christo governa a Egreja do purgatorio.

O representante de Christo governa a Egreja da terra.

E' uma unica Egreja.

E' tambem um unico chefe.

A Egreja é pois uma obra divina, uma SOCIEDADE destinada a communicar aos homens A LUZ E O AMOR.

Mas, para que haja uma sociedade, deve haver um *regimen,* uma forma governamental.

Jesus Christo escolheu o governo *monarchico,* porém uma monarchia como que transformada, que nada tem, nem póde ter, do abso-

lutismo das monarchias humanas, como nada tem do orgulho do governo aristocratico, nem nada da turbulencia dos governos democraticos.

O Christo formou um governo desconhecido até então: UM e immutavel como a monarchia, activo e ardente como a democracia, resistente e adaptavel a todas as circumstancias... todo HUMANO de um lado, absolutamente DIVINO de outro lado.

Examinemos isto de mais perto, e veremos surgir diante de nós uma Egreja que talvez nos era desconhecida.

Jesus Christo formou a sua egreja da terra sobre o typo da Egreja do céu.

Um só rebanho e um só pastor.

Fiet unum ovile et unus Pastor. (Joan., X, 16).

A Egreja é tal um systema planetario, em que se contam milhares de astros lançados no espaço, com um UNICO CENTRO, em redor do qual todos giram em grupos harmoniosos.

E' uma unidade perfeita.

Tudo depende do centro, tudo gira em redor do centro, tudo recebe do centro luz e calor.

O sol é o centro de nosso systema planetario... illuminando tudo, dirigindo tudo na marcha harmoniosa que admiramos, conservando entre os satellites e os planetas a ordem, a unidade e a harmonia.

O PAPA E' O SOL DA EGREJA. A luz divina, que o Christo depositou nelle, irradia-se sobre todos os membros d'esta Egreja, pela qual todos recebem d'elle a luz da verdade e o amor de Deus, que nos fazem girar em ordem perfeita e harmoniosa, em redor do proprio Christo, que o Papa representa.

Como representante de Christo, o Papa é aqui na terra o que o Christo é na Jerusalém celeste, conforme a descripção do Apocalypse: *A sua lampada é o Cordeiro e as nações caminharão á sua luz.* (Apoc., XXI, 23, 24).

II. O Centro da Egreja

O centro da Egreja é Pedro...

Jesus Christo o indica e o escolhe como tal, desde o primeiro dia; e esta escolha é feita com uma lentidão calculada, para que o mundo saiba, que tal escolha não é o fructo da casualidade, mas sim de um plano divino.

Si Pedro tivesse vindo primeiro a Jesus, ou tivesse sido escolhido em primeiro lugar, ter-se-ia podido pensar que tal PRIMAZIA provinha de elle ter sido o primeiro a apresentar-se.

O primeiro escolhido não será, pois, Pedro, para bem salientar que não é o primeiro em DIGNIDADE, porque o foi na escolha, mas sim porque o Christo assim o determinou.

André e João são os primeiros escolhidos.

André vae buscar o seu irmão (João, I, 42).

Pedro apparece em terceiro lugar; mas, ao

apparecer, a scena muda por completo, e elle toma logo o primeiro lugar.

O evangelista o faz notar expressamente:

Jesus, diz elle, *fixando nelle o olhar disse: Tu és Simão, filho de João, tu serás chamado Cephas, que quer dizer Pedro (pedra).* (Joan., I, 42).

Eis um primeiro distinctivo, uma preferencia formal, uma ELEVAÇÃO BASICA.

O nome vulgar de Simão é substituido por um nome symbolico e significativo, cujo sentido será explicado pelo porvir.

Esta mudança de nome é extremamente significativa, e na Biblia só encontramos três casos de tal mudança, e cada vez para exprimir um grande acontecimento.

Deus mudou o nome Abrão em ABRAHÃO, (Gen., XVII, 5), para exprimir que elle devia ser o pai de muitos povos.

Mudou tambem o nome de Jacob em o de ISRAEL (Gen., XXXII, 28), para significar a força contra Deus, com a qual Jacob lutou contra o anjo.

Aqui muda o nome de Simão, em o de PEDRO, para exprimir que Pedro devia ser o fundamento de sua Egreja. Pedro, em aramaico *Kephas,* é um nome proprio de pessôa e o nome de pedra, rocha, como, em francez, *Pierre* significa *Pedro e pedra,* como, em portuguez, a palavra é quasi identica.

Sigamos agora o desenvolvimento deste primeiro acto do Salvador.

Pouco depois Jesus sóbe ao alto de uma montanha, e depois de ter orado muito, escolhe os seus Apostolos, em numero de DOZE.

Ora, diz S. Matheus, *os nomes dos doze Apostolos são estes: O primeiro é Simão, que se chama Pedro, e André seu irmão, Thiago, filho de Zebedeu e João seu irmão...* etc. (Math., X, 2).

Porque Pedro é o primeiro?

E' João que foi o primeiro a falar com o Salvador.

E' André que foi o primeiro a exclamar: *Encontramos o Messias!*

João ou André deviam ser os primeiros.

Porque Pedro passou na frente?

Porque?

Porque o Mestre o quiz, o escolheu, o collocou primeiro como chefe dos outros.

Não há outra razão.

Mas talvez seja apenas um titulo, uma precedencia de honra!

Escutemos ainda o Evangelista, que vae responder-nos.

Jesus penetra na solidão do Jordão; em

caminho elle pergunta a seus Apostolos: *Quem dizem os homens que é o Filho do homem?*

E elles responderam: Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias e outros que é Jeremias, ou algum dos Prophetas.

E Jesus lhes disse: E vós, quem dizeis que eu sou?

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Christo, Filho deDeus vivo. (Math., XVI, 13-16).

Escutemos agora a resposta de Jesus Christo. Ella é de uma majestade, de uma autoridade, de uma força, de uma simplicidade e grandeza singulares.

Bemaventurado és, Simão, filho de João: porque não foi a carne e o sangue que t'o revelou, mas meu Pai que está nos céus; e eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

E eu te darei as chaves do reino dos céus: e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céus; e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos céus. (Math., XVI, 17-19.)

***

Taes são as palavras creadoras do papado.

Sente-se em cada palavra a autoridade suprema do Mestre e Senhor do céu e da terra.

E notemos como foram admiravelmente preparadas taes palavras!

Primeiro, o Christo separa Pedro da multidão, collocando-o á parte, chamando-o PEDRO ou pedra.

O Christo precisa de uma pedra fundamental para a sua Egreja, e escolhe esta pedra: *Tu és pedra,* e não mais Simão.

E porque esta pedra?

Para servir de base á Egreja: *Sobre esta pedra edificarei a minha Egreja.*

Eis positivamente a INDEFECTIBILIDADE promettida a Pedro.

O fundamento de uma Egreja eterna, immutavel, *contra a qual não prevalecerão as portas do inferno,* é necessariamente IMPERECIVEL, não póde desapparecer; pois, ruindo os alicerces, o edificio tambem deve ruir.

O que serve de sustento a uma Egreja eterna não póde ter fim.

***

A base está collocada, e esta base é PEDRO, Pedro INDEFECTIVEL, que não perece.

Mas não basta ser indestructivel; é preciso que a Egreja, e em consequencia o chefe desta Egreja conserve integralmente a doutrina recebida de seu Mestre; sinão a Egreja, embora imperecivel em sua EXISTENCIA, podía variar em seu ENSINO, em sua doutrina, e nas verdades que explica.

E' preciso, pois, que Pedro, imperecivel na

existencia, seja tambem INFALLIVEL na doutrina.

E' preciso que Pedro, além da SOBERANA AUTORIDADE, tenha tambem uma LUZ SOBERANA.

Eis porque Jesus Christo continúa numa majestade divina: *Eu te darei as chaves do reino dos céus.*

Não são simplesmente as chaves do reino da terra, pois a Egreja, pela sua extensão no céu e no purgatorio, é um reino celeste, e como tal as chaves da parte terrestre deste reino são chaves celestes, pois a parte terrestre é a porta da parte celeste. Não são dois reinos, mas é um UNICO REINO, são duas partes do mesmo reino, tendo intimas relações uma com a outra.

A Egreja é a sociedade das almas, começada na terra, mas que só no céu recebe a sua perfeição total. E' o que exprime claramente o divino fundador: *Tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos céus.*

Numa outra occasião o Salvador indicará a infallibilidade do ensino de Pedro.

E' na sua ultima ceia, poucas horas antes de sua morte, que dirigindo-se a Pedro Jesus lhe disse: *Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou com instancia para vos joeirar como o trigo, mas eu roguei por ti, para que a tua fé não falte, e tu uma vez convertido, confirma os teus irmãos.* (Luc., XXII, 31, 32).

Eis um novo privilegio : a INFALLIBILIDADE: *Eu roguei por ti, para que a tua fé não falte.*

Que quer dizer isto?

Basta querer comprehender, para comprehendel-o.

E' como si o Christo dissesse: A tua fé será sempre santa, sempre verdadeira, sempre a mesma: firme e luminosa; e isso não simplesmente para ti, para te illuminar, mas tambem para illuminar os teus irmãos, *para confirmá-los na verdade,* caso viessem a tropejar, a hesitar, a vacillar.

Eu teria podido pedir para elles esta firmeza, e esta luz, como teria podido dar a cada planeta a sua luz propria, mas não o faço, reservei esta prerogativa somente para ti, como reservei ao sol a prerogativa de illuminar os planetas; tu serás o centro luminoso e firme da minha Egreja, como o sol é o centro luminoso e firme do systema planetario levando tudo para o termo final: o céu.

Bastante firme está o edificio cujos alicerces estão firmes.

Não há escapatorio ou subterfugio: Pedro e todos os seus successores são INFALLIVEIS na doutrina, como é IMPERECIVEL a Egreja governada por elles.

Como tudo isso é claro, refulgente, grandio-

so, e ao mesmo tempo, de uma simplicidade que encanta e faz sentir o dedo de Deus!

E' proprio de Deus o mostrar-se sublime pela simplicidade.

E aqui tudo é simplesmente sublime.

III. O Pastor Supremo

Pedro é, pois, o centro da religião, ou como disse o Salvador: *o fundamento da Egreja.*

E' o que fazia dizer a Santo Ambrosio: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia!* Onde está Pedro, ahi está a Egreja. E' uma cousa só.

Na vontade divina Pedro e a Egreja são duas coisas inseparavelmente unidas, como num edificio são unidos os alicerces e o edificio.

Pela INDEFECTIBILIDADE Pedro é o fundamento da Egreja.

Pela INFALLIBILIDADE elle é a luz da Egreja.

Mas ha mais que isso. Seria em vão que Pedro mostraria o caminho aos viandantes da terra, e em vão lhes ensinaria a verdade, si elle não tivesse o poder de GOVERNAL-OS, pelas suas leis, e pela sua direcção soberana arrancal-os dos perigos que os ameaçam.

Ora, Jesus Christo não faz a sua obra pela metade: a plenitude, e a perfeição são o sello das obras divinas.

Jesus Christo deve, pois, terminar a sua

obra dando a Pedro a autoridade de PASTOR SUPREMO.

E' uma das paginas mais deliciosas e ternas do Evangelho.

A scena teve lugar depois da resurreição, na terceira apparição do Salvador.

Acabavam a modesta ceia, á qual o proprio Jesus quiz participar após a pesca milagrosa.

Tendo elles, pois, jantado, narra o Evangelho, *disse Jesus a Simão Pedro:*

Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?

Elle disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe: (*Jesus*) APASCENTA OS MEUS CORDEIROS.

Disse-lhe outra vez: Simão, filho de João, tu amas-me?

Elle disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe: (*Jesus*) APASCENTA OS MEUS CORDEIROS.

Disse-lhe, pela terceira vez: Simão, filho de João, tu amas-me?

Ficou Pedro triste, porque pela terceira vez lhe disse: Tu amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu conheces tudo: tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe Jesus: APASCENTA AS MINHAS OVELHAS. (Jo., 21, 15).

E' impossivel exprimir a belleza e a ternura destas palavras, tudo que há nellas de delicadeza e de força, e como tudo ali se harmoniza com a missão da Egreja.

Jesus pergunta três vezes a Pedro si o ama; porque esta triplice interrogação?

Há uma dupla razão: uma de REPARAÇÃO, outra de INVESTIDURA.

Durante a paixão, no atrio de Caiphás, Pedro tinha tido a fraqueza de renegar três vezes o seu divino Mestre: *Jurou que não conhecia este homem.* (Math., XXVI, 74).

Pedro devia reparar esta triplice negação, por uma triplice affirmação de amor a Jesus.

E, á medida que vae affirmando a sua fé, que vae jurando num solenne acto de amor a sua inalteravel fidelidade ao Salvador, este ultimo dá-lhe a *investidura* da autoridade suprema sobre a sua Egreja inteira.

Notemos, de facto que a Egreja, na sua sublime e perfeita unidade, compõe-se de três partes:

Os simples FIEIS.

Os SACERDOTES.

Os BISPOS.

E todos estes estão sob as ordens de Pedro.

Em seus termos significativos, podemos reconstituir a scena do seguinte modo:

— Pedro, tu amas-me mais do que estes?

— Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

— *Pois bem, sê o Pastor dos Bispos da Egreja.*

— Pedro, tu amas-me?

— Sim, senhor, tu sabes que eu te amo.

— *Pois bem, sê o Pastor dos meus Sacerdotes.*

— Pedro, tu amas-me?

— Senhor, tu conheces tudo; tu sabes que eu te amo.

— *Pois bem, sê o Pastor de todo o meu rebanho, de todos os fiéis.*

E' divinamente delicioso!

A cada acto de amor e de reparação de Pedro, corresponde da parte de Jesus um acto de INVESTIDURA da autoridade suprema.

Os bispos e os sacerdotes seus auxiliares, possuem o mesmo sacerdocio, porém, nos bispos reside a plenitude deste sacerdocio, formando sob a autoridade de Pedro: a Egreja DOCENTE.

Os fiéis são as ovelhas do grande rebanho, formando a Egreja DISCENTE.

E Pedro é o chefe da Egreja inteira: dos bispos, dos sacerdotes e dos fiéis.

O Christo já havia dito: *haverá um unico rebanho e um unico Pastor.* (Joan., X, 16).

Este Pastor unico, eil-o: é Pedro, é o Papa, tendo plenos poderes de illuminar as almas, plenos poderes de governal-as, plenos poderes para afastar d'ella os obices, não podendo nun-

ca falhar á Egreja, nem na ordem da VERDADE, nem na ordem da GRAÇA; não lhe faltando nunca, e exercendo sobre as almas a soberana autoridade de um Rei.

E' com Pedro que o Christo começa a construcção de sua Egreja.

No corpo do homem, antes que tenha orgãos existe um CENTRO VITAL:

Jesus Christo segue a mesma lei: Elle começa pelo CENTRO: começa pelo Papa.

Eis com apparece bella, radiante a figura humano-divina do Papa.

Elle é HOMEM pela natureza e pela personalidade.

Elle é DIVINO pela autoridade e pelo ensino.

E' um homem que fala, mas a sua palavra é a palavra de Deus desde que fala como chefe supremo.

E' um homem que governa, mas os actos de seu governo são actos divinos, desde que se dirigem á Egreja universal.

E tudo isso está tão claramente indicado no Evangelho, que não se comprehende como é que póde haver pessôas que não vejam e não entendam tão bellas e tão sublimes verdades!

IV. O Episcopado

Podiamos parar aqui e limitar-nos á verificação da autoridade suprema de Pedro, porém

seria deixar inacabado e mutilado um MONUMENTO, considerando apenas a estatua que o domina, sem olhar para o pedestal que o sustenta.

Tudo isso fórma um monumento unico; são diversas peças do mesmo monumento; não de egual autoridade, mas de egual valor artistico.

Como acabamos de ver, pela triplice affirmação de seu amor, Pedro recebe uma triplice supremacia, tornando-se o Chefe e Pastor do rebanho inteiro, que é composto de bispos, de sacerdotes e de simples fiéis.

Jesus Christo acaba de crear o Papado. E' uma verdadeira creação e quão sublime!

Mas o Papa não póde ficar só.

Como alcançará elle as almas, todas as almas, até a extremidade do tempo e do espaço?

Podia, sem duvida, fazel-o, escolhendo *Ministros,* instituindo-os e revocando-os, á vontade, como fazem os protestantes.

Para elles basta querer ser pastor, e assim pensado, está feito; do dia para a noite o analphabeto vira doutor; hontem nem sabia da existencia da Biblia, hoje adquire uma Biblia, e amanhã a explicará aos outros.

Isto não é sério... é menos que humano.

O Christo não podia agir deste modo, na organização de sua Egreja immortal.

Era preciso uma hierarchia... e uma hierarchia divinamente instituida.

Eis porque inferior ao PAPADO o Salvador cria o EPISCOPADO, e cria-o eterno, indestructivel, como é o proprio Papado, de egual instituição divina, mas não de egual autoridade.

Elle escolhe os primeiros titulares: são os Apostolos. Fórma-os ao mesmo tempo que Pedro, e do mesmo modo, *per modum unius*.

São quasi as mesmas palavras de INSTITUIÇÃO, porque a missão é a mesma.

E' outra passagem do Evangelho de uma lucidez deslumbrante, de uma energia sem replica, de uma ternura maternal.

Recolhamos estas palavras, como temos recolhido as que instituem a supremacia universal de Pedro.

E' outra scena, realizada depois da resurreição. Jesus apparece, de repente, a seus Apostolos, na sala onde estavam reunidos por mêdo dos Judeus.

Jesus lhes disse: *A paz seja comvosco. Assim como meu Pai me enviou, tambem eu vos envio a vós.*

Recebei o Espirito Santo.

Aquelle a quem perdoardes os peccados ser-lhes-ão perdoados, e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos. (Joan., XX, 21, 23).

Ide por todo o mundo, prégai o Evangelho a toda creatura. (Marc., XVI, 15).

Quem vos escuta a mim escuta; quem vos despreza a mim despreza. (Luc., X, 16).

Foi-me dado todo o poder no céu e na terra; ide pois, ensinai a todos os povos, baptizando-os, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que vos mandei: e eis que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos. (Math., XXVIII, 18-20).

Taes são as palavras solennes, augustas, com que Jesus Christo instituiu o Episcopado, encarregado de apascentar, de governar, com Pedro e sob sua direcção, o mundo das almas.

Mas notai bem nesta similitude de palavras dirigidas a Pedro e aos Apostolos, as grandes e importantes differenças.

O que o Christo diz a Pedro lh'o diz á parte, separado dos apostolos; e o que diz aos Apostolos nunca lhes diz separadamente de Pedro.

Deste modo temos PEDRO mas Pedro SO', pois é a autoridade suprema, e temos os BISPOS juntos COM PEDRO.

Pedro, só, é Papa; e Pedro é bispo como o são os demais bispos.

Além desta differença no que se póde chamar o quadro das palavras, comparai as palavras e encontrareis nova differença.

Jesus disse a Pedro: *Sobre esta pedra* (Pedro) ou sobre ti, *eu edificarei a minha Egreja.* (Math., XVI, 18).

Aos Apostolos Elle diz: *Ide, ensinai a todos os povos.* (Math., XVIII, 19).

Primeiramente Jesus colloca Pedro como fundamento de sua Egreja, e depois regulariza o seu desdobramento através do espaço.

Jesus disse a Pedro: *Tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céus.* (Math., XVI, 19).

Elle diz aos Apostolos: *Tudo o que ligardes sobre a terra, será ligado tambem no céu.* (Math., XVIII, 18).

São as mesmas palavras, porém na primeira vez foram ditas a Pedro, só, *no singular,* e a segunda vez a todos os Apostolos, unidos a Pedro, *no plural.*

Emfim, quando Jesus Christo diz: *Ide, ensinae a todos os povos,* Elle não o diz a Pedro separado dos Apostolos, nem aos Apostolos separados de Pedro, pois, tal divisão é impossivel. Elle o diz a Pedro e aos seus Apostolos, unidos, nesta união indestructivel que Jesus Christo pediu, e em consequencia obteve, quando disse: *Meu Pai, sejam elles um só, como nós somos um só.* (Joan., XVII, 11).

Como tudo é harmonioso e grande!

Pedro é o chefe supremo dos Apostolos. Os Apostolos unidos a Pedro constituem a parte DOCENTE da Egreja divinamente instituida e organizada.

E através dos seculos, esta mesma hierarchia succede-se sem interrupção e sem sombra.

Pedro é o Papa.

Os Apostolos são os bispos.

O Papa é o bispo de Roma; é Apostolo como os outros Apostolos; e é Bispo como os outros bispos; mas elle é mais do que isso.

Como Pedro foi o chefe dos Apostolos, o Papa é o chefe dos Bispos, é nelle que reside a *infallibilidade,* nelle só, e nos Bispos unidos a elle.

E' no Papa, e nos bispos reunidos ao Papa que reside a INDEFECTIBILIDADE da Egreja divina de Christo.

Sempre haverá o Papa; sempre haverá bispos na Egreja de Jesus, pois ambos são de instituição divina, e as obras de Deus são indestructiveis. — *Dei perfecta sunt opera.* (Deut., XXXII, 4).

V. O Sacerdocio

O Papa e os bispos formam essencialmente a Egreja DOCENTE, mas ahi não se limita a sua extenção.

Entre a parte DISCENTE e a parte DOCENTE em seu elemento essencial, há o SACERDOCIO ou os sacerdotes, os padres propriamente ditos.

Por numerosos que sejam os bispos, sendo o Papa livre de multiplicál-os conforme as necessidades, faltaria qualquer cousa á hierarchia da Egreja, á sua adaptação ás necessidades, si

entre os bispos e o povo, não houvesse INTERMEDIARIOS.

Eis porque, um bello dia, escapou do peito do Salvador este brado angustioso: *Oh! como é grande a mésse, mas os operarios são poucos.* (Luc., X, 2).

Que fará Jesus para remediar o mal? Elle constata o mal e logo vae applicar-lhe o remedio. O Papa deve governar a Egreja inteira.

Os bispos, associados ao governo da Egreja, devem ser os principes desta Egreja, da qual o Papa é o chefe supremo.

Mas, não basta ter um governo organizado, é preciso haver officiaes e ministros que, penetrando no meio do povo, transmittam e façam executar as ordens dos chefes, sigam de perto a observação destas ordens e assignalem os abusos que pódem introduzir-se no meio do rebanho. E' o papel do simples sacerdote, do padre encarregado do ministerio das almas.

E' outra pagina sublime e terna do evangelho, que nos revela a missão do padre catholico.

E' uma pagina admiravel, mas que, infelizmente, não é bastante conhecida.

Sendo melhor conhecida ella traça para sempre a rota do padre no ministerio da palavra divina e do serviço dos altares.

E' o grande codigo sacerdotal dos parochos, dos missionarios e de todos aquelles que labutam no ministerio sagrado.

Escutemos este codigo divino do ministerio sacerdotal.

O Filho do homem, disse Jesus, *não veio para perder as almas, mas, para salval-as.* (Luc., IX, 56).

Depois d'isto, o Senhor escolheu outros setenta e dois: e mandou-os, dois a dois, adeante de si, por todas as cidades e lugares, onde elle estava para ir.

E dizia-lhes: Grande é, na verdade, a messe, mas os operarios são poucos; rogae pois ao dono da messe, que mande operarios para a sua messe. (Luc., X, 1-2).

Eis a vocação suscitada por Deus, eis a necessidade da oração pelas vocações, para que Deus as suscite. Jesus não manda ir á messe, mas manda pedir a Deus que ESCOLHA E MANDE operarios para a messe.

Depois da vocação divina, manifestada pela graça, o attractivo e a capacidade, os três elementos essenciaes da vocação, vem o trabalho do padre, o seu ministerio, mais exhaustivo, mais arduo do que o serviço dos bispos, e já indicado pelo divino Mestre.

Ide, disse Jesus aos setenta padres, escolhidos como auxiliares dos bispos.

Ide: eis que eu vos mando como cordeiros entre lobos. E' o zelo e paciencia sacerdotaes.

Não leveis bolsa, nem alforge, nem calçado, e pelos caminhos não saudeis ninguem. E' o

desprendimento dos bens e dos amigos do mundo.

Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: A paz seja nesta casa, e permanecei nesta casa, comendo e bebendo do que elles tiverem; porque o operario é digno de sua recompensa. E' o apostolado e os sacrificios que elle impõe para salvar as almas.

Não andeis de casa em casa. E' a perseverança no apostolado, evitando a inconstancia.

E em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que se vos puzer deante e curae os enfermos que nella houver". E' o espirito de mortificação e o espirito de caridade para ganhar as almas.

Os primeiros discipulos, os sacerdotes, assim enviados pelo divino Mestre ás populações, cumpriram as recommendações e viram os seus esforços e o seu apostolado corôados de pleno exito.

E os setenta e dois voltaram alegres, continúa o Evangelho, *dizendo: Senhor, até os demonios nos obedeciam em virtude de teu nome.*

E Elle disse-lhes: Eu via Satanaz cahir do céu como um relampago. E' o poder sobre os proprios demonios que Jesus Christo lhes dá.

Eis que vos dei o poder de calcar serpentes e escorpiões e de vencer toda a força do inimigo e nada vos fará damno. E' o que continuadamente fazem os santos na Egreja.

Comtudo, não vos alegreis, porque os espiritos máus vos estão sujeitos, mas alegrae-vos porque os vossos nomes estão escriptos nos céus. (Luc., 10, 17-20).

E' o preservativo da vangloria e o desejo de glorificar unicamente a Deus.

Que codigo admiravel de perfeição para todos os padres, occupados no ministerio das parochias e para os missionarios semeadores da palavra divina!

Eis a instituição dos padres encarregados da cura das almas.

Os padres não possuem os poderes dos bispos; pois Jesus Christo os trata de modo differente.

Há uma gradação clara, visivel, palpavel, entre o Papa e os bispos, entre os bispos e os padres.

Não impõe as mãos aos ultimos.

Não sopra sobre a fronte d'elles.

Elle deixa a seus Apostolos o cuidado de fazêl-o, elles mesmos, para bem marcar a independencia em que devem permanecer: CORDEIROS, a respeito do povo, OVELHAS, a respeito dos bispos.

Os PODERES dos padres, como o dos bispos e como o do Papa, vêm directamente de Jesus Christo, mas são exercidos sob a dependencia hierarchica estabelecida pelo proprio Christo.

Os bispos exercem os seus poderes sob a di-

recção do Papa; os padres exercem os seus poderes sob a direcção dos bispos.

Do mesmo modo que os poderes do bispo não provêm do Papa, assim os poderes dos padres não provêm do bispo.

O sacerdocio, como o Episcopado e como o Papado, é de instituição divina; e como tal, é eterno, indestructivel como elles; ou melhor, há apenas um UNICO SACERDOCIO, cuja PLENITUDE está no Episcopado e cuja fonte e COROAÇÃO está no Papa.

Há pois três gráus na hierarchia: O PAPADO, o EPISCOPADO e o SACERDOCIO.

São como a ossatura da Egreja, cuja juxtaposição e encaixe perfeitos conservam o seu corpo sagrado na mais harmoniosa unidade.

Eu disse acima que podia definir-se a Egreja: *a sociedade das almas no laço sagrado do amor de Deus*. Devo ajuntar agora, para que a definição seja completa: *sob a direcção dos Pastores, instituidos por Jesus Christo e particularmente do Soberano Pontifice, seu representante.*

Eis a dynastia completa de Pedro, a Egreja de Christo, não simplesmente em seus componentes, mas em suas articulações sagradas que lhe dão o movimento e a vida.

E' a Egreja completa com sua INSTITUIÇÃO divina, com seu PODER divino, com a sua HIERARCHIA divina.

VI. Synthese geral

Acabámos de analysar a bella e harmoniosa organização da Egreja — o monumento divino da dynastia de Pedro.

O que vimos já é sublime e, entretanto, notemos que toda a ANALYSE, pela separação das peças que contempla separadamente, perde necessariamente a harmonia do conjuncto.

Um monumento, para ser perfeitamente apreciado, deve ser visto como tal, em seu conjuncto.

O fundamento, o pedestal e a estatua, separadamente podem ter o seu valor artistico, mas o monumento só adquire a sua belleza quando estas peças estão juxtapostas, cada uma em seu lugar, fazendo sobresahir uma á outra.

O mesmo acontece com a Egreja de Christo.

Por isso, após a ANALYSE succinta das partes componentes vamos, agora, numa SYNTHESE, juntar estas diversas peças, para melhor admirar a razão de sua união e a majestade de seu conjuncto.

Vimos neste capitulo a bella e a harmoniosa hierarchia instituida por Jesus Christo: o Papa, no mundo inteiro; o bispo, em sua diocese; o sacerdote em sua parochia.

E' como que uma imagem da Trindade neste mundo.

O Papa é o PRINCIPIO de toda a autoridade.

O bispo é como O VERBO do Papa, em sua diocese.

O padre unido ao Papa e ao bispo, é como o SANTIFICADOR das almas, em sua parochia.

E' pelo padre que o povo, com quem elle está unido immediatamente, une-se ao bispo e ao Papa.

Onde há um grupo de almas, há uma parochia.

Onde há uma parochia, há um sacerdote ou vigario.

O vigario é o HOMEM DAS ALMAS.

E' elle quem as introduz na Egreja pelo baptismo.

E' elle quem as educa, pela palavra divina.

E' elle quem as purifica, pela confissão.

E' elle quem as alimenta, pela Eucharistia.

E' elle, emfim, quem lhes abre o caminho do lar christão, quem as sustenta na ultima hora, quem as consola, lhes mostra o céu, e não as abandona sinão depois de ter depositado no cemiterio os seus restos mortaes.

Augusta e sublime missão, a do padre!

Elle é o laço que prende as almas a Deus e a força ascensora para o céu.

Elle é o centro unificador da parochia na luz e no amor!

Tal é o padre, successor dos discipulos de Jesus Christo.

Mas este é apenas o germen inicial da grande unidade catholica.

Si ahi parasse, haveria milhares e milhares de Egrejas isoladas, sem o laço commum; haveria EGREJAS, mas não haveria EGREJA.

E' o que acontece no protestantismo, cuja casa de culto é uma egrejola, independente, sem união, sem laço que a prenda a outras casas de culto, que professam a religião que seu pastor lhe ensina, sem saber o que outros professam; é uma unidade isolada, formando uma balburdia no conjuncto.

Mas esta é a obra de Luthero.

Jesus Christo formou a UNIDADE PERFEITA na multiplicidade.

Elle deu ao padre immensos poderes, porém, no interesse da unidade; há apenas um poder que lhe recusou: o padre não póde crear outro padre.

O padre morre esteril, e a sua egreja morre com elle.

Temos visto exemplos tristes e sublimes no Japão.

Havia ali fieis capazes de soffer o martyrio.

Havia padres sublimes, heroicos, mas não

havia mais bispos; e a immensa e magnifica christandade apagou-se, como uma luz, na falta de combustivel; morreu, radiante de heroismo... mas de um heroismo que lhe servia de mortalha.

Só o bispo póde, de facto, ordenar outros padres.

Este poder é o PODER PROPRIO do bispo, reservado e incommunicavel.

E' por este poder que elle é não simplesmente uma autoridade superior, um chefe hierarchico, mas sim um PODER SUPERIOR.

Eis a razão porque, pela vontade divina e pela natureza da hierarchia, todas as parochias, reunidas, unificadas no padre são forçadas a se agruparem em torno do bispo, que, só, póde darlhes uma vida duradoura, ininterrupta, pois só elle tem o poder de crear padres.

Tal é o bispo, o successor dos apostolos.

E' em redor delle, por elle, e nelle, que se forma e vive o segundo agrupamento de almas, na Egreja: A DIOCESE.

O bispo é a unidade da diocese, na luz e no amor.

***

Mas não basta isso.

Do mesmo modo que todos os padres unificam-se no bispo, donde tiram a vida, assim todos os bispos unificam-se no Papa.

Através do espaço que as separa, as diversas dioceses olham umas para as outras e reconhecem-se como irmãs.

Ellas sentem que a mesma seiva percorre os seus membros, e que todas ellas juntas formam um unico e mesmo corpo: a grande Egreja de Christo.

E' a sublime doutrina e a magistral exposição de São Paulo em sua Epistola aos Corinthios:

"*Assim como o corpo é um,* diz o Apostolo, *e tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, embora sejam muitos, são comtudo um só corpo; assim tambem é o Christo.* (I Cor., XII, 12).

"*Ora, vós sois corpo de Christo, e membros unidos a membros.* (I Cor., XII, 27).

E assim a alguns constituiu Deus na Egreja em primeiro lugar: os Apostolos (e os Apostolos, na ordem de hierarchia e poder, como acima ficou explicado, sendo Pedro o primeiro.)

O primeiro é Simão que se chama Pedro. (Math., X, 2).

As aspirações de unidade das parochias e das dioceses encontram-se, deste modo, num ponto central unico e supremo, que é o Papa.

O Papa é a JUNCÇÃO SUBSTACIAL e viva da catholicidade inteira.

Elle é ao mesmo tempo a fonte inesgotavel de toda a vida.

Só elle póde crear bispos, como só o bispo póde crear padres.

Sómente elle póde tornar as dioceses immortaes, revivificando-as após a morte de cada bispo.

Só elle póde ensinar infallivelmente.

Nelle sómente a unidade das almas encontra a sua imagem sensivel e a sua realidade viva.

Todos os fieis estão representados no PADRE.

Todos os padres estão representados no BISPO.

Todos os bispos estão representados no PAPA.

Conclusão

Eis a unidade perfeita, que só existe e só póde existir na Egreja divina de Christo.

As seitas religiosas procuram imitar esta organização divina; nunca souberam reproduzil-a, porque o divino não se reproduz.

Tal é o fluxo e refluxo do amor.

Respeito, obediencia, dedicação, sacrificio, tudo sóbe até ao padre; pelo padre até ao bispo; e pelo bispo até ao Papa... até ao Christo.

E depois tudo DESCE: luz, graça, poder, privilegios, bençãos, tudo desce do Christo ao Papa e do Papa ao bispo, do bispo ao padre, do padre até aos fieis.

O Papa é a unidade da Egreja na luz e no amor.

Deste modo as almas são como que ligadas, unidas por este triplice nó da vida divina; estas três forças de attração incluem toda a organização da Egreja, formando um UNICO CENTRO.

Tudo se agrupa em redor do padre, na parochia.

Tudo se agrupa em redor do bispo, na diocese.

Tudo se agrupa em redor do Papa, no mundo, para formar a Egreja universal. A cada degrau que se eleva, a vida derrama-se mais abundante, e o mysterio da UNIDADE resplandece com mais fulgor.

E' um verdadeiro throno, um throno immortal, eterno, o throno da Egreja Catholica, e, sentado sobre este throno, sempre sorridente, sempre paternal, immortal como o rochedo das montanhas, resplandescente como o firmamento estrellado, calmo e suave como a aurora, mas forte como a eternidade que representa, em cima deste throno está sentado um ancião vestido de branco, tendo nas mãos as chaves do reino do céu, e sobre a fronte o resplendor da verdade infallivel... e a este homem, a este ancião, que a impiedade blasphema, o Christo rediz continuadamente a palavra creadora d'esta autoridade suprema: *Tu és Pedro ... e sobre esta*

pedra está construida a minha egreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ella.

Como tudo isso é bello e grandioso! E como se sente em tudo isso o dedo divino!

Um homem sincero, desapaixonado, ao ver taes maravilhas, não póde deixar de exclamar: "Aqui está a verdade".

E esta verdade chama-se a Egreja Catholica.

E o chefe desta verdade é Pedro.

— *Ubi Petrus, ibi Ecclesia,* dizia Santo Ambrosio.

A dynastia de Pedro é uma dynastia divina, contra a qual nada póde, nem o tempo, nem o odio, nem o poder, nem as perseguições.

CAPITULO VII

A Arvore da Vida

São numerosas, na Sagrada Escriptura, as comparações tiradas das arvores (Math., III, 10-VII, 17-VII, 18-XII, 33, etc.) e, na linguagem de Jesus Christo, taes comparações se referem quasi sempre á Egreja (Math., XIII, 32).

A primeira allegoria da Egreja encontra-se na descripção do paraizo terrestre, no principio do mundo.

O Senhor Deus tinha plantado desde o principio um paraizo de delicias, no qual poz o homem que tinha formado.

E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda a especie de arvores formosas á vista, e de fructos doces para comer: e A ARVORE DA VIDA *no meio do paraizo e a arvore da sciencia do bem e do mal.* (Gen., II, 8, 9).

O paraizo é o mundo ainda virgem do peccado.

No centro d'este mundo Deus creou A ARVORE DA VIDA; creou tambem a arvore DA SCIENCIA do bem e do mal.

Estas duas arvores não produziram fructos de virtudes especiaes, mas foram assim denominadas por Moysés, talvez porque o fructo da primeira arvore era ACONSELHADO por Deus, como elemento nutritivo; e o segundo como objecto de PROHIBIÇÃO, para experimentar a sua fidelidade ao Creador.

Tal é a opinião de Sto. Agostinho (De Gen. ad litt. l. VIII, c. VI).

Podemos ver, entretanto, nesta ARVORE DA VIDA a allegoria á Egreja Catholica, cuja doutrina é a vida das almas, como podemos ver na ARVORE PROHIBIDA a imagem do peccado.

A arvore da vida é a Egreja, o Papa, o chefe da Egreja, que está collocado no meio do mundo para orientál-o, dirigil-o, como um pharól á beira do oceano, serve para orientar a marcha dos navegantes.

Vamos estudar aqui as partes constitutivas desta ARVORE DA VIDA.

I. O tronco, que é Pedro

Póde-se considerar numa arvore uma parte immutavel, invariavel: é a arvore como tal. Pouco importam as dimensões: a altura, largura, e firmeza de suas raizes: são méros accidentes. Uma arvore não depende destes accidentes, mas de sua constituição intima, que faz que uma

laranjeira seja laranjeira e não mangueira. E' uma arvore: póde crescer, estender-se, tornar-se um colosso... sempre será a arvore, ou laranjeira, ou mangueira ou qualquer outra.

Mas, ficando a arvore o que é, ella se desenvolve, cresce, porque tendo vida, é o proprio da vida o desenvolver-se.

Temos, deste modo, a immutabilidade de seu tronco e, como tal, a sua seiva activa, o seu desenvolvimento, a harmonia entre as suas diversas partes e os fructos que deve produzir.

O perigo das instituições humanas é a mobilidade.

O homem póde sempre desfazer o que fez. Somente as obras de Deus são eternas e immutaveis.

O santo homem Job tinha razão quando dizia que nem os proprios santos são immutaveis — *Ecce inter sanctos ejus, nemo immutabilis.* (Job, XV, 15) mas *Deus não muda* (Malach., III, 6) e as suas obras são eternas.

Por isso o throno de Pedro, sendo, como acima provámos, uma obra divina, e uma obra que tem as promessas da *immutabilidade,* esta obra domina o mundo, e o dominará sempre, apesar dos esforços conjunctos do inferno, do mundo e da carne.

Os homens passam... os seculos succedem-se... a impiedade empurra a impiedade... os imperios ruem e sepultam uns aos outros; e

acima das vicissitudes do mundo está sempre firme e sorridente o throno eterno de Pedro... a dynastia dos papas... *a columna e o firmamento da Verdade.* (1, Tim., III, 15), a qual é o Papado.

Si Jesus Christo tivesse deixado aos Apostolos o cuidado de dar uma Constituição á sua Egreja, Elle poderia deixar tambem o cuidado de modificar esta Constituição para adaptal-a á situação, aos tempos e necessidades.

Mas não, nada disso. Elle mesmo fez tudo sem intervenção dos homens. Agiu como Deus Soberano.

O mesmo poder que lançou no espaço as estrellas, numerosas como as areias das praias maritimas, chamou Pedro e os Apostolos.

A mesma omnipotencia que deu ás estrellas e aos planetas a sua grandeza, as suas leis e attracções harmoniosas, que devem dirigil-os, deu tambem ao Papa, aos bispos e aos sacerdotes, poderes differentes, mas divinos, que não podem modificar, nem destruir.

Papado, episcopado, sacerdocio, Evangelho e Sacramentos — tudo isso está fóra do homem, está acima do homem, imposto solennemente por Aquelle que não disse aos Apostolos: *Edificae a Egreja,* mas que disse a um delles: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja.*

E' Elle, o Christo, que vai edificar a Egreja.

E esta Egreja é a Egreja d'Elle, unicamente d'Elle.

E esta Egreja D'ELLE, construida POR ELLE, é construida SOBRE PEDRO.

Pedro é como o signal exterior visivel, de modo que si alguem duvidar ou hesitar onde está a Egreja de Christo, basta olhar onde está Pedro, e ali estará a verdadeira e unica Egreja de Christo.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia.

E' um signal ao alcance de todos, visivel para todos. E' um signal divino.

Et hoc vobis signum. (Luc., II, 12).

A constituição da Egreja é pois IMMUTAVEL, porque é a obra directa, pessoal e indefectivel do proprio Jesus Christo.

Ella o é ainda por outra razão, de outro modo mais maravilhoso ainda, — e peço bem notar este facto, — pois elle é, ás vezes, esquecido e este esquecimento tem consequencias desastrosas.

Os poderes divinos, que Jesus Christo deu ao Papa, aos bispos e aos sacerdotes, Elle os imprime em suas almas, de modo que ninguem póde arrancál-os.

Elle estabeleceu um SACRAMENTO, cujo effeito é imprimir um caracter divino na alma de seus ministros: caracter indelevel, eterno, que, uma vez impresso, não póde ser apagado por ninguem.

O mais humilde dos sacerdotes, desde que recebeu a imposição das mãos, *é sacerdote para a eternidade.*

Nem o Papa, nem os bispos, mesmo reunidos em concilio ecumenico, podem fazer que um sacerdote não seja sacerdote.

Si não tivessem mais confiança nelle, poderiam então tirar-lhe o exercicio do poder, retirar-lhe o campo de acção, mas, sempre lhe ficariam poderes que attestam a sua dignidade eterna, em particular o maior de todos: o poder de consagrar o Corpo e o Sangue de Christo, poder este que não póde nunca ser invalidado porque o proprio Deus é o objecto directo deste poder.

O mesmo se deve dizer do bispo. O Papa pode retirar-lhe a diocese, mas não póde retirar-lhe o caracter.

E chegando á suprema autoridade da Egreja, o Papa, podemos continuar o mesmo raciocinio.

O Papa, uma vez legitimamente eleito, é Papa para a eternidade e não há poder, humano, ou divino, que possa retirar-lhe o caracter sagrado e divino de sua autoridade.

Todos os bispos do mundo inteiro podem reunir-se em concilio e nada podem contra o Papa...

Si o Papa não se unir a elles, a reunião delles não póde ser ecumenica e nem gozar da infallibilidade. A autoridade reside no Papa, só

no Papa, e no concilio quando o Papa o preside ou manda alguem presidil-o.

O sacerdocio é unico: o sacerdocio de Christo, como Sacramento, e este sacerdocio está no sacerdote, no bispo e no Papa, porém, não com a mesma plenitude.

O sacerdocio tem a sua plenitude no bispo, como ORDEM; e tem a sua plenitude como AUTORIDADE, no Papa.

O Papa é como o TRONCO da grande e frondosa arvore da Egreja.

Elle é o representante de Christo na terra, é o chefe da Egreja, mas não é simplesmente um chefe que domina pela sua dignidade e pelo seu poder; é um chefe que tem o seu throno na alma de cada catholico.

Olhando para as florestas virgens, vêem-se por cima da luxuriante vegetação arvores seculares que dominam o conjuncto e parecem querer sentar a sua copa verdejante em cima das outras arvores que a cercam.

Examinando o colosso por baixo, vemos que elle tem as suas raizes, por baixo das outras arvores; que o seu tronco forte e possante sáe das entranhas da terra, unindo deste modo a força á grandeza, a solidez á imponencia.

Assim acontece com o papado.

O Papa domina o mundo pela autoridade divina, que representa e exerce sobre os outros, mas esta autoridade está como arraigada na al-

ma do christão... E' uma autoridade que vem ao mesmo tempo do céo, mas lança as suas raizes no amago das almas, de modo que, si esta autoridade é divina pela instituição, ella é humana pelo respeito, pela veneração, com que a recebem e sustentam os homens.

E' uma outra face do esplendor do throno de Pedro, e não é a face menos interessante, embora menos conhecida.

Procuremos penetrar nestes novos abysmos onde veremos reluzir, com egual fulgor, a majestade divina e a majestade do throno do Papa.

II. Os ramos, na hierarchia

Mas eis outra maravilha.

Todo tronco de arvore é corôado de ramos.

Os ramos e os galhos, embora não constituam a arvore, são uma parte integrante da mesma.

Na Egreja, o tronco é Pedro.

Mas Pedro não póde ficar só.

O DEVER é correlativo ao DIREITO, e os subditos são correlativos aos superiores, a hierarchia é correlativa ás obras divinas.

Deus não age por si, mas age pelas causas segundas. Elle é a causa primeira, e como causa primeira Elle põe em movimento as causas segundas.

O Papa não deve ficar isolado.

Elle é a primeira autoridade... deve haver outras autoridades subordinadas...

E o conjuncto destas autoridades, abaixo do Papa, mas unidas ao Papa, chama-se a hierarchia ecclesiastica.

A harmonia desta hierarchia é uma das mais refulgentes provas da divindade da Egreja.

Deus communica aos seus ministros poderes divinos, que estudámos no capitulo precedente.

Mas, não sómente lhes communica estes poderes, mas OS IMPRIME na alma, por meio de um caracter indelevel.

E não sómente lhes imprime na alma o caracter deste poder, mas até os limites deste poder; collocando deste modo, com mão firme e divinamente previdente ao bem e ao funccionamento da hierarchia, pela qual um membro está sujeito a outro, e não póde intrometter-se nas funcções do outro, sem usurpál-as e isso sem que haja possibilidade de confusão, de encontro, de choque ou de rivalidade.

O sacerdote, pela sua ORDENAÇÃO recebe o poder de baptisar, de absolver, de consagrar, porém não recebe o poder de ordenar, de fazer novos sacerdotes.

Não tendo este poder pelo seu caracter sagrado, ninguem póde dál-o, nem o Papa, nem os bispos.

Por este facto, elle é obrigado a inclinar-se

diante do bispo, que tendo poderes mais altos que o sacerdote, é o seu superior por *direito divino.*

O mesmo acontece com o bispo.

Em sua SAGRAÇÃO, elle recebe poderes magnificos, o poder de confirmar, de ordenar, de crear sacerdotes; porém há um poder que elle não recebe, que é o de ensinar INFALLIVELMENTE.

Todos os bispos reunidos não o possuem mais que um bispo isolado. Perante esta inferioridade elles são obrigados a inclinar-se diante do Papa, que é o unico que possue a autoridade universal e infallivel.

Nada há de semelhante nas sociedades humanas.

Nada de tudo isto existe nas seitas religiosas fundadas pelos homens, onde as dignidades são simplesmente externas.

O poder que os homens dão é uma dignidade que affecta apenas o corpo e não penetra até á alma.

As consequencias deste facto são palpaveis e de todas as épocas.

O menor sopro revolucionario derruba reis, presidentes, governos, sociedades e seitas religiosas, emquanto as mais violentas tempestades nada podem contra o caracter sagrado impresso na fronte do sacerdote, do bispo e do Papa.

Perseguido, expulso, encarcerado, o padre

é sempre padre, o bispo é sempre bispo, o Papa é sempre Papa.

O povo lhes obedece quando estes estão encarcerados, como quando estão sentados em cima de seu throno, pois a hierarchia permanece inalteravel.

Desta completa immutabilidade proveniente do caracter sagrado, resulta a HARMONIA no respeito, e a veneração no amor.

O padre venera o bispo, em cuja fronte resplandece a plenitude do sacerdocio.

O bispo venera o Papa, sobre cuja cabeça refulgem a infallibilidade e a autoridade soberana.

Por sua vez, o Papa venera o bispo, seu egual em poderes de ordem, e ambos veneram o sacerdote, que não é inferior a nenhum delles, no que há nelles de mais sublime: o poder de consagrar o corpo e o sangue de Jesus Christo, e aos pés do qual ambos ajoelham-se para confessar as suas fraquezas e alcançar o perdão.

Deste modo, o respeito, o amor, a veneração, a obediencia, como os anjos na visão de Jacob, sobem e descem ao longo desta escada divina, que é a hierarchia catholica.

A' medida que vamos estudando a immutabilidade do throno de Pedro, na admiravel hierarchia que fórma o seu pedestal e a sua auréo-

la, descobrimos, a cada passo, novas maravilhas.

A harmonia é o proprio das obras divinas como a desordem é o proprio do erro e do vicio.

Job querendo dar uma idéa do inferno, nos diz que *é o lugar onde há sombras de morte, onde não há nenhuma ordem, e onde habita um eterno horror,* (Job, X, 22), e falando do céu, elle diz que é *a suprema harmonia* (Job, 38, 37).

A Egreja de Jesus Christo é igualmente a suprema HARMONIA: harmonia na ORDENAÇÃO, harmonia nos PODERES outorgados, harmonia ainda na MISSÃO conferida.

Não basta ter o poder, é preciso ser enviado para exercer este poder.

A ORDENAÇÃO dá o poder.

A MISSÃO determina o exercicio deste poder. Não basta ser padre, ser bispo; é preciso ser enviado, receber uma missão, ou um mandado.

Jesus Christo disse a Pedro e aos Apostolos: *Do mesmo modo que meu Pae me enviou a mim, eu vos envio.* (Joan., XX, 21).

O successor de Pedro, o Papa, diz aos bispos successores dos Apostolos: *Do mesmo modo que o Christo me enviou a mim, eu vos envio.*

O bispo, por sua vez, diz aos padres, seus auxiliares: *Do mesmo modo que o Papa me enviou a mim, eu vos envio.*

Admiravel hierarchia de poderes e ineffavel

transmissão de MISSÕES, que prova a vida fecunda da Egreja, e nos apparece como um fio conductor, visivel aos olhos, através dos esplendores da união da Egreja divina.

Há uma missão, um mandado.

A esta missão está ligado o DEVER de velar, de julgar e de transferir as pessôas enviadas, conforme ás necessidades do momento, e até o DIREITO de reprehendêl-as.

Este dever e este direito da parte dos superiores sobre os inferiores dão á hierarchia catholica o movimento, a flexibilidade que o mundo admira, mas não sabe comprehender.

O padre, no fundo do seu presbyterio, que viesse a desfallecer ou tornar-se indigno de seu sublime ministerio, seria logo interdicto pelo seu bispo; em caso semelhante o bispo o seria pelo Papa; e este pensamento é um verdadeiro preservativo, que o sustenta, o afasta do mal, para conservar-se na auréola de sua grandeza de representante da Egreja e de ministro de Deus.

III. A alma da Egreja

A alma é o principio da vida.

Tudo o que vive tem uma alma.

As plantas têm uma alma vegetativa: *crescem.*

Os animaes têm uma alma sensitiva: *sentem.*

Os homens têm uma alma racional: *raciocinam.*

A Egreja tem uma alma divina: *diviniza.*

O que acabámos de ver constitue o corpo da Egreja e a sua estructura physica e material.

O tronco e os ramos de uma arvore, nada valeriam si não fossem fecundados pela seiva que os vivifica.

A Egreja tem, pois, uma alma.

E qual é esta alma?

Lembremo-nos da scena magnifica da creação de Adão.

Depois de ter tomado em suas mãos veneraveis um pouco de barro, depois de têl-o amassado e ter formado delle o corpo do homem, de repente Deus tira de seu proprio coração um sopro de amor, e eis que a estatua de barro por elle formada anima-se, abre os olhos, o coração bate... e a humanidade começa.

E' a imagem imperfeita do que aconteceu no berço da Egreja.

Ella está creada nas articulações divinas, as suas grandes arterias estão formadas; mas onde está o sopro que porá este corpo em movimento?

Jesus Christo o prometteu antes de dar, quando disse: *Tenho ainda muitas cousas a dizer-vos, mas vós não as podeis comprehender agora; quando vier, porém, o Espirito de verdade, elle vos ensinará toda a verdade.* (Joan. XVI, 12, 13).

Eu vos disse estas cousas, permanecendo comvosco; mas o Consolador, o Espirito Santo, a quem o Pae enviará em meu nome, elle vos ensinará todas as cousas, e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito. (Joan., XIV, 25, 26).

Tudo isto está ainda no futuro. E' uma promessa; mas esperemos a resurreição, e Jesus agindo como chefe da humanidade resgatada, falará com toda a majestade e a autoridade de Deus: *A paz seja comvosco! Assim como meu Pae me enviou, tambem eu vos envio a vós.*

Tendo dito estas palavras, soprou sobre elles, e disse-lhes: Recebei o Espirito Santo! (Joan., XX, 22).

No começo do mundo *Deus soprou sobre a fronte de Adão, e creou nelle uma alma vivente.* (Gen., II, 7).

Aqui Jesus Christo sopra sobre a fronte de sua Egreja — *et insufflavit in eos* — e faz della uma sociedade vivente — *Accipe Spiritum Sanctum* — e eis porque, logo em seguida, com uma palavra omnipotente, elle a lança no espaço, como lançou Adão no espaço do mundo, dizendo: *Euntes ergo. — Ide, pois, ensinae todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.*

E' uma das primeiras manifestações da alma que deve vivificar a Egreja. Não é ainda a

solenne investidura. Esta ultima terá lugar na occasião de Pentecostes.

E' outra scena divina...

Dez dias depois da Ascenção, os Apostolos com São Pedro, retirando-se á solidão, conforme a prescripção de Jesus, para preparar-se ao officio de chefe da Egreja, *de repente, pela manhã, eis que um ruido, como um vento impetuoso, encheu toda a casa onde estavam sentados, e appareceram destacadas, umas como linguas de fogo, que se puzeram sobre cada um delles.*

Logo ficaram todos cheios do Espirito Santo. (Act., II, 1-4).

Então, Pedro, apresentando-se com os onze, levantou a voz ... (Act., II, 14). *E os que receberam a sua palavra foram ... cerca de três mil pessôas.* (Ibid., 41).

Sob o sopro de Deus, Adão levantou-se, e começou a cantar, em extase.

A Egreja levanta-se egualmente sob o sopro do Espirito Santo, que desceu sobre ella, e começa a falar, a agir e converter o mundo; e nesta acção fecunda sente-se em toda parte o influxo vivificante do Espirito Santo.

O corpo da Egreja é bello, harmonioso, mas o que é mais harmoniosa ainda e mais bella é a sua alma: é o Espirito Santo que a anima.

Os inimigos da Egreja estão singularmente illudidos a este respeito. Que podem elles contra a Egreja?

Encarcerar um Papa?

Exilar uns bispos?

Assassinar uns padres?

Demolir umas egrejas?

Mas tudo isso é pequenino, é mesquinho, é baixo!

O que seria preciso é destruir a alma da Egreja, estrangulál-a.

Mas como fazer isso, quando nem se póde tocar á alma de uma criança!

Oh! perseguidores! Oh! poderosos! Deus póde entregar-vos o corpo; porém, há uma cousa que nunca segurareis: é a alma!

A alma é inexpugnavel, incomprehensivel, irreductivel. Ella desafia todas as forças do universo.

Procurae-a sobre os labios, e ella se retira.

Procurae-a nos olhos, e ella apaga a sua chamma.

Ella quer calar-se; como fazêl-a falar?

Ella quer falar; como fazel-a calar-se?

E' uma palavra, é um gesto, um olhar, um sopro.

E' menos que isso.

Abri os olhos, estendei a mão. Que é que seguraes?

Nada. A alma falou!

E si nada podeis contra a alma de uma criança, que é que podeis contra a alma divina da Egreja?

Há 19 seculos que a impiedade, o vicio e a loucura procuram arrancar a alma á Egreja.

Que conseguiram elles?

Cahiram; e sobre o seu tumulo a Egreja, sempre triumphante, canta o seu "*De-profundis!*". Ella está sempre viva e sempre gloriosa... até no sangue de seus filhos... triumphante até nas fogueiras e sob a espada de seus perseguidores.

Não se prende a alma da Egreja, porque esta alma é o Espirito Santo: é Deus.

Conta-se de Cesar que no meio de uma tremenda tempestade, vendo o piloto tremer, ao ponto de desanimar, bradou-lhe indignado: Que temes tu? Carregas Cesar!

Era uma palavra sublime, embora orgulhosa. O christão póde dizer melhor, em frente á tempestade do odio, da calumnia, do sangue e do lodo que avassalla a Egreja, elle brada: Que temes tu? Carregas o Christo!

Chegados aqui, podemos agora aperfeiçoar a nossa primeira definição e dizer que *a Egreja é a sociedade das almas na fé e no amor de Deus, sob a direcção invisivel de Jesus Christo e o governo visivel do Papa, o seu representante.*

IV. A vida da Arvore

Conhecemos o corpo, e conhecemos tambem a alma.

Da união destes dois elementos constitutivos resulta A VIDA.

A vida da Egreja. Que vida será esta?

A vida é tanto mais nobre e mais elevada quanto mais nobre é a alma que anima o corpo.

E a alma da Egreja, acabamos de vel-a, é o Espirito Santo... QUE VIDA DIVINA deve, pois, circular nas veias deste corpo admiravel que é a Egreja! Vida divina que sáe do Papa, como do coração, passa pelos bispos que são as grandes arterias deste corpo, ramifica-se pelos padres que constituem a pequena circulação e que communica o sangue a todas as partes do corpo.

Estudemos um instante esta vida. E' um novo mundo de maravilhas que se descortina diante de nós.

Que é a vida?

E' essencialmente um desenvolvimento.

Ella suppõe duas cousas: uma parte invariavel sem a qual o sêr desappareceria e uma parte variavel sem a qual o sêr se petrificaria. São dois extremos.

Si nada ficasse, o sêr deixaria de existir; si nada mudasse, não haveria vida.

Darwin esforçou-se para fazer da continua mudança a lei do mundo. E' um erro. Para que uma cousa mude, é preciso que outra cousa fique.

Quantas cousas há que nunca mudam: os elementos, a estructura das plantas, a marcha dos astros, o homem, etc.

Em geral, o que é *constitutivo* não muda, pois é o carimbo do Mestre e ninguem nelle póde tocar.

Depois de 5 ou 10.000 annos, o homem é sempre o homem. As mumias do Egypto não differem dos embalsamados de hoje.

Mas si há uma parte INVARIAVEL, há tambem uma parte VARIAVEL, e é esta parte que constitue o desenvolvimento, o progresso, a vida.

A VARIABILIDADE affecta todos os seres vivos.

Ora, si a Egreja de Jesus Christo vive, nella deve encontrar-se, ao lado da parte invariavel, um desenvolvimento continuo e progressivo, que é o signal da vida.

Os theologos fazem notar que as obras de Deus se dividem em duas categorias: As primeiras, que Deus faz em sua adoravel Trindade, e que se chamam *ad intra;* as segundas, as que Deus produz no mundo exterior, e que elles chamam *ad extra.*

As obras ad intra, sendo de Deus e para Deus, são immutaveis, invariaveis.

Eternamente o Pae ama o Filho.

Eternamente o Filho ama ao Pae.

Eternamente, deste amor mutuo procede o Espirito Santo.

Mas quantas obras Deus fez para os homens! E estas obras mudam, variam, porque o homem muda.

Encontramos o mesmo phenomeno na Egreja.

A Egreja é OBRA DE DEUS e como tal é immutavel.

Mas ella é FEITA PARA OS HOMENS e como tal ella deve mudar, deve progredir, deve seguir o homem, e o homem progride.

Em todas as obras de Deus, encontramos estes dois caracteres. Procedendo de Deus ellas são immutaveis; feitas para o homem, ellas se desenvolvem.

E a Egreja, a obra-prima de Deus, não póde escapar a estas regras geraes.

A Egreja é immutavel, não como as pyramides do Egypto, mas como uma ARVORE, ou como um destes immensos cedros das montanhas, cujos pés estão solidamente arraigados, enfrentando as tempestades e emquanto fica firme, inquebrantavel, a seiva circula, os ramos crescem, as folhas abrem-se e as flores desabrocham.

Si um ramo secca, outro o substitue, e nesta exuberancia de vida elle estende em redor de si a sua grande sombra que serve de repouso aos viandantes.

Eis a imagem com que Jesus Christo nos representa a sua Egreja, em seu duplo elemento constitutivo: a IMMUTABILIDADE e o PROGRESSO.

E' a parabola do grão de mostarda: *Mini-*

mum quidem omnibus seminibus, et fit arbor. (Math., XIII, 32).

*
**

Taes são as leis fundamentaes da Egreja. Vejamos agora, um instante, os factos corroborando estas leis.

Contra estas duas leis, a immutabilidade e o progresso, dois inimigos se levantaram, procurando achar em falta os dois principios enunciados.

Os primeiros pretendiam fazer MARCHAR a Egreja junto com elles, com o seculo, modas, usos e abusos.

Mas é impossivel. A Egreja é immutavel em seu sêr, immutavel em sua luz, immutavel em seu amor.

Outros procuravam PETRIFICAR a Egreja, prégal-a ao chão, condemnal-a á uma inercia de mumia.

Mas, de novo, é impossivel. A Egreja tem o progresso do sêr, o progresso da luz, o progresso do amor.

E' pois estes dois caracteres, magnificamente unidos, que ella confunde os seus inimigos e extasia os seus filhos, provando a ambos que ella possue verdadeiramente a vida em si. — *In ipso vita erat.* (Joan., I, 4).

E como a Egreja não seria immutavel?

Ella é A VERDADE, e a verdade não muda.

Ella tem a PALAVRA DIVINA, e tal palavra não muda.

Para quem foi fundada a Egreja?

Para as almas. Ora, todas as almas são creadas á imagem de Deus.

E por quem foi ella fundada?

Por Jesus Christo. Ora, o Christo é Deus e não muda.

E por bella que seja esta immutabilidade, esta immobilidade granitica, há cousa mais bella ainda nesta Egreja: é o seu progresso, o seu desenvolvimento successivo e continuo.

Este progresso é o milagre dos milagres.

Que era esta Egreja ao sahir do Cenaculo?

Um pequeno germen, ao ponto de vista de seu sêr, de sua doutrina e de seu amor.

Um pequenino germen confiado a homens fracos, e este triplice germen tornou-se a religião da humanidade e do mundo inteiro.

Não precisamos de outras provas: Uma tal religião é divina.

A Egreja tem um corpo, uma alma e uma vida propria que se desenvolve, que se dilata, emquanto o corpo e a alma são immutaveis e solidos como o rochedo no meio das ondas furiosas do mar.

A vida da Egreja é a vida de uma arvore, cujas raizes mergulham e se fixam nas entranhas da divindade, emquanto o seu tronco cresce, os seus ramos se estendem e vergam sob o

peso das flores e dos fructos que continuamente ella offerece á humanidade.

V. Crescimento continuo

A Egreja catholica, tendo uma vida propria, deve estender-se, deve crescer, expandir-se continuadamente.

Há só dois declives na vida: um montante, de baixo para cima; outro descendente, de cima para baixo.

O primeiro sobe do berço para as alturas da vida plena.

O segundo desce da vida plena para o tumulo.

O primeiro é o progresso: o segundo é a decadencia.

Todo ser vivo está sujeito rigorosamente a uma ou a outra destas leis, o que fez dizer aos physiologistas: "Ou crescer ou decair!", "ou subir ou descer."

Uma sociedade que não cresce mais, ou em numero ou em valor, ou em firmeza, é uma sociedade roida pelo verme da decadencia.

Ora, a Egreja não póde conhecer a decadencia. O Christo disse: *as portas do inferno nunca prevalecerão contra ella.*

Tem pois de crescer...

Este phenomeno é visivel: Há paizes que perdem a fé, que se desligam do rochedo de Pedro... é certo; mas olhai do outro lado, e vereis outras nações que se civilizam, que se convertem e entram na Egreja catholica.

A Egreja póde perder de um lado, mas ganha de outro; numa arvore há galhos mortos que a tempestade arranca, porém ao lado dos que desapparecem, o orvalho beija as folhas novas, os rebentos que o calor do verão faz brotar.

A arvore fica... o tronco não muda... mas sob o seu envolucro ferve a seiva viva, que desenvolve a arvore e a faz, cada anno, produzir novos fructos.

O padre Lacordaire, numa de suas conferencias, representa *o mundo* sob a figura de um viandante, batendo á porta do Vaticano.

A FE', sob a figura do Papa, mostra-se na entrada e pergunta ao mundo:

— Que quereis de mim?

— Mudança, responde o mundo.

— Eu não mudo.

— Mas tudo mudou e continúa a mudar neste mundo.

— Porque és tu sempre o mesmo?

— Porque sou de Deus e Deus não muda.

Esta palavra será sempre a ultima da Egreja catholica: Ella não muda.

Não muda, mas, como temos visto, não é uma immutabilidade granitica, é a immutabili-

dade da arvore que cresce, floresce e dá fructos, mas permanece sempre a mesma arvore.

Simile est regnum cœlorum grano sinapis (Math., XIII, 31).

Quando Jesus Christo plantou a semente de sua Egreja no coração de seus Apostolos, que era ella?

Que eram elles?

Um grão de mostarda, plantado em um terreno ingrato.

Mas este grãozinho sáe da terra, que devia suffocal-o; este grãozinho cresce, desenvolve-se, apesar das fogueiras de Nero e dos rios de sangue de Domiciano, que procuram matal-o.

Eis a haste que apparece... Ella cresce sempre... produz flores, produz fructos... invade o mundo.

Procuram arrancal-a... Ella resiste.

Procuram cortal-a... Ella não morre.

Procuram afogal-a no sangue... Ella se levanta mais bella.

Tudo isso é divino... E' o dedo de Deus: *Digitus Dei est hic.*

O espectaculo mais curioso que se póde imaginar é ver os Apostolos sahirem do Cenaculo dividindo entre elles o universo, e indo com a cruz numa mão, tendo na outra o bastão do viandante, prégar ao mundo inteiro o Evangelho que receberam de Jesus Christo; e notem-no bem: que Evangelho!

Prégam um Evangelho que accusa de falsidade, de abominação, de impostura e embuste tudo o que o mundo pagão acreditava e considerava actos religiosos.

Os Apostolos, sem medo, sem vacillação, sem distincção, elevam-se contra todos os abusos, exigem a destruição dos templos erigidos em honra das divindades, pisam com os pés os idolos e fazem adorar um homem Deus, ignominiosamente morto no patibulo da cruz.

⁂

A um destes audaciosos reformadores, um dos sabios do Areopago de Athenas, o qual tinha vindo escutal-o por curiosidade, disse-lhe, talvez, admirado de tanto zelo e tamanha convicção:

— Este Mestre de quem vós falaes com tanta admiração, transmittiu-se, sem duvida, meios certos de successo?

— Não, responde o Apostolo. Elle nos disse simplesmente: *Ide, ensinae a todas as nações*, e nós Lhe obedecemos.

— Sem duvida, calculaes attrahir o povo pela isca do prazer, das honras, das riquezas?

— Não! nós não promettemos, na vida presente, outra cousa sinão humilhações, soffrimentos, pobreza. E tal é a unica cousa que esperamos.

— Mas, pelo menos, o vosso Mestre prepa-

rou o coração dos reis e dos povos para acolher-vos?

— Não! Elle nos disse que seriamos odiados, perseguidos, estrangulados e os nossos corpos já trazem os estigmas sangrentos dos golpes que temos recebido.

— Elle vos deu, sem duvida, ouro, para attrahir a multidão ávida, e fazer viverem na opulencia aquelles que tudo abandonam para vos seguir?

— Não! Nada disso: Elle nos prohibiu levar ouro, provisões, até duas tunicas, e exigiu que vivessemos pobres e desapegados deixando até as nossas casas, nossos campos, nossos paes e nossos irmãos!

— Mas, pelo menos, Elle vos deu armas para defender-vos, afastar os inimigos e castigar aquelles que vos atacam?

— Não! Nada de tudo isso: Elle nos mandou como ovelhas no meio dos lobos, dizendo que apresentassemos a face áquelles que nos quizessem bater, que rezassemos pelos nossos inimigos, fizessemos o bem a todos.

— E' preciso que o vosso Mestre tenha tido uma confiança illimitada em vosso saber, em vossos talentos, em vossa eloquencia!

— Não, não! Elle nos escolheu, porque eramos o que havia de mais insensato, de mais fraco, de mais desprezivel e recommendou-nos que evitassemos toda intriga e toda duplicidade.

O sabio Areopagita, já espantado, esbugalhou os olhos... examinou este homem, e, num gesto de desdem, de supremo desprezo, exclamou:

Mas, então, sois uns loucos!

E o Apostolo, abençoando aquelle que humanamente tinha razão, retirou-se feliz por ter tido a occasião de soffrer um pouco de ignominia por Jesus Christo.

E eis que, pouco a pouco, os *poderosos* do seculo humilham-se, os *philosophos* racionalistas abjuram a sua sciencia, e abandonam os seus raciocinios, os faustosos *gozadores* tornam-se pobres... o *mundo* torna-se christão, e a Egreja estende-se em todas as nações, penetra os desertos, os imperios, senta-se nos thronos como se senta sob a choça do pobre... renova o mundo... faz um mundo novo... inclina-se sorridente sobre o berço onde nasce o homem, e deixa cahir as suas lagrimas sobre os tumulos que se fecham.

Na verdade: E' incrivel!...

Incrivel?... Sim... Mas é assim...

Logo, é DIVINO!

Hoje a Egreja é a primeira força do mundo.

Ella venceu três cousas que nenhum homem póde vencer!

Ella venceu *o tempo, o espaço, o proprio homem.*

Ella venceu o tempo. Quem póde duvidar disso?

Percorrei a lista immensa, ininterrupta dos papas, desde S. Pedro até Pio XII, actualmente reinante.

São os seculos que se succedem... mas os papas succedem-se tambem.

Releiam a lista dos 100 primeiros papas, que foi publicada em o capitulo IV deste livro.

São 8 seculos que alli estão representados.

Leiam depois a continuação desta lista, no fim deste estudo, e verão que a Egreja, que o papado venceu verdadeiramente O TEMPO.

E o espaço?

E' outra victoria.

As nações têm as suas fronteiras bem determinadas: fronteira das raças, fronteira das nações... A Egreja catholica não conhece nem nacionalidades, nem raças: ella é UNIVERSAL... catholica.

Ha 1900 annos estavam reunidos em uma pobre sala de Jerusalém — era o seu Belém, — 12 humildes pescadores; havia alli uma mulher e um representante de Christo: o primeiro Papa, S. Pedro.

Pedro e Maria Sma. estavam ajoelhados com os onze.

Partiram deste Cenaculo, partiram doze de Jerusalém.

O Imperio romano massacrou uns em caminho, lançou outros nos carceres e arrastou-os sobre os cadafalsos sangrentos.

Passaram-se uns annos, os Apostolos voltaram, reuniram-se em redor de seu chefe, Pedro: eram um milheiro apenas.

Após 10 seculos, elles eram o Episcopado do mundo catholico, representando todas as nações, todas as raças e todas as fronteiras, e sobre o tumulo de Pedro cantam o triumpho da Egreja catholica que venceu o espaço constituindo, hoje, a Egreja universal.

A Egreja é, deste modo, UM PODER que venceu O TEMPO e O ESPAÇO, venceu o que é mais difficil de ser vencido, O PROPRIO HOMEM.

Ella, a immortal Egreja, tomou o homem, sob todas as suas fórmas, civilizações e desenvolvimento intellectual, tomou-o tal qual elle é, com suas aversões, seus rancores, seus odios e sua teimosia, e transformou-o em outro homem.

O homem pagão se tornou christão.

O barbaro recebeu o baptismo.

Os nomades fixaram-se em sociedades.

Na hora actual mais de duzentos milhões de homens cercam Pedro, para formar esta grande e harmoniosa unidade que é a Egreja catholica.

O homem foi vencido e civilizado, a familia foi vencida e reformada, a sociedade foi vencida e remodelou-se na luz e no amor da doutrina de Jesus Christo.

E' um milagre perpetuo e visivel para todos.

Conclusão

Parece quasi que nos temos afastado do assumpto a tratar: o Papa; mas não. A Egreja e o Papa formam um só elemento.

A Egreja sem o Papa não é mais Egreja, é uma simples reunião de homens, sem idéal, sem movimento, sem cabeça.

O Papa, sem a Egreja, não póde existir, como o filho sem pae não existe.

Para ser PAE é preciso ter filho; e o filho suppõe o pae; são dois termos que se completam, são *a causa e o effeito* de um mesmo phenomeno.

Convém destacar bem esta grande verdade: a immutabilidade da Egreja repousa unicamente *sobre o Papa*. O CHRISTO é o VERBO DIVINO feito HOMEM.

O PAPA é a IMMUTABILIDADE da Egreja, feita HOMEM.

E' a sua perpetua incarnação: a Incarnação da immutabilidade divina em Pedro e em seus successores.

Todas as outras Egrejas poderão desfallecer; uma só é IMMUTAVEL: é a Egreja de Pedro.

Todas as successões apostolicas poderão ter a sua hora de desfallecimento, e até de interrupção; uma jamais se romperá.

Sempre um Papa succederá a outro Papa, e sempre o deposito divino descerá, intacto, immutavel, isento de toda mudança, de um Papa a outro, até ao fim dos tempos.

Deste modo, haverá sempre na Egreja um PADRÃO invariavel, sobre o qual cada Egreja particular poderá confrontar, e medir a sua fé, para ver si ficou fiel á doutrina divina.

Cada Egreja particular, devendo ser apostolica, isto é, devendo remontar, por uma successão ininterrupta, pelos seus Pastores, até os Apostolos, terá um ponto de mira, immutavel, authentico, onde poderá orientar e refazer a sua successão apostolica, caso o tempo a houvesse obscurecido ou destruido.

Examinae a successão dos Pontifices Romanos.

Descei de S. Pedro (1.º seculo) a S. Clemente, (2.º seculo) a S. Victor, (3.º seculo) S. Marcello, (4.º seculo) S. Anastacio, (5.º seculo) S. Symaco, (6.º seculo) S. Gregorio I, (7.º seculo) S. Sergio I, (8.º seculo) até chegar ao seculo 20.º que se abre com Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII.

Remontae depois de Pio XII... através dos

19 seculos, e encontrareis nesta escala luminosa uma successão ininterrupta de Pio XII até S. Pedro.

E' como a ESPINHA DORSAL da Egreja, á qual vêm ligar-se as costellas, os nervos, em redor da qual circulam todos os fluidos vitaes.

Que simplicidade admiravel de se reconhecer através dos seculos!

Que facilidade para as Egrejas verem em que logar ellas estão seguras!

Mas que audacia da parte d'aquelle que fez uma tal maravilha!

Para romper a espinha dorsal de um homem, basta um golpe; é a morte certa.

Os inimigos da Egreja sabem-no perfeitamente, e eis porque se atiram sobre o Papado, para abatel-o, diminuil-o, fazel-o vergar.

Mas é tempo perdido.

A fabula de Lafontaine se reproduz continuamente, ou melhor, continúa-se através dos seculos.

Uma serpente encontrou uma lima e começou a mordel-a...

Seus dentes estragaram-se, gastou-se a lingua e quando, não podendo mais nem morder, nem esfregar a lingua, julga ter acabado com a lima... eram os seus proprios dentes e a sua propria lingua que tinham desapparecido.

Os communistas, divorcistas, anti-clericaes, espiritas, protestantes, atheus, schismaticos, sa-

bem por demais que o Papa incarna a immutabilidade hierarchica, doutrinal e sacramental.

Ha 19 seculos que isso dura.

Durará sempre, porque sempre o mal existirá neste mundo: é a consequencia da liberdade que Deus deu ao homem.

E' um homem contra todos... e nunca puderam vencel-o!

Entretanto é um mortal; elle morre, mas é substituido.

O homem morre, PEDRO E' IMMORTAL.

A violencia, a astucia, e a traição nada podem contra o throno de Pedro.

Hoje, após 1900 annos, nós saudamos, em Pio XII o 262.º annel da espinha dorsal da Egreja, sempre ameaçada e nunca rompida, sempre immutavel e sempre viva e vivificante.

E' a Egreja e o Papa.

A Egreja de Christo.

O Papa da Egreja.

E ambos são de Deus, porque um não póde existir sem o outro.

Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, disse o Mestre.

Pedro, sendo o fundamento da Egreja, não é distincto da Egreja, pois não se póde separar, numa construcção, o edificio e os fundamentos, pois formam um unico e mesmo edificio.

Eis porque convinha estudar o edificio da

Egreja: o seu corpo, a sua alma, a sua immutabilidade, a sua incomparavel fecundidade.

Esta fecundidade, este desenvolvimento, é o mais forte dos argumentos para os espiritos cultos, como tem sido a causa de conversões de protestantes e intellectuaes.

Newman, o grande cardeal Newman, era protestante antes de sua conversão.

Era um homem intelligente, perspicaz, sincero.

Como protestante, escreveu um livro que foi a causa de sua conversão.

Começou a estudar o dogma catholico, e notou que neste dogma ha um movimento continuo.

Tirou logo esta conclusão: o que está em movimento vai SE CORROMPENDO, ou está a se DESENVOLVER.

Tudo muda neste mundo; porém umas cousas mudam porque se corrompem, outras mudam porque se desenvolvem.

Newman estudou, então, as leis que presidem a este desenvolvimento; procurou applical-as ás verdades religiosas, onde a tudo preside uma mudança que, sem alterar a natureza daquellas verdades, communica-lhes uma physionomia nova.

Chegou a convencer-se e a ver, com clareza e evidencia, que o dogma catholico não alcançou immediatamente a sua perfeição, mas que

Deus foi collocando os principios, deixando aos homens, á sua fé e ao seu coração, o cuidado de deduzir as conclusões destes principios.

Foi uma scentelha para a sua intelligencia e para o seu coração. Deixou tudo: posição, porvir, fortuna, para entrar na Egreja catholica, na unica Egreja onde existia este desenvolvimento sem prejudicar á sua immutabilidade.

E' uma das bellezas do catholicismo; é tambem a auréola do seu augusto chefe, o Papa.

E' immutavel... mas desenvolve-se, em crescimento, em perfeição, sob o impulso da vida divina que corre em suas veias... e que é necessariamente fecunda: é a Arvore da vida.

CAPITULO VIII

A depositaria da verdade

O que já vimos da Constituição hierarchica da Egreja é verdadeiramente sublime, e seria o bastante para um homem sincero descobrir nesta hierarchia o dedo de Deus e encontrar nella a prova de sua divindade.

Comparem os leitores, de facto, esta organização a qualquer instituição humana, e verão logo a immensa distancia que as separa. Encontrarão na obra humana o brilho do pensamento talvez de um genio, mas na Egreja encontrarão O FULGOR do poder divino.

Mas não é só isso: vamos adiante e aos maiores pessimistas mostremos o que elles ignoram, e o que lhes revelará uma Egreja que desconhecem, a Egreja verdadeira de Christo: as suas funcções sobre as almas.

Deus creou as almas para a felicidade eterna... mas para que cheguem á FELICIDADE, precisam da VERDADE.

A verdade é a felicidade da intelligencia, como o amor é a felicidade do coração.

E' uma felicidade dupla em seu OBJECTO,

mas uma em seu SUBJECTO; pois a intelligencia e o amor são as duas faculdades de nossa alma.

Para possuirmos a verdade duas condições eram necessarias:

1. que a Egreja possuisse a verdade com uma certeza absoluta.

2. que não pudesse alterar esta verdade.

São estas duas condições que vamos tratar aqui.

1) Deus CREANDO a verdade e confiando-a á sua Egreja: é a *inspiração divina.*

2) Deus ASSISTINDO á sua Egreja para que conserve de modo infallivel esta verdade: é a *infallibilidade* do Papa.

Duas verdades divinamente bellas e humanamente ternas.

I. A fonte da verdade

Os protestantes dizem que cada u mpossúe a verdade e deve interpretal-a tendo para isso uma assistencia especial do Espirito Santo.

E' uma asserção ridicula para quem reflecte.

Mas, então, para que a Egreja? para que os templos? para que as casas de culto? para que os pastores?

Desde que cada um possúe a verdade, podendo explical-a por si, tudo cáe, e a Egreja não tem mais razão de ser: é uma inutilidade.

Entretanto o Christo fundou uma Egreja.

E' indiscutivel.

Elle o affirma em varios logares:

Edificarei a minha Egreja. (Math., XVI, 18).

Quem não ouve a Egreja é um pagão. (Math., XVIII, 17).

Si não escuta, diga-o á Egreja .(Ibd).

A Egreja está submissa ao Christo. (Eph., V, 24).

Desprezareis vós a Egreja de Deus? (1, Cor., XI, 22).

Porque persegui a Egreja de Deus. (Galat, I, 13).

A Egreja orava sem cessar. (Act., XII, 5).

Estes e muitos outros textos provam que Jesus Christo instituiu uma Egreja; e fundou esta Egreja como uma sociedade DIVINO-HUMANA.

E' outra verdade indiscutivel.

Divina, porque o seu fundador é Deus, porque ensina uma doutrina divina, e é ligada á sociedade divina dos Anjos e Santos pela *Communhão* dos Santos.

Humana, porque está neste mundo, é composta de homens e, como tal, deve ser dirigida por homens.

Já temos exposto, minuciosamente, a HIERARCHIA da Egreja.

A autoridade suprema, que tem nas mãos

as chaves do reino do céu, (Math., XVI, 19) é Pedro.

O primeiro é Simão, que se chama Pedro, diz o Evangelho. (Math., X, 2).

Depois e sob a autoridade geral de Pedro vêm os bispos: *O Espirito Santo collocou os Bispos para governarem a Egreja,* dizem os Actos. (XX, 28).

E estes bispos são verdadeiramente os SUCCESSORES DOS APOSTOLOS, pois os Actos já dão este nome ao successor de Judas, o traidor: *Um outro receba o seu episcopado.* — Episcopatum ejus accipiat alter. (Act. I, 20).

E o Apostolo escreve: *Si alguem deseja o episcopado, elle deseja uma obra bôa.* (1, Tim., III, 1).

Como desejar o que não existe?

E o Apostolo continúa a enumerar *as qualidades que deve ter um Bispo*: *deve ser irreprehensivel, sobrio, prudente, honesto, humilde, manso, etc.* (1, Tim., III, 2-7).

São Pedro resume esta autoridade, dizendo: *Vós ereis como ovelhas desgarradas, mas agora vos convertestes ao pastor e Bispo das vossas almas.* (1, Pet., II, 25).

Depois vem o sacerdocio: os Padres, que são como o laço que une a autoridade do Papa e dos bispos ao povo. *Ide,* disse-lhes o Salvador, *eis que eu vos mando como cordeiros entre lobos.* (Luc., X, 3 et seq.).

Eis, pois, a Egreja, sociedade divina das almas, mas estabelecida entre os homens, composta de homens, governada pelos homens.

O Papa, CHEFE UNIVERSAL da Egreja.

O bispo, CHEFE DIOCESANO da Egreja, sob a autoridade do Papa.

O padre, chefe local da Egreja, sob a autoridade do bispo e do Papa.

Tudo isso é divinamente bello, harmonioso e claro.

E é esta a Egreja, assim hierarchicamente organizada que Jesus Christo confia a sua doutrina divina, e que faz DEPOSITARIA da unica e eterna verdade.

Deus teria podido confiar a verdade a cada um em particular; podia, sim, porque é omnipotente, mas não devia, porque seria contrario a todas as leis por Elle estabelecidas neste mundo.

Seria dar a VIDA ESPIRITUAL a quem nem sequer tem a vida material em si mesmo.

Mas isto seria insensato!

O homem não tem a vida em si: nem a vida material, nem a vida espiritual; tudo lhe vem de fóra... absolutamente tudo.

Que é a vossa vida? pergunta S. Thiago e elle responde logo: *E' um vapor que apparece por um instante, e que em seguida se desvanece.* (Jac., IV, 15).

E este vaporzinho, que é o homem, sem con-

sistencia, quereria ter em sua propria intelligencia a vida divina, quando nem sequer tem a vida humana.

Ainda uma vez: é insensato!

E' um orgulho sem limites!

Não, não, é impossivel, tal não é o PLANO DIVINO!

Deve haver um FÓCO DE LUZ para a intelligencia do homem como ha para a sua vida terrestre um FÓCO DE SUSTENTO.

Olhae o mundo physico e observae o que alli se passa.

A criança, apenas nascida, lança um vagido; as suas entranhas commovem-se: *tem fome.*

Ora, que é a fome, sinão a prova sem replica, de que ella não tem em si o sustento da vida?

E onde está este sustento?

Fóra della: no seio materno, que se inclina sobre o seu berço levando-lhe a vida no leite aquecido pelo amor, proveniente de um coração fecundado pela maternidade.

Eis o plano do mundo physico.

Eis tambem o plano do mundo espiritual.

Nós nascemos com a CAPACIDADE de conhecer a verdade, como a criança nasce com a capacidade de receber o sustento da vida.

Mas é uma pura capacidade.

E onde esta capacidade encontrará o que lhe falta?

Em si mesma?

Nunca, pois neste caso teria já em si o que deseja... e ninguem deseja o que já possúe.

E' fóra de si.

E' na Egreja... de Deus... Ahi está a vida, a fonte, o sustento da vida divina.

E' a graça de Deus, a vida eterna, no Christo, diz o Apostolo. (Rom., VI, 23).

Para que a graça de Jesus se manifeste em nós, (2, Cor., IV, 10) é preciso receber da Egreja a verdade divina, que Deus depositou nella. *Ella é o firmamento da verdade,* (1, Tim., III, 15), como a criança recebe do seio materno o elemento que lhe sustenta a vida mortal.

Eis porque os santos chamavam a Egreja a Santa Madre Egreja!

E' uma mãe... e diziam isso enternecidos, tendo as lagrimas de amor e de ternura nos olhos e no coração.

Sancta Mater Ecclesia!

E' do seio eterno e amoroso desta Egreja que dimana a VERDADE, que distilla a verdade na alma do Christão.

Elle não tem esta verdade em si... Deve recebel-a no seio da Egreja!...

Sancta Mater Ecclesia!

II. A inspiração divina

Mas entremos nos pormenores da obra admiravel que estamos analysando.

A Egreja de Christo é a depositaria da verdade.

E como é isso?

São Paulo, numa phrase lapidar, dá a resposta, no preambulo de sua Epistola aos Hebreus:

Deus, diz elle, *tendo falado outróra muitas vezes e de muitos modos a nossos paes pelos prophetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho.* (Hebr., I, 1, 2).

Eis como é feita a fonte das verdades confiadas a Egreja.

Não foi feita de repente ou de uma vez, e por illuminação completa, mas successivamente, lentamente, *de muitos modos,* e *muitas vezes.*

E bastaria este texto, bem interpretado para fazer ruir a pretenção protestante da *inspiração individual* a cada alma em particular.

A inspiração total não é pessoal, mas é confiada por um ensinamento publico, a certos homens escolhidos, inspirados, enviados por Deus, para transmittir a sua doutrina divina.

A inspiração divina póde ser INDIVIDUAL emquanto é feita a uma pessôa, mas ella é UNIVERSAL, emquanto este ensino deve ser transmittido á humanidade inteira.

Ora, si todos os homens são inspirados egualmente, a quem transmittirão elles os ensinos recebidos do alto?

A inspiração é UNIVERSAL ou é PARTICULAR?...

Si é universal, neste caso apenas uns podem ser favorecidos por ella, com a missão de transmittir a verdade revelada aos outros, e neste caso, a inspiração individual protestante cáe, desapparece, não tem razão nem possibilidade de ser.

Si é particular, os inspirados devem guardal-a para si, não fazer propaganda, nem sequer communical-a aos outros, não podendo os pastores prégar as suas doutrinas, nem interpretar a Biblia, pois o Espirito Santo deve falar a cada um em particular, e de novo a tal inspiração protestante rue, estando em plena contradicção comsigo mesmo.

Em um e outro caso estão errados: é um dilemma sem sahida.

Como a verdade catholica é mais simples, mais clara e mais logica!

Deus communica a verdade aos homens, pela INSPIRAÇÃO; no começo, pelos prophetas e depois da vinda de Jesus Christo, pelos Apostolos, communicando-lhes tal verdade, e enviando-os para annuncial-a ao mundo.

E' uma corrente ininterrupta:

De Adão a Noé,
De Noé a Abrahão,
De Abrahão a David,
De David a Isaias,

De Isaias a Jeremias,
De Jeremias a Daniel,
De Daniel a Malachias,
Dos prophetas aos Apostolos,
S. Matheus, Marcos, Lucas, S. João, S. Paulo, etc., etc..

Cada um vem em sua hora, quanto ao tempo, quanto á verdade e quanto aos termos a empregar.

Contenham elles, como Moysés, os mysterios do passado, ou contemplem elles como S. João, um futuro desconhecido, narrem elles, como os Evangelistas, os factos presentes, pouco importa: é a *inspiração divina*: nelles tudo é DIVINO quanto á verdade, e ao mesmo tempo tudo é HUMANO quanto ao modo de dizer.

Cada escriptor conserva o seu genio, o seu caracter, a sua educação, as suas lembranças, as condições externas e internas de sua vida.

Sente-se que é um homem que fala... mas este homem diz: ou cousas divinas, ou cousas humanas, mas as diz divinamente.

E' o verbo de Deus que se faz carne e habita entre nós!

A palavra divina se faz palavra humana e chega aos nossos ouvidos, cheia de graça e de verdade.

E's tu, Senhor, que falaste por minha bocca, eu o teu Servo; exclama Isaias. (Isai., XVII, 21).

O Espirito do Eterno falou por mim, e a sua

palavra estava sobre a minha lingua, diz David (II, Reg., XXIII, 2).

Toda Escriptura foi divinamente inspirada, continúa S. Paulo. (2, Tim., III, 16).

E' sob a inspiração do Espirito Santo, que os Santos de Deus falaram, completa S. Pedro. (2, Pet., I, 21).

E ao mesmo tempo que Deus vai creando e completando esta FONTE DA VERDADE, Elle a approxima da humanidade, colloca-a a seu alcance, proporciona-a á sua força, ao seu desenvolvimento, de modo que não esteja, nem demais alta para os pequeninos, nem demais baixa para os grandes.

Cada escriptor conserva o seu estylo, mas sob este estylo, esconde-se a immensidade do Espirito divino, como sob as variadas cascas das arvores, esconde-se a multiplicidade da madeira.

Eis os livros santos. Eis como foram compostos. Apparentemente é uma desordem; em realidade, é uma ordem admiravel, uma medida, uma progressão, uma harmonia, uma unidade maravilhosas.

Tal um grande mestre de musica dirigindo uma grande orchestra, faz signal a um, depois a outro, excita um e faz parar o outro até terminar a peça de harmonia, assim fez Deus no decorrer dos seculos.

O seu olhar vê e percorre o teclado de quarenta seculos; elle poz a mão, não por acaso, mas ora sobre uma, ora sobre outra tecla, até terminar esta incomparavel peça de harmonia divina, que são os livros inspirados.

Deus disse tudo, não o que sabe, mas tudo o que quer dizer, e o que o homem devia saber.

Não falará mais!

A inspiração está concluida!

A peça de harmonia está completa.

O livro está fechado.

A fonte da verdade está sellada.

O Apocalypse, o livro do futuro fechou para sempre a época da inspiração, que Moysés abriu... pelo Genesis; que S. João fechou em Pathmos.

Homens, approximae-vos desta fonte...

Lêde este livro sagrado... que a Egreja vos apresenta... mas não os livros deturpados, falsificados, interpollados, que o protestantismo espalha.

Escutae a autoridade divina da Egreja, a quem foi confiado este deposito.

Tudo está ahi: as verdades do tempo presente e os segredos do futuro!

III. A tradição e as Escripturas

Tendo creado o deposito sagrado de sua palavra divina, da fonte da verdade, Deus confiou-o á sua Egreja.

E' para isso que instituiu a sua Egreja.

A Egreja é essencialmente uma *depositaria*.

A depositaria deve existir antes do deposito.

A Egreja começou no paraizo terrenal, pela união *dos primeiros fieis*, que foram Adão e Eva, e depois na terra: Adão, Eva, Caim e Abel — depois Seth, Enos, Enoch, Lamech, etc., sendo Adão o Pontifice Supremo da Egreja primitiva.

O primeiro deposito, feito por Deus e confiado á suprema autoridade na terra, foi ainda no paraizo, *oralmente*, para ser transmittido de pae a filho.

O primeiro deposito por escripto foi feito por Deus a Moysés, 2.500 annos após a creação do mundo.

Moysés nasceu 1.500 annos antes de Jesus Christo, tendo havido desde a creação do mundo até Jesus Christo perto de 4.000 annos.

A Egreja primitiva existiu pois 2.500 annos antes de receber as Escripturas, unicamente com o deposito oral da verdade divina que chamamos a TRADIÇÃO.

D'ahi, diversas conclusões a tirar contra a cegueira dos protestantes.

Dizem elles que *basta a Biblia* para conhecer a verdade, e nada reconhecem de *verdade* fóra da Biblia.

Mas, neste caso, a verdade só começou a existir 2.500 annos depois da creação do homem!

Então Deus creou o mundo e o homem na mentira?

Como reconhece um DEPOSITO, sem primeiro reconhecer o depositario?

Si o deposito existe, deve haver um depositario.

O deposito existe. S. Paulo o diz:

O' Timotheo, guardae o deposito. (1, Tim., VI, 20).

O que tem poder de guardar o meu deposito. (2, Tim., I, 12).

Guardae o bom deposito pelo Espirito Santo. (2, Tim., I, 14).

Eis o deposito da verdade.

E a quem foi confiado este deposito?

E' o proprio Jesus Christo que responde a Pedro: *Eu te darei as chaves do reino dos céus.* (Math., XVI, 19).

Este reino dos céus, para nós, é a Egreja.

S. Pedro tem as chaves deste reino.

O que quer dizer que tem A GUARDA do deposito da verdade, para illuminar e confirmar os outros.

E tu, Pedro, continúa Jesus Christo, *uma vez convertido, confirma os teus irmãos.* (Luc., XXII, 32).

Uma segunda conclusão, continuação da primeira.

O Apostolo, no texto supra citado, diz que Deus manifestou a verdade, *MULTISQUE MODIS*, sob diversas fórmas, sobretudo sob duas fórmas: a FÓRMA ORAL e a FÓRMA ESCRIPTA.

A fórma oral vingou durante 2.500 annos, e continúa ainda hoje, pois a verdade não muda.

A fórma escripta começou em 2.500, isto é, 1.500 antes de Jesus Christo até a morte de S. João, em 104 da nossa éra.

No começo, quando ainda a Escriptura não existia, como foi communicada a verdade a Adão, a Noé, aos patriarchas antediluvianos?

Como foi dada a Abrahão e aos justos que precederam a Moysés?

Sob a FÓRMA ORAL, pela tradição: Não havia outra.

Depois que foi inventada a arte de escrever serviram-se della. E' uma fórma menos viva, porém, MAIS ESTAVEL.

Assim fizeram os Prpohetas... e mais tarde os Apostolos; entretanto não abandonaram a TRADIÇÃO.

Escreveram, mas não escreveram tudo; não teriam podido escrever tudo, sobretudo os Apostolos.

Postos em frente de Jesus Christo, durante três annos; contemplando-o, escutando-o, encantados da doutrina, que o Mestre derramava a flux sobre a Galiléa e sobre Jerusalém, não

havia nem tempo, nem lazeres capazes de conter tanta riqueza de doutrina.

Nem o mundo caberia os livros que seria preciso escrever, diz S. João, *si se escrevesse uma por uma todas as cousas que fez Jesus.* (Joan., XXI, 25).

Mandando os seus Apostolos espalharem A VERDADE, Jesus não os mandou escrever, nem espalhar Biblias, mas PRÉGAR: *euntes, docete omnes.* (Math., XXVIII, 19).

E elles prégaram sempre.

Escreveram pouco, e só por occasião.

Eis porque recommendam sempre manter as TRADIÇÕES recebidas oralmente.

Permanecei constantes, irmãos, diz o Apostolo, e *conservae as tradições que aprendestes, ou por nossas* PALAVRAS *ou por nossa* CARTA. (2, Thes., II, 14).

Eis a dupla fonte da verdade divina, claramente indicada por S. Paulo: AS PALAVRAS E AS CARTAS, a tradição e as Escripturas.

E estas duas fórmas unem-se tão estreitamente que se póde dizer, que não existe um ponto na tradição que não seja pelo menos indicado pela S. Escriptura, como não ha na S. Escriptura um dogma, um artigo de fé que não tenha as suas raizes mergulhadas na tradição.

Numa ou noutra fórma encontra-se o mesmo espirito, a mesma voz: A VOZ DIVINA!

Foi uma das asserções mais insensatas e

contradictorias do protestantismo, o querer rejeitar a tradição para só conservar a Escriptura.

Neste caso, como já dissemos, é negar a propria instituição da Egreja.

Por direito, a Egreja é anterior ás Escripturas.

Ella foi creada primeiro; o deposito da verdade lhe foi remettido depois; e este deposito foi primeiro ORAL, e só depois de 25 seculos foi ESCRIPTO.

E' o que o protestante Lessing reconhece (opera., t. VII):

"Toda a religião de Jesus Christo, diz elle, era já acceita e praticada, antes que fosse escripto um Evangelho".

Quando David, Isaias, Jeremias, falaram ou escreveram os seus psalmos, as suas lamentações ou prophecias, a Egreja judaica (imagem da Egreja de Christo) lá estava para recolhel-as.

Do mesmo modo havia já tempo que a Egreja catholica existia, quando appareceu o primeiro Evangelho.

Havia tempo que S. Paulo prégava aos fieis de Corintho, em Athenas, em Epheso e em Roma quando appareceu o Evangelho de seu discipulo Lucas, e elle mesmo nada ainda tinha escripto.

Havia perto de 70 annos que a Egreja exis-

tia, quando S. João fechou a época da inspiração pelo APOCALYPSE.

Prégava-se, baptisava-se, commungava-se, celebrava-se a Santa Missa, sagravam-se os bispos, ordenavam-se os padres, antes que houvesse um unico Evangelho, uma unica Epistola, qualquer escripto dos Apostolos.

Jesus Christo veio, prégou o seu Evangelho, fundou a Egreja, e esta Egreja composta de seus Apostolos, depois dos discipulos, recebeu d'Elle ORALMENTE o deposito da verdade divina.

De modo que a Egreja não está fundada sobre a tradição, nem sobre as Escripturas, mas sobre o proprio Jesus Christo, tendo elle mesmo escolhido a primeira pedra, a pedra fundamental desta Egreja: São Pedro.

Não é, pois, o deposito da verdade que sustenta a Egreja... é A EGREJA QUE SUSTENTA O DEPOSITO DA VERDADE.

E' ella a depositaria certa, segura, immutavel.

Pedro, eu roguei por ti para que a tua fé não falte. (Luc., XXII, 32).

As portas do inferno nunca prevalecerão contra ella. (Math., XVI, 18).

Eis o que é claro e absolutamente irrefutavel... e eis o que faz ruir por completo todo o edificio protestante, querendo que a Egreja dependa da Biblia, e não a Biblia da Egreja —

querendo que só a Biblia seja a unica regra de fé.

E' como si alguem dissesse que um livro existe antes do escriptor... e que o escriptor depende do livro!

Pobre cegueira! de quem não quer ver!...

IV. A assistencia divina

A Egreja possue, pois, o DEPOSITO da verdade divina.

Mas possuir não basta.

A verdade não é um diamante que se esconde e se conserva num escrinio precioso; a verdade é uma LUZ: a luz das intelligencias.

Jesus Christo o disse: *Vós sois a luz do do... Não se póde esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se accende uma lucerna e a põe debaixo do alqueire, mas sobre o candieiro, afim de que ella dê luz deante dos homens.* (Math., V, 14-15).

A luz deve irradiar-se... deve illuminar...

A verdade divina, sendo a luz das intelligencias, deve penetrar estas intelligencias, e para isso duas coisas são necessarias: COMPREHENDER e INTERPRETAR a palavra divina.

Comprehender, pois toda escriptura tem necessariamente as suas escuridões.

Por mais claro e methodico que seja um escriptor, elle não é comprehendido por todos

os leitores, pela razão muito simples que o leitor não está sempre no nivel intellectual do escriptor; e, sendo-lhe inferior, haverá necessariamente coisas que o escriptor comprehende bem, procura fazer comprehender, mas que o leitor não comprehende.

Uma perfeita comprehensão entre escriptor e leitor, suppõe uma egualdade de intelligencia.

Ora, a Sagrada Escriptura, sendo a expressão da verdade divina, é infinitamente superior á comprehensão da intelligencia humana; dahi, como o diz São Pedro das cartas de S. Paulo:

Ha algumas coisas difficeis de entender, que os indoutos, inconstantes, adulteram (*como tambem as outras Escripturas*) *para sua propria perdição.* (2, Pet., III, 16).

A Egreja, encarregada de conservar o deposito divino, deve comprehender este deposito, deve interpretal-o, dar-lhe o sentido verdadeiro, e si necessario fôr, impôr a obrigação de crer em sua palavra

Por isto ella precisa da ASSISTENCIA DIVINA.

Notemos bem a differença entre: INSPIRAÇÃO divina e a ASSISTENCIA divina.

A inspiração tinha por fim revelar NOVAS verdades.

A assistencia tem por fim conservar, explicar e applicar as verdades reveladas.

Quando Jesus Christo disse aos Apostolos:

Ide, ensinae a todos os povos... ensinando-os a observar todas as coisas que vos mandei: *e eis que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos,* (Math., XXVIII, 19, 20), esta promessa incluia a inspiração e a assistencia; a inspiração referia-se ás SUAS PESSÔAS: era um privilegio pessoal, que os fez, cada um em particular, infalliveis na exposição da doutrina. Esta inspiração, porém, limitou-se a elles, e não foi transmittida a seus successores, os bispos.

Nenhum dos bispos, nem o proprio Papa, gosa da INSPIRAÇÃO divina, estando encerrada a época das inspirações.

A Egreja recebeu entretanto a promessa da ASSISTENCIA divina: *Eis que eu estou comvosco,* — assistencia para conservar, explicar e applicar o deposito da verdade divina.

Terminada a dynastia dos INSPIRADOS, levantou-se a dynastia dos ASSISTIDOS e esta dynastia é a dos Papas de Roma: centro da Egreja catholica.

Ha, na Egreja, um phenomeno que já explicámos: a firmeza granitica de seus dogmas; e o crescimento continuo destes dogmas.

E' um dos mais profundos e mais resplandescentes phenomenos da Egreja, e que demonstra a divindade de sua organização, de sua assistencia e de seu crescimento.

Os dogmas catholicos não são pedras preciosas; são GERMENS DE VIDA.

A Egreja é uma arvore de vida.

São germens. Ora, o germen contém a planta, a arvore; mas para fazer desabrochar este germen, é preciso semeal-o num terreno preparado, vigial-o, regal-o, dar ás suas raizes a humidade do solo, e á sua haste o calor do dia.

E quem deve fazer este trabalho?

O espirito humano.

E esta obra, sendo delicada, perigosa, Deus deu á Egreja um dom: a infallibilidade que estudaremos no capitulo seguinte, para guiar, e sustentar o espirito do homem, para que não se afaste da verdade.

A Egreja é a vida.

E esta vida, ella a communica a todos os seus membros, como a arvore communica a vida que circula em seu tronco a todos os ramos que delle brotam.

O homem entra na Egreja, não simplesmente PASSIVO — é o grande mal da ignorancia — mas ACTIVO, estudando a sua religião, procurando comprehendel-a, penetrando-a até em seus mais reconditos principios, para delles tirar consequencias, fazer applicações á sua propria vida e á vida dos outros.

E não pensem que isto é o privilegio do Papa, dos bispos e dos padres...

Não! é PATRIMONIO COMMUM de todos

os fieis; todos deveriam estudar a religião, e procurar conhecel-a a fundo.

A religião é um GERMEN.

Ora, não se sepulta um germen no fundo de um sepulcro.

E' preciso semeal-o no espirito, regal-o pela oração, dar-lhe o sol da graça divina, para que possa desabrochar e dar os seus fructos.

E neste trabalho de desenvolvimento, a Suprema autoridade vigia, dirige, mostra os erros, indica a verdade, de modo que nesta effervescencia de vida ella serve de TUTOR que sustenta o espirito e o conserva no caminho da verdade.

Do alto do Vaticano, sentado neste throno eterno, o successor de Pedro segue estes effluvios de vida que brotam da verdade divina, regando com suas aguas fecundas a face da terra; Elle vê tudo, segue tudo, animando os que andam seguros, sustentando os que vacillam, levantando os que cáem, reconduzindo os que se afastam do caminho!

E nesta luta eterna, nesta azafama sem treguas, assistida pelo Espirito Santo, a Egreja conserva, explica e applica o deposito da verdade divina que lhe foi confiado.

E emquanto a humanidade obedece a esta autoridade suprema, segue o caminho da verdade, guiada com segurança por aquelle que foi

estabelecido para guiar e confirmar os seus irmãos.

Oh! *Sancta Mater Ecclesia!* como sois bella, como sois carinhosa, como sois sublime, envolta no manto branco daquelle que o mundo acclama: o Santo Padre.

Guiar é o proprio do pae; e tu és pae.

Guiar sem errar é o proprio do santo; e tu és santo.

Sois pae pela autoridade; sois santo pela representação da Santidade Suprema, que é o Christo.

V. Conclusão

Como tudo isso é bello e ignorado por aquelles que têm apenas um conhecimento superficial da religião!

Sob a irradiação destas noções doutrinaes se nos apparece, grande e sublime, a Santa Egreja de Christo, governada pelo successor de Pedro.

O deposito divino, hoje confiado á Egreja, foi completando-se através das idades, pelos prophetas e pelos Apostolos, terminando esta phase pela morte do Apostolo S. João, o ultimo inspirado.

A este periodo de INSPIRAÇÃO, que durou 4.000 annos, da primeira linha do Genesis até a ultima linha do Apocalypse, succede uma segunda época, a da ASSISTENCIA divina.

A Egreja catholica recebeu em seu berço dons sublimes, porém Deus lh'os communicou apenas por poucos dias, e só para a sua definitiva organização e extensão no mundo, o dom da INSPIRAÇÃO.

Mil vezes superior á Egreja Mosaica, que ella termina e aperfeiçôa, a Egreja catholica não gosa entretanto do dom da inspiração, não podendo ajuntar mais uma palavra ao *Livro divino*.

O livro está encerrado e fechado; o Espirito Santo poz-lhe o ponto final com esta phrase divinamente sublime e ternamente humana, que é o diadema de ouro, coroando uma obra divina:

O que dá testemunho destas coisas, diz: Sim, venha depressa: Amem. Vem, Senhor Jesus. A graça de Nosso Senhor Jesus Christo seja com todos vós: Amem! (Apoc., XXII, 20, 21).

Que adoravel chave de ouro a fechar o cyclo de 4.000 annos de inspiração!

O thesouro está completo: Nada mais lhe falta.

E o vidente de Patmos, o Apostolo do amor, parece tomar em suas mãos tremulas de ancião, com perto de 100 annos de edade... de ultimo dos Apostolos... de ultimo representante dos seculos... de ultimo testemunho de Jesus Christo na terra... a apresentar os 72 livros inspirados á Egreja de Jesus Christo, como o resumo

perfeito, completo das manifestações divinas na terra... e a expressão integral do amor de Deus para com os homens.

A época da inspiração estava terminada.

João, em nome dos Prophetas do Antigo Testamento e em nome dos Apostolos do Novo, póde escrever como termo DE ENCERRAMENTO esta phrase inspirada, prova da authenticidade dos livros divinos:

Eu protesto a todos os que ouvem as palavras da prophecia deste livro, que, si alguem lhes juntar alguma coisa, Deus o castigará com as pragas escriptas neste livro.

E si alguem tirar qualquer coisa das palavras da prophecia deste livro, Deus lhe tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das cousas que estão escriptas neste livro. (Apoc., XXII, 18, 19).

Encerrando a época da inspiração, Deus não quer fazer-nos entender que nada mais tem a communicar-nos.

E' claro. Deus, sendo infinito, nunca póde communicar aos homens tudo o que sabe.

O homem finito é incapaz de conter o infinito de Deus. Deus não se esgotou, mas disse tudo o que tinha de dizer e o que quiz dizer.

Entregando, pois, o *livro encerrado* das revelações, São João diz á Egreja: *Guardai este deposito,* explicai-o... penetrai-o, com o intui-

to de descobrir as riquezas infinitas que elle encerra.

Guardai tudo o que eu vos ensinei, havia dito o Mestre divino... tudo: *omnia.*

Não mudeis nem uma virgula, mesmo se um anjo do céo vol-o pedisse.

Depositum custodi: guardai-o, e como o espirito humano está sujeito ao erro, mesmo na interpretação do que é claro, *eis que eu estou comvosco até a consummação dos seculos.* (Math., XXVIII, 20).

Estou comvosco: eis a ASSISTENCIA divina — e isso até o fim dos seculos, emquanto a Egreja existir.

Eis porque não dizemos que a Egreja é INSPIRADA, para ensinar a verdade, o que seria um erro.

Não dizemos que a Egreja ensina novos dogmas.

Teria podido fazel-o, si Deus o tivesse querido; mas não o quiz, nem o quererá mais.

A' dynastia dos INSPIRADOS, que durante 40 seculos ensinára aos homens verdades ainda não reveladas, succedeu definitivamente a dynastia dos ASSISTIDOS, que nada ensinam de novo, mas que guardam, até nas mais infimas minucias o que foi ensinado.

Tal é o plano divino.

Deus, pelos labios dos prophetas, creou a FONTE da verdade divina, e o mesmo Deus,

pelos labios dos papas, guarda esta fonte, na integridade e pureza de sua origem divina.

Tudo isso é divinamente bello e harmonioso e mostra o DEDO, a MÃO, e até o BRAÇO de Deus.

Quando Deus favorece uma obra, a S. Escriptura diz que Deus nella põe o dedo: *os céus são a obra de seus dedos,* diz o Psalmista. (Psal., VIII, 4).

Quando a obra é mais importante, Deus nella colloca a mão: *Jesus tocou-a com a mão e a febre desappareceu.* (Math., VIII, 15).

E quando a obra é de summa importancia Deus põe nella o braço: *Deus te conduzirá, com mão forte, de braços estendidos.* (Deut., V, 15).

Na obra da Egreja, Deus tem posto egualmente sua mão forte e o BRAÇO ESTENDIDO: é a sua obra de predilecção, a obra de seu coração: a sua esposa de amor.

CAPITULO IX

A Infallibilidade

Ao escrever esta palavra, parece-me ouvir ao longe o éco das mil objecções protestantes, do odio, da impiedade, da inveja dos traidores e do sarcasmo dos atheus.

Imaginem, bradam elles, falar de um HOMEM INFALLIVEL, em meio do seculo vigesimo, o seculo das Luzes, é querer introduzir o despotismo numa época de emancipação e liberdade.

Que cousa retrograda!... Que absurdo!...

E lentamente vejo apparecer, no fundo luminoso da aurora, pisando aos pés as nuvens de pó, levantadas pelo espirito irrequieto e sceptico dos inimigos da Egreja, o Christo... o grande Christo... o Christo do Corcovado... de braços estendidos... de fronte erguida... de olhar a reflectir o amor de seu coração... e este grande Christo, este Christo immortal, com esta mesma voz que dominava as tempestades, expulsava os demonios e fazia surgir do tumu-

lo cadaveres em putrefacção, este Christo que prégava, que sabia chorar, sorrir, e acariciar as criancinhas... este Christo repete por sobre a turba, envolta de poeira dos que se revoltam contra elle: *Eu sou a luz do mundo; o que me segue não anda em trevas, mas terá a luz da vida!* (Joan, VIII, 12).

Nós precisamos de luz...

Precisamos sobretudo da LUZ DA VIDA.

A luz da vida é a doutrina.

Como distinguil-a entre tantos erros que hoje correm mundo e penetram em toda a parte?

Pela voz de alguem que nos ensine a verdade, sem receio de errar, sem possibilidade de errar.

E este alguem, este homem privilegiado é aquelle a quem o Christo disse:

Eis que eu estou comvosco até ao fim dos seculos. (Math., XXVIII, 20).

Eu roguei por ti para que tua fé não falte. (Luc., XXII, 32).

Quem vos escuta escuta a mim. (Luc., X, 16).

Eis a infallibilidade em toda a sua simplicidade, extensão e grandeza.

E' esta infallibidade que devemos agora estudar, como continuação, como complemento necessario da assistencia divina.

I. O que é . . . o que não é!

O que dissemos da *assistencia divina,* dada á Egreja, para que ella cumpra e explique o deposito das Escripturas, é já uma exposição da infallibilidade.

Aquelles que bradam contra este dogma mostram apenas nem sequer saberem o que seja a *infallibilidade;* confundem-na com a INSPIRAÇÃO... ou com a IMPECCABILIDADE e não acreditando nem na inspiração, nem na impeccabilidade, não podem acreditar na infallibilidade.

Antes de bradar contra uma verdade, é preciso conhecer tal verdade; antes de atacar um inimigo, é preciso primeiro ver onde elle está; sinão seria dar murros em pontas de faca.

O fanatismo não resolve nada; mas a ignorancia explica tudo.

Em que consiste a tal infallibilidade?

Consiste no privilegio outorgado por Jesus Christo a Pedro e a seus successores de gozarem da ASSISTENCIA DIVINA, para conservar e explicar a doutrina divina, de modo a não poderem errar, quando ensinam publicamente em nome da Egreja, com a autoridade suprema de chefe da Egreja.

Nada mais... E' só isso!

E' pouca coisa... mas isto é de absoluta necessidade.

Tu vens a mim e me ensinas uma doutrina.

Tenho as minhas duvidas.

Sou homem como tu, e o que tu comprehendes eu posso comprehendel-o... mas, não comprehendendo, continuo a duvidar.

Isso é um tormento!...

Procuro um outro mais intelligente... e mais um outro... e sempre vou ficando sem bem comprehender, pois o espirito humano é raciocinador... é critico... e quer ver o fundo das questões.

Ora, quantas sciencias são unicamente baseadas em hypotheses... em puras supposições, sem provas!

As coisas passam-se, como si obedecessem a tal lei.

Continuo a duvidar... consulto mais, até inclinar-me deante de um homem de conhecida capacidade, de conhecido preparo intellectual... inclino a fronte porque sinto que este homem não quer e não póde enganar-me.

Praticamente, attribuo a este homem o dom de uma QUASI INFALLIBILIDADE.

O mundo faz isso diariamente.

Um homem vai visitar Paris, Londres, Berlim; e depois conta-me maravilhas de tudo o que viu e admirou; creio sem hesitar, embora eu não tenha talvez nunca visto uma destas cidades.

Dou a este viajante o dom da QUASI IN-

FALLIBILIDADE. Eu não vi, mas elle viu, e creio.

Pobres atheus, não querem acceitar a infallibilidade do Papa, por ser Papa, e acceitam a infallibilidade de qualquer caixeiro-viajante, de qualquer professor, de qualquer escriptor!

Elles merecem fé; só o Papa não a merece, porque é Papa!

Mas isto é insensato!

Então o Papa, homem escolhido entre milhares, homem de edade, de sciencia, de virtude, de experiencia, desde que senta-se na cadeira suprema de S. Pedro, não teria mais um privilegio que os homens concedem a qualquer um, desde que nelle notem sinceridade e capacidade?

Ora, as duvidas que penetram o espirito, a respeito das sciencias humanas, penetram tambem a alma, em questões religiosas.

A duvida é uma fraqueza... e nós somos fraquissimos. Eis porque precisamos de alguem que nos diga clara e categoricamente: A verdade é esta: crê!

O grande escriptor, Conde de Maistre, disse alhures que a infallibilidade não é outra cousa sinão *a Soberania,* e ajuntava que, reclamando para a Egreja a infallibilidade, não reclamava nenhum privilegio, sinão o de que gozam todos os soberanos, pois todos agem necesariamente como infalliveis.

E' uma grande verdade.

Não ha soberania, não ha tribunal supremo, não ha juiz em ultima appellação, cujas sentenças poderiam deter os espiritos perturbados e restituir a paz á sociedade, si não gozassem de uma especie de infallibilidade.

Em toda jurisdicção é preciso chegar-se a um juiz que julgue e não possa ser julgado por ninguem.

Ali o espirito pára e inclina-se, sujeitando-se pelo menos *exteriormente.*

E' sómente uma QUASI infallibilidade, porque exige apenas a obediencia exterior.

Si a lei pudesse exigir dos subditos a obediencia interior e a submissão de espirito, seria uma INFALLIBILIDADE completa.

E' o caso da Egreja.

Ella não se contenta com a obediencia exterior.

Ella quer mais que um silencio respeitoso.

Ella exige uma adhesão absoluta.

Porque esta exigencia?

Porque se trata da palavra de Deus cuja existencia e sentido ella garante.

Como dizer: *creio,* si houvesse da parte della qualquer possibilidade de errar?

Deus devia dar á Egreja a infallibilidade, para que a nossa fé fosse isenta de duvida.

Creio, meu Deus, em tudo o que revelastes, e que a Egreja me propõe a crêr.

Não estão vendo que é uma necessidade?

A fé e a duvida não podem dar-se as mãos.

A fé, mesmo divina, é sempre racional.

Onde ha duvida voluntaria, não ha fé.

A fé é a adhesão ás verdades reveladas por Deus, por causa da autoridade d'Aquelle que revela.

Mas, como ter a certeza de bem comprehender o que Deus revela?

Ahi intervém a *infallibilidade* da Egreja: Ella nos interpreta a verdade revelada, e nos dá a certeza absoluta, PELA ASSISTENCIA DIVINA, de ser tal o sentido e a extensão da verdade revelada.

A infallibilidade é pois o complemento necessario da revelação divina.

Sentimos instinctivamente que uma religião divina deve descer do Sinai, com a fronte a luzir, tendo nas mãos as taboas da lei, ou, então, sahir do Cenaculo tendo sobre a cabeça linguas de fogo e dizer depois á humanidade:

Tu precisas de verdade: Eil-a aqui.

Precisas de amor: eil-o aqui.

Precisas ir a Deus: Dá-me a mão, pois eu conheço o caminho que a Elle conduz.

Mas, como isso se póde dar, si a Religião póde enganar-se, si póde dar-me o erro em vez da verdade!

Ella póde dar-me o amor falso, em vez do amor verdadeiro!

Póde levar-me ao abysmo, em vez de conduzir-me a Deus!

Para poder ter a certeza de seguir o caminho recto — e Deus não póde permittir a duvida em assumpto tão grave — é preciso que a Egreja seja INFALLIVEL.

Infallivel, porque vem de Deus.

Infallivel, porque deve conduzir-me a Deus.

São verdades que nem se discutem; impõem-se pelo bom senso.

II. Prova apologetica

A Egreja é pois infallivel.

Ella sempre o acreditou... sempre o affirmou.

E esta affirmação é uma prova de sua divindade.

Percorrei a lista das seitas religiosas: são muitas, de diversos credos, diversas concepções, desde o grosseiro fetichismo até ao orgulhoso positivismo; examinae as suas doutrinas, e em todas ellas encontrareis pontos de contacto, concordancias, pois todas ellas têm por fim approximar o homem de Deus, mas ha um ponto, em que nenhuma seita concorda com a religião catholica: é a INFALLIBILIDADE de seu chefe.

Entre todas as religiões, só a religião catholica teve a ousadia, a simplicidade, ou então a

sublimidade de acreditar na infallibilidade do seu chefe supremo.

E', de facto, muita ousadia! E tamanha é tal ousadia, que só póde vir do céo ou do inferno, mas nunca dos homens.

O homem póde ser orgulhoso como quizer, mas nunca teve nem tem a coragem de outorgar-se a infallibilidade.

Porque isso?

Porque elle mesmo sente que está se enganando a cada instante... todos acreditam em seus erros, porque são palpaveis.

Infallibilidade — nem sequer tal palavra foi conhecida na antiguidade pagã.

Os velhos poetas, philosophos como Platão, Socrates, Cicero, Horacio, etc., tinham fé na sciencia, mas desconfiavam de sua sciencia, sentindo-a fraca, falha e incompleta.

Jesus Christo veio a este mundo e proclamou A INFALLIBILIDADE de sua Egreja, e esta verdade tão fundamental e tão necessaria permanece sempre patrimonio exclusivo de sua Egreja.

As heresias nascem, separam-se da Egreja de Christo, formam seitas religiosas, conservam certas praticas e até sacramentos da mesma Egreja, mas nenhuma seita teve a ousadia de pretender para o seu chefe o dom da infallibilidade.

Nem Luthero, nem Calvino, nem Henrique

VIII, nem o Czar da Russia, teve a coragem de arrogar-se a infallibilidade.

Elles mesmos sentiam que, si o fizessem, o mundo zombaria por demais de suas pretensões... todos ririam de tanta cegueira.

A Egreja catholica acredita em sua infallibilidade e professa esta doutrina como dogma de fé... e ninguem zomba della.

O protestante berra de raiva, faz mil objecções, mas sente-se vencido deante da autoridade do Papa.

E' curioso que a Egreja tenha tido a coragem de proclamar tal verdade.

E' mais curioso ainda que nenhuma seita religiosa, vendo a autoridade predominante que a Egreja adquire com esta prerogativa, não tenha tido a coragem de imital-a!

A ousadia da Egreja é prova de sua divindade.

O medo, que as seitas têm de recorrer a este poder, é prova de seus erros.

A toda seita falta qualquer coisa de essencial: é a infallibilidade!

E não tem a coragem de reivindical-a, porque sente que, sendo da terra, não tem direito a um privilegio que vem do Céo.

Eis um argumento que merece ser citado pelos apologistas, em favor da religião catholica.

A infallibilidade, na explicação de uma re-

ligião divina, é absolutamente necessaria, sinão o divino estaria sujeito ao humano, e tal religião divina deixaria de ser divina.

Tal privilegio, só existe na Egreja catholica.

Só ella é pois divina, e por conseguinte verdadeira.

III. *O orgam da infallibilidade*

Qual é o orgam desta infallibilidade, ou desta incapacidade de errar?

A séde deste orgam é a séde de São Pedro.

O seu orgam proprio é o Papa.

Sempre a Egreja acreditou na existencia desta prerogativa, mas houve, ás vezes, erros, no tocante ao proprio orgam.

Uns julgavam que elle estava como que diffundido no corpo docente da Egreja.

Era prudente... era uma opinião humana.

Mil ou dois mil bispos difficilmente se enganam... E' uma QUASI INFALLIBILIDADE.

A infallibilidade, porém, é uma prerogativa divina e, como tal, não depende DO NUMERO.

O que depende do numero provém da terra...

Nas cousas divinas o numero não tem importancia.

Citando um texto dos livros sagrados, tanto prova um só, como provam vinte.

Si um bispo não é infallivel, nem cincoenta, nem mil o serão.

A infallibilidade é uma prerogativa completa em si; quem a possue, possue-a inteira; quem a não possue inteira, nada possue.

Não póde haver neste dom *mais ou menos;* é um dom integral e completo.

Eis porque a Egreja estudou a questão a fundo, penetrou-lhe até ao amago e procurou o orgam proprio desta infallibilidade.

Procurou, e proclamou solennemente, no Concilio do Vaticano, que tal poder reside NA PESSÔA DO PAPA.

Não reside no numero; mas, sim, na unidade, numa unica cabeça, no PAPA DE ROMA que é o successor de São Pedro.

Numa cabeça só, brada admirada a incredulidade, mas, e si fôr cortada esta cabeça... que será depois?

Sim, podem cortar a cabeça humana, mas não cortam a cabeça divina.

Os papas são homens; podem matar estes homens e já os mataram em numero assustador.

Os 31 primeiros papas, desde São Pedro até São Marcello I, em 309, perderam a cabeça sob a espada dos tyrannos.

A séde de São Pedro estava no meio de um lago de sangue.

Mas mataram apenas o homem, e a séde de São Pedro continuou a dominar o mundo.

O homem morre, mas Deus não morre... e emquanto elle está vivo, não lhe é difficil suscitar-lhe um representante.

Ah! si o Pontificado Romano fosse apenas uma instituição humana, ha tempo que teria sido submergido debaixo das ondas do odio, de vicio e de sangue, que o inferno levantou contra elle; mas é uma instituição divina... e as ondas da Terra sempre descem na correnteza, não podem subir, e eis porque todos se abatem, impotentes, contra o rochedo de Pedro, não podendo nem sequer salpicar de lama o pedestal de seu throno.

Tudo isso é admiravel, sem duvida; mas ha coisa mais admiravel ainda.

A verdade da infallibilidade sempre existiu, ora acceita, ora combatida ,quanto á sua séde e á sua extensão, como o são, aliás, quasi todas as questões não definidas dogmaticamente.

Uma coisa é EXISTIR; outra é ser DEFINIDO, e outra ainda é ser PROCLAMADO.

A electricidade sempre existiu; mesmo antes que a sua acção fosse definida pelos sabios, e o seu poder proclamado pelo uso.

Chegou o seculo dezenove, seculo racionalista, revolucionario.

Parece que a prudencia commandava a reserva: assim pensavam os prudentes deste mundo.

Mas a Egreja não segue os caminhos dos homens. São os homens que deviam seguir os caminhos della.

Acontece muitas vezes que, em suas horas criticas, a Egreja é como empolgada por uma força mysteriosa e escondida, desconcertando os seus inimigos e até a si mesma.

E' o dedo de Deus...

E' a assistencia divina!

Como já dissemos, a infallibilidade é a consequencia logica de sua soberana autoridade sobre as almas, e, como tal, não é uma doutrina nova, mas é uma parte do deposito da revelação.

E' uma parte que se vae precisando, até ao dia em que, devido a certas circumstancias, o Papa ou o Concilio ecumenico proclama tal verdade um dogma de fé.

A *infallibilidade* é a consequencia logica da palavra de Jesus Christo: *Eis que eu estou comvosco até a consummação dos seculos.*

Deus é infallivel; quem o negará?

E aquelle a quem Deus assiste o é egualmente; quem o negará?

Ora, Jesus Christo prometteu ASSISTIR á sua Egreja, para que ella não errasse.

Logo, a EGREJA ASSISTIDA é INFALLIVEL.

Pódem-se torturar textos, como fazem os protestantes, gastar intelligencia e tempo, e até grego e syriaco, para subtrahir-se á evidencia luminosa desta palavra, mas a verdade ficará sempre a mesma.

Ao homem calmo, porém, sensato e amigo da verdade, tendo na mão o Evangelho e a historia, o bom senso perguntará: para conservar o deposito divino, comprehendel-o, para ensinal-o, tem ou não a Egreja precisão da infallibilidade? E o proprio Jesus Christo quiz dar esta infallibilidade?

A resposta será sempre: *Sim!* E esta resposta será dictada pelo bom senso... antes mesmo de consultar os textos divinos, como faremos em seguida.

IV. A prova evangelica

A infallibilidade sendo considerada pelos protestantes como invenção da Egreja, convém determinar e explicar nitidamente os textos evangelicos que são a expressão deste dogma e lhe servem de fundamento, tanto para refutar o erro adverso, como para solidificar a fé catholica.

Quando e como Jesus Christo concedeu a infallibilidade a Pedro só, e em sua pessôa ao Papa só?

Já citámos os textos, mas não será inutil reproduzil-os mais uma vez.

Jesus Christo concedeu a infallibilidade por TRÊS VEZES e por três palavras distinctas, cada uma mais explicita e mais positiva que as outras.

A primeira foi pronunciada nas circumstancias já conhecidas (vêde pagina 153).

S. Pedro acabava de fazer profissão solenne de sua fé; acabava de dizer ao Salvador: *Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.* (Math., XVI, 16) e Jesus, como recompensa desta fé, lhe respondeu: *Tu és Pedro* (ou pedra) *e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* (Ibid., 18).

Estas palavras são dirigidas *a Pedro, só e nominalmente* dirigidas a elle só: *Tu és Pedro*... não és Paulo, nem Thiago, nem João, mas Pedro.

Estas palavras collocam, pois, Pedro, como O FUNDAMENTO DA EGREJA; e como fundamento INDEFECTIVEL, visto ter elle de sustentar uma Egreja indefectivel.

Claro é, de facto, que o fundamento partilha o destino do edificio, de modo que um edificio indefectivel deve ter um fundamento indefectivel.

E não objectem os protestantes que o Christo é a pedra fundamental.

O Christo é o CONSTRUCTOR; ora, constructor e construcção são necessariamente distinctos.

Jesus Christo diz: *Eu edificarei a minha Egreja*: Logo, Elle é o Architecto... *o sabio architecto*, como diz o Apostolo, *que colloca uma base* para o edificio que quer edificar. (1, Cor., III, 10).

E onde porá este fundamento?

Basta ler a continuação do texto *sobre a pedra, que é Pedro*, pois Pedro se chamava antes Simão, e Christo mudou-lhe o nome no de pedra (Kephas, que quer dizer *pedra* e *Pedro*, como em francez: *Pierre* (Pedro) e *pierre* (pedra) é uma unica palavra.

A primeira palavra de Jesus Christo é pois clara e indiscutivel.

***

A segunda é mais expressiva ainda.

Simão, Simão ... eu roguei por ti para que a tua fé não falte, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos. (Luc., XXII, 32).

Estas palavras divinas, em seu sentido litteral e obvio, significam que a fé em Pedro nunca faltará, pois o que Christo pede, alcança; e Elle pediu que a fé existente em Pedro não faltasse jamais.

Estas palavras exprimem tambem que Pedro é o SUSTENTO da FE' QUE ANIMAVA OS OUTROS APOSTOLOS.

Ora, este SUSTENTO deve ser INFALLI-

VEL, porque, si não o fosse, não podia preservar os outros da quéda.

Eis pois outra palavra clara e irrefutavel.

A terceira palavra illumina as outras com uma luz toda divina: E' um relampago (vêde pag. 159).

Jesus Christo perguntou a Pedro si elle o amava, e ouvindo de seus labios a affirmação de seu amor, Elle lhe responde: APASCENTA OS MEUS CORDEIROS. (Joan., XXI, 15).

Estas palavras são de novo dirigidas a Pedro só, e deante dos outros Apostolos.

Estas palavras estabelecem Pedro PASTOR DOS CORDEIROS, que são os BISPOS.

Segue uma segunda pergunta... e uma segunda investidura, estabelecendo Pedro PASTOR DE OUTROS CORDEIROS, que são os sacerdotes, pois os sacerdotes são *cordeiros*, em relação aos fieis, e são ovelhas em relação aos bispos.

Segue uma terceira pergunta... e uma terceira investidura, estabelecendo Pedro PASTOR DAS OVELHAS, que são os FIEIS.

Triplice investidura, graduada com infinita sabedoria e ternura: Pedro é o PASTOR GERAL: dos bispos, dos sacerdotes, dos fieis, numa palavra: *da Egreja inteira.* (Vêde pag. 161).

Que se deve concluir destas palavras?

Apenas o que litteralmente exprimem: que existe em São Pedro, e nos Papas, seus successores de direito, duas prerogativas que lhe são pessoaes: A PRIMAZIA e a INFALLIBILIDADE.

Taes palavras exigem de todos os membros da Egreja de Jesus Christo uma *submissão inteira, total, exterior e interior* a um ensino, que é necessariamente a verdade; e uma *obediencia sincera e sem restricção* a uma autoridade que vem directamente de Deus, e que ninguem na terra tem o direito de contestar.

Meditem estas palavras, com sinceridade e com fé: tudo ahi é luminoso.

Cada palavra é um relampago.

Cada palavra contém qualquer cousa de infinito.

Nenhuma reserva ha aqui: o Christo dá a mãos cheias.

O Papa é o successor de Jesus Christo, o porteiro do céu, o sustento de seus irmãos, o pastor das ovelhas e dos Cordeiros, isto é, do rebanho inteiro.

Procurem o que o Papa não é!...

E verão que elle é tudo.

Elle é immortal como a Egreja.

Elle é indefectivel, como a Egreja.

Elle é infallivel, como a Egreja.

Elle é a porta da salvação, como a Egreja.

Ha pontos de interrogação a fazer, sem duvida, sobre a extensão e os limites destes privilegios.

Mas, notem-no: — no começo, nas catacumbas não se faz interrogações... pois aos primeiros fieis repugnaria fazel-as.

A fé e o amor vivem de confiança e de abandono.

O que se destaca, neste tempo, e o que é o bastante, é que Pedro, o Papa, é o PRIMEIRO de todos: o mais alto representante de Christo; que todos lhe devem respeito, obediencia; que se deve tratal-o, como se trataria o proprio Jesus Christo.

Basta disso!

Cedo demais virão as tristes lutas; as terriveis necessidades de distinguir, de DEFINIR.

Distingue-se quando ha discussão... e para que haja DEFINIÇÃO, é necesario que tenha havido negação.

V. A primazia de Pedro

Já vimos a infallibilidade do Papa.

Devemos dizer uma palavra da PRIMAZIA, pois infallibilidade e primazia são inseparavelmente unidos na pessôa do chefe da Egreja, ou melhor: a PRIMAZIA espiritual é o principio da INFALLIBILIDADE doutrinal, é a sua consequencia necessaria.

O concilio de Florença e depois o do Vati-

cano esclarecem admiravelmente esta prerogativa:

"Ensinamos e declaramos que esta primazia da Egreja Romana, por uma disposição divina, é uma PRIMAZIA DE PODER ORDINARIO sobre todas as demais egrejas, e que esta jurisdicção do Pontifice romano é um poder verdadeiramente episcopal e immediato, de modo que os pastores e os fieis, cada um e todos, qualquer que seja o seu rito e a sua dignidade, lhe estão sujeitos pelo dever da subordinação hierarchica, por uma verdadeira obediencia, não somente nas coisas que dizem respeito á fé e á moral, mas tambem nas que se referem á disciplina e ao governo da Egreja universal.

"Deste modo, conservando a união na communhão e na Profissão de uma fé com o Pontifice romano, a Egreja de Christo constitue um UNICO REBANHO, sob a direcção de um UNICO PASTOR.

"Tal é o ensino da verdade catholica, da qual ninguem póde afastar-se, sem perder a fé". (Cons. dogm. Eccl., C., III).

Vê-se nestas palavras que a primazia de Pedro não é simplesmente de honra, mas, sim, de AUTORIDADE:

Para vermos esta primazia de autoridade, basta abrir o Evangelho e os Actos dos Apostolos, em cujas paginas ella refulge com todo o brilho e a majestade de uma verdade basica.

Pedro apparece O PRIMEIRO, em toda parte.

Nada se faz sem Pedro... tudo se faz sob as ordens e conforme o exemplo de Pedro...

O PRIMEIRO, elle é sempre nomeado pelos Evangelistas:

O primeiro é Simão, que se chama Pedro, diz S. Matheus. (X, 2).

O PRIMEIRO, confessou elle a fé:

Tu és o Christo, Filho de Deus vivo. (Math., XVI, 16).

O PRIMEIRO, é obrigado a exercer o amor:

Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? — Sim, Senhor tu sabes que eu te amo. (Joan., XXI, 15).

O PRIMEIRO, entre os Apostolos, viu o Salvador resuscitado dos mortos.

Na verdade o Senhor resuscitou e appareceu a Simão. (Luc., XXIV, 34).

O PRIMEIRO, elle testemunhou perante o povo a resurreição do Salvador.

Então Pedro, apresentou-se, com os onze e levantou a voz ... (Act., II, 14).

O PRIMEIRO, apparece e fala quando foi preciso preencher o numero dos Apostolos:

Naquelles dias, levantando-se Pedro, no meio dos Irmãos ... (Act., I, 15).

O PRIMEIRO, confirma a fé pelos milagres:

Mas Pedro disse: Não tenho prata e nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: Em nome

de Jesus Christo Nazareno, levanta-te e anda. (Act., III, 6).

O PRIMEIRO, recebe os gentios:

Então Pedro respondeu: Porventura póde alguem impedir a agua, para que não sejam baptizados estes que receberam o Espirito Santo, como nós? (os gentios). (Act., X., 47).

O PRIMEIRO, elle converte os judeus:

Muitos daquelles que tinham ouvido a palavra (de Pedro) *creram: e o numero de homens elevou-se a cerca de cinco mil.* (Act., IV, 4).

O PRIMEIRO, é citado perante os tribunaes:

E chamando-os, intimaram-lhes que absolutamente não falassem mais, nem ensinassem em nome de Jesus. (Act., IV, 18).

O PRIMEIRO, castiga os prevaricadores da lei christã.

Pedro ,então, disse para ella: (Saphira)

Porque vós combinastes para tentar o Espirito do Senhor? . . . E immediatamente ella caiu a seus pés, e expirou. (Act., V, 9).

O PRIMEIRO, é encarcerado em testemunho da fé.

.*E* (Herodes) *vendo que isso agradava aos Judeus, mandou tambem prender Pedro.* (Act., XII, 3).

Sempre, em toda parte, encontramos Pedro O PRIMEIRO, de modo que tudo concorre para

estabelecer a sua PRIMAZIA, tudo, até suas proprias fraquezas.

O poder dado a diversas pessôas, inclue uma restricção, na propria partilha.

O poder dado A UM SO' e sobre todos, SEM EXCEPÇÃO, comporta a plenitude.

Todos recebem o mesmo poder, porém não o recebem no mesmo grau, nem com a mesma extensão.

Jesus Christo começa PELO PRIMEIRO, e, neste primeiro, desenvolve tudo, para ensinar-nos que a autoridade ecclesiastica, primeiramente estabelecida NA PESSÔA DE UM SO', não se ramifica, sinão sob a condição de ficar ligada ao tronco, e de conservar a sua completa unidade.

E esta PRIMAZIA não é simplesmente de precedencia e de honra, mas, sim, de JURISDICÇÃO e de AUTORIDADE.

E' a Pedro, e só a Pedro que Jesus Christo promette as *chaves do reino do céu,* com *o poder de atar e desatar,* isto é, de governar a Egreja universal. (Math., XVI, 19).

Deste modo, o Papa não está mais, como os protestantes imaginam, perdido num longinquo inaccessivel, sentado num throno, onde recebe honras e manifestações; Elle é o PASTOR, elle é o PAE DE CADA ALMA, de cada sacerdote, de cada bispo.

Entre o Papa e cada alma baptizada ninguem póde interpôr-se como obstaculo

E' certo que, devido ás extensões immensas da Egreja, o Papa não póde, em geral, communicar-se pessoalmente com cada alma, mas elle o póde, cada vez que o quer.

Sem duvida, ainda a sua palavra passa geralmente pelo canal do bispo, como a desse ultimo passa pelo canal do sacerdote, para chegar aos fieis; porém este canal é um MEIO e nunca póde tornar-se um obstaculo.

Por direito divino não ha nem póde haver obstaculo; o Papa é o pae de todos e o pastor supremo do rebanho inteiro.

E' a conclusão do Concilio do Vaticano, que diz ainda:

"Desta supremacia, que o Pontifice Romano tem de governar a Egreja universal, resulta para elle o direito de communicar-se livremente, no exercicio de seu cargo, com os Pastores e dos rebanhos da Egreja inteira, para que possam ser instruidos e dirigidos por elle, nos caminhos da salvação".

VI. Conclusão

Primazia de autoridade e infallibilidade de doutrina, tal é a DUPLA AUREOLA que cinge a cabeça do Summo Pontifice.

Elle é O PRIMEIRO no poder, e é o UNICO na infallibilidade.

Como conclusão, determinemos estes ultimo ponto.

A Egreja é infallivel: é certo.

Esta infallibilidade concedida á Egreja reside na pessôa do Papa: é certo tambem.

A analyse do texto evangelico revela-nos admiravelmente estes dois dogmas.

Tu és Pedro e sobre esta pedra (que é Pedro) *edificarei a minha Egreja.*

As portas do inferno (os vicios) *nunca prevalecerão contra ella* (contra a Egreja).

Tudo isso se refere á Egreja.

Mas, coisa curiosa! Jesus Christo promettendo a sua ASSISTENCIA, não diz: *Eis que eu estou* COM ELLA (com a Egreja) *todos os dias até a consummação dos seculos,* como á primeira vista parece que devia dizer, mas diz: *Eis que* ESTOU COMVOSCO, *todos os dias.* (Mat., 28, 18).

Elle promette estar com o chefe da Egreja, como recommenda escutar a voz deste mesmo chefe: *Quem vos escuta a mim escuta.* (Luc., X, 16).

Jesus Christo fala de SUA EGREJA, e de repente, por uma transição repentina, fala do chefe desta Egreja.

Porque isso?

Pela razão que a PRIMAZIA pertence a uma pessôa determinada, e que a infallibilidade des-

ta Egreja se concentra sobre a cabeça daquelle que está revestido desta primazia.

Si tivesse falado só da Egreja, ter-se-ia podido concluir, como muitos sectarios concluiram, de facto, que a primazia e a infallibilidade residiam no corpo docente da Egreja, isto é, NOS BISPOS, nos concilios, mesmo separados do Papa, o que seria um erro monstruoso.

O unico PRIMEIRO, como o unico INFALLIVEL é o Soberano Pontifice, é o Papa.

O CORPO dos bispos, unidos ao Papa, é infallivel, não como corpo, mas como UNIDOS ao Papa. E' o que já provamos supra (pag. 163).

Os apostolos receberam, TODOS ELLES, o dom da infallibilidade, necessario a cada um para prégar o Evangelho no mundo inteiro, e sobre esta base unica, fundar egrejas particulares.

Uma vez fundada a Egreja, não era mais necessaria a infallibilidade, sinão no CENTRO UNICO, para que se pudesse conservar a fé e manter a unidade catholica em todas as egrejas do mundo.

E' o que aconteceu.

Após a morte dos Apostolos, a infallibilidade permaneceu na séde do principe dos Apostolos, na séde de Roma, e é por esta razão e neste sentido, que a séde de Roma é a unica "SÉDE APOSTOLICA".

O seu bispo resume em si toda a autoridade do Apostolado, a jurisdicção suprema e universal, a infallibilidade no ensino da doutrina.

APOSTOLICO é, pois, synonimo de INFALLIBILIDADE; e o Papa é infallivel, só elle é infallivel entre todos os bispos, porque só elle é o *bispo apostolico,* o bispo da Séde Apostolica.

Os bispos são os successores dos Apostolos, neste sentido, que a sua autoridade não é menos essencial, na Egreja, que a do Papa... pois ella foi estabelecida por Jesus Christo... O Papa não governa a Egreja sem o concurso delles; unidos ao Papa, elles participam da sua infallibilidade, e deste modo encontra-se NO CORPO EPISCOPAL o privilegio da infallibilidade, que resplandecia no COLLEGIO APOSTOLICO.

Os bispos são infalliveis como os Apostolos, porém, não o são SOB O MESMO TITULO. Os Apostolos tinham recebido esta infallibilidade de Jesus Christo, *directa e immediatamente,* emquanto os bispos não a recebem sinão pelo Papa, e em virtude de sua união com o Papa.

Cada bispo não é infallivel, como o era cada um dos Apostolos.

Cada um delles recebe a sua jurisdicção do Papa, e só do Papa, emquanto cada um dos Apostolos recebeu-a immediatamente do Salvador.

Cada bispo tem uma jurisdicção essencialmente limitada a este ou áquelle territorio, em-

quanto cada um dos Apostolos tinha jurisdicção sobre o mundo inteiro.

Cada bispo, tomado separadamente, póde perder o privilegio da infallibilidade, que fica fixado de modo INDEFECTIVEL sobre a cabeça do Bispo de Roma, successor de S. Pedro, unico representante de Christo, unico depositario da plenitude da graça Apostolica.

Tal é a infallibilidade do Soberano Pontifice.

E' um privilegio divino, necessario, indiscutivel, negado apenas por aquelles que procuram calumniar a Egreja catholica, ou então pelos que falam contra por ignorancia, sem conhecer a Egreja; e destes só podemos repetir: *"Tende compaixão, Senhor! porque não sabem o que dizem!"*.

CAPITULO X

O Doutor Supremo

Conhecendo bem a existencia da infallibilidade, ser-nos-há facil determinar rigorosamente a sua manifestação

Muitos erros existem a esse respeito, e até entre os catholicos, porque comprehendem mal ou vagamente em que consiste o exercicio de tal infallibilidade.

Ha os dois extremos.

Ha o extremo dos que não comprehendem EM QUE CONSISTE a infallibilidade; e o extremo dos que a EXTENDEM A TUDO, sem distincção.

Conta-se que um dia, certo homem, após ter assistido a uma audiencia do Santo Padre, ouviu de seus labios, esta despedida: "Adeus, meu filho, até amanhã!".

O homem concluiu que nem elle e nem o Papa podiam morrer nessa noite, mas haviam de ver-se no dia seguinte.

Isso é fanatismo ou ignorancia.

Vejamos bem, pois, quando é que o Papa

é infallivel, ou melhor, O QUE E' INFALLIVEL no Papa.

I. A manifestação da infallibilidade

A infallibilidade do Papa e da Egreja catholica manifesta-se por palavras expressas, indicando em termos claros e precisos, que o Papa, ao dar uma decisão, nol-a dá, como Soberano Pontifice, gozando e usando neste momento da prerogativa da infallibilidade, que lhe outorgou Jesus Christo.

Para que uma decisão do Papa seja infallivel, e obrigue a todo o catholico, sob pena de heresia, são exigidas as três condições seguintes:

1. — Que o OBJECTO desta decisão seja a fé, a moral ou a disciplina geral da Egreja.

2. — Que esta decisão seja dada pelo Papa, não como Doutor privado, mas, sim, como Pastor e DOUTOR SUPREMO de todos os christãos, sendo isto particularmente especificado.

3. — Que esta decisão seja dada pelo Papa, COMO OBRIGATORIA, para a Egreja universal.

Cumpridos estes três requisitos, diz-se que o Papa falou *ex Cathedra,* isto é, como estando sentado no throno de Pedro, definindo que uma doutrina sobre a fé e sobre a moral deve ser acreditada pela Egreja universal.

Eis a infallibilidade.

Ella não pertence propriamente A' PESSÔA do Papa, como tal, mas, sim, á sua FUNCÇÃO, ou antes, ella é inherente a uma de suas funcções, á de DOUTOR SUPREMO dos christãos.

Para ser infallivel, não é bastante ser Papa, nem exercer tal ou tal funcção do Papado: E' mister exercer a funcção especifica de falar *ex Cathedra — super cathedram Petri,* e falar á Egreja universal.

Ha muitos Papas que nunca usaram deste privilegio, embora exercessem os outros misteres de chefe da Egreja. Não tiveram occasião de exercel-o.

Taes Papas possuiam a infallibilidade como prerogativa, sem exercel-a, do mesmo modo que São Francisco de Assis possuia o poder de consagrar o Corpo e o Sangue do Salvador, embora a sua humildade o conservasse afastado do Altar, sem que jamais tenha celebrado a Santa Missa.

Quantos medicos, advogados, engenheiros, são formados na respectiva arte, sem exercer as funcções desta arte! Possuem a prerogativa, sem entretanto exercel-a.

Tudo o que faz um medico, não pertence á medicina; nem tudo o que um advogado faz, pertence á magistratura. Assim, tudo o que o Papa faz e diz não pertence á infallibilidade; são somente infalliveis aquelles ACTOS DE-

TERMINADOS, com os requisitos já mencionados.

Este ponto é importante e é necessario sublinhal-o, pois é ahi que está a fonte dos erros que correm a esse respeito e das confusões que reinam em certos espiritos a respeito deste dogma.

"O Papa não é infallivel, nem como homem, nem como sabio, nem como sacerdote, nem como bispo, nem como principe temporal, nem como juiz, nem como legislador, diz muito bem uma Instrucção pastoral, altamente approvada por Pio IX."

"O Papa não é infallivel, nem impeccavel em sua vida, em seu comportamento, em suas vistas politicas, em suas relações com os principes, e nem sequer no governo da Egreja; mas elle o é unica e exclusivamente, quando, em sua qualidade de DOUTOR SUPREMO da Egreja, define assumptos de fé, de moral, decisões que devem ser acceitas e consideradas obrigatorias para todos os fieis.

O cardeal Manning exprime-se do mesmo modo: Pelas palavras: *ex Cathedra*, acham-se excluidas da infallibilidade, diz elle, todos os actos do Pontifice como *pessôa privada*, ou como *doutor particular*, ou como *bispo local*, ou como *soberano* de um Estado.

Em todos estes actos o Papa está sujeito ao erro. Elle está isento de erro numa unica circumstancia, quando, como *Doutor Supremo*, ensina á Egreja universal, acerca da fé e da moral. (Hist. Conc. Vat.).

Podemos ir além, e restringir ainda mais a infallibilidade.

Eis um Papa assentado na Sé de S. Pedro, e que ahi fala livremente, *ex Cathedra*, á Egreja universal a respeito de um ponto de fé ou de moral. Tudo o que elle diz não é, por isso, infallivel.

Até nos decretos ou bullas dogmaticas, diz um theologo secretario geral do Concilio do Vaticano (Dom. Fessler) não se deve considerar tudo indistinctamente como decisão dogmatica, e por conseguinte, como objecto da infallibilidade.

Em particular, não se deve considerar como infallivel, o que é apenas mencionado de passagem, ou o que serve de introducção ou de consideração.

Todos os theologos estão de accordo a esse respeito (Melchior Cano: De locis theol.).

A unica coisa infallivel no Papa é o DOUTOR SUPREMO da Egreja universal, acerca de fé e de moral.

Tudo o que contém uma bulla dogmatica não é pois infallivel.

As considerações, os diversos argumentos que preparam o espirito estão excluidos, ficando o ACTO DE FE' reservado ás palavras pro-

prias da definição: palavras claras, precisas, muito solennes, pelas quaes o Papa affirma que tal ou tal verdade, é revelada por Deus, e que deve ser acceita, sob pena de anathema, ou exclusão da Egreja.

Os termos das definições dogmaticas, são os seguintes: Eis porque, apoiando-nos fielmente sobre a tradição que remonta até ao começo da fé christã, para a gloria de Deus nosso Salvador e a salvação dos povos christãos, nós ensinamos e definimos que é um dogma devidamente revelado: a saber:... *Docemus et divinitus revelatum dogma esse definimus*:

Applicando estes termos á propria definição da infallibilidade, temos a seguinte declaração de fé:

Que o Pontifice romano, quando fala *ex Cathedra*, isto é, quando preenchendo o cargo de Pastor e Doutor de todos os christãos, em virtude de sua autoridade apostolica, define que uma doutrina sobre a fé ou a moral deve ser acreditada pela Egreja universal, goza plenamente, pela assistencia divina, que lhe fôra promettida na pessôa do Bemaventurado Pedro, desta infallibilidade de que o divino Redemptor quiz dotar a sua Egreja, definindo a respeito da fé ou moral; e que, por conseguinte, taes definições do Pontifice Romano são irreformaveis por si mesmas, e não em virtude do consentimento da Egreja.

Si alguem, que Deus não o permitta, tivesse a temeridade de contradizer a nossa definição, seja elle anathema".

Eis um acto emanando do Doutor Supremo, sobre um ponto determinado da doutrina catholica: tal acto é, pois, uma sentença da infallibilidade.

II. A extensão da infallibilidade

O Papa sendo infallivel, a Egreja inteira o é egualmente, não por si, mas pela sua inseparavel união com o Papa.

A Egreja compõe-se da parte DOCENTE e da parte DISCENTE: a primeira ensina e a segunda é ensinada.

Ora, a parte docente é infallivel ACTIVAMENTE, isto é, ensinando sem poder enganar-se.

A Egreja discente ou ensinada é infallivel PASSIVAMENTE, isto é: escutando a voz do Papa e dos bispos, nunca póde ser induzido em erro.

Deste modo, a Egreja inteira é infallivel: uma parte pelo *ensino*, outra parte pela *obediencia*.

Eis porque Jesus Christo disse: *Foi me dado todo poder no céo e na terra; ide, pois, e ensinae todas as nações, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo ,ensinan-*

do-as a observar todas as cousas que vos mandei; e eis que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos. (Math., XXVIII, 18-20).

Examinae bem este texto e vereis que elle tem uma extensão que, á primeira vista, não apparece.

Eis que eu estou comvosco; estas palavras resumem e encerram tudo: não ha exclusão de poder, nem de auxilio nenhum.

Jesus Christo é a parte infinita de tudo.

Como diz o Apostolo, *ha n'Elle escondido os thesouros da Sabedoria e da Sciencia.* (Col., II, 3).

Dizer que Elle está com a Egreja é dizer que todos estes thesouros estão tambem com ella; pois não se póde separar os thesouros divinos d'Aquelle que é a sua fonte e o seu principio.

Eis que eu estou comvosco. Notae esta nova disposição. Jesus Christo fala de seu PODER, de seus APOSTOLOS e de todas as NAÇÕES, e, reunindo estes três elementos, Elle diz que estaria COM ELLES até ao fim dos tempos.

E' a infallibilidade completa da Egreja *docente e discente* como acabámos de explicar.

Estarei comvosco, isto é, com todos elles. Com aquelles que desejam ser ensinados ou baptisados, pois elles estando *comvosco,* e eu estando tambem *comvosco,* estarei igualmente com elles.

Até a consummação dos seculos. Não é sómente *comvosco,* com quem estou falando; a minha promessa se estende além, attinge todos os vossos successores, pois deixareis herdeiros e a vossa raça nunca terá fim; e eu, que não morro, eu a *verdade infallivel,* ficarei sempre com esta raça.

Eis o principio da infallibilidade da Egreja.

Tal principio é a base da paz e da tranquillidade que deve reinar no espirito de todo catholico.

Não é preciso ser scientista para logicamente o catholico concluir a verdade absoluta da religião que professa.

Póde e deve dizer:

A minha religião aprendi-a eu dos labios de MEU VIGARIO que depositou em minhas mãos e me explicou um pequeno livro: *o cathecismo.*

O que o vigario me ensina remonta ao BISPO, que o mandou com este livrinho.

Por meio do bispo, este ensino remonta ao PAPA, que enviou o bispo.

Pelo Papa, este mesmo ensino remonta, de Papa em Papa, até S. Pedro, que o recebera de Jesus Christo.

A minha religião é a mesma que S. Pedro recebeu de Jesus Christo e ensinava.

Ora, si o vigario que me ensina mudasse qualquer cousa na doutrina catholica, os outros sacerdotes, e até os proprios fieis, o denunciariam ao bispo.

E si o bispo mudasse qualquer coisa, os outros bispos e até os padres e os simples fieis o denunciariam ao Papa, *guarda vigilante da fé*, e este o separaria da Egreja.

Uma mudança na fé é pois impossivel hoje como o foi em todos os tempos, pelas mesmas razões.

A minha religião é, pois, a religião que Jesus Christo ensinou.

O catholico mais instruido póde raciocinar do seguinte modo:

Negar um unico artigo da minha fé seria negar a infallibilidade da Egreja.

Negar a infallibilidade da Egreja seria negar a efficacia da palavra de Jesus Christo.

Negar a efficacia infallivel da palavra de Jesus Christo seria negar a sua divindade, que provou pelos milagres.

Negar a divindade de Jesus Christo seria negar o proprio Deus.

Negar a Deus seria negar a razão humana, que reconhece invencivelmente a sua existencia.

Ora, não se póde, sem loucura, negar a razão humana.

Tenho pois absoluta certeza de que tudo o que a Egreja me ensina, é o proprio Deus quem

m'o ensina, de tal modo que si, — o que é impossivel — a Egreja me fizesse errar, teria eu o direito de dizer a Deus, como o disse um doutor: "Sois vós, Senhor, que me enganastes!".

Temos a conclusão pratica:

Devemos ESCUTAR a Egreja, como escutariamos o proprio Jesus Christo, si Elle nos falasse.

Devemos CONSULTAR a Egreja, quando qualquer difficuldade ameaça romper a ordem e a harmonia da familia christã.

Devemos *obedecer* á Egreja, firmes na persuasão de que ella tem missão para levar-nos ao céu.

Devemos *amar* á Egreja e ao seu chefe, o Soberano Pontifice, personificação da Egreja, e até, si necessario fosse, dar a nossa vida para defendel-o.

III. Umas objecções

Após a exposição da verdade, respondamos a umas objecções que o protestantismo levanta contra a infallibilidade.

A primeira e a mais absurda é que a infallibilidade é uma invenção romana, que não figura na Biblia.

Basta examinarmos os textos já citados, para convencer-nos de que tal INFALLIBILIDADE figura em mais de 15 lugares do Evangelho.

Alli não se encontra a palavra: INFALLI-

VEL, pela razão muito simples que o Salvador não falava portuguez, mas sim aramaico, hebraico, e que nestas linguas a palavra *infallivel* tem necessariamente outro termo, equivalente na significação, embora differente na expressão.

Seria abuso repetir uns tantos textos já citados diversas vezes.

Reflictam um instante os objectantes ou protestantes.

— Que quer dizer: *Não poder faltar?* (Luc., XXII, 32).

Não é: *ser infallivel?*

— Que significa: Ser o fundamento da Egreja infallivel? (Math., XVI, 18)

Não é: *ser infallivel?*

— Que exprime a palavra: que o erro nunca prevalecerá contra Pedro? (Math., XVI, 18).

Não é: *ser infallivel?*

— Que é que se entende por: confirmar os outros na fé? (Luc., XXII, 32).

Não é: *ser infallivel?*

— Que quer dizer Jesus dizendo a Pedro: Apascenta os meus cordeiros e minhas ovelhas? (Joan., XXI, 16).

Não é: *ser infallivel?*

E assim adiante...

Ha no Evangelho innumeros textos exprimindo textualmente e sob diversos aspectos: *a infailibilidade* do Papa.

Basta querer ver... e comprehender.

Os pobres amigos protestantes podem torcer, romper, desviar e massacrar os textos do Evangelho, mas a verdade ficará sempre a mesma; e esta verdade num breve e lucido syllogismo nos diz:

O Christo é infallivel, e infallivel é aquelle a quem Elle transmittir este privilegio.

Ora, Jesus Christo transmittiu este privilegio a Pedro e a seus successores.

Logo: Pedro e os Papas são infalliveis.

Quem negará a primeira parte?

E a segunda parte?

Negando-a, é preciso rejeitar este texto luminoso como o sol ao meio dia: *Assim como meu Pae me enviou, tambem eu vos envio a vós* — *Recebei o Espirito Santo.* (Joan., XX, 21, 22). — *Quem vos escuta, a mim escuta.* (Luc., X, 16).

O Papa é infallivel, porque é o successor de Pedro infallivel... Está no Evangelho, em proprios termos, para quem sabe ler, e para quem acredita na palavra de Deus, em vez de acreditar na interpretação de qualquer ignorante feito pastor.

Passemos á segunda objecção, de valor igual ao da primeira.

O Papa é homem, bradam os protestantes; como póde elle ser infallivel?

Que pedrada formidavel!

E' como si alguem dissesse: O Presidente

da Republica é homem, como póde elle ser presidente?

E' presidente, porque foi eleito pela nação, e, como tal, tem nas mãos as rédeas do governo.

O Papa é homem?

Perfeitamente! Que queria que elle fosse?

Anjo, diabo, ou animal... são as espécies fóra do homem.

ANJO?

Mas a terra não é para elles.

A patria dos anjos é o Céu.

DIABO?

Deus nos livre!... A terra tambem não é delles, apesar dos muitos representantes e emissarios delle que correm neste mundo afóra. A patria delles é o inferno.

HOMEM?

Sim... deve ser homem, porque deve guiar e instruir os homens... deve viver no meio dos homens, deve morar na terra dos homens.

O Papa deve ser homem... e homem como os outross homens, pois, só ha uma especie de homens.

E este homem é infallivel.

Sim: como o homem eleito para o cargo presidencial é presidente.

Não é o homem que é infallivel. — Todo homem é mentiroso, diz a Biblia: *Omnis homo*

mendax. (Rom., III, 4). O que é infallivel é O OFFICIO PROPRIO de um homem escolhido por Deus, como ficou explicado no paragrapho primeiro do presente artigo:

E o Papa, falando ex-cathedra, sobre dogma ou moral, para a Egreja universal.

E porque Deus não poderia fazer um homem infallivel?

Será isso mais difficil que fazer circular a voz humana em redor do mundo, e fazer captal-a, milhares de vezes, pelo radio?

Será mais difficil outorgar a infallibilidade DOUTRINAL a um homem, do que confiar uma especie de infallibilidade SCIENTIFICA aos estudiosos, aos inventores?

Mil vezes, não!

Aquelle que dá uma quasi infallibilidade ao genio, ao artista, para as cousas da terra, porque não daria uma completa infallibilidade ao seu representante, para as cousas do céu?

Devia fazel-o... e Elle o fez.

Para falar, em todo o rigor, o que é infallivel no Papa não é o homem, E' JESUS CHRISTO, é Deus, que o illumina com a sua verdade, para que não possa ensinar o erro ao povo christão.

Do mesmo modo, o homem eleito, para ser presidente da Republica, não governa o paiz como homem, mas como presidente.

O medico é homem, como os demais ho-

mens, mas não é como homem que elle trata e cura os enfermos, é como medico.

Pouco importa que elle seja homem, — deve sel-o; é o medico que cura.

Pouco importa que o Papa seja homem. Elle deve sel-o. Não é como homem que elle ensina, guia e governa, é como representante de Jesus Christo infallivel: e é NESTA FUNCÇÃO que elle goza do privilegio da infallibilidade.

IV. Mas, houve maus Papas!

Queira provar que os houve!

Não basta repetir as calumnias inventadas pelos protestantes; temos o direito de exigir provas.

E estas provas não existem... existem apenas suspeitas e calumnias.

No capitulo V, (pag. 118) já respondemos a taes objecções e mostrámos o que valem perante a sinceridade e a critica desapaixonada.

Mas supponhamos um instante, por condescendencia e compaixão, que tenha havido maus papas, que provaria isso?

Será um argumento contra o Papado ou contra a Egreja?

Absolutamente não! Seria um argumento EM FAVOR; e um argumento de primeiro valor.

Examinando a historia da Egreja, notamos

que ella vae sempre de progresso em progresso. Sempre combatida, calumniada, perseguida, ás vezes banhada no sangue de seus filhos, mas nunca vencida, nunca abalada, sempre triumphante, quer reine nos palacios dos Imperadores, quer nade no sangue de seus martyres.

Donde vem este eterno triumpho?

Será destes maus papas, bispos, ou padres?

Não póde ser... taes elementos deviam darlhe a morte; pois sendo combatida fóra pelos seus inimigos, e dentro pelos seus proprios filhos, como póde ella firmar-se e progredir?

Todo reino dividido contra si será destruido, diz o Salvador. (Math., XII, 25).

Como é que a Egreja não é destruida?

E' o argumento de um velho professor de Historia Ecclesiastica. Ao começar o seu curso elle repetia sempre: Meus filhos, a Egreja é divina...

Si não o fosse, ha muito tempo que os maus bispos, padres e maus catholicos a teriam sepultado.

Ella resistiu e resiste sempre:

Logo, ella é divina.

Admittindo, pois, que haja devéras maus papas, maus bispos, maus padres, deve-se concluir que a Egreja dividida deste modo não poderia resistir ao choque e deveria perecer, si não fosse divina.

A sua victoria constante, sem o apoio de

seus filhos e contra as forças colligadas da maçonaria, do protestantismo, do espiritismo, do liberalismo, do materialismo e do epicurismo, seria A PROVA MAIS CABAL e mais authentica da sua divindade.

A Egreja é uma sociedade divina, composta de homens, e governada por homens, elevados a uma dignidade divina, como são o Sacerdocio, o Episcopado e o Papado: Estes homens são todos chamados á santidade... deviam ser santos; porém Deus não póde tirar-lhes o livre arbitrio, de modo que, apezar dos altos cargos que occupam, os proprios papas pódem faltar aos divinos preceitos, ou por outra: NÃO SÃO IMPECCAVEIS.

A Egreja deixará de ser divina por isso?

Absolutamente não!

São Pedro cahiu, negando por três vezes o Mestre. Judas, chamado pelo proprio Jesus, cahiu no maior dos crimes, no crime de traição, manchando a si mesmo, mas não manchando a Egreja, que continuou, serena e impassivel, a seguir os seus destinos, guiada por Jesus Christo.

Si um magistrado deixa de cumprir a sua obrigação, tornando-se parcial e injusto, deixará elle, por isso, de ser magistrado... ou deixará a justiça de existir?

Si um medico abusa da medicina, dever-se-á desacreditar de toda a classe medica, e dizer que a medicina deixou de existir?

Deus quiz que os seus representantes fossem simples homens e não anjos do céo, para mostrar mais claramente que a Egreja é d'Elle... só d'Elle e que só depende d'Elle e não dos homens.

As obras divinas dependem de Deus; as obras humanas dependem dos homens.

A Egreja é obra divina... e os homens nada podem contra ella.

Uma outra objecção apresenta-se: E' outra pedrada protestante.

A Infallibilidade do Magisterio papal foi proclamada em 1870, no Concilio do Vaticano. Logo, é uma novidade... uma innovação... não existia antes.

A ignorancia é inventora fecunda de taes objecções.

Então, uma coisa só começa a existir depois de ter sido proclamada?

PROCLAMAR não é inventar, mas dizer officialmente que tal coisa existe: logo existia antes de ser proclamada.

Dionisio Papini, em 1710, proclamou a lei da pressão do vapor... Então não existia tal pressão antes daquella data?

Ramsden, em 1709, proclamou a existencia da electricidade... Então não existia antes?

O Padre Procopio, em 1759, proclamou a

attracção do para-raio. Então, antes não havia nem relampago nem trovão?

O Veneravel *Padre Beda* proclamou a lei dos mares e o *Padre Guido D'Arezzo* as notas musicaes... Então antes não havia nem maré, nem musica?

O *Padre Nollet* proclamou a electricidade das nuvens e o *Padre Copernico* o movimento dos planetas em volta do sol... Então não havia electricidade nas nuvens, nem movimento planetario?...

Inventar é uma coisa... proclamar é outra.

A Egreja nada inventa: o thesouro das invenções está encerrado na Sagrada Escriptura e na tradicção... O que ella faz é PROCLAMAR que tal verdade existe verdadeiramente, embora tenha talvez passado um tanto despercebida.

E' deste modo que o Papa Pio IX proclamou A INFALLIBILIDADE do Papa, em 1870, para reagir contra a revolta de Luthero, que procurára rebaixar a autoridade do chefe da Egreja.

Contra *a negação* do heresiarca oppoz o Papa a PROCLAMAÇÃO da verdade evangelica.

Nada mais simples, nada mais logico.

A infallibilidade existia desde S. Pedro, sempre foi acreditada, e sendo acceita por todos, era pois inutil proclamal-a antes.

Tal proclamação tornou-se necessaria, quando a impiedade pretendia negar a verdade.

Eis porque a proclamação demorou até 1870.

V. Conclusão

O Papa é o Doutor Supremo da Egreja.

Como tal, é o legitimo successor de S. Pedro, é o representante do proprio Christo.

Como tal, é INFALLIVEL em suas decisões acerca do dogma e da moral, quando, se dirige *ex-cathedra* á Egreja universal.

E' certo... é irrefutavel... é evangelico:

E' preciso admittir este dogma ou rejeitar a palavra de Deus.

Pedro, eu roguei por ti, para que a tua fé não falte. (Luc., XXII, 32).

Quem vos escuta, escuta a mim. (Luc., X, 16).

Eis que estou comvosco até ao fim dos seculos. (Math., XXVIII, 20).

De duas uma! Ou Jesus Christo sabe falar e comprehende a significação dos termos, ou então fala sem comprehender, Elle mesmo, o que diz.

Jesus Christo é Deus... a sua palavra não passa... e esta palavra é vida:

Quem ouve a minha palavra e crê naquelle que me enviou, tem a vida eterna. (Joan., V, 24).

Para que torcer, desviar ou desvirtuar o que é positivo e luminoso?

A Egreja é infallivel na pessôa de seu chefe.

E' um raciocinio sem sahida, a não ser para a hypocrisia e a mentira.

Sim, dirá talvez alguem, mas si o Papa estivesse de um lado, e a Egreja de outro, que aconteceria?

Supposição absurda.

Si numa carroça uma roda fosse para um lado, e a outra para o outro lado, que aconteceria?

Mas é impossivel: AS DUAS RODAS TÊM O MESMO EIXO.

E si no homem a cabeça quizesse ir para um lado, e os pés para o outro, que aconteceria?

E' impossivel: todos têm a mesma alma.

Digamos a mesma coisa do Papa e da Egreja. Elles têm a mesma alma motora; são dirigidos pelo mesmo Espirito Santo.

E não sómente tal supposição é absurda, e denota em seu prolator uma ignorancia profunda; mas o contrario é opposto á fé.

E' de fé que a cabeça da Egreja, como tal, nunca póde ser separada, nem da Egreja DOCENTE, nem da Egreja DISCENTE, isto é, nem do episcopado, nem dos fieis.

Suppor que tal separação seja possivel seria negar a intervenção do Espirito Santo na Egreja, em virtude da qual o corpo mystico acha-se estreitamente ligado em todas as suas partes: a cabeça com o corpo, o corpo com a cabeça e os membros entre si.

Seria desligar Jesus Christo de seu corpo mystico; seria destruir a symetria perfeita e organização que o Apostolo chama o *corpo de Christo*: *Ita multi, nunm corpus sumus in Christo*. (Rom., XII, 5).

Vós sois o corpo de Christo e membros de seus membros. (1, Cor., XII, 27).

O proprio Christo é a cabeça do corpo da Egreja. (Col. I, 18).

Tudo isso, tão bello e tão expressivo, seria uma méra utopia: o corpo mystico de Christo deixaria de existir, não passaria de UM CADAVER, pois a separação entre a cabeça e os membros produz necessariamente a morte.

Negando-se a divindade da Egreja, considerando-a uma instituição humana, neste caso é possivel suppôr que o Papa possar estar de um lado e a Egreja do outro. Poderia pensar tudo, pois sem o Espirito Santo, a Egreja seria humana, perecivel como qualquer outra sociedade humana.

Mas, si sois christãos, si acreditaes na palavra de Jesus Christo e da Biblia, deveis acreditar que a Egreja é OBRA DIVINA, obra de Jesus Christo, animada pela acção do Espirito Santo, que lhe dirige todas as pulsações, e neste caso a duvida é impossivel.

A Egreja e o Papa formam uma unica e mesma coisa. *Ubi Petrus, ibi Ecclesia*, dizia Sto. Ambrosio: onde está Pedro, ahi está a Egreja.

Como se vê, todas as objecções nascem de um ponto de vista falso, de uma assimilação impossivel entre a Constituição divina da Egreja, tal qual foi feita por Jesus Christo, e as monarchias terrestres.

O que illumina estas ultimas é O GENIO do homem.

O que illumina a Egreja é O ESPIRITO SANTO.

E' a infallibilidade divina que lhe é propria, que lhe pertence por direito e de facto.

Os homens pódem apenas communicar as suas instituições e prerogativas humanas.

Deus outorga as suas obras e prerogativas divinas.

E a prerogativa fundamental de sua obra divina, que é a Egreja, é a verdade immutavel e infallivel.

Sendo a Egreja a depositaria e a guarda da verdade divina, ella deve necessariamente ser INFALLIVEL.

E' o que temos procurado fazer comprehender claramente nestes dois capitulos.

CAPITULO XI

Pedro no Evangelho

Oh! Egreja de Christo, com tu és bella, radiante de luz e de amor!

Sinto-me impellido a prostrar-me de joelhos, com a fronte em terra, para te venerar, acclamar e exaltar!

Queria prostrar-me deante de teu representante na terra, ó Salvador adorado, beijar com ternura e regar com minhas lagrimas os pés daquelle que o mundo proclama: O SANTO PADRE.

Sentado neste throno immortal, que é o throno de Pedro, tendo a mão levantada para abençoar como o Christo, o olhar sereno como o azul do firmamento, o pé estendido sobre o rochedo granitico dos seculos, vejo, neste ancião vestido de branco, a cabeça corôada da tiara symbolica e o coração corôado de espinhos, com o sorriso nos labios e as lagrimas nos olhos, vejo em ti o REI dos seculos, o PAE da Christandade, o PHAROL da verdade, o HERÓE das lutas titanicas, o VENCEDOR do mundo.

Tu és Pedro!... E's pedra... Tu és rochedo... E's um granito eterno!...

Oh! Santo Padre, para ti se dirige toda a minha veneração! a ti o meu amor... a ti a minha vida.

Pedro... tu és A VERDADE divina neste mundo.

Beijo os teus pés; são os pés do Papa, os pés de Christo... os pés dos milhares de santos e de martyres da Egreja catholica.

Salve, ó Pedro!... Salve, ó Santo Padre!

Retomemos um instante as palavras do Salvador, dirigidas a Pedro, fazendo delle a pedra fundamental, o centro de sua Egreja.

Temol-as estudado em particular, palavra por palavra, phrase por phrase ;é preciso agora reunil-as num feixe luminoso, ou numa SYNTHESE concreta, para descobrirmos em seu conjuncto novas verdades e novas bellezas, que fazem da dynastia de Pedro o grande e ineffavel mysterio deste mundo.

I. O olhar de Jesus Christo

A vida de Jesus Christo é toda de ensinamentos.

Não são simplesmente as suas palavras, mas até os seus gestos, o seu olhar, a ligação dos factos, a successão dos acontecimentos, tudo isso é ensino...

Tudo é divino em Jesus Christo, porque tudo emana de sua Pessôa, que é divina.

Ha n'Elle uma sciencia EXPERIMENTAL, outra INSTRUCTIVA, outra BEATIFICA... mas pertencem todas á mesma Pessôa.

Ha n'Elle uma vontade humana, e outra divina, mas ambas são da PESSÔA DIVINA.

Por isso, ha uma unidade perfeita entre as diversas scenas do Evangelho.

A' primeira vista, quer nos parecer existir alli até uma certa incoherencia... quasi um descuido...

E' porque nós só vemos o lado exterior e material das cousas.

Deus enxerga mais alto e mais longe.

O Espirito Santo já o disse: *O homem vê o que apparece; Deus perscruta o coração.* (1, Reg., XVI, 7).

Percorramos um instante o conjuncto das diversas palavras e gestos do grandioso acontecimento da ESCOLHA e da INVESTIDURA de Pedro, como chefe da Egreja, e veremos scentelhas de luz, que talvez não tenhamos percebido até hoje.

Era logo depois do baptismo do Salvador.

O Espirito Santo repousára sobre a sua cabeça e uma voz ecoára das alturas do Céu: *Este é o meu Filho amado, no qual puz as minhas complacencias.* (Math., III, 17).

Era a divindade que acclamava Jesus Christo.

A humanidade, representada por João Baptista, o indicára com o dedo: *Eis o Cordeiro de Deus, eis aquelle que tira os peccados do mundo.* (Joan., I, 29).

Todos os véus se rasgam ao mesmo tempo: os do Céu e os da terra, para annunciar a obra que Jesus vai começar.

Elle não tinha ainda discipulos.

Apenas dois lhe faziam companhia: João e André.

Mas nem a ternura virginal de João, nem o caloroso enthusiasmo de André, attrahiram o seu olhar divino.

De repente, um terceiro se apresenta; este não viéra espontaneamente: tinham ido procural-o.

Jesus pára; fita-o... fixa-o demoradamente, segundo o texto sagrado: *Jesus examinando-o* disse: *Tu és Simão, filho de João*: tu serás *chamado Kephas, que quer dizer Pedro.* (Joan., I, 42).

Notae bem a sublime gradação da scena.

Jesus FIXA-O, diz o Evangelho: *Intuitus eum.*

Ha sobretudo três palavras, em latim, para graduar o olhar: *videre — aspicere — intuere*.

Isto é: *vêr* ... como se vê qualquer objecto.

Considerar ... é vêr com attenção ... distinguir entre outros.

Examinar ... é penetrar através do exterior até o interior.

Dahi a palavra *intuição,* especie de olhar transcendental, que pertence ao genio. E' a palavra do Evangelista: *Intuitus eum.*

Tal o artista contemplando o bloco de marmore donde vai surgir uma obra-prima, *Jesus examina Simão.*

Elle não vê simplesmente o pescador... Elle enxerga além ... enxerga Pedro: O PAPA.

Não lhe basta vêr sómente.

Elle vê Simão...

Enxerga Pedro.

Examina o Papado... a successão vinte vezes secular dos successores de Pedro!

Oh! Jesus, o mundo póde agitar-se agora...

O demonio póde rugir...

A DYNASTIA SAGRADA está prevista, ordenada... Cada Papa está escolhido... a lista se seguirá do primeiro até o ultimo Pedro: *Tu és Petrus* ...

E' uma linha recta que nada desviará... é uma CORDILHEIRA DE ROCHEDOS, contra a qual abater-se-hão, impotentes, todas as tempestades.

E' o que indica a continuação das palavras de Jesus Christo: *Tu és Simão, tu serás Kephas.*

E para mostrar que tudo isso é OBRA DIVINA, e não uma simples apresentação, Jesus não pergunta quem é o novo candidato, ou de quem é filho. Não!

Elle o examina, e mostra que o conhece por INTUIÇÃO DIVINA: *Intuitus eum.*

Sem nada indagar, Elle diz logo quem é o recem-chegado: O seu olhar divino lhe revelou tudo.

Tu és Simão, filho de João — VEJO o passado, ENXERGO o presente, PENETRO o futuro, não julgo pelas apparencias; julgo pelo coração... Por isso, *Simão,* tu deixarás o teu nome antigo, como deixarás o teu officio antigo: *tu serás chamado Kephas, que quer dizer Pedra,* ou Pedro. (Joan., I, 42).

A cada Papa Jesus Christo repete:

Tu és Joaquim Pecci... tu serás Leão XIII.

Tu és José Sarto... tu serás Pio X.

Tu és Giacomo della Chiesa... tu serás Bento XV.

Tu és Achilles Ratti... tu serás Pio XI.

Tu és Eugenio Pacelli... tu serás Pio XII.

E a lista seguir-se-á: de S. Pedro... até o ultimo Papa.

Cada um delles deixará o seu primeiro nome, para tomar o nome de sua transformação em PEDRO.

Não é isso divinamente bello?...

E' divinamente grande e significativo!

Duzentos, sessenta e seis Papas, succedendo-se e mudando o seu nome secular, para usar unica e exclusivamente o nome do Papa!

II. A primeira definição

O olhar, o gesto e a escolha de Pedro, como base da Egreja, exige delle uma resposta, uma profissão de fé... ou melhor, O EXERCICIO DE SUAS FUNCÇÕES sublimes.

Qual é a funcção de Pedro, e de todos os Papas?

E' apresentar ao mundo *O Christo, Filho de Deus vivo,* como centro e fóco de toda *a verdade.*

E' uma nova scena evangelica, já descripta, (pag. 153), mas que devemos resumir aqui, para contemplal-a sob outro ponto de vista.

Um dia os Apostolos examinaram o conflicto de opiniões que se cruzavam em redor de seu divino Mestre.

Uns dizem que é Elias, outros, João Baptista ou qualquer outro propheta.

Jesus interpella-o bruscamente: *E vós, quem dizeis que eu sou?* (Math., XVI, 15).

Cabe a Pedro, como chefe da Egreja, dar a primeira DEFINIÇÃO DE FE' da pessôa de Jesus Christo.

Elle vae dogmatizar...

Sente a inspiração do Espirito Santo.

E' o Papa que vae falar... o Papa assistido por Deus... o Papa infallivel, o Papa lançando através do mundo, á convite de Jesus Christo, a sua PRIMEIRA DEFINIÇÃO DOUTRINAL.

Jesus Christo alli está...

Os Apostolos, os primeiros bispos, estão alli tambem.

Todos escutam.

E' o primeiro acto de autoridade que Pedro vae exercer, sob o olhar de seu Mestre...

Quem sou eu? pergunta Jesus.

E sem hesitação... refulgente como o relampago... majestoso como o trovão... fulminante como o raio... Deus fala pela bocca de Pedro...

Pedro é o canal infallivel da verdade divina.

Elle responde: *Tu és o Christo, Filho de Deus vivo!*

Está feito: a Egreja está fundada...

Deus escolheu Pedro como o primeiro chefe desta Egreja... e na mesma occasião este chefe lança a sua primeira proclamação dogmatica, perante seus collegas, os Apostolos.

Elle, Pedro, é a pedra fundamental, e sobre esta Pedra está collocado o throno *do Christo Filho de Deus vivo.*

Pela primeira vez a proclamação do Papa echôa através do mundo e continuará a echoar

através dos seculos. Todos os Papas serão os continuadores deste brado de fé... todos continuarão a ser o rochedo, sobre o qual o *Christo, Filho de Deus vivo,* fixou par sempre o seu throno.

Eis que estou comvosco até a consummação dos seculos. (Mat., XXVIII, 20).

Eis agora a CONFIRMAÇÃO divina do primeiro decreto dogmatico do primeiro Papa.

Nada falta nesta sublime scena.

Pedro falou...

O Christo confirma a sentença de Pedro, como confirmará as sentenças doutrinaes de todos os Papas.

Bemaventurado és tu, Simão, filho de João: porque não foi a carne e o sangue que t'o revelou, mas meu Pae que está no céu. (II, Math., XVI, 17).

Póde haver coisa mais clara e mais positiva?

E' impossivel!

Jesus Christo não quer proclamar, Elle mesmo, esta verdade! Elle deixa, ou melhor, ordena que o chefe infallivel da sua Egreja *defina* a verdade de sua DIVINDADE, e Elle mesmo approva esta proclamação, declarando que não é elle, Pedro, composto de carne e sangue,

que fez esta declaração, mas, sim, *o Pae Celeste que lho revelou,* sendo elle, Pedro, o canal infallivel da doutrina divina.

Para mostrar que esta proclamação não é um facto isolado na Egreja, Jesus Christo continúa: *E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* (Math., XVI, 18).

Eis a perpetuidade da autoridade e da infallibilidade promettidas a Pedro.

Elle proclamará a verdade, e as portas do inferno, isto é, os vicios, as paixões, as violencias, as hypocrisias, as traições, nunca prevalecerão contra a proclamação doutrinal de Pedro, e de seus successores.

Notem agora a connexão logica, admiravel, entre estas diversas partes, a successão divina entre cada parte da scena e das palavras.

E, para completar a scena ineffavel e grandiosa, o Salvador, que acaba de construir a sua Egreja, comparando-a a um edificio, continúa falando das chaves que fecham os edificios.

Eu te darei as chaves do reino dos céus. (Math., XVI, 19).

Pedro tem as chaves.

Ninguem entrará sinão por seu intermedio...

Ninguem terá autoridade, sinão por elle...

Ninguem terá direitos, sinão por elle...

Apresenta-se as chaves de uma fortaleza a um rei, para confessar publicamente a sua soberana autoridade.

Entrega-se as chaves a um proprietario, para reconhecer que a casa é delle.

E Jesus Christo dá as chaves do reino dos céus a Pedro, só a Pedro, exclusivamente a Pedro, para mostrar que o proprietario, o Senhor, o dono do reino dos céus é Pedro, e que, sem elle, contra a vontade delle, ninguem alli penetrará.

E' claro... é irrefutavel!

E para que não exista nenhuma duvida, como que para annular, de antemão, qualquer falsa interpretação, Jesus completa:

Tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céus: e tudo o que desatares sobre a terra, desatado será tambem nos céus. (Math., XVI, 19).

TUDO: notae a repetição da palavra: TUDO. Jesus nada exceptúa.

Depois de ter feito de Pedro o FUNDAMENTO de sua Egreja, depois de lhe ter dado AS CHAVES que fecham e abrem soberanamente, Elle lhe dá a ADMINISTRAÇÃO inteira e absoluta, de todos os thesouros que nella estão depositados.

E' manifestamente um designio de Christo que TUDO na Egreja repouse sobre elle só. Não póde haver nada mais usado, mais claro e mais

sublime que esta divina investidura, seguindo-se a primeira definição dogmatica de Pedro.

III. A joeira de Satanás

Vamos adiante...

Tudo é divino na instituição da Egreja e na investidura de Pedro.

Ha alli scenas demais desconhecidas como ha aspectos inexplorados.

Pedro lançou a sua primeira definição dogmatica, proclamando *o Christo, Filho de Deus vivo.*

Jesus Christo, presente, confirma esta proclamação.

Pedro lançou o primeiro *motu proprio,* a grande BULLA dogmatica do catholicismo.

Jesus, com seu proprio punho, assigna este documento, proclamando BEMAVENTURADO a Pedro, por ter falado por inspiração divina. (Math., XVI, 17).

Tudo isso é divinamente bello e grandioso! Mas eis aqui o que não o é menos.

O Christo veio destruir a obra e os manejos de Satanaz... E' pois natural que este ultimo dirija o seu odio e a sua vingança contra a grande obra de Jesus Christo, contra a Egreja e contra o seu chefe.

Apenas o Salvador investira o primeiro Papa, de sua eminente dignidade, e já o seu divino olhar, até aqui radiante e como que enthusiasta, parece velar-se... a sua voz omnipotente, que, com entonação firme acaba de proclamar Pedro o chefe de sua Egreja, parece tremer de emoção, e lançando sobre Pedro um olhar compassivo, enternecido, Elle exclama: *Simão, Simão!*

Por duas vezes Jesus repete o nome de Pedro, o nome familiar, como para melhor mostrar-lhe a sua ternura, e preparal-o a qualquer confidencia terrivel.

Simão, Simão! eis que Satanaz vos reclamou, como instancia, para vos joeirar como trigo. (Luc., XXII, 31).

Que comparação estranha... horrivel!

Joeirar-vos... sacudir-vos, triturar-vos como o trigo no moinho... que horrivel ameaça do odio de Satanaz!

E' Satanaz que reclama este poder... e o reclama com instancia... quer triturar-vos!

Pobre Pedro... que visão horrivel!... Mas logo, para tranquillizar Pedro, Jesus ajunta: *mas eu roguei por ti, para que a tua fé não falte.* (Luc., XXII, 32).

Notae bem o texto, *Satanaz pediu para joeirar a todos...* ha de joeiral-os: Judas cahirá, será esmagado; Pedro cahirá triturado, mas se levantará, convertido, mais forte do que antes.

O Salvador emprega O PLURAL, para indicar que Satanaz queria joeirar todos os Apos-

tolos, como os joeirará de facto; e, dirigindo-se especialmente a Pedro, elle emprega O SINGULAR: *Eu roguei por ti*, para mostrar que só Pedro tinha as promessas da INFALLIBILIDADE que a fé que animava os outros podia faltar, mas que a de Pedro nunca faltaria.

Como já disse acima, cada um dos Apostolos gozava do dom de infallibilidade pessoal, mas não com transmissão a seus successores; Jesus Christo rogou só por Pedro e para os seus successores, em que devia ficar concentrado a infallibilidade de Doutor Supremo.

Eu roguei por ti, Pedro, para que não sejas esmagado, moido como os outros, para que a joeira de Satanaz não te fira nem te abata.

Tudo póde desfallecer em Pedro e em seus successores afóra a fé.

A virtude póde desfallecer nelle: a virtude E' PESSOAL.

A fé não póde desfallecer nelle; a fé é DA EGREJA, das almas.

Joeirados, feridos, tentados, triturados, encarcerados, moribundos, os Papas transmittir-se-ão, de geração em geração o pharol sempre acceso e refulgente que nenhum sopro do inferno poderá apagar.

Eu roguei por ti, para que a tua fé não falte!

E' a prece d'Aquelle que disse: *Eu sei, meu Pae, que vós me attendeis sempre* (Joan., XI, 42).

***

E porque o Salvador fez uma tal prece em favor de Pedro?

A continuação do Evangelho nol-o explica: *E tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos.*

Não é para Pedro, como *pessôa*, que Jesus orou; é para Pedro, COMO PAPA, como chefe da Egreja, no officio *de confirmar os seus irmãos* na fé.

Et tu conversus confirma fratres tuos.

Que resposta sublime!

Todos serão triturados, joeirados...

O bispo será triturado e ferido em sua diocese.

O socerdote será humilhado, calumniado e triturado em sua parochia.

Pedro estará ahi para sustental-os, confirmal-os.

Do mesmo modo que todos recebem delle a jurisdicção, a luz, elles receberão a FORÇA.

O triturado sustentará o triturado.

O ferido consolará o ferido.

O Salvador sustentará directamente UM SO', e por elle sustentará todos os outros.

E' o que estamos presenciando todos os dias.

Em pé, no centro do mundo entre os muros

seculares do Vaticano, neste reino pequenino, o Papa sustenta seus irmãos.

Elle encoraja os bispos *perseguidos.*

Consola os sacerdotes *calumniados.*

Corôa as *victimas.*

Faz tremerem os *algozes.*

Quem não se lembra do omnipotente Czar Nicolau e do Papa Gregorio XVI?

O Czar quiz esmagar a Polonia... o humilde ancião do Vaticano fez tremer o potentado... que desceu dalli cabisbaixo, pallido e abatido; tinha ouvido a voz da justiça, a voz daquelle que confirma os perseguidos.

O Rei da Italia, em frente a Pio IX, treme e chora... sente-se pequenino diante deste ancião vestido de branco, cuja voz é um écho da justiça eterna.

Napoleão pretende humilhar o Papa, seu prisioneiro... e a voz do representante de Christo rompe a espada nas mãos do omnipotente Bonaparte, e faz cahir de sua fronte a corôa imperial.

Pedro é eterno...

Tudo se inclina diante de seu throno.

E elle, com uma mão afasta o demonio, os algozes e os vicios, emquanto com a outra mão enxuga as lagrimas, reconforta os animos e corôa os que cáem na arena da luta.

O demonio não póde abater aquelle que re-

presenta o trigo fecundo no meio do joio estéril das paixões humanas.

IV. O amor de Pedro

Não termina ahi a admiravel formação de Pedro.

Jesus Christo não faz obras incompletas.

E a obra da Egreja é a sua obra de predilecção; por isso, deve revestir-se de todas as prerogativas da firmeza, da verdade, do soffrimento e do amor.

Já percorremos as três primeiras qualidades, admiravelmente manifestadas NO OLHAR de Jesus, na definição dogmatica de Pedro e na predicção tremenda das perseguições de Satanaz, que completaremos no capitulo seguinte; resta-nos percorrer um instante a ineffavel scena do amor reciproco de Jesus e de Pedro.

A scena evangelica, a que nos referimos, já foi descripta acima e é citada por S. João. (XXI, 15-19).

E' a investidura solenne e majestosa de Pedro, como chefe supremo da Egreja.

Consideremol-a aqui como continuação dos textos já citados:

O Salvador lançou sobre Pedro um triplice olhar, sendo cada um como a manifestação de uma nova prerogativa.

O primeiro olhar era um olhar de ENTHU-

SIASMO, de firmeza, de poder creador — "*Intuitus eum*".

O segundo era um olhar de TRISTEZA, ao pensar nos soffrimentos continuos de seu representante: *Simão, Simão . . .* disse este olhar, tão expressivo como as palavras: *eis que Satanaz vos reclamou com instancia para vos joeirar como trigo.*

E Jesus viu através do espaço e dos seculos a joeira de Satanaz pisar, ferir e triturar o seu representante, como o trigo na mó dos moinhos.

Mas ha um terceiro olhar, mais bello ainda que os dois precedentes, que acaba de mostrar-nos como é que devemos contemplar o Papa.

Era depois da resurreição, no momento de investir definitivamente Pedro do governo da Egreja.

Pedro, tu me amas mais do que estes? perguntou-lhe o Mestre. (João, XXI, 15).

E três vezes o Salvador renova a mesma pergunta.

Mas não basta das palavras; é preciso reconstitutir a scena com o olhar e com o gesto que acompanharam estas palavras.

Jesus está cercado dos Apostolos, tendo em sua frente São Pedro; Elle o fita, fixa no semblante do Apostolo um destes olhares que dizem mais que as palavras... Elle o fita longamente, TERNAMENTE, quasi tristemente.

Pedro, tu me amas mais do que a estes?

(João, XXI, 15) e Pedro, como fulminado, e ao mesmo tempo reconfortado por este olhar, baixa a cabeça, emquanto murmura em tom firme: *Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo!*

E assim até três vezes.

Na terceira vez as lagrimas de Pedro completam as suas palavras: *Ficou Pedro triste*, diz o Evangelista.

E o olhar de Jesus continúa a penetrar até no fundo da alma de Pedro, e este olhar lhe parece dizer:

Oh! Pedro, ama-me, ama-me muito, ama-me ardentemente, pois só o amor é capaz de dar-te a força para carregar a cruz, que vou pôr nos teus hombros.

A cruz das responsabilidades.

A cruz do soffrimento physico e moral.

A cruz das perseguições.

Ama-me, oh! Pedro, pois só um grande amor é capaz de grandes sacrificios.

Simon Joannis, diligis me plus his?

Eis o terceiro olhar de Jesus Christo sobre Pedro.

Como é terno este olhar!

Mas como elle é triste!

Como se sente que, sob a immensidade das grandezas, ha alli um homem fraco, enfermo, peccador, capaz de ser tentado, de ser triturado, de vergar sob o peso a cruz!

O Mestre sente-se commovido.

A FRAQUEZA do Papa! oh! ella tem qualquer coisa de commovedor, de veneravel.

AS LAGRIMAS do Papa! ellas são sagradas! Ai daquelles que as fazem correr!

OS GEMIDOS do Papa! E' preciso applicar-lhes o que a Sagrada Escriptura diz dos gemidos de uma mãe: Ouvem-se com uma especie de terror; nunca ficam esquecidos. (Eccl., VII, 29).

AS FALTAS do Papa! Oh! sim: as faltas do Papa: deve haver faltas, pois o Papa não deixa de ser homem.

Nós temos as nossas miserias, na vulgaridade da nossa vida; porque o Papa não as teria na sublimidade de sua grandeza?

Mas é preciso não vel-as.

O Papa é um Pae: e a paternidade é sagrada.

O maior dos crimes e o menor perdoavel é aquelle de um filho que tem a dôr de ver as faltas de seu pae, e que commette a infamia de zombar dellas.

O exemplo dos filhos de Noé é typico.

Deus amaldiçoou Cham por ter zombado da fraqueza de seu pae, e abençoou os que souberam com dignidade encobrir esta falta.

Os inimigos desta religião julgam rebaixar a grandeza do Papado, assignalando uns exemplos menos dignos de certos papas.

Cégos! São cégos que não enxergam que

umas faltas, (aliás não provadas) de uns Papas, são como as sombras que dão maior relêvo ao quadro divino do Papado.

Sobre 266 Papas, 82 foram canonizados; 45 levaram o habito religioso sobre o throno pontificio; mais de 50 foram eleitos contra a propria vontade, procurando, pelas suas vivas supplicações, afastar de si esta honra suprema.

Que haja nesta lista de 266 Papas, dois, ou três ou quatro, em tempos tempestuosos e de decadencia geral, que sejam, ou que pareçam menos dignos de seu caracter, que prova isso?

Prova a liberdade humana, que foi tão bem empregada em mais de 260 Papas, e parece apenas (e com grande exaggero) diminuida em dois ou três outros.

Oh! censores, quem de vós lançará a pedra á gloriosa phalange de santos, de heróes, que são os Papas?

Todos elles, após dezoito seculos completos, podem repetir a palavra de Pedro, sem receio de ser desmentidos: *Sim, Senhor, tu conheces tudo, tu sabes que eu te amo! Domine, tu omnia nosti, tu scis quia amo te.* (Joan., XXI, 17).

V. Conclusão

Comprehendeis, após o que dissemos, a grandeza divina, tão admiravelmente descripta nos Evangelhos, do throno de São Pedro.

Os protestantes vêm lançar seu odio contra o rochedo, onde o Christo collocou o throno de seu representante; pobres cégos que são, elles não vêem que a lama que lançam contra o Papado, não alcança nem o pedestal desta divina instituição.

As vagas do oceano que banha este pedestal e lavam-no continuadamente do lodo e da poeira que os inimigos de Deus procuram lançar contra elle.

Oh! por favor!... leiam elles o Evangelho!... leiam as paginas sublimes e ternas que acabamos de analysar aqui, e, em vez de protestarem, prostrar-se-ão de joelhos, mudos de admiração e de gratidão, diante desta obra-prima da bondade divina, que é o Papa.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia.

Todos querem conhecer a Egreja verdadeira: Ella é summamente conhecivel: Procurem Pedro... Pedro é a pedra fundamental da Egreja de Christo; e encontrando Pedro estarão em frente do edificio construido pelo proprio Christo:

Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha egreja.

A Egreja e o Papa são UMA COISA SO'!

A Egreja não repousa simplesmente sobre o Papa, como sobre um fundamento; neste caso seria um edificio morto; mas é o Papa que crea a Egreja, infiltrando-lhe incessantemente a vida divina.

E' o Papa que faz a Egreja UNA, SANTA, CATHOLICA, APOSTOLICA, que a marca com estes grandes distinctivos, reservados e incommunicaveis.

O Papa é o PRINCIPIO da unidade da Egreja.

E' a ALAVANCA da sua catholicidade.

E' a FONTE da sua santidade.

E' o TRONCO da sua apostolicidade.

Tudo repousa sobre elle, a tal ponto, que (o que é impossivel) si a Egreja viesse a perecer, o Papa a crearia de novo, sem que Deus, por assim dizer, tivesse precisão de intervir... o Papa refaria tudo, em virtude da paternidade que nelle está.

Vê-se logo quaes são os sentimentos que os catholicos devem nutrir para com o representante de Jesus Christo.

Uma dedicação inviolavel: elle é invencivel; a terra póde tremer, sem commovel-o.

O! Pedro! oh! Papa! a quem iriamos nós? Vós tendes as palavras da vida divina.

O Papa é INVENCIVEL... elle é IMMUTAVEL.

Tudo neste mundo póde desfallecer, excepto a fé e a doutrina de Pedro.

Poderá haver theologos mais profundos... philosophos mais penetrantes... scientistas

mais perspicazes... oradores mais eloquentes... genios mais refulgentes que o Papa; nunca porém haverá VERDADE mais segura, FE' mais luminosa do que a do Papa.

Os homens erram; os genios mais profundos têm o seu lado fraco: só o Papa é que fica VIRGEM de todo o erro.

As aguas de um novo diluvio, mais horrendo que o primeiro, poderão submergir as alturas; NUNCA ALCANÇARÃO O VATICANO, donde o Papa as dominará, calmo e sereno, na majestade de sua INFALLIBILIDADE e na firmeza de sua INDEFECTIBILIDADE.

Impõe-se-nos a conclusão:

A quem apegarmo-nos neste mundo?

Sobre quem apoiar-nos na vacillação?

A quem servir nas trevas da vida?

Ao Papa... elle é o pharol... é o rochedo. Tudo passa, e elle permanece...

Apeguemo-nos, pois, a elle.

Apoiemo-nos sobre elle.

Sigamol-o, com uma segurança, uma confiança e um amor tão firmes, tão absolutos, que nenhum acontecimento, nenhuma catastrophe, nenhuma desgraça, possa separar-nos delle.

Si o Papa nos perguntasse, como Jesus Christo perguntou aos Apostolos no meio da duvida que invade o mundo: — *Quereis vós tambem retirar-vos?* — Ah! repitamos logo o brado de Pedro, que lhe dirigiremos hoje: *Se-*

nhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens as palavras de vida eterna, e nós acreditamos e conhecemos que tu és o REPRESENTANTE *de Christo, Filho de Deus.* (Joan, VI, 68, 69).

CAPITULO XII

Fraqueza e força do Papa

Ha na Egreja, ou no Papado, um phenomeno divino que o mundo não enxerga bastante, ou não quer enxergar: — A sua força divina na fraqueza humana.

Tal é aliás o PRINCIPIO de todas as obras divinas neste mundo: *Escolher o que ha de mais fraco para confundir o que ha de mais forte.*

E' o segredo de Deus... E' a manifestação de seu poder.

S. Paulo formulou admiravelmente este principio das obras divinas, dizendo: *Deus escolheu as coisas loucas segundo o mundo, para confundir os sabios; e escolheu as coisas fracas segundo o mundo, para confundir os fortes, e escolheu as coisas vis e despreziveis segundo o mundo, e aquellas que não são para destruir as que são, para que nenhum homem se glorie diante delle.* (1, Cor., I, 27).

Eis a fraqueza humana tornando-se força divina.

Este aspecto do Papado é admiravel e de um aeloquencia divina; eis porque vamos estudal-o aqui, frizando bem o contraste desta fraqueza e desta força na pessoa do Chefe da Egreja, no Santo Padre, o Papa.

I. Um throno de sangue

Um throno de sangue: e este throno é o de S. Pedro.

Quasi não tenho a coragem de escrever uma tal verdade, pois é capaz de escandalizar as almas simples, pouco á parte da historia do mundo e do Papado, e entretanto é uma verdade e um facto historico.

Mas, para que se escandalizar?

Basta reflectir um instante e verão que deve ser assim.

O Christo disse que *o discipulo não está acima do mestre.* (Math., X, 24).

Elle é o mestre. (Joan., XIII, 14).

S. Pedro é o primeiro de seus discipulos. Jesus Christo veio fundar a sua Egreja... e onde a fundou elle?

Não foi na humildade de Belém, no suave aconchego de Nazareth, nem sequer em seu fecundo apostolado de Galliléa. Foi em seu sangue no alto do Calvario.

Hic sanguis testamenti, quod mandavit ad vos Deus. (Hebr., IX, 20).

E' de seu peito aberto, de seu coração ferido, que jorra em ondas divinas o sangue redemptor que forma a base e a gloria da Egreja. (Joan., XIX, 34).

A Egreja foi fundada no sangue de seu divino Fundador.

Esta Egreja devia ser a prova suprema do amor de Deus para com os homens, e Jesus o disse: "*Não ha maior prova de amor do que dar a vida por aquelles que se ama.* (Joan., XV, 13).

E elle nos deu o seu sangue, até a ultima gotta.

E' deste sangue fecundo e espiatorio que nasceu a sua Egreja.

O Calvario é o centro; é alli que a Egreja nasce no sangue do Salvador.

Ha um principio geral biologico que tem aqui a sua applicação: *Um ser vive e se desenvolve pelo que lhe deu a vida.*

A Egreja nasceu no sangue do Salvador; é preciso que este mesmo sangue lhe sustente e lhe desenvolva a vida.

E este sangue é, sem duvida, aquelle que Jesus Christo nos faz beber, dizendo: *Si não beberes o meu sangue, não terás a vida eterna em ti.* (Joan, VI, 54), mas é tambem aquelle que deve, através dos seculos, inundar o throno de Pedro, o throno do representante de Jesus Christo.

Jesus Christo fundou a Egreja em seu sangue.

O discipulo não estando acima do Mestre, é preciso que o Representante de Jesus Christo mantenha e vivifique a Egreja, em seu proprio sangue.

Si Tertuliano poude dizer que o sangue dos martyres é uma semente de christãos — *Sanguis martyrum, semen christianorum,* com muito mais razão deve dizer-se que o *sangue* dos Papas é a vida da Egreja.

Meu Deus! será possivel?...

Sim! E' uma realidade.

O throno de Pedro foi construido por Jesus Christo em seu proprio sangue.

Pedro regou-o com seu sangue.

Os 31 primeiros Papas, successores de Pedro, juntaram o seu sangue ao sangue de Pedro e de Christo, formando, deste modo, uma dynastia sangrenta... um throno ensanguentado, o throno do amor e da verdade.

De cada Papa é preciso que se possa dizer o que S. João disse de Jesus Christo: *Eis aquelle que veiu pela agua e pelo sangue.* (1, Joan., V, 6) e cada Papa, como o Salvador, deve adquirir a Egreja pelo seu sangue *quam acquisivit sanguine suo.* (Act., XX, 28).

A historia do Papado, considerada sob este aspecto, reveste-se de uma majestade tão grandiosa que parece deslumbrar.

Satanaz pediu, reclamou com instancia para joeirar a Pedro como trigo.

E Deus permittiu que elle fizesse este trabalho de apuração, para melhor e mais perfeitamente assemelhar Pedro a si mesmo.

E Satanaz fez um trabalho bem feito.

Desde S. Pedro até Pio XII a joeira de Satanaz não parou um instante.

Todos os Papas são triturados pela joeira como o trigo na mó dos moinhos, derramando o sangue de suas veias ou o sangue de seu coração, para unil-o ao sangue do Salvador, e aureolar a sua fronte com o nymbo do martyrio.

II. A dynastia sangrenta

Devemos provar o que acabámos de dizer.

E esta prova é uma das mais gloriosas e mais sublimes da historia do Papado.

Infelizmente, esta pagina é demais desconhecida; Deus permitte, talvez, que fique ignorada, para não interrompel-a; pois, si os inimigos da religião a conhecessem, comprehenderiam a inutilidade de seus esforços e calumnias contra o Papado; e veriam que, em vez de abater este throno divino, estão a exaltal-o, juntando-lhe mais uma pedra e pondo mais um diadema sobre a fronte ensanguentada do representante de Jesus Christo.

O mundo não vê!...

Elle não deve vêr!...

A prophecia do Salvador deve continuar a realizar-se, até ao fim dos seculos: *Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou, com instancia, para vos joeirar como trigo.* (Luc., XXII, 31).

Examinae a lista dos Papas, durante 18 seculos.

Foram 266, e qual é aquelle que não foi triturado, joeirado como trigo?

Já citámos na pagina 98 a lista dos 100 primeiros Papas, formando uma corrente ininterrupta, durante os 8 primeiros seculos.

Examinae esta lista.

Os 31 primeiros regaram com o sangue de suas veias o throno de Pedro.

São trinta e um Papas em seguida...

Todos elles foram decapitados, apedrejados, precipitados nas aguas, lançados ás féras do amphitheatro.

Receber a investidura papal era dar um PASSO PARA O MARTYRIO.

Morria um Papa, inundando com seu sangue a *tiara* que apenas collocára sobre a cabeça... e logo um outro lhe succedia, cingindo a tiara ensanguentada e levantando o baculo supremo de pastor, ainda humido do sangue de seu predecessor.

Que heroismo!

Onde já se viu uma dynastia começando por trinta e um condemnados á morte?

Percorramos apenas a lista, destacando os martyres mais conhecidos.

Passemos por cima dos corpos trucidados dos trinta e um primeiros: são todos martyres.

De S. Pedro, o primeiro, até S. Marcello, o 31.º, em 309... houve perto de 3 seculos de martyrio, repletos de martyres.

E' um lago de sangue!

Este lago brotou do Coração do divino Martyr, aberto pela lança, e do Calvario, foi-se derramando sobre o mundo, para purifical-o e regeneral-o.

Após esta legião de 31 Papas martyrizados vae-se succedendo outra legião de heróes, exteriormente menos martyrizados, mas sempre immolados, com o mesmo furor, pelos inimigos de Deus.

Percorramos esta lista, divinamente heroica, como é heroicamente divina.

Ao lado do sangue das veias dos Papa corre o sangue rubro e fecundo de seus corações:

— O Papa Liberio (352-363) é exilado e morre martyr, na Beréa, em Thracia.

— O seu successor, FELIX II, dá a sua vida pela fé que professa.

— INNOCENCIO I e LEÃO MAGNO estão expostos ao furor de Alarico e de Genserico.

— SÃO SYMACO é atacado nas ruas de

Roma, e seus sacerdotes estrangulados aos seus pés.

JOÃO I é encarcerado e morre em consequencia de maus tratos.

— AGAPITO morre exilado.

SILVERIO é preso pelos emissarios dos Imperadores, e vae morrer de fome numa ilha deserta.

— VIRGILIO é arrancado do Altar e vae morrer no exilio.

— PELAGIO cáe victimado pela peste, em seu palacio transformado em hospital.

— GREGORIO MAGNO chora o imperio romano que morre afogado na corrupção.

— SÃO MARTINHO é arrancado de Roma, carregado de ferros e exilado na Chersonesa.

— SERGIO I é exilado durante 7 annos.

— João VI teria seguido o mesmo caminho, si não fosse a revolta do povo contra as ordens do Imperador.

— Os Papas CONSTANTINO, GREGORIO II e GREGORIO III vivem cercados de conspirações da parte dos imperadores, e vêem as suas vidas em continuo perigo.

— ESTEVAM III escapa á morte pelo auxilio de Carlos Martello, Pepino e Carlos Magno.

— SÃO LEÃO III é arrancado do throno pelos sediciosos e, semi-morto, lançado no carcere.

Aqui termina a época dos 100 primeiros

Papas e começa uma segunda não menos sangrenta.

E' Satanaz que continúa a sua missão de joeirar o successor de Pedro.

III. Sangue... e mais sangue

SÃO LEÃO terminou o seculo oitavo na gloria de seu pontificado, e abre o seculo nono no carcere do martyrio. (795-816).

— SÃO PASCHOAL I vê seus sacerdotes trucidados em redor de si e não escapa á morte, sinão por milagre.

— SÃO GREGORIO IV vê o seu palacio cercado pelos Sarracenos que profanam e despojam a Egreja de São Pedro.

— SÃO LEÃO IV os faz recuar á Ostia.

— JOÃO VIII os vê voltar, fica encarcerado na egreja de São Pedro, e morre de tristeza ao ver tantas calamidades.

— ESTEVAM VI encontra Roma em ruinas, as egrejas queimadas, os monasterios saqueados e milhares de captivos a recolher e a alimentar.

— LEÃO V morre de miseria no fundo de um carcere.

— JOÃO X morre suffocado por ordem de Marozia e Guy, duque de Toscana.

— JOÃO XI fica até á morte preso no Castello de Santo Angelo.

— BENTO V é sitiado em Roma por Othon e morre no exilio.

— BENTO VI morre estrangulado no Castello de Santo Angelo.

— JOÃO XIV morre no carcere, de fome e de miseria.

— GREGORIO V é despojado de tudo e expulso de Roma.

— SYLVESTRE II morre envenenado.

— JOÃO XIX é obrigado a abdicar.

— BENTO VIII é forçado a fugir de Roma e refugiar-se no Saxe.

— GREGORIO VI vê os sediciosos perverterem Roma e prepararem guerras atrozes sob a instigação de Henrique III, rei da Germania.

— SÃO LEÃO IX é feito prisioneiro pelos Normandos.

— VICTOR II foi duas vezes ameaçado de envenenamento.

— ALEXANDRE, perseguido por Henrique IV, rei da Germania, morre miseravelmente em fuga.

— GREGORIO VII, protegido em vão por ter a aureola de genio e de Santo, morre exilado em Saverna, dizendo: *"Amei a justiça e odiei a iniquidade, eis porque morro em exilio."*

— VICTOR III morre, envenenado, por ordem, dizem, de Henrique IV.

— URBANO II fecha-se no Colyseu, como numa cidadella, e alli espera a morte de seus

perseguidores, para poder continuar o seu reino.

— PASCHOAL II não querendo sagrar Henrique II, imperador da Allemanha, que recusára o juramento de respeitar a liberdade da Egreja, é arrastado por este ultimo, ligado com cordas, como um criminoso, e expira, em Benevento, de tristeza e de fadiga.

— GELASIO II, encarcerado, escapa através de mil difficuldades e vae morrer em Cluny.

— INNOCENCIO I é feito prisioneiro por Rogerio, duque de Cicilia, e exposto á morte.

— LUCIANO II, ferido com pedras numa sedição popular, morre martyr por sua coragem em defender os direitos da Egreja.

— ALEXANDRE II, para escapar ás violencias de Frederico Barbaroxa, foge para a França, asylo acostumado dos Papas perseguidos.

— LUCIO III morre em caminho do exilio.

— URBANO III morre de desgosto ao saber da tomada de Jerusalém, por Saladino.

— INNOCENCIO III abre o seculo decimo terceiro (1198-1216). Uns dias de paz interrompem as provações e o martyrio da Santa Sé, mas, apenas morto este Papa, eis que o sangue continúa a correr, cada vez mais rubro e abundante.

— GREGORIO IX vê do alto do forte de Sant'Angelo as egrejas e os mosteiros de Roma,

incendiados pelos sarracenos, excitados por Frederico II, e morre de dor e de desgosto, em vista do procedimento tão odioso de um principe christão.

— INNOCENCIO IV não escapa aos attentados do mesmo Frederico, sinão refugiando-se em França.

— ALEXANDRE IV morre desterrado em Viterbo.

— BONIFACIO VIII recebe a bofetada de Luiz o Bello.

— BENTO XI morre envenenado, e, dizem, pela mesma razão.

— CLEMENTE V é obrigado a exilar-se em Avinhão, onde o Papado fixa o seu throno durante os annos de captiveiro.

— ADRIANO VI, de volta á Roma, vê nascer o grande schisma do Occidente e experimenta soffrimentos de todas as especies. — Terminando o schisma do Occidente, surge o protestantismo.

— LEÃO X vê apparecerem as primeiras ameaças, e a sua alma fica amargurada pela revolta de Luthero.

— ADRIANO VI, vendo o rapido progresso dos erros protestantes, cáe doente e morre de desgosto.

— CLEMENTE VII é sitiado em Roma pelo Condestavel de Bourbon, cujo exercito, composto de protestantes, saqueia as egrejas e pro-

clama Luthero papa, na propria Basilica de S. Pedro.

— Sob o reino de PAULO III, JULIO III, PAULO IV, o Papado é crucificado entre os dois criminosos que são o protestantismo e o islamismo.

— SÃO PIO V vence este ultimo na batalha de Lepanto, pelo rosario .

— XISTO V vendo separarem-se da Egreja a Inglaterra, a Suissa e a Allemanha, tem a alma torturada pelo receio da apostasia da França.

— URBANO VIII vê nascer o jansenismo e soffre immensos desgostos.

— ALEXANDRE VII asiste ao nascimento do Gallicanismo que devasta a França.

— INNOCENCIO XI é horrivelmente trahido por Luiz XIV, em 1682.

Nesta época as provações mudam de aspecto. INNOCENCIO XII abre o seculo XVIII (1699-1700).

Não é mais a espada, o veneno, o exilio; é o encarceramento moral, a humilhação, o esmagamento da dignidade pontifical, tormento mais doloroso de que o proprio martyrio.

IV. Os ultimos martyres

Será preciso acabar o quadro sanguinolento do Papado nos dois ultimos seculos?

E' a continuação da prophecia de Jesus Christo: *Simão, Simão, eis que Satanaz vos reclamou, com instancia, para vos joeirar como trigo.* (Luc., XXII, 31).

Em 1691 sobe ao throno de São Pedro o Papa INNOCENCIO XII... Um levante de deistas amargura o coração do Pontifice.

— CLEMENTE XI e INNOCENCIO XIII assistem a uma como insurreição geral contra Deus e contra a Egreja.

Os Papas são encerrados nos muros de Roma.

Supprime-se-lhes as bullas. Em Paris, Madrid, Napoles, Vienna, etc., a palavra pontifical não póde mais entrar, sob pena de horriveis castigos.

— BENTO XIII e CLEMENTE XII são contemporaneos de Voltaire que se intitulára o Zomba-Christo, tratando a Egreja de "infame" e lançando contra ella os seus sophismas e o seu odio.

Os Papas soffrem um martyrio moral, mil vezes mais doloroso que o supplicio das fogueiras, vendo o mundo em peso levantar-se contra a Egreja de Christo.

— CLEMENTE XIII tem a dor de ver os grandes pioneiros da fé, os Jesuitas, expulsos de toda a parte.

— CLEMENTE XIV sente sobre a gargan-

ta o punhal dos inimigos da Egreja, que querem obrigal-o a supprimir os Jesuitas.

— PIO VI, o peregrino apostolico, tem diante de si o Imperador-Sacristão, José II da Austria, que pretende sujeitar a Egreja ao Estado. O Papa vae á Vienna para pacificar o perseguidor, mas tudo é em vão, pois a luta continúa até á morte do desgraçado imperador.

Morto o imperador Sacristão, Pio VI vê levantar-se contra a Egreja o fogoso Napoleão, que pretende escravizal-a e se julga superior ao proprio Papa.

Arrancou por isso a Pio VI o estado Pontificio, saqueou Roma, e levou o santo e velho Pontifice para Valença, onde morreu, perdoando e abençoando os seus inimigos.

— PIO VII abre o seculo dezenove, que devia ser um seculo de lutas e de sangue para o mundo e para o Papado.

Não podendo fazer a vontade do omnipotente Bonaparte, o Papa é arrastado, encerrado e tornado prisioneiro primeiramente em Savona e depois em Fontainebleau.

A viagem do Papa foi um martyrio prolongado... O povo chorava ao passar o triste cortejo que levava o venerando prisioneiro, mas os algozes tinham ordem de não poupar supplicios ao chefe da Egreja.

Napoleão é vencido em Waterloo, converte-se no exilio de Santa Helena, emquanto o Papa, de volta á Roma, torna-se o protector do seu perseguidor e de sua familia decahida.

— PIO VIII, que começava a gozar um pouco de tranquillidade, sente a sua velhice amargurada pelas horrendas perseguições dos protestantes inglezes na Irlanda, morrendo estes ultimos de miseria e de trahição.

— GREGORIO XVI vê a perseguição invadir a Russia, sob as ordens de Nicolau I.

— PIO IX, o Papa da Immaculada Conceição, assiste á horrenda revolução franceza que derruba o throno de Luiz Philippe e proclama a republica.

A demagogia apodera-se do patrimonio de São Pedro. Pio IX é obrigado a fugir, e refugia-se em Creta.

A paz restabelece-se, em 1870. Napoleão III retira as forças francezas de Roma. As tropas de Victor Emmanuel aproveitam a occasião e se apoderam covardemente dos estados Pontificios, deixando sómente o Vaticano em poder do Papa, no qual fica encerrado como prisioneiro.

— LEÃO XIII succede ao Santo Pio IX, mas, no meio das perturbações, nem póde ser coroado em S. João de Latrão, nem em São Pedro.

— PIO X entra em scena, condemna o modernismo, que começava a infiltrar-se na Egreja, e após esforços titanicos para afastar a guerra mundial, sente-se traspassado de dor, por ver

esta luta fratricida; e morre santamente, implorando do Senhor perdão e misericordia pelos povos que se degladiam.

— BENTO XV governa a Egreja nos annos calamitosos da grande guerra européa, e, quando três annos depois vê a suspirada paz sobre a terra, ensopada de sangue e coberta de cadaveres, o venerando Pontifice da Paz vôa para o céu (1922).

— PIO XI, gloriosamente reinante, succede-lhe sobre o throno de S. Pedro.

E' um dos pontificados mais gloriosos e mais fecundos em fructos espirituaes.

E' bem o Papa do tempo presente, de olhar perspicaz, de visão elevada, de uma actividade incomparavel e de um espirito conciliador sem egual, apesar da energia que o distingue e o colloca entre os grandes vultos de nosso seculo.

Mas elle tambem tem o seu Calvario, e Satanaz procura joeiral-o como joeirou os seus predecessores; tritural-o, como tritura os martyres.

Em nossos dias a Egreja é combatida pela *maçonaria*, sociedade secreta, que procura destruil-a, sob a capa de sociedade de beneficiencia.

As centenas de seitas *protestantes* vão espalhando os seus erros nos paizes catholicos.

Como os judeus deram a Judas trinta moedas para lhes entregar Jesus, assim os protestantes offerecem dinheiro a quem queira passar

da Egreja catholica para os seus erros... E sempre ha qualquer infeliz que tem mais amor ao ouro do que a Jesus Christo.

O espiritismo, com as suas palhaçadas diabolicas, penetra nos espiritos, arrancando as almas do seio da Egreja, para arrastal-as para os manicomios.

O communismo, com a sua miragem de liberdade, desune a familia e a sociedade, semeando nas massas populares o odio e a vingança.

E, do alto de seu throno immortal, o sublime Ancião do Vaticano, o Papa dos seculos, vê tudo isso, sente tudo isso, soffre á vista de tudo isso, um verdadeiro martyrio..

E assim continuará a historia do Papa, até fechar o cyclo dos tempos, e quebrar-se para sempre a joeira de Satanaz, para ceder lugar ao triumpho final dos eleitos.

V. Conclusão

Uma conclusão se impõe.

Esta conclusão devia ser: A Egreja sempre perseguida, vendo seus Papas triturados pelo demonio, estrangulados pelos chefes das nações, decapitados pelos algozes de todos os tempos, envenenados pelas paixões e pelos vicios, — uma tal Egreja, nadando no sangue de seus proprios chefes, não póde subsistir HUMANAMENTE.

E' impossivel... absolutamente impossivel!

Os imperios e os reinos, atacados por inimigos poderosos, perecem, são destruidos... e não deixam sinão ruinas, como unica lembrança de sua gloria; e como poderia resistir um governo sem exercito, sem armas, atacado de todos os lados, por dentro e por fóra, sem tregua e sem descanço?

E' impossivel... *humanamente* impossivel!

E entretanto é um facto! e um facto publico, multisecular, visivel para todos.

O que acabámos de ver da historia sangrenta do Papado é historicamente certo.

E, apesar disso, o papado existe!... Que digo: não sómente existe, mas nunca foi abalado e é sempre triumphante.

Os imperios desapparecem. O Vaticano está em pé, firme, inabalavel.

A sciencia progride, a civilisação se desenvolve, a intelligencia humana cria azas e vôa, emquanto a impiedade incançavel e feroz cava abysmos nas almas e nos corações.

E o Vaticano, eterno pharol, projecta uma luz divina sobre o mundo; emquanto o humilde ancião do Vaticano, vestido de branco, estende a mão para perdoar e para abençoar... sempre triumphante, sempre glorioso, sempre inabalavel, incolume sobre o rochedo de Pedro.

Oh! digam-me: não é isso divino?

Digitus Dei est hic!

Do alto do seu throno, o Papa, sempre calmo e sorridente, através das lagrimas de seus olhos e do sangue de seu coração, póde continuadamente repetir a palavra do Salvador: — *Eu venci o mundo* — *Ego vici mundum.* (Joan., XVI, 33).

Não sei qual o escriptor que disse: A Egrejá catholica é UMA BIGORNA que tem gasto todos os martellos.

E' uma phrase que resume o triumpho da Egreja no mundo.

A Egreja não é sómente uma instituição triturada, perseguida, soffredora; ella é sobretudo uma instituição triumphante, mas triumphante na luta e na dôr.

Ella é uma BIGORNA DE AÇO.

Batam os martellos: elles se gastam, mas a bigorna fica.

De facto, foram famosos martellos os TIBERIOS, os NEROS, os DIOCLECIANOS, os DECIOS, e todos os imperadores romanos, com todo o poder de que dispunham, como senhores do mundo.

Poderosos martellos foram os imperadores de Bysancio; todos os JULIANOS passaram, cahiram, e ainda raivosos, na sua impotencia, clamavam: *Venceste, ó Galileu!*

Outros martellos pesados eram os imperadores do santo imperio: HENRIQUE IV, Frede-

rico, o barba-roxa, Frederico II, todos elles á frente de poderosos exercitos.

Não menos pesados eram os PHILIPPE I, Philippe o Bello, Luiz de Baviera, João sem terra, Henrique VIII da Inglaterra.

Estes eram a força, eram o poder, eram exercitos aguerridos que se moviam, e por onde iam passando, derramavam o terror e a desolação.

— Para Roma! bradaram elles!

— Vamos ver quem vence, repetiam os outros!

E, emquanto a terra ia devorando os seus cadaveres deshonrados, emquanto os corvos devoravam as suas entranhas nos campos de batalha, O ANCIÃO DE ROMA, vestido de branco, o Papa do Vaticano, domina o mundo, governa o mundo, e o seu sorriso consola, reconforta e estimula todas as almas de bôa vontade.

E não ha sómente os martellos dos inimigos da Egreja que se gastam sobre a bigorna do Vaticano; ha tambem os martellos cyclopicos de seus proprios filhos, como são os ARIOS, os Nestorios, os Lutheros, os Calvinos, os Jansenios.

Herculeos martellos forneceu o seculo dezoito, nos famosos encyclopedistas.

Só VOLTAIRE escreveu cerca de 60 volumes! O philosophismo deste seculo gastou tone-

ladas de papel para espalhar o seu grito de guerra: Esmaguemos a infame!

Famosos martellos eram elles, mas todos se gastaram e quebraram de encontro á eterna bigorna do Vaticano.

Possantes martellos foram ainda os POMBAL, Combes, Calles, Lenine, Trotski,, que pretendiam pulverizar a bigorna, mas foram por ella esmagados.

Formidaveis martellos têm sido forjados e temperados nas officinas maçonicas, martellos manejados por braços herculeos como os NAPOLEÃO, Bismark, Cavour, Mazini, Garibaldi e Crispi.

Todos bateram...

Todos se cansaram de bater...

Todos gastaram os seus martellos...

E a eterna bigorna está firme, segura, vencendo os homens, as armas, os elementos e o tempo.

Mister é que seja de bôa liga, e forjada por mãos divinas, a bigorna que tem resistido durante vinte seculos a tão poderosos martellos.

Ah! sim, a Egreja soffre... O seu chefe é UM MARTYR; mas triumpha; é um eterno vencedor. Elle póde repetir: *Ego vici mundum*: — Eu venci o mundo.

Querem outras provas da divindade da Egreja catholica, e da assistencia divina de que goza o seu chefe, o Santo Padre, o Papa?

Ha muitas outras, mas não póde haver mais forte, mais decisiva, mais refulgente do que esta.

O Papa SOFFRE, mas TRIUMPHA.

O Papa MORRE, mas RESUSCITA.

O Papa é ETERNO, como é eterno Aquelle a quem representa.

E' a força na fraqueza!..

Deus escolheu o que é fraco... para confundir os fortes!

E' a fraqueza humana, feita força divina!

E' divinamente bello!..

Basta disso para ver a sua origem e a sua marcha divina!

CAPITULO XIII

O Papa de Roma

Os amigos protestantes, no intuito de amesquinhar a grande, a sublime, a unica, a divina Egreja de Jesus Christo, que é a Egreja Universal, ou CATHOLICA, em opposição ás egrejolas locaes, ou regionaes que elles possuem, lançam-nos em rosto o que elles julgam uma offensa: *A Egreja romana, os romanistas, os papistas.*

Não é um insulto... longe disto... é uma honra; e, sem dirigir-lhes a resposta vehemente do grande O' Connell, o libertador irlandez, devemos mostrar-lhes que ser ROMANO OU PAPISTA é ser discipulo de S. Pedro... como ser protestante é ser discipulo de Luthero, Calvino, Zwinglio, Knox, Henrique VIII, etc.

A resposta de O' Connell é a seguinte:

Um dia, certo protestante inglez encontrando-se com Daniel O' Connell, o grande libertador da Irlanda, pensou humilhal-o em rosto — conforme o seu modo de vêr — o ironico insulto de "papista".

Mas Daniel O' Connell, enfrentando-o alti-

vamente, respondeu com toda a sua firmeza de catholico convicto:

"Miseravel, crês tu que me injurias e, ao contrario, me fazes uma grande honra. Sim, eu sou papista e me glorio disto, porque "papista" significa que a minha fé, por uma successão ininterrupta de Papas, chega até Jesus Christo, ao passo que a tua não vae além de Luthero ou de Calvino. Si tivesses ainda um pouquinho de bom senso, comprehenderias que, em materia de religião, vale mais depender do Papa que de um monarcha, da sotaina que de um renegado!".

E o destemido catholico continuou a sua magnifica profissão de devotamento ao Papa deante da admiração do pobre protestante que, todo mortificado, sob a força esmagadora do logico e tremendo raciocinio de tão eloquente replica, teve que se calar e se convencer, quiçá, de que palmilha a estrada tenebrosa do erro, cujos marcos milliarios são pontos de interrogação, sem uma projecção sequer de luz a balsamisar o coração e a alma.

I. Roma e o Papa

Roma é do Papa... e o Papa é de Roma.

Estes dois nomes ficarão para sempre e inseparavelmente unidos.

A historia desta união tem qualquer coisa

de divinamente grande, que, infelizmente, muitas pessôas ignoram, porque ignoram a historia da Egreja.

Porque razão a morada do Papa é Roma, e não qualquer outra cidade importante do mundo civilisado?

A resposta é muito simples: E' porque Deus o quiz; e Elle mesmo, com a mão omnipotente que dirige os acontecimentos deste mundo, tudo preparou e tudo dispoz para que assim fosse.

Parecer-nos-ia natural si Pedro houvesse fixado a sua residencia em Jerusalém, e que dalli do alto da montanha, onde morrêra o seu divino Mestre, o Vigario de Jesus Christo ensinasse o mundo.

Haveria neste projecto uma belleza enternecedora, capaz de attrahir o mundo, e de dar á palavra do Chefe Supremo da Egreja uma autoridade, que parece cahir directamente dos labios d'Aquelle que elle representa.

Porém, o que Pedro ignorava, o Christo o sabia: o mundo ia mudar o CENTRO.

Babylonia, Alexandria, Antiochia e Jerusalém, perderiam em breve qualquer influencia sobre o movimento geral da humanidade.

A luz ia passar do Oriente para o Occidente.

No tempo de Pedro esta luz dourava, apenas com seus primeiros raios, as Gallias, a Espanha, a Inglaterra, a Germania... porém, após

uns seculos, é neste lado que deveriam concentrar-se a actividade e o progresso dos homens.

Que teria podido fazer o Papa em Jerusalém?

Teria vivido afastado do mundo.

Não teria residido no centro do mundo.

Eis porque, logo após a morte do Salvador, uma força invencivel desviou Pedro de JERUSALÉM, e o impelliu para ANTIOCHIA, que era então a capital do mundo oriental, a cidade cosmopolita, mundial.

Pedro assenta alli o seu throno, para melhor agir sobre o Oriente.

O movimento tornou-se immenso, e foi alli que pela primeira vez os discipulos de Jesus Christo receberam o nome de CHRISTÃOS.

A decadencia de Antiochia estava proxima, embora, ainda invisivel para os homens; mas Deus a via e a conhecia.

A mesma força invisivel arranca Pedro de Antiochia e o conduz á ROMA.

A perseguição rebenta, violenta, sanguinaria.

Pedro quer abandonar a grande metropole.

A tradição nos mostra Pedro sahindo, á noite, da cidade, encontrando ás portas de Roma o Salvador carregando a Cruz.

Pedro pára, quasi desfallece, e de seus labios tremulos cáem as palavras: *Magister, quo vadis?*

O olhar de Jesus, este olhar mysterioso, profundo, que prostrou Pedro no atrio de Caiphás, fita o fugitivo, e dôces como o carinho de uma mãe, resôam as palavras do Mestre: Vou para Roma, para ser crucificado uma segunda vez.

Pedro comprehendeu...

— Não, Mestre adorado, sou eu que morrerei crucificado por ti.

E' uma piedosa tradição... mas tão suave é que, mesmo sendo lendaria, exprime as disposições do Mestre e de Pedro.

Pedro volta e fixa em Roma o seu throno immortal.

Vê-se melhor, no meio destas hesitações de Pedro, os designios da Providencia divina.

Pedro pertence a ROMA...

Roma deve pertencer a PEDRO...

E' uma nova scena que se desenrola, dirigida pela mão divina.

II. Roma para o Papa

Annotemos bem o facto seguinte que explica os mysterios da historia romana daquella época remota: A mesma força invencivel que conduz o Papa á Roma... della afasta os imperadores.

Os Cesares ahi estão no esplendor de sua gloria e nos louros de seus triumphos. A sua ca-

pital é o centro do mundo civilisado, e elles são o centro, a mola viva de tudo.

Construiram palacios sumptuosos.

Accumularam nelles os thesouros das nações conquistadas.

Roma é a cidade mais bella, mais rica, mais prospera do mundo.

De repente Cesar desce de seu throno... e abandona a capital de seu imperio.

Segue para Milão, para Pavia, para Ravenna, para Treves, para Constantinopla.

Porque isso?

Qual é o braço que o impelle e o afasta de seu palacio, de seu ouro, de seu throno, de seus arcos de triumpho, de seus templos e das cinzas de seus antecessores?

E' o braço de Deus, que preparára Roma para ser a morada do Vigario de Jesus Christo.

Mas havia mais do que a força do braço divino; havia tambem a veneração dos homens, dos convertidos, dos primeiros christãos.

Os imperadores comprehendiam que, por conveniencia, o Papa não podia ser o SUBDITO delles, que eram os SEUS FILHOS.

Este mesmo sentimento de conveniencia respeitosa penetrava em todas as almas.

No começo da Egreja todos os bispos, e sobretudo os Patriarchas, eram chamados com o doce nome de Pae: PAPA, nome suave e paternal, que illumina com um doce sorriso os annaes ecclesiasticos dos primeiros seculos.

Havia o Papa de Antiochia, o Papa de Alexandria, o Papa de Jerusalém.

E, coisa curiosa, si não fosse divina, pouco a pouco os bispos, e os Patriarchas deixam cair no esquecimento este bello titulo, ficando elle só e exclusivamente reservado ao PAPA DE ROMA.

Não houve, a esse respeito, nem declaração, nem concilio... nem combinação: é a veneração e a conveniencia que inspiram os bispos a deixarem o TITULO á séde de Pedro, como inspirára os imperadores e o povo a lhe entregarem a CAPITAL do mundo.

O Bispo de Roma, o Successor de Pedro, fica sendo o unico PAPA, a unica SANTIDADE, porque sobrepuja toda a paternidade e toda a dignidade dos outros.

Scenas mais sublimes vão se succedendo.

Pedro é e ficará o PAPA DE ROMA. Roma será do Papa; mas o Papa ficará pobre... como o seu divino Mestre.

Os Actos dos Apostolos contam-nos a bella scena, conhecida mas não bastante comprehendida.

Pedro encontra um pobre e, collocando-lhe a mão sobre a cabeça, lhe diz: *Não tenho nem ouro, nem prata, mas o que tenho, isso te dou;*

em nome de Jesus Christo, Nazareno, levanta-te e anda! (Act., III, 6).

A' vista deste milagre, pareço ouvir os recem-convertidos exclamarem, cheios de enthusiasmo, dirigindo-se a Pedro: O' Pae, (Papa) não tens nem ouro, nem prata, mas tens a autoridade de Jesus Christo, e em nome delle, curas os enfermos, restitues a vista aos cégos, fazes andarem os paralyticos.

E's pobre, ó Vigario de Christo!... mas és nosso Pae, és o Pae do mundo, és o PAPA UNIVERSAL; eis o nosso ouro a teus pés, serve-te delle; é teu como é nosso.

E todos que possuiam campos ou casas, vendendo-os, traziam o preço do que vendiam e depunham-no aos pés dos Apostolos, e distribuia-se por cada um segundo a sua necessidade. (Act., IV, 34, 35).

Et offerebant et ponebant ante pedes Apostolorum.

III. A cidade do Papa

Já notaram os leitores esta passagem admiravel e a sua repercussão na historia da Egreja?

Talvez que não!

Pois bem, ella é a base da formação do VATICANO, da morada secular dos Papas.

O que fizeram os fieis de Jerusalém, os christãos do imperio romano o fazem por sua vez.

Durante três seculos Pedro e seus successores foram hospedados pela caridade, vestidos pela caridade, sustentados pela caridade.

Até hoje, mostram-se ainda, em Roma, as casas, em que os christãos se julgavam honrados em poder offerecer a sua mesa e hospedagem ao Vigario pobre de Jesus Christo pobre.

Entretanto, este pobre continuava a obra começada pelo seu divino Mestre:

Elle semeia a luz.

Espalha a virtude.

Remodela as almas.

Reforma as familias.

Transfigura o mundo.

E, um bello dia, o mundo transfigurado, que Pedro tinha baptisado, na agua, no Espirito de Deus, como o baptisára em seu amor, em suas lagrimas e em seu sangue, este mundo reformado, tomado de gratidão e de amor prostrou-se aos pés de Pedro e lhe disse:

Tu és nosso pae; nós somos teus filhos. Não queremos que continues a ser hospedado pela caridade!

E como se vê muitas vezes filhos amorosos, desejando terem perto delles o seu velho pae, construirem-lhe uma casa, no meio de suas propriedades, onde possa viver em paz e com honra, as nações christãs juntaram-se e deram ao Papa, AO PAE UNIVERSAL, uma cidade como morada: e esta cidade é ROMA.

Oh! protestantes, deixae de blasphemar: Isto é bello; isto é generoso; isto é sublime. O Mestre podia dizer: *As raposas têm as suas covas e as aves do céo, os seus ninhos: porém o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.* (Math., VIII, 20).

Mais tarde, quando se tratou de instituir a sua Eucharistia divina, Elle procurou e acceitou *um grande Cenaculo, todo ornado.* (Luc., XII, 12).

Pedro, no inicio de sua missão, ao exemplo de seu divino Mestre, *não tinha, nem ouro, nem prata,* (Act., III, 6), mas, estabelecendo O CENTRO da Egreja, elle precisava de um logar apropriado, de uma Cidade sua, onde pudesse gozar da liberdade e da tranquillidade necessarias para o governo da Egreja.

E o Christo inspirou aos principes das nações e aos povos déssem ao Papa a Cidade DE ROMA e construissem alli a CASA DO PAPA, o grande Cenaculo da Verdade Eterna, representada pelo Successor de Pedro.

Oh!... isto é bello, é sublime!

E' o dedo de Deus!

Os protestantes nunca se lembraram disso, e nunca offereceram um tal Cenaculo a seus chefes, porque sabem que taes chefes nada são e nada representam.

IV. Doação e conquista de Roma

O que completa a belleza deste dom, é o modo pelo qual foi feito.

Roma foi dada ao Papa, não em bloco, de uma só vez, por uma nação, ou por um soberano, mas, sim, successivamente, pouco a pouco e POR TODOS.

Hontem foi um terreno.

Hoje é uma casa.

Amanhã será um palacio.

Depois de amanhã, uma cidade.

Depois uma região.

No fim, um REINO INTEIRO.

Nos archivos de Roma figuram os actos de muitas destas doações, e todos começam mais ou menos pelas seguintes palavras: *Querendo honrar o Bemaventurado Pedro, na pessôa de seu successor...*

E' uma série de testamentos, que demonstram admiravelmente a devoção do mundo christão para com o Vigario de Christo.

Vieram os barbaros, invadindo os imperios do Occidente, e com elles, a pilhagem das cidades, dos campos e o morticinio geral.

O povo romano implora os imperadores de Constantinopla, das Gallias, da Germania, todos impotentes para defenderem Roma e a Italia.

Então os Papas se levantam; defendem tan-

to a christandade, como a sua cidade, pela grandeza, pela nobreza, pela majestade de sua dignidade.

Roma torna-se duplamente a cidade do Papa.

DOAÇÃO de veneração.

PROPRIEDADE de conquista, no meio da ruina geral, que avassalava a Europa pela invasão dos barbaros.

Eis como Roma foi doada ao Papa.

Nada alli foi COMPRADO.

Nada foi PEDIDO.

Nada foi TOMADO.

O Papa recebeu tudo.

Durante longos annos o Successor de Pedro persistiu na recusa das doações, pedindo auxilio ás nações, aos Imperadores e aos generaes romanos.

Durante mais de um seculo o Papa governava Roma, sem exercito, sem administração civil, nem politica, como um simples pae governa a sua casa.

Elle foi levado ao throno, como que pela mão de Deus, mau grado seu, pela piedade enthusiasta de uns, pelos brados angustiados dos outros, pela devoção catholica de todos.

Qual é a soberania que se reveste de tal caracter, tão isenta de ambição e de vã gloria?

Não existe!

E após estes factos, depois de Roma ter sido dada ao Papa, depois de o Vigario de Jesus Christo ter cingido a corôa real, como cingira a corôa pontifical, houve uma jovem nação, recentemente baptisada, que desembainhando virilmente sua espada gloriosa, exclamou e jurou: Emquanto eu viver, ninguem tocará no throno de Pedro.

Foi a filha primogenita da Egreja: a França de Clovis e de Carlos Magno.

V. A cidade predestinada

Em tudo isso vê-se claramente o dedo de Deus. Roma é a cidade escolhida entre todas, para ser o centro do governo da Egreja de Jesus Christo.

E devia ser Roma.

Sómente Roma satisfaz a todos os requisitos de um CENTRO MUNDIAL.

Si os homens tivessem podido escolher entre as differentes cidades do mundo, para eleger a morada do representante de Deus na terra, após vistas as comparações, vantagens e desvantagens, Roma teria tido a PRIMAZIA.

A posição geographica da Italia já é um objecto digno da escolha divina.

A Italia é um paiz CENTRAL, situado com distancia egual entre o Occidente e o Oriente, e tocando a todas as praias dos outros paizes.

Não é uma ilha como Malta... de accesso demasiadamente difficil.

Não está perdida nas profundezas da terra como Paris, Berlim ou Vienna.

Deus estendeu-a como PENINSULA, no meio dos mares, tendo de um lado o Mediterraneo, que banha as praias da França, da Espanha, da Africa e do Egypto, e, do outro, o mar Adriatico, que confina com todo o Oriente, pelo estreito dos Dardanellos e pelo mar Negro.

Deitada deste modo, entre dois mares, a Italia tem a cabeça apoiada sobre as altas montanhas que a ligam á França, á Suissa, á Austria e, por estes paizes, a todo o continente europeu.

Ao mesmo tempo ella conserva os seus pés banhados pelo mar que a une á Africa e ao Egypto.

Seu flanco esquerdo, dourado pela aurora do dia, abre seus golfos encantadores, desde Veneza até Brindisi, aos navios do Oriente.

O flanco esquerdo, banhado pela luz crepuscular do fim do dia, ostenta com orgulho os incomparaveis golfos de Genova, de Livornia, de Gaeta e de Napoles, que chamam os navios do Occidente.

Nenhuma terra, disse Napoleão, está tão admiravelmente collocada, para ser centro do mundo civilisado.

Nem Jerusalém, Antiochia, Babylonia e Athenas, no mundo antigo, nem Paris, Londres,

Berlim, Vienna, Madrid, ou Lisbôa, no mundo moderno, podem comparar-se com Roma.

Roma é uma cidade PREPARADA POR DEUS para ser a morada de seu representante.

Elle preparou a posição geographica, as montanhas que a cercam, o firmamento que a envolve, o sol que faz scintillar o mar, as ondas e o cume de suas montanhas, emquanto a Christandade preparará o PALACIO que o Papa alli deve habitar.

VI. São Pedro de Roma

Roma está preparada par ser de São Pedro. O mundo catholico, em correspondencia com a vontade de Deus, collocará alli São Pedro de Roma.

Passaram-se 18 seculos, depois que mãos piedosas, despregando São Pedro de sua cruz, sepultaram-no no silencio do subterraneo, onde repousa até hoje.

A devoção mundial para com o primeiro Papa, edificou alli uma egreja, embellezou-a, reformou-a, aperfeiçôou-a, até que pela ousadia de seu plano, suas proporções grandiosas e sua imponente magnificencia, ella se tornou o mais bello e mais rico templo do mundo.

E' a BASILICA de São Pedro, de Roma. No começo, era um simples tumulo, escondido numa crypta escura, coberta de uma pequena abobada de pedra.

No interior ha umas pinturas allusivas.

Uma lampada de oleo illumina a catacumba.

E' sob esta abobada que são sepultados os Papas dos três primeiros seculos.

Apparece Constantino Magno, e um de seus primeiros cuidados é retirar este sepulcro glorioso das trevas que o envolvem.

Sem tocar no sarcophago, sem mudal-o de logar, o Imperador o faz revestir de bronze de Chypres, sobre o qual domina uma cruz de ouro puro.

Acima de uma nova abobada murada, Constantino faz levantar a immensa Basilica, sustentada por cem columnas, e ornada de mosaicos e de marmores preciosos.

Este sarcophago, que contém o corpo de São Pedro, está pois na base da egreja, e é como seu elemento gerador.

Nunca se tocou nelle.

Até hoje elle está como Constantino o fizéra.

Alli via-se, no centro, a CONFISSÃO de São Pedro.

Começou-se então a venerar o pequeno throno de madeira, enfeitado de figuras de ebano, sobre o qual se sentára S. Pedro, para ensinar a doutrina nas Catacumbas.

Alli, desde o quinto seculo, vinham os fieis para beijar o pé da estatua de bronze, antiga

estatua de Jupiter capitolino, refundida por ordem de São Leão, na effigie de São Pedro.

Alli, os papas foram sepultados e são sepultados até hoje, estando repleta a crypta subterranea pelos corpos dos primeiros papas.

E é para aquelle logar que até hoje accorrem todos os romeiros do mundo inteiro, para honrar e invocar o primeiro Papa, S. Pedro.

Carlos Magno, tendo sido corôado imperador por Leão III, na noite de Natal, deante da CONFISSÃO de S. Pedro, como prova de gratidão e devoção para com o principe dos apostolos, resolveu completar a grande obra de seu antecessor na fé e na dignidade: Constantino resolveu fazer construir uma immensa cupula, pintada de azul e de ouro, e terminada por uma cruz.

Os seculos vão se succedendo, e chega o seculo decimo sexto.

Um genio inegualavel, com que suscitado por Deus, para terminar esta grande obra, forma o plano de uma remodelação: E' MIGUEL-ANGELO, de Toscana, talvez o maior genio conhecido pela originalidade de suas concepções, e pelo caracter grandioso e sublime de suas obras.

Miguel Angelo, num lance genial, levanta a cupula de São Pedro a uma altura em que arte nenhuma se tinha elevado.

São Pedro de Roma é um pequeno mundo,

pelas suas dimensões formidaveis e pela riqueza de seus adornos.

Nunca foi, e nunca será egualada em arte e em majestade.

Tudo é marmore, bronze dourado e mosaico.

Sente-se a majestade e a perpetuidade da Egreja, na immensidade e na gloria desta Basilica do Chefe dos Apostolos.

VII. O tumulo e o throno de Pedro

Ao lado de uma das quatro columnas, que sustentam a cupula, está a antiga estatua de São Pedro.

E' de bronze e de tamanho natural.

Pedro está sentado sobre um assento antigo de marmore branco, sob um baldaquino em mosaico vermelho e de ouro.

E' a antiga estatua de Jupiter, mandada refundir por São Leão, como já disse acima.

O pé direito do Apostolo está um pouco na frente, de modo a poder ser beijado pelos fieis.

Depois de ter beijado o pé de São Pedro, chega-se deante da CONFISSÃO, ou tumulo do Apostolo.

E' ahi que repousa, ha quasi 1.900 annos, o corpo de São Pedro, cercado de gloria, de honras, de lagrimas de amor e de ternuras virginaes.

Eis onde repousa o pequeno pescador da

Galiléa, que veio, ha perto de 1.900 annos, de seu pequeno paiz, fixar-se em Roma, e que alli morreu amarrado em uma cruz sobre o Janiculo.

Procurae o tumulo de Cesar, de Augusto, de Nero, de Napoleão, e comparae-os!

Na abside da egreja um novo espectaculo se apresenta.

E' a séde de S. Pedro, a séde de madeira em que se sentava o Apostolo ensinando o povo nas Catacumbas.

Hoje, para não estragar reliquia tão preciosa, ella está envolta num revestimento de bronze, cercado de anjos, encimada por uma pomba que paira sobre ella, e corôada com uma tiara, a séde repousa sobre as mãos dos grandes Doutores da Egreja: Santo Ambrosio e São Chrysostomo, Santo Athanazio e Santo Agostinho.

Estas quatro estatuas de bronze doirado seguram com mão solida e numa attitude varonil, firme, a séde do primeiro Papa, imagem tocante da grandeza divina desta séde apostolica, apoiada sobre a SANTIDADE, a SABEDORIA, e corôada pela INFALLIBILIDADE do Espirito Santo.

Deante desta scena ineffavel, que faz verter lagrimas aos olhos mais seccos, e arrancar brados de moção aos corações mais duros, o romeiro observa instinctivamente.

Eis um throno que não pereceu... e que não perecerá.

Em comparação deste throno de madeira simples, humilde, onde está o throno de Augusto?

Onde está o throno de ebano de Nero?

Onde está o throno encrustado de perolas dos Pharaós, dos Alexandres, dos Cesares?

Que foi feito do throno soberano destes grandes imperadores e generaes que esmagavam o mundo?

Tudo desappareceu, tudo foi destruido... nem uma lasca existe ainda... só continúa a existir e a ser glorificado o THRONO DE MADEIRA em que se sentava Pedro, no fundo das Catacumbas.

Qual é o segredo desta sobrevivencia?

Levante os olhos o romeiro e leia o que está escripto na larga banda de mosaico que acompanha a base da grande cupula.

Alli resplandescem grandes letras em ouro, de 7 pés de altura: *Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Egreja!*

Eis o que conta o immenso edificio de São Pedro... eis o sentido de toda a sua magnificencia!

VIII. Conclusão

Como tudo isso é grande e sublime!

Mais que isso: tudo isso é DIVINO!

Deus preparou Roma para o Papa.

O mundo catholico preparou a Basilica para ser o templo de São Pedro.

Roma é de Pedro!

Pedro é de Roma!

E nós, catholicos, nós nos ufanamos de ser de Roma, pois sendo de Roma, somos de Pedro; sendo de Pedro, somos de Christo.

Chamando-nos de ROMANISTAS, julgando offender-nos, os pobres protestantes nos dão o mais glorioso dos titulos; mostram que a nossa fé, sendo baseada sobre Roma, o é sobre Pedro e sobre o Christo.

Sim, somos *romanistas,* como somos christãos. E' o mesmo TITULO!

E' a mesma GRANDEZA!

E' a mesma RELIGIÃO!

São Pedro é a morada do Papa.

Elle alli habita, como outróra o grão Sacerdote dos Judeus habitava o templo.

E' alli que, nos dias festivos, elle pontifica solennemente, carregado sobre a *Sédia,* cercado dos embaixadores de todas as nações, seguido de ondas de povo.

E' alli tambem, que elle vae orar em segredo, só, sem aparato, beijando os pés de São Pedro, e ajoelhando-se aos pés da CONFISSÃO, para ahi pedir luz e força, nas difficuldades que a Egreja atravessa.

Alli estão os ossos sagrados do primeiro Papa.

Alli repousam os restos mortaes de quasi todos os Papas, sobretudo dos ultimos, dos Papas das grandes tribulações.

CAPITULO XIV

O Vaticano dos Papas

O Vaticano... o tão propalado e mysterioso Vaticano... que é um phantasma para os protestantes e uma bandeira de revolta para os communistas, é a continuação da Basilica de São Pedro.

E' a moradia profana do Papa, como a Basilica de S. Pedro é a sua moradia sagrada.

E' a casa do Papado, e não simplesmente do Papa. E' o palacio DOS PAPAS.

E' alli que o Soberano Pontifice recebe os embaixadores de todas as nações.

E' alli que elle trata com os bispos catholicos dos negocios de Egreja em geral, e de suas dioceses em particular.

E' alli que os simples fieis têm, ás vezes, a felicidade de ver o Representante de Deus, de beijar-lhe as mãos ou os pés, e receber a bençam do Successor de São Pedro.

O Vaticano é a moradia do Papa, e uma moradia adaptada á vida e ás necessidades administrativas do Papa.

Percorramol-a rapidamente.

E' um edificio material... mas através do qual se irradia a espiritualidade nelle concentrada.

I. A residencia do Papa

O homem faz a sua morada; fazendo-a para si, ou seguindo o plano traçado por elle, grava nesta moradia a sua propria effigie.

Sob este ponto de vista, o Vaticano merece ser estudado.

A grandeza do Papado, o seu poder, a simplicidade de sua vida, a elevação e a nobreza de seus gestos, o amor do bello e da arte apparecem alli, a cada passo, e fazem do Vaticano um PALACIO UNICO no mundo.

A designação de Vaticano provém dos romanos, porque, antes de Jesus Christo, havia neste logar uma casa de oraculos, de vaticinios, de predições feitas por qualquer Sybilla, como encontramos nos tempos antigos.

De Vaticinium foi feito VATICANUM.

E' provavel que, desde os primeiros tempos, o Papa fixou alli sua residencia.

São Leão III (em 800) recebeu alli o Imperador Carlos Magno.

Foi ao voltarem de Avinhão, que os Papas começaram as immensas construcções que existem até hoje, e que foram impostas pela necessidade de hospedar os cardeaes, os bispos, e to-

dos os auxiliares do Papa, no governo da Egreja.

Si a Basilica de São Pedro é o maior templo do universo, o Vaticano é o maior palacio do mundo.

A sua frente não mede menos de 250 metros.

Ha nelle 13.000 quartos com 20 pateos, 200 escadarias de serviço que dão accesso aos quartos, e 8 escadarias de honra.

E' um pequeno mundo, mas que tem a sua utilidade, e até a sua NECESSIDADE nas grandes reuniões dos cardeaes e bispos que vão tratar dos negocios da Egreja.

O Vaticano é a obra dos maiores e mais habilitados architectos, que alli trabalharam durante 400 annos.

E' o Papa Nicolau que foi o poderoso iniciador deste grandioso emprehendimento.

Em 1447, elle fez executar por Bernardo Rossellini um plano geral do immenso edificio.

No anno seguinte Alberti começou a obra e executou uma pequena parte do conjuncto, cercada de altas muralhas, que foram destruidas mais tarde.

Em 1473, Baccio Pintelli, juntou-lhe a Capella Sixtina.

Em 1506, Bramante começou as construcções em redor do pateo São Dámaso, podendo apenas terminar o rez de chão.

Em 1508, Raphael, sobre este rez de chão, levantou três andares de galerias superpostas, mas elle tambem morreu antes de terminar a sua obra; terminou apenas uma das três partes de que é composto o edificio.

As duas outras partes foram terminadas pelo Papa Gregorio XIII.

Em 1546, São Gallo construiu a Capella Paulina e a sala real que lhe serve de vestibulo, assim como a Capella Sixtina.

Em 1660, emfim, Bernini faz a escadaria real, por onde desce o Papa, nas festas solemnes, para a Basilica de São Pedro.

Eis uma das principaes construcções; pois muitas outras foram construidas depois, pouco a pouco, conforme as necessidades.

Sob o reinado de Clemente XIII, Pio VI e Pio VII por exemplo, foram construidos os grandes Museus, que são a admiração do mundo.

II. As pinturas do Vaticano

Ao mesmo tempo que os maiores architectos exerciam alli o seu genio, os maiores pintores vinham successivamente decorar o palacio dos Papas.

O Papa Nicolau V chamou o Bemaventurado Frei João Fiesole, chamado *Angelico*, por causa da grande pureza de sua alma e de suas pinturas, e o encarregou de pintar os frescos de sua capella.

Angelico trazia já na fronte a dupla auréola de grande santo e pintor incomparavel.

Os frescos pintados por elle, e que cobrem as paredes da capella, representam a vida de Santo Estevam e de S. Lourenço.

E' difficil imaginar grupos compostos com mais arte, personagens, vestidas com mais nobreza e elegancia, e rostos com mais suavidade e innocencia.

Ha, nestes quadros de arte pura, uma expressão celeste que encanta e deslumbra.

Pouco depois, em 1503, Pio III mandou vir o Perugino, o principe e chefe da escola umbriana, mestre de Raphael.

Perugino pintou diversas salas do Vaticano.

Um outro artista, Domenico Ghirlandajo, chegava quasi ao mesmo tempo que Perugino e cobria com pinturas admiraveis o côro de Santa Maria Novella, onde representou a historia de S. João Baptista e da Sma. Virgem com uma grandeza e uma simplicidade de estylo, uma belleza de colorido e expressão de rosto, que encantam e sobrepujam todas as obras daquella época.

Deve-se juntar a estes dois grandes artistas *Pinturricchio*, imitador e amigo de Perugino.

Pio III encarregou-o de pintar, em frescos, os muros de Santa Maria do Povo, que são a sua mais bella obra prima.

Luca Signorelli é o autor do grande fresco

do "Juizo final" na Cathedral de Orvieto, tão notavel pela belleza da expressão, e que excitava a admiração do proprio Miguel Angelo.

Boticelli distinguiu-se pela belleza delicada e soffredora de suas virgens e seus santos.

Seguiram-se ainda Philippino Lippi, Antonio Razzi e outros artistas de renome e de extraordinaria capacidade.

Diversos entre estes grandes artistas tratrabalhavam alli juntos, quando o Papa Julio II encontrou em Perusa um jovem artista, cujos esboços excitaram a admiração universal.

Era Raphael...

Tinha apenas 27 annos de idade e já havia produzido obras-primas que ultrapassaram tudo o que se havia visto até ahi.

O Papa confiou-lhe, em 1511, um salão e alli fez pintar a contemplação e a adoração do SS. Sacramento.

O jovem artista terminou em poucos mezes o fresco immenso onde figuram 65 personagens, Santos do céo, Papas, bispos, religiosos da terra, unindo-se numa mesma adoração.

A' vista desta obra poderosa, um longo e piedoso brado de admiração levantou-se no Vaticano.

O Papa Julio II, ao contemplar esta obra prima, encarregou Raphael de pintar todos os appartamentos do Vaticano.

Nesta mesma época, egualmente chamado

pelo Papa, chegou ao Vaticano um outro artista incomparavel: Miguel Angelo, que foi encarregado das abobadas da Capella Sixtina.

Raphael e Miguel Angelo são dois genios sublimes, mas de natureza absolutamente opposta.

O primeiro é um improvisador sublime; o segundo, um trabalhador pertinaz e nunca satisfeito de sua obra.

Raphael, com uma facilidade extrema, quasi brincando, acabava as obras mais perfeitas, emquanto Miguel Angelo mudava, retocava, sem chegar a realizar o seu ideal.

Raphael, feliz, sorridente, morreu com 37 annos, na belleza de sua mocidade e na plenitude de seu genio.

Miguel Angelo apagou-se, após uma interminavel velhice, triste, ferido pelas dores de sua patria.

A grande obra de Miguel Angelo, que só foi terminada após a morte do Papa Julio II, é a cupula da Capella Sixtina, toda cheia de scenas biblicas, de poderosa interpretação artistica.

III. Museus e Bibliotheca

A obra artistica do Vaticano, como architectura e como pintura, é insuperavel, e ficará para sempre, como um museu de arte, onde os

grendes mestres irão haurir a inspiração para as suas obras.

E estas não são as unicas maravilhas do Vaticano; ha uma outra que, si não supera as primeiras, iguala-as pelo menos.

E' a magnifica collecção de estatuas antigas.

Esta collecção, começada pelo Papa Julio II e Leão X, foi completada por Clemente VII e Paulo III, e emfim esplendidamente installada por Clemente XIV, Pio VI e Pio VII.

Foi Clemente XIV quem construiu o pateo do Belvederio com os seus QUATRO MUSEUS nos angulos, tão bem dispostos para uma contemplação silenciosa das obras primas nelles encerradas.

Foi Pio VI quem construiu as grandes salas das Musas, dos Bustos, da Bigue, etc., etc., e que as enriqueceu com 2.000 estatuas.

Foi Pio VII quem terminou esta magnifica installação, pela construcção de uma nova ala de incomparavel grandeza.

Mas o que sobrepuja tudo é a extensão das salas, é a sua disposição artistica, é a quantidade e o valor das obras artisticas que alli figuram.

O espirito fica confundido com o numero e a belleza das obras alli expostas.

E' sem duvida, diz Taine, o maior thesouro de esculptura antiga que existe no mundo.

O museu do Vaticano, diz Ampère, é o primeiro do mundo, e o que inclue o maior numero de obras primas antigas.

Notemos que ha varios museus, todos egualmente extensos e ricos pelo seu conteúdo: ha o Museu ETRUSCO, o Museu EGYPCIO, o Museu PROFANO, o Museu SACRO, o gabinete dos PAPYROS, a vasta galeria das INSCRIPÇÕES pagãs e christãs, etc., etc.

A Bibliotheca é outra maravilha que se deve assignalar.

O fundador da BIBLIOTHECA Vaticana foi o Papa Nicolau V, que chegou a reunir 9.000 manuscriptos.

Sixto V construiu o edificio actual, em 1588.

Em poucos annos, pelo esforço dos Papas, a Bibliotheca conquistou o primeiro logar entre as congeneres.

Aqui tambem foi afastada a vulgaridade.

Os bibliothecarios tomaram a peito adquirir e conservar o que havia de mais raro e de mais precioso.

Chegou-se a 23.570 manuscriptos, tanto orientaes como gregos e latinos, todos de primeira ordem.

O numero dos impressos é mais ou menos de uns 60.000 volumes, mas todos obras e collecções de grande valor.

E' alli tambem que se encontra a mais bel-

la e mais completa collecção de *incunabulos* ou obras impressas, no seculo em que foi descoberta a imprensa.

IV. Grandeza e humildade

Tal é o Vaticano, o palacio glorioso do mais glorioso dos soberanos.

Neste palacio immenso o Papa occupa apenas uns quartos, os mais modestos de todos.

Chateaubriand, tendo feito uma visita ao Santo Padre, escreveu: "Gregorio XVI recebeu-me em um pequeno quarto, estreito, sentado deante de uma mesa, encimada por um grande crucifixo. Mostrou-me que lia: "O Genio do Christianismo", pois tinha um volume aberto sobre a sua mesa. E' impossivel imaginar-se um homem mais bondoso, um prelado mais digno e um principe mais simples".

"Vi Pio IX, como vi Leão XIII, escreve um prelado francez, e esta simplicidade na grandeza e esta pobreza em meio de tamanhos thesouros dados ao mundo, á arte a á sciencia, imprimiram ém minha alma a physionomia do Papado, tal qual a minha fé a comprehendia, e como a queria encontrar o meu coração." (Mgr. Bougaud).

O Papa reside em um palacio, emquanto o Christo não teve onde reclinar a cabeça, bradam os protestantes, procurando rebaixar a majestade do Pontifice Romano.

Sim, perfeitamente; o Papa reside num palacio, e deve residir no palacio mais bello do mundo, porque é o representante da mais alta autoridade deste e do outro mundo.

Jesus Chisto era pobre: o Papa o é egualmente... pobre como o Christo, pois o palacio que habita não é delle, como pessôa civil, não é do Papa, é do Papado, como as Tuilerias de Paris, e o Cattete do Rio de Janeiro não são do Presidente destas nações, mas sim da *Presidencia.*

Os presidentes alli residem, succedem-se, vêm e desapparecem sem levar ou vender o palacio que habitam.

Os Papas succedem-se, vêm e desapparecem tamber, sem levar ou sem vender o Vaticano que habitam, mas que não lhes pertence.

E quereriam os inimigos da religião, que o REPRESENTANTE DE DEUS na terra habitasse uma miseravel choupana ou qualquer mansarda em ruinas?

Mas porque negam elles ao Papa um direito que concedem a qualquer commerciante?

O Papa, como sacerdote, como bispo, e muitas vezes como homem de sociedade, pois muitos dentre elles são da nobreza, merece um palacio, e não o mereceria como Bispo dos bispos, como Pae da christandade, como delegado de Christo?

Por favor, calae-vos, blasphemadores!...

Si o representante do Brasil, em qualquer nação, habitasse uma choupana e andasse mal trajado, o Brasil inteiro se sentiria offendido, porque o tal representante não representaria a dignidade, o brio e a honra dos brasileiros. E quereriam que o representante de Deus fosse um pobre, um homem mal trajado, mal hospedado...

Ah! então... o mundo inteiro indignado deveria revoltar-se, pois um tal Papa não responderia nem á DIGNIDADE de Deus, nem aos SENTIMENTOS do mundo catholico.

Seria um absurdo!

O Papa deve ser digno da grandeza de Deus, da bondade de Jesus Christo e do brio religioso de seus milhões de subditos.

E para isso deve apresentar-se na majestade de seu CARGO, na humildade de sua VIRTUDE, e na pobreza de sua PESSÔA.

Tal é o Papa... grande, sublime, bondoso, mas pobre no meio desta grandeza como elle é bondoso no meio de sua solicitude que abrange o mundo.

V. O poder temporal do Papa

Uma ultima questão se nos apresenta.

O Papa é o Pae do mundo, como Jesus Christo, a quem representá, é Pae do universo.

Tu, Domine Pater noster, redemptor noster,

podemos dizer do Papa, como o dizemos do Salvador. (Isai., 63, 16).

E, como o propheta Malachias, o Papa podia perguntar-nos:

Si ergo pater ego sum, ubi est honor meus? (Malach., I, 6).

Tu és o Senhor, nosso pae, e o Salvador do mundo!

Mas si eu sou pae, onde está a honra com que me cercaes?

E o mundo responderia: Tu és Rei, pela vontade da christandade, como és Pae pela vontade divina.

Dahi nasceu o poder temporal do Papa.

Jesus, estando deante de Pilatos, disse: *O meu reino não é deste mundo.*

Muitas pessôas interpretam estas palavras em sentido errado.

Jesus diz: o meu reino NÃO E' DESTE mundo; mas não diz: o meu reino NÃO E' NESTE mundo.

O sentido é todo differente.

"Regnum meum non est *de hoc* mundo", significa que o reino que Jesus Christo possue não lhe é dado pelo mundo, mas por seu Pae.

E' um reino differente do de Cesar.

O reino de Cesar é deste mundo; e lhe é dado pelo mundo.

O reino de Christo é NESTE mundo, mas não lhe é dado pelo mundo; é um reino celeste,

divino, independente dos poderes dos homens.

E este reino que é *neste mundo,* mas não é *deste mundo,* é a Egreja.

E' este o reino que, como Rei Supremo e Pae do Universo, Jesus Christo entregou a seus representantes, a Pedro e a todos os Papas, seus successores.

Este reino não é *deste* mundo, mas está NESTE mundo.

E' um reino... e Jesus Christo é Rei.

Logo, tu és Rei? — perguntou Pilatos.

E Jesus respondeu:

Tu o dizes, eu sou rei. (Joan., XVIII, 37).

Ora, todo reino, para merecer este nome, deve ter a independencia, sinão é um feudo, uma colonia.

Si a Egreja catholica, fundada por Jesus Christo, é um *reino,* e si Jesus Christo é Rei, o Papa, seu representante, deve ser egualmente REI, deve poder governar o reino que lhe é confiado, e governal-o com liberdade e independencia.

Ora, mesmo para governar a Egreja na ordem espiritual, é preciso que o Papa tenha uma LIBERDADE SOCIAL, uma independencia material, sinão elle dependeria da vontade e do capricho dos outros, e não poderia mais administrar a Egreja catholica mundial.

O poder temporal é uma garantia do poder espiritual.

O Salvador affirma que o seu reino vem de Deus. — Não o ordena, mas tambem não prohibe que este reino seja garantido por um PODER TEMPORAL que lhe assegure a inteira independencia.

O poder temporal do Papa não se confunde com a realeza espiritual, como o habito não se confunde com a pessoa que delle se reveste.

Os Papas receberam, desde o triumpho do Christianismo, um poder temporal, porque assim o exigiu o livre exercicio de seu ministerio pontifical.

Durante os primeiros seculos elles não possuiam este poder temporal; tambem os 52 primeiros foram martyrizados.

Nesta época das perseguições os Papas dependiam dos imperadores romanos que os trataram e maltrataram, segundo os seus caprichos, exilando-os, lançando-os ao fundo do carcere, quando o Pontifice recusava fazer-se o seu cortezão.

Pepino e Carlos Magno, grandes principes e grandes christãos, acabaram com esta situação intoleravel e tiveram a honra, em 800, — faz, pois, desde então mais de mil annos — de serem os instrumentos da providencia divina para darem á Séde de Pedro a paz e a liberdade, sem as quaes é imposivel governar a Egreja.

VI. Conclusão

O simples bom senso nos dicta que o Papa deve ser independente, completamente livre, para poder governar com justiça o mundo catholico.

Desde que o Papa não possúa mais um estado temporal para garantir a sua independencia, elle ha de ser necessariamente subdito do principe, a quem pertencer a cidade de Roma, da qual o Papa é sempre o Bispo.

O Papa será, deste modo, piemontez, ou francez, napolitano ou austriaco, allemão ou inglez.

Quem não comprehende as mil inconvènienicias de uma tal situação para o exercicio de seu seu poder espiritual?

Não falando das influencias e das pressões occultas do Soberano de Roma, este poderia em um dado momento supprimir a corespondencia do Papa com o Episcopado, interceptar suas encyclicas e Bulas, reduzindo-o, deste modo, ao silencio, e até impedindo a reunião de um Concilio.

Neste estado, os fieis, os bispos e os soberanos de outras nações estariam necessariamente numa perpetua e legitima suspeita quanto aos actos emanados de um Pontifice sujeito a um principe estranho.

E que aconteceria, si o tal principe fosse um inimigo politico?

Que seria si fosse um hereje? um perseguidor?

E não tomaria as necessarias medidas, este principe e senhor de Roma, de modo a fazer nomear um Papa de sua nação e de sua politica?

Não seria isso arruinar a confiança do mundo catholico e politico?

Não é o que aconteceu após a invasão de Roma pelos Garibaldinos, até ao contracto de Mussolini com a Santa Sé, cedendo-lhe de novo a cidade de Roma com plena e inteira liberdade de acção?...

E Roma, a propria Roma, a capital espiritual do mundo... da qual o Papa é necessariamente o pastor e o guarda, como ficaria preservada da invasão da heresia, da imprensa immunda, da corrupção dos costumes, dos escandalos publicos e das instituições destructoras da fé, si o Papa não fosse Senhor e Rei desta cidade?

E' preciso, pois, que o Papa possúa um reino temporal. E' uma necessidade: o proprio Napoleão a reconheceu.

"A autoridade do Papa, dizia elle, não seria tão forte como é, si elle residisse num paiz que não lhe pertencesse, e estivesse sob o dominio de um poder de estado estranho.

O Papa não está em Paris; e é um bem.

Nós veneramos a sua autoridade espiritual, exactamente porque elle não reside, nem em Madrid, nem em Vienna.

Em Vienna e em Madrid, diz-se a mesma cousa.

E' um bem para todos que elle não resida nem entre nós, nem entre os nossos inimigos, mas, sim, na Roma antiga, longe dos imperadores germanos e longe dos reis francezes e espanhóes; conservando o braço da balança em linha horizontal entre os soberanos catholicos, inclinando-se um pouco para o lado do mais forte, mas levantando-se acima delle, quando este se torna perseguidor.

E' a obra dos seculos; e a fizeram muito bem!

E' a instituição mais sabia e mais vantajosa que se possa imaginar no governo das almas". São palavras geniaes deste genio que se chama Napoleão, que tinha como que a intuição das obras grandes e solidas.

E é esta obra que Napoleão III e Victor Emmanuel, ajudados pela Prussia e pelos revolucionarios Garibaldinos, destruiram em 1870, mas que felizmente o grande Papa Pio XI e Mussolini restabeleceram definitivamente em 1930.

Hoje o Papa é de novo o Rei de Roma...

E' o estado menor do mundo; mas este es-

tado dá a liberdade e a independencia ao maior Rei do universo.

Jesus Christo é Rei.

O seu representante o é pelo mesmo titulo.

E' o reino do rochedo indestructivel da Egreja.

E este reino nunca terá fim, porque este rochedo é eterno!

CAPITULO XV

O Christo, o Papa e Maria

Após termos percorrido a historia, triste mas consoladora, sangrenta e gloriosa, humana e divina do Papado, devemos tirar umas conclusões que se impõem pelo peso de seu valor e pela extensão de suas consequencias.

Como provei nos capitulos precedentes, O CHRISTO, O PAPA E A EGREJA é a sublime Trindade que perpetúa no mundo a grande fundação divina do Salvador.

E' uma escada luminosa, cujos pés se apoiam sobre a terra e cujo topo vae perder-se na gloria eterna.

Nunca se deviam separar estes três elementos constitutivos da obra redemptora.

O Christo é a cabeça do Papa, como o Papa é a cabeça da Egreja — *Ipse* (Filius) *est caput corporis Ecclesiae.* (Col., I, 18).

A Egreja é a pupilla dos olhos do Papa, como o Papa é a pupilla dos olhos de Jesus Christo: — *Quasi pupillam oculi tui.* (Prov., VII, 2).

Insultar a Egreja, — é insultar o Papa, é insultar o Christo.

Amar a Egreja, — é amar o Papa, é amar Jesus Christo.

E' uma Trindade inseparavel!

O Christo, sem o Papa, não seria o REI DOS SECULOS.

O Papa, sem o Christo, não seria INFALLIVEL.

A Egreja, sem o Papa, seria um CORPO SEM CABEÇA.

O Papa, sem a Egreja, seria uma CABEÇA SEM CORPO.

Embora estas três entidades sejam realmente distinctas, constituem, entretanto, uma ENTIDADE MORAL perfeita, cohesa, inseparavel, e esta entidade é a EGREJA.

Procuremos penetrar e comprehender a UNIDADE divina da Egreja, assim como o logar particular que o Papa occupa nesta unidade: — será a digna e sublime conslusão deste trabalho.

I. O Christo no mundo

Jesus veio a este mundo, para salval-o, pelo sacrificio do Calvario, e perpetuar a sua presença no meio dos homens.

E' o resumo da Redempção.

Memoriam fecit mirabilium suorum. (Psal. CX., 4).

Mas Jesus Christo, immolando-se e permanecendo no meio dos homens, não podia dar-se *pela metade*, mas devia ficar na terra, através dos seculos, tal qual elle passou na terra durante a sua vida mortal.

São os dois infalliveis mysterios da Encarnação e da Redempção continuados através dos seculos.

Num estudo sobre a invocação *Nossa Senhora do SS. Sacramento*, no primeiro Capitulo, como ponto de doutrina inicial, tratei a relação intima e inseparavel que existe entre a Eucharistia, a Virgem Santissima e o Papa, e mostrei que estes três mysterios, unidos, formam a personalidade perfeita e completa de Jesus Christo no mundo.

Ao terminar este trabalho, como synthese doutrinal, devo citar este mesmo Capitulo e mostrar a relação divina que existe entre o Papa, a Eucharistia e a Virgem Immaculada. (1).

Esta união salienta melhor a grandeza do Papa na Egreja, como destaca a fonte de toda grandeza, a divina Eucharistia, e o canal desta grandeza, a Virgem Sma.

A Eucharistia, sendo a pessôa divina de Jesus Christo, é o CENTRO de tudo.

---

(1) Cfr. Nosso livro: *Maria e a Eucharistia*, obra theologica que estuda a fundo as relações entre Maria e a Eucharistia.

E' ahi que devemos estudal-o, e cercal-o do que divinamente o completa, para reconstituir o Jesus de outróra, o Jesus de Belém, de Nazareth, de Jerusalém, da Galiléa, do Calvario, em outros termos, o Jesus communicando aos homens FORÇA, LUZ E AMOR.

E' um estudo interessante que, penetrando fundo os mysterios, nelles descobre a unidade perfeita da obra de Deus.

II. Um Christo morto

A Eucharistia é o prolongamento da Encarnação, não sómente NO MODO DE SER, mas tambem no MODO DE OPERAR, e NO FIM que se propõe nesta operação.

Porque Jesus Christo se fez homem?

Para poder soffrer, morrer pelos homens e salval-os. Para ensinar-lhes a verdade. Para trazer-lhes o amor.

Triplice razão, simples e fecunda de ensinamentos. O amor é o movel divino de tudo: *Sic enim Deus dilexit mundum.* (Joan., III, 16).

Encarnou-se por amor, *immolou-se por amor.* (Gal., II, 20). Dar-se-á em alimento, por amor. (Joan, VI, 56). Será a luz de todo homem, por amor. (Joan, I, 9).

Como em sua Encarnação, Jesus Christo, na Eucharistia, deve ser: ALIMENTO, LUZ E AMOR. Elle deve continuar este prolongamen-

to da Encarnação, alimentando a nossa alma, illuminando o nosso espirito, accendendo em nossos corações as chammas do amor. Não disse elle, de facto, que *vinha trazer o fogo á terra, e que o seu desejo era que elle se accendesse em todos os corações? — Ignem veni mittere in terram.* (Luc., XII, 49).

Tal é a obra de Jesus na Eucharistia. Assim deve ser. O contrario seria um contra-senso. Então Jesus Christo teria vindo a este mundo, os judeus teriam tido a felicidade de vel-o, de ouvil-o, elles, judeus endurecidos e ingratos, e nós, que chegámos 19 seculos depois, não teriamos mais sinão a lembrança deste Jesus?

Não poderemos então vêl-o, ouvil-o, tocal-o, sentir o calor de seu coração e o ardor de suas palavras?

Elle teria falado, e sua palavra chegaria até nós através das brumas de dezenove seculos?

Elle teria amado tão tenamente os seus apostolos, os arrependidos, os soffredores, e o calor do seu coração não chegaria até nós sinão através da frieza de dezenove seculos?

O povo, nas estradas da Palestina, nas areias do deserto e á beira dos lagos, teria beijado os seus pés, suas vestes, e até os traços de suas pisadas; e nós, que vivemos longe da Palestina e longe desses tempos remotos, não poderiamos mais encontrar nem siquer um objecto que elle teria tocado, para beijal-o e apertal-o contra o nosso coração?

Oh! não! E' impossivel! Isto seria cruel, isto seria injusto! Emfim, por pobre que sejamos, o nosso desejo de vel-o, de ouvil-o e tocal-o, bem vale o ardor e as aspirações dos judeus, que o cercavam.

Não! não! E' impossivel!... Isto seria um CHRISTO MORTO, um Christo sepultado, um Christo esquecido!

O meu coração protesta, como protesta o mundo inteiro.

O que quero é um Christo vivo, um Christo que ama, um Christo que fala! — Um Christo escondido, si quizerem, mas visivel de qualquer modo.

Si isto fosse impossivel, Jesus Christo teria mentido.

Porque disse elle então: *Não vos deixarei orphams — non relinquan vos orphanos?* (Joan., XIV, 18).

Porque, então elle exclamou com tanto ardor: *Eu amarei a quem me ama? Qui diligit me . . . et ego diligam eum.* (Joan, XIV, 21).

— Oh! não! é impossivel que isso não seja verdade; sendo-o, nós temos direito a um Jesus Christo vivo, amante, cujo olhar nos converta como converteu a Pedro, e cuja voz nos ensine, como ensinava ás multidões de outróra,

III. *Onde está o Christo completo?*

Onde estás, ó grande Deus, ó Deus amoroso? — *Magister, ubi habitas?*

Será possivel que Deus habita com os homens sobre a terra? (2, Paral., VI, 18).

Elle está na divina Eucharistia. E' ahi que elle nos chama.

Magister adest et vocat te!, dizia Martha a Magdalena, e assim repete a Egreja a cada um de nós. Entro num templo catholico: Vejo alli um altar, um tabernaculo dourado, humilde; porém, o silencio que o cerca e a pequena lampada accêsa dão-nos quasi a impressão de um quarto funebre... si alguem fala, é com voz baixa e abafada; tudo é solenne...

O Tabernaculo toma o aspecto de um sepulchro; os pannos sagrados parecem-se com lenções funebres, e o proprio sacerdote, digno, venerando, de olhos baixos, parece estar perto de um ataúde, onde jaz um defunto. E no meio deste silencio impressionante a Egreja repete o seu convite, que se encontra, muitas vezes, bordado no antependium do altar: — *Magister adest et vocat te.* — *O Mestre está ahi e te chama.* (Joan, XI, 28).

Olho para o Tabernaculo; o sacerdote apresenta-me uma Hostia branca e de seus labios tremulos cáem estas palavras: *Ecce agnus Dei*

— *Eis o cordeiro de Deus, eis aquelle que perdôa os peccados do mundo*: (Joan., I, 29).

Sinto a minha alma commover-se.

Oh! sim, eu preciso de perdão; a minha alma soluça aos pés do divino Misericordioso. Mas não basta! O perdão apaga o *passado* e quem me garante O FUTURO?... Preciso de força, de coragem, de anhelo!

Ha uma metade de ti, meu Deus, que procuro aqui e que não encontro neste Tabernaculo mudo, onde tu não falas e onde não sinto o teu amor!...

E o sacerdote continúa estendendo-me, de mão tremula, a hostia divina: *Corpus Domini... Que o corpo de Jesus Christo conserve a tua alma para a vida eterna.* (Lithurg.).

Oh! promessa e realidade divinas! A minha alma perdoada e fortalecida adquire o direito á alliança divina — *Quem come deste pão viverá eternamente.* (Joan., VI, 59).

Como tudo isso é divinamente bello! Mas não estou satisfeito ainda.

Fixo meu olhar ardente e prolongado sobre a Hostia Santa como para penetrar através do véo mysterioso, que esconde o meu Deus... e parece-me que ha um Jesus Christo que não está ahi.

E' Jesus... E' elle... é certo. — *Ego sum...* Mas o Jesus do Tabernaculo está mudo, não fala.

O' Jesus, onde está a tua palavra? Porque não a conservaste através do véo que te encobre?

E' isso verdadeiramente prolongar a tua Encarnação, o ficar mudo entre nós?

E não sómente Jesus NÃO FALA no altar, mas elle ahi NÃO GOVERNA; alimenta as almas, mas não as dirige. Falta-lhe o seu sagrado ministerio, espiritual, como lhe falta a palavra.

O' Jesus, que fizeste do teu baculo de pastor? — *Ego sum bonus pastor*, e porque, ficando entre nós, deixaste a metade de ti?

E, continuando a examinar o Sacramento eucharistico, acho a Hostia Sagrada tão fria, tão insensivel! Porque, ó grande Deus, não está ella cercada de um nymbo de luz? Porque não se irradia della uma chamma de amor?

O' Jesus, não é a Eucharistia o mysterio do amor? *Cum dilexisset suos*... (Joan., XIII, 1). Onde escondeste este amor?

O' Jesus, encontro aqui no teu Tabernaculo apenas uma metade do Jesus que a minha fé procura, que a minha esperança implora e que meu amor adora e quer apertar contra o peito.

E como é grande a metade que falta! Eu poderia quasi dizer que é a mais importante.

Este Jesus que percorria as cidades da Galiléa, ensinando publica e infallivelmente a todos, onde está elle?

Esta palavra infallivel que, só, é capaz de

impedir as almas de *serem fluctuantes e levadas ao sabor de todo o vento de doutrina;* (Ephesi, IV, 14) esta autoridade e esta jurisdicção, sem as quaes *nos parecemos como ovelhas sem pastor,* (Math., IX, 36), onde estão ellas?

E este amor tão doce e tão suave, que converteu a Magdalena, que fez soluçar São Pedro, que attrahiu as multidões, que prostrava os peccadores e que fazia dizerem os proprios phariseus: *Vejam como elle o amava*; (Joan., XI, 36), onde está este Jesus? Onde está este coração que se commovia, que chorava e que murmurava palavras tão doces aos ouvidos daquelles que soffriam: *Mulier, noli flere* (Luc., VII, 13); onde está tudo isto, ó Jesus?

E' certo, Jesus Christo é tudo isto na Eucharistia; mas elle está alli como Deus; mas, como *homem-Deus*, parece estar incompleto... ter dividido estes attributos, entretanto essenciaes.

A Eucharistia é UM VE'O, bem o sei, mas o véo é transparente, e si elle não me permitte penetrar até o fundo do mysterio, elle deixa-me entrever, entretanto, Jesus completo.

O mysterio veda-me a porta do COMO ISSO SE FAZ, mas permitte-me a entrada no objecto que elle esconde, e este objecto é Jesus, é sua palavra, é o seu amor.

A minha fé mostra-me a pessôa de Jesus

escondido: creio, Senhor... és tu mesmo; creio e adoro de joelhos, mas quero ouvir tua palavra, quero sentir o calor de teu coração, quero como que sentir o beijo dos teus labios divinos.

O véo esconde-me a tua PESSÔA. E a tua PALAVRA onde está? E onde refulge o teu AMOR?

O' véos, rasgae-vos!... Como o véo do Templo, na hora do sacrificio do Calvario, rasgae-vos, de alto a baixo, e deixae-me ver o "Santo dos Santos", o Jesus de minha fé, de minha esperança, de meu amor, o Jesus completo. *Et velum templi scissum est medium.* (Luc., XXIII, 45).

IV. Os três véus mysteriosos

Triplice véu que encobre o Christo completo: a sua PESSOA, a sua VOZ e o seu AMOR! São três mysterios!

Sem dúvida, Jesus Christo teria podido perpetuar e universalizar sua presença real num unico mysterio. Não o quiz. Porque?

Ha muitas razões, e por isso necessario seria escrever um livro para expol-as; reservemol-as para mais tarde.

Não o quiz; é o bastante: *Dominus est.*

Preferiu esconder-se sob este triplice véu. Para satisfazer a inclinação do coração que aspira a não se separar daquelles que ama, elle

constituiu para si uma TRIPLICE PRESENÇA entre nós, todas três completamente distinctas, embora inseparaveis. Talvez seja uma imagem da SS. Trindade: o Padre, o Filho, o Espirito Santo, isto é, poder, luz e amor: todos três ineffaveis e que,, unidos, constituem a extensão total da Encarnação, a sua irradiação perfeita através do tempo e do espaço!

Mysterio admiravel dos três véus, sob os quaes Jesus Christo se esconde!

Triplice eixo, que serve como base a todo o Christianismo! Quem me déra comprehender-vos, para mais amar Aquelle que escondeis!

E quaes são estes três véus admiraveis? O vosso coração tel-os-á nomeado, antes que a minha penna os pudesse escrever!

O primeiro véu são as ESPECIES Sacramentaes, são as apparencias da Hostia, que encobrem a Pessoa divina de Jesus Christo.

O segundo véu é o PAPADO, é o Pontifice infallivel de Roma, que encobre a voz infallivel de Jesus Christo.

O terceiro véu é a SMA. VIRGEM MARIA, é o coração da Virgem e da Mãe, medianeira universal de todas as graças, que encobre o amor infinito de Jesus Christo para com os homens.

E' o Christo completo... E' o Christo, não simplesmente vivo, mas o Christo que fala, o Christo que ama, o Christo que salva o mundo,

derramando sobre elle os thesouros de sua misericordia.

E' Deus comnosco: *Vocabunt nomen ejus Emmanuel... nobiscum Deus.*

E' o Christo ALIMENTO, LUZ e AMOR. E' o Padre Eterno que crêa, é o Filho que resgata, é o Espirito Santo que santifica.

E' a continuação da Encarnação: *Et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine* (Symbolo).

V. Communhão — Papa — Virgem Maria

Eis três cousas que pareciam, á primeira vista, completamente distinctas, quasi oppostas, e que podemos — digo melhor — devemos *unir* num mesmo amplexo de amor, porque o proprio Deus as uniu inseparavelmente.

A Communhão, o Papa, a Virgem Maria. E' um unico mysterio; são três faces do mesmo mysterio; são TRÊS VÉUS que nos escondem o mesmo Jesus Christo.

Quão pouco conhecida é esta verdade!

Parece quasi uma novidade, e é uma instituição divina!

São três dogmas de fé, que se unem, que se completam, que se explicam um pelo outro: A presença REAL e substancial de Jesus Christo no Sacramento do Altar, — a presença infallivel de Jesus Christo no Papa, — a presença

amorosa de Jesus Christo na Sma. Virgem Maria, como Mãe de Deus e Medianeira de todas as graças.

A terceira presença, referindo-se á MEDIAÇÃO UNIVERSAL da Sma. Virgem, é uma verdade certa, embora não seja ainda dogma de fé.

E' o mesmo Jesus Christo, considerado em sua PESSOA divina, em sua PALAVRA, em seu AMOR. A Virgem Santa é Mãe de Jesus e distribuidora de suas graças, passando todas as suas graças POR ELLA.

Ora, a graça é uma participação á natureza divina: — *divinae consortes naturae.* (2, Pet., I, 4), e toda a graça sendo uma communicação do amor divino, e este amor passando pela Sma. Virgem, podemos dizer que ella é a *representação* e o canal do amor divino.

Ella não é a FONTE do amor, como o Papa não é a fonte da verdade; tudo vem de Jesus, emquanto Maria Sma. é o canal deste AMOR, o Papa é o canal da VERDADE. Ambos estão ligados á fonte, que é Jesus Christo.

Jesus Sacramentado, em seus accidentes, não fala, não ama. O pão não é para isso, é um alimento. A sua pessôa divina, escondida no mysterio do Altar, é a fonte de tudo; e desta fonte Elle derrama sobre as almas: *força,* pela Communhão; *luz,* pelo Santo Padre, o Papa; *amor,* ou graça, pela Sma. Virgem.

Adoravel mysterio de União! A *Hostia* é o

véu que encobre a sua pessôa divina. O *Papa* é o véu que esconde a sua infallivel *verdade. Maria Sma.* é o véu que nos transmitte o *seu amor.*

VI. União inseparavel

Continuemos a perscrutar o mesmo mysterio, e chegaremos a conclusões theologicas, de uma exactidão rigorosa, por todos acceitas, mas que poucos comprehendem, por não lhes conhecerem a base doutrinal.

Começamos a conhecer a Jesus Christo Sacramentado, mas não conhecemos bastante a doutrina que faz o *Papa* nem a que faz a *Mãe de Deus.*

São três pharoes, mas o fóco luminoso é um só: Jesus Christo: é Jesus Christo dando-nos o seu corpo e a sua alma com alimento das almas, pela Communhão; dando a sua *doutrina,* pelo Papa; dando as suas *graças,* pela Sma. Virgem.

São três canaes: A COMMUNHÃO, pela qual passa a sua pessôa. O PAPA, pelo qual passa a sua doutrina. A VIRGEM SANTA, pela qual passam as suas graças.

A vontade recebe da Communhão uma FORÇA DIVINA. A intelligencia recebe do Papa a LUZ DIVINA. O coração recebe de Maria Santissima o AMOR DIVINO.

Pela Communhão o homem *fortifica-se.* Pelo Papa o homem *eleva-se.* Pela Virgem Santa o homem *transfigura-se.*

A Communhão mostra-nos O BEM. O Papa mostra-nos A VERDADE. Maria Sma. mostra-nos O AMOR.

E' a realização da doutrina tão divinamente exposta pelo Salvador a S. Thomé: *Ego sum via, veritas et vita* (Joan., XIV, 6) — *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*

Pela Eucharistia elle é a VIDA das almas: *Eu sou o pão da vida.* (Joan., VI, 35). Pelo Papa elle é a VERDADE dos espiritos: *Quem vos escuta, escuta a mim* .(Luc., X, 16).

Pela Sma. Virgem elle é o CAMINHO do amor: *Eu sou a Mãe do puro amor.* (Eccl., XXIV, 24).

Jesus Christo é tudo para nós... tudo emana delle; tudo volta a elle.

Esta mesma verdade foi admiravelmente synthetizada pelo Espirito Santo, nos Proverbios: *Lex, Lux, Via,* (Prov., VI, 23).

A Eucharistia é a LEI do amor.

O Papa é a LUZ do amor.

Maria Sma. é o CAMINHO do amor!

A Egreja applica á Sma. Virgem este texto da Sagrada Escriptura: *Em mim ha toda a graça do caminho e da verdade. — In me omnis gratia viae et veritatis.* (Eccl., XXIV, 25).

E' sempre a mesma união divina: a GRAÇA, o CAMINHO, a VERDADE.

A graça é *Jesus Christo.*

A verdade é o *Papa.*

O caminho é *Maria Sma.*

No ensino da Egreja, como na explicação espiritual da Biblia, encontramos sempre esta triplice união.

Uma difficuldade se apresenta.

A presença de Jesus Christo na *Eucharistia* é um facto da ORDEM DA NATUREZA, no sentido que as apparencias que o encobrem continuam a pertencer a esta ordem, embora a substancia tenha sido mudada.

A presença de Jesus Christo na *palavra* do Papa é um facto da ORDEM DA GRAÇA, no sentido que é uma preservação de todo o erro dada ao Papa, falando "ex-cathedra".

A presença de Jesus Christo na *Sma. Virgem,* como Medianeira das graças, é um facto da ORDEM DA GLORIA, no sentido que Maria Sma. já pertence a esta ordem, e não está mais corporalmente na terra.

Será uma difficuldade?...

Não, não! E' um novo *jacto de luz* divina, um relampago... é uma nova synthese da verdade exposta.

São Paulo, em sua linguagem nervosa, diz: *Christus heri et hodie*: *ipse et in sœcula.* (Hebr., XIII, 8). Isto é: o Christo abrange tudo, o passado, o presente, e o futuro — em outros termos: a *natureza*, a *graça*, a *gloria* — A terra, o céu, a eternidade.

E encontramos isso em Jesus Christo, con-

siderado sob o TRIPLICE VÉU que o esconde a nossos olhos.

Seu corpo *natural,* na Eucharistia.

Sua palavra *espiritual,* no Papa.

Seu amor *glorioso,* na Virgem Santa.

A natureza *alimenta.*

A graça *transforma.*

A gloria *corôa.*

E' o Christo... o Christo em tudo... é o seu reino universal, no mundo, na graça, na gloria: *omnia et in omnibus Christus.* (Coll., III, 11).

Divina e incomparavel união, que devemos comprehender, para lhes darmos, aos três, o valor que merecem.

Assim unidos, comprehenderemos melhor:

O valor da Communhão.

A docilidade ao Papa.

O culto de Maria Sma.

Não são mais três devoções separadas, mas uma *unica devoção*: a devoção catholica, central, racional, theologica, a devoção a Jesus Christo, á sua *Pessoa,* á sua *palavra,* ao seu *amor!*

Almas queridas, precisaes de força?

— Ide ao *Altar,* commungae!

Precisaes de luz?

Ide ao *Papa,* escutae-o!

Precisae de amor?

— Ide a *Maria,* invocae-a!

VII. A Trindade terrestre

A idéa enunciada merece maior desenvolvimento, porque exprime o que de mais divino ha na religião e ao mesmo tempo de mais forte e fraco, mais visivel e de mais escondido, mais profundo e ao mesmo tempo mais alto.

Eis a religião inteira, em sua base, em seu desenvolvimento, em sua gloria.

Sem a *Eucharistia,* Jesus Christo ficaria um desconhecido, um incomprehendido; o Christianismo ruiria da base até o cume.

Sem o *Papa,* Jesus Christo seria um Deus mudo, um Deus sem governo; o Christianismo cahiria por completo.

Sem *Maria Santissima,* Jesus Christo seria um Deus de Majestade e de poder; não seria mais o Pae querido, o Esposo das almas puras.

São três verdades basicas, essenciaes, uma verdadeira TRINDADE TERRESTRE formando num unico mysterio, três mysterios distinctos mas inseparaveis, como são inseparaveis e distinctas as três pessoas divinas da Trindade celeste.

A Egreja catholica é uma sociedade visivel, é um corpo perfeito, como diz o Apostolo: *Ita multi, unum corpus sumus in Christo.* (Rom., XII, 5).

Este corpo deve ter uma cabeça que transmitta as suas ordens á intelligencia, á vontade e ao coração — as três grandes faculdades da nossa alma.

A cabeça é Jesus Christo: *Qui est caput Christus.* (Ephes., IV, 15).

O Christo, pela Communhão, communica a sua força á vontade: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei.* (Ephes., VI, 6); transmitte, pelo Papa, a sua luz á intelligencia — *sum lux mundi.* (Joan., VIII, 12), e, pela Sma. Virgem, inflamma os corações com seu amor: — *Inflammatum est cor meum.* (Psl. 72, 21).

E' o corpo completo, mas não lhe póde faltar nenhuma destas partes *essenciaes,* porque seria a ruina.

A historia ahi está, para provar esta verdade. Onde falta um destes elementos, a religião vae decahindo.

Sem *Communhão,* a VIDA CHRISTÃ desapparece.

Sem *obediencia* ao Papa, a DOUTRINA se corrompe.

Sem amor á *Sma. Virgem,* a santidade vacilla.

Viu-se no seculo XVI um exemplo memoravel desta verdade.

Quando Luthero desertou da Egreja, pretendeu não se separar de Jesus Christo (pelo menos elle assim o dizia, e podemos acreditar nelle neste particular!) pretendeu apenas rejeitar o Papa, cuja autoridade o obrigava a trilhar

o caminho da verdade, condemnando os seus erros.

Rejeitou, pois, o Papa, revoltou-se contra elle. Pretendeu limitar-se a esta suppressão, mas não sabia o infeliz que a Eucharistia, o Papa e a Virgem Santa são inseparaveis. Os espiritos da Reforma dividiram-se; os erros multiplicaram-se; Luthero quiz intervir. Em vão elle se intitulou propheta, Apostolo, enviado de Deus, reformador; tudo cahiu e a anarchia augmentou.

Entretanto, Jesus Christo estava ainda presente sobre os altares da Reforma.

Havia padres, habia bispos legitimos que consagravam validamente, porém era um CHRISTO MUDO, impotente *para* se defender e defender a doutrina.

A Eucharistia ficou abandonada.

Pouco a pouco, o proprio Tabernaculo ficou deserto... A Sma. Virgem, que Luthero pretendia conservar como ultima lembrança da grandeza perdida, tambem desappareceu, como que arrastada na onda revoltosa, e com ella o Christo desappareceu definitivamente da Reforma de Luthero.

Hoje o protestantismo conserva apenas uma Biblia, uma letra morta! O Christo desappareceu da seita, porque haviam desapparecido o Papa, a Eucharistia e a Mãe de Deus. O que

aconteceu com a Reforma, sempre ha de acontecer.

Jesus Christo completo está escondido atraz deste TRIPLICE VÉU; rasgando um, todos os outros se rasgam, e Jesus Christo desapparece. Onde ha Communhão frequente, docilidade ao Papa, amor á Sma. Virgem, ahi ha tambem a plenitude da religião, a virtude e a santidade. Onde desapparece um destes elementos, a religião vacilla, corrompe-se e desapparece.

E' um facto historico, como é uma verdade theologica. — *Qui vos spernit, me spernit.* (Luc., X, 16). *Quem vos despreza, a mim despreza,* tinha dito o Salvador ao primeiro Papa, e por elle ao Papado de todos os tempos.

VIII. A unica fonte divina

As obras de Deus são de uma simplicidade e de uma unidade que desnorteiam, ás vezes, a intelligencia humana.

O homem, vendo as obras divinas tão bellas, tão immensas, tão profundas, começa necessariamente a analysal-as, a dividil-as, para melhor distinguil-as; porém, si tal divisão é necessaria, tem sempre o inconveniente de romper a UNIDADE DO PLANO DIVINO e a unidade das verdades doutrinaes.

E' o que tem acontecido com a divina Eucharistia.

Os theologos distinguem a presença real, o Sacramento, o Sacrificio, a Communhão, quatro aspectos da Eucharistia.

Falando da Sma. Virgem, impõem-se outras pa como homem, e o Papa como autoridade, mostrando-nos o seu magisterio infallivel com o triplice poder doutrinal, legislativo e judiciario, representado pela tiara pontifical.

Falando da Sma. Virgem, impõe-se outras distincções como: a predestinação, a dignidade, privilegios, papel, virtudes, meritos, glória, culto e mediação universal.

Cada assumpto absorve o theologo que, procurando salientar a *doutrina especial*, é obrigado, muitas vezes, a sacrificar a DOUTRINA GERAL, a synthese admiravel, a ligação das diversas partes da doutrina num unico fecho central.

E', deste modo, que um mysterio fica isolado de outro, com o qual tem, entretanto, uma connexão necessaria.

A Eucharistia, estudada isoladamente, é divinamente bella; o Papado, mesmo isolado, tem um esplendor sem egual; a Sma. Virgem possue um encanto incomparavel, porém, collocados estas três devoções uma ao lado da outra, como emanadas de um *principio unico*, adquirem ellas uma belleza e uma firmeza tal que não teriam si ficassem separadas deste centro.

A Eucharistia é o centro unico, vital, a fon-

te, mas deste centro commum emanam estes dois raios luminosos que são o PAPA e a SMA. VIRGEM. O Papa, como sendo a *palavra* de Jesus Christo; a Sma. Virgem, como sendo *o canal* de seu amor. A Eucharistia torna-se, deste modo, a *synthese do plano divino* e a *vida da Egreja.*

E' Jesus Christo, como *principio e fim*, como alpha e omega; tudo vem delle, e tudo volta a elle. E' elle que *alimenta*, pela Communhão; é elle que *ensina* pelo Papa; é elle que derrama o seu *amor* pela Sma. Virgem.

Isto fazia Santo Agostinho exclamar:

O Sacramentum pietatis. O vinculum unitatis. O vinculum caritatis!

E' o Christo completo, sob o triplice aspecto, que abrange toda a doutrina christã.

IX. Conclusão

Muitas e grandes verdades theologicas têm passado ante o nosso olhar, neste curto estudo!

Muito fica a dizer ainda; o que precede tem apenas por fim raspar o véu do horizonte eucharistico, e mostrar ás almas ardentes os aspectos novos e menos conhecidos do grande Sacramento do amor.

O que tenho procurado mostrar é que a Eucharistia *não é um Sacramento isolado*, que vem collocar-se na linha, ao lado dos seis outros Sacramentos.

Todos os Sacramentos são necessarios para a plenitude da vida christã, mas a Eucharistia, além desta necessidade particular, tem connexão com a vida de toda a Egreja. Podia-se dizer que os outros sacramentos, excepto a *Ordem* que se relaciona com a Eucharistia, e o Matrimonio que se refere á raça humana, os outros, digo, são como PESSOAES, emquanto a Eucharistia é um SACRAMENTO GERAL, donde emanam a vida da Egreja e a vida das almas. E' um estudo a fazer-se ainda, e que por certo ha de fazer-se, para mostrar como na Egreja tudo se relaciona, tudo se liga á Sagrada Eucharistia.

Tenho, aqui, procurado mostrar esta ligação, deixando a outros a iniciativa e o trabalho de mostrar, nos pormenores, as minucias desta *synthese divina*.

A religião catholica, assim estudada, tomará um aspecto de unidade incomparavel, que será a *glorificação* da divina Eucharistia, do Papa e da Sma. Virgem — triplice glorificação, que, mais do que nunca, se impõe em nossos dias.

Em frente da impiedade que blasphema, deante da maçonaria que solapa, no meio do protestantismo que desorganiza, cercada pelo espiritismo que desequilibra, e sob as ameaças do bolchevismo que mata, a Egreja catholica deve erguer a fronte, sempre radiante, porque é eterna, e mostrar a sua admiravel *cohesão*, a

sua força divina e o seu amor heroico até á morte.

E' preciso MOSTRAR o Christo reinando sobre as almas e sobre o mundo — O CHRISTO-REI.

E' preciso EXALTAR o Christo ensinando e governando as almas e as nações: o Christo na pessôa do PAPA.

E' preciso GLORIFICAR o Christo amando e salvando pela sua graça: — o Christo, na pessôa da Medianeira Universal das graças: a SMA. VIRGEM MARIA.

Deste modo, o Christo Salvador parece approximar-se de nós, baixar até nós, para continuar a sua vida mortal, vida de apostolado, de consolação e de amor.

O Papa eleva-se até á altura que lhe compete como sendo o representante e VIGARIO de Jesus Christo... e comprehende-se melhor, vendo-o como o véu do proprio Christo, em que consiste o seu magisterio infallivel. A Sma. Virgem, por sua vez, nos apparece numa luz, que é a de seu Filho, mas que o é tambem da sua propria dignidade e da grandeza de seu papel de MEDIANEIRA.

Maria Sma. deixa de ser, como o é para certas almas pouco instruidas, um adorno, um enfeite da religião; ella se torna uma *peça constitutiva*, e, na ordem actual das cousas, uma peça essencial; é a manifestação do amor infinito de

Deus, na ternura, na misericordia, no desvelo que salienta tão bem a sua condição de mulher, de Virgem e de Mãe.

Maria mostra-se em toda a plenitude de seu poder de *Medianeira Universal* das graças.

E' o conjuncto deste sublime mysterio. A Eucharistia, fonte de FORÇA.

O Papa, fonte de LUZ.

A Virgem Sma., fonte de AMOR.

Em meu livro: *"Maria e a Eucharistia"*, estudei a Eucharistia e a Virgem Sma. em suas relações eucharisticas; para ser completo, era necessario estudar tambem o Papa, a sua grandeza, o seu papel na Egreja de Jesus Christo.

Deste modo, um estudo completa o outro, e pela leitura destes dois volumes, o leitor poderá abranger, num unico relance, os grandes mysterios do Filho do homem, a Encarnação e a Redempção, continuados através dos seculos.

E' Jesus Christo vivendo entre nós, na Eucharistia.

E' Jesus Christo falando-nos pelos labios de seu representante, o Papa.

E é Jesus Christo cercando-nos de amor e de carinho, pela Virgem Sma., a sua e nossa Mãe querida.

Foi o que pretendi e procurei mostrar neste capitulo.

CAPITULO XVI

Os Papas através dos seculos

No capitulo IV, § IV, dei a lista dos Papas desde São Pedro até Estevam V. Isto é, do anno 33 até ao anno 817, tendo havido neste intervallo 100 Papas.

Para os leitores poderem ver a successão admiravel e ininterrupta dos Papas, quero completar aqui a lista, citando a continuação dos Papas até os dias actuaes; isto é, do 8.º seculo até hoje.

Para os estudiosos é um documento interessante.

Para os vacillantes é m argumento de firmeza.

Para os protestantes é a refutação aos seus erros.

Para os catholicos é um estandarte de gloria.

SECULO IX

101 — Gregorio IV, romano 827—844
102 — Sergio II, romano 844—847

103 — S. Leão IV, romano	847—855
104 — Benedicto III, romano	855—858
105 — S. Nicolau I, o *Grande*, romano	858—867
106 — Adriano II, romano	867—872
107 — João VIII, romano	872—882
108 — Marino I, de Gallese (Italia)	882—884
109 — Adriano III, romano	884—885
110 — Estevão V, romano	885—891
111 — Formoso, de Ostia	891—896
112 — Bonifacio VI,	896—896
113 — Estevão VI, romano	896—897
114 — Romano de Gallese	897—897
115 — Theodoro II, romano	897—897

SECULO X

116 — João IX, de Tivoli	898—900
117 — Benedicto IV, romano	900—903
118 — Leão V, de Ardea	903—903
119 — Christovão (Christophoro), romano	903—904
120 — Sergio III, romano	904—911
121 — Anastacio III, romano	911—913
122 — Landão, Sabino	913—914
123 — João X, de Ravenna	914—928
124 — Leão VI, romano	928—928
125 — Estevão VII, romano	929—931
126 — João XI, romano	931—935
127 — Leão VII, romano	936—939

128 — Estevão VIII, romano	939—942
129 — Marino II, romano	942—946
130 — Agapito II, romano	946—955
131 — João XII, romano	955—964
132 — Leão VIII	963—965
133 — Benedicto V, romano	964—964
134 — João XIII, romano	965—972
135 — Benedicto VI, romano	973—974
136 — Benedicto VII, romano	974—983
137 — João XIV, de Pavia	983—984
138 — Bonifacio VII, romano	984—985
139 — João XV, romano	985—996
140 — Gregorio V, allemão	996—999

SECULO XI

141 — Silvestre II, francez	999—1003
142 — João XVII, romano	1003—1003
143 — João XVIII, romano	1003—1009
144 — Sergio IV, romano	1009—1012
145 — Benedicto VIII, romano	1012—1024
146 — João XIX, romano	1024 1033
147 — Benedicto IX, romano	1033—1044
148 — Silvestre III	1045
149 — Gregorio VI	1045—1046
150 — Clemente II, saxonio	1046—1046
151 — Damaso II, da Baviera	1048—1048
152 — S. Leão IX, allemão	1049—1049
153 — Victor II, de Suevia	1055—1057
154 — Estevão IX, allemão	1057—1058
155 — Benedicto X	1058—1059

156 —	Nicolau II, francez	1059—1061
157 —	Alexandre II, milanez	1061—1073
158 —	S. Gregorio VII, de Soana	1073—1085
159 —	Victor III, de Bevenuto	1085—1087
160 —	Urbano II, de Reims	1088—1099

SECULO XII

161 —	Paschoal II, de Bieda	1099—1118
162 —	Gelasio II, de Gaeta	1118—1119
163 —	Calixto II, Borgonhez	1119—1124
164 —	Honorio II, Bolonhez	1124—1130
165 —	Innocencio II, romano	1130—1143
166 —	Celestino III, da cidade de Castello	1143—1144
167 —	Lucio II, Bolonhez	1144—1145
168 —	Eugenio III, de Montemagno	1145—1153
169 —	Anastacio IV, romano	1153—1154
170 —	Adriano IV, inglez	1154—1159
171 —	Alexandre III, Senez	1159—1181
172 —	Lucio III, de Lucca	1181—1185
173 —	Urbano III, de Milão	1185—1187
174 —	Gregorio VIII, de Benevento	1187—1187
175 —	Clemente III, romano	1187—1191
176 —	Celestino III, romano	1191—1198
177 —	Innocencio III, de Anagni	1198—1216

SECULO XIII

178 —	Honorio III, romano	1216—1227
179 —	Gregorio IX, de Anagni	1227—1241
180 —	Celestino IV, milanez	1241—1241

181 —	Innocencio IV, de Genova	1243—1254
182 —	Alexandre IV, de Anagni	1254—1261
183 —	Urbano IV, de Toyes	1261—1264
184 —	Clemente IV, francez	1265—1268
185 —	B. Gregorio X, de Placença	1271—1276
186 —	Innocencio I, Saboiano	1276—1276
187 —	Adriano V, de Genova	1276—1276
188 —	João XXI, de Lisbôa	1276—1277
189 —	Nicoláo III, romano	1277—1280
190 —	Martinho IV, francez	1281—1285
191 —	Honorio IV, romano	1285—1287
192 —	Nicolau IV, de Ascoli	1288—1292
193 —	S. Celestino V,	1294

SECULO XIV

194 —	Bonifacio VIII, de Anagni	1294—1303
195 —	B. Benedicto XI, de Treviso	1303—1304
196 —	Clemente V, francez	1305—1314
197 —	João XXII, francez	1316—1334
198 —	Benedicto XII, francez	1334—1342
199 —	Clemente VI, francez	1342—1352
200 —	Innocencio VI, francez	1352—1362
201 —	B. Urbano V, francez	1362—1370
202 —	Gregorio XI, francez	1370—1378
203 —	Urbano VI, de Napoles	1378—1389

SECULO XV

204 —	Bonifacio IX, napolitano	1389—1404
205 —	Innocencio VII, de Sulmona	1404—1406
206 —	Gregorio XII, veneziano	1406—1415

207 — Alexandre V, bolonhez 1409—1410
208 — João XXIII, de Napoles — 1410—1415
209 — Martinho V, romano 1417—1431
210 — Eugenio IV, veneziano 1431—1447
211 — Nicolau V, de Sarzana 1447—1455
212 — Calixto III, espanhol 1455—1458
213 — Pio II, senez 1458—1464
214 — Paulo II, veneziano 1464—1471
215 — Sixto IV, de Savona 1471—1484
216 — Innocencio VIII, genovez 1484—1492

SECULO XVI

217 — Alexandre VI, espanhol 1492—1503
218 — Pio III, senez 1503—1503
219 — Julio II, de Savona 1503—1513
220 — Leão X, florentino 1513—1521
221 — Adriano VI, de Utrecht 1522—1523
222 — Clemente VII, florentino 1523—1534
223 — Paulo III, romano 1534—1549
224 — Julio III, toscano 1550—1555
225 — Marcello II, Montepulciano 1555—1555
226 — Paulo IV, napolitano 1555—1559
227 — Pio IV, milanez 1559—1565
228 — S. Pio V, de Bosco 1566—1572
229 — Gregorio XIII, bolonhez 1572—1585
230 — Sixto V, da Marca 1585—1590
231 — Urbano VII, romano 1590—1590
232 — Gregorio XIV, cremonez 1590—1591
233 — Innocencio IX, bolonhez 1591—1591

SECULO XVII

234 — Clemente VIII, florentino 1592—1605
235 — Leão XI, florentino 1605—1605
236 — Paulo V, romano 1605—1621
237 — Gregorio XV, bolonhez 1621—1623
238 — Urbano VIII, florentino 1623—1644
239 — Innocencio X, romano 1644—1655
240 — Alexandre VII, senez 1655—1667
241 — Clemente IX, de Pistoia 1667—1669
242 — Clemente X, romano 1670—1676
243 — Innocencio XI, de Como 1676—1689
244 — Alexandre VIII, veneziano 1689—1691

SECULO XVIII

245 — InnocencioXII, de Napoles 1691—1700
246 — Clemente XI, de Urbino 1700—1721
247 — Innocencio XIII, romano 1721—1724
248 — Benedicto XIII, romano 1724—1730
249 — Clemente XII, florentino 1730—1740
250 — Benedicto XIV, de Bolonha 1740—1758
251 — Clemente XIII, veneziano 1758—1769
252 — Clemente XIV, de Sant'Angelo in Vado 1769—1774
253 — Pio VI, de Cesena 1775—1799

SECULO XIX

254 — Pio VII, de Cesena 1800—1823
255 — Leão XII, de Spoleto 1823—1829
256 — Pio VIII, de Cingoli 1829—1830

257 — Gregorio XVI, de Beluno 1831—1846
258 — Pio IX, de Senigallia 1846—1878

SECULO XX

259 — Leão XIII, de Carpinette 1878—1903
260 — Pio X, de Riese 1903—1914
261 — Bento XV, de Pegli 1914—1922
262 — Pio XI, de Desio 1922—1939
263 — Pio XII, de Roma, gloriosamente reinante desde 1939—

Os principaes Concilios Ecumenicos

325 — Nicéa — Condemna a heresia de Ario.

381 — *Constantinopla* — Condemna as heresias de Manés e de Macedonio.

431 — *Epheso* — Condemna as heresias de Nestorio e de Pelagio.

451 — *Chalcedonia* — Condemna a heresia de Eutyches.

553 — *Constantinopla* — Condemna a heresia dos três capitulos.

680-681 — *Constantinopla* — Condemna os Monothelistas.

787 — *Nicéa* — Condemna os Iconoclastas.

869-870 — *Constantinopla* — Excommunga o patriarcha Focio.

1123 — *Latrão* (Egreja de S. João, em Roma) — Ratifica a concordata de Worms.

1139 — *Latrão* — Condemna Arnaldo de Brescia.

1179 — *Latrão* — Condemna os antipapas que Frederico Barba-rôxa oppuzera a Alexandre III. Resolve a eleição dos pontifices, pelos cardeaes.

1215 — *Latrão* — Condemna os Valdenses e os Albigenses. — Declara obrigatoria para todo o christão a confissão e a communhão durante a Paschoa.

1245 — *Lyão* — Condemna o imperador Frederico como heretico, como espoliador da Egreja e como culpado de convivencia com os Mussulmanos.

1274 — Tentativa de União com a Egreja grega.

1311-1312 — *Vienna* — Abolição da Ordem dos Templarios.

1439-1442 — *Florença* — Nova tentativa de união com a Egreja grega.

1512-1517 — *Latrão* — Reforma disciplinar da Egreja.

1545-1563 — *Trento* — Condemna Luthero, Zwinglio e Calvino.

1669-1670 — *Vaticano* — Proclama o dogma da infallibilidade do Papa.

Papas de todas as classes e condições sociaes occuparam a cadeira de São Pedro

PONTIFICES SANTOS

A historia da Egreja registra 77 pontifices santos, que são os primeiros 33 nas 10 perseguições e quatro que padeceram o martyrio pelos herejes, Felix II, João I, Silverio, e Martinho I, formando 37 martyres.

E mais 40 confessores, num conjuncto de 77.

PAPAS DE ORDENS RELIGIOSAS

Benedictinos — A Ordem de São Bento conta com cerca de 30 pontifices. Citamos: Pelagio II, Gregorio I, II, III, IV e VII, Bonifacio IV, Adeodato, Agaton, Zacarias, Estevão IV e X, Paschoal I, João II e IX, Leão V e IX, Sergio IX, Victor III, Silvestre II, Gelasio II, Alexandre IV e Clemente VI. Dos benedictinos de Cluni, S. Gregorio VII, Paschoal II, Urbano II e V. Dos benedictinos de Cister, Eugenio III, Alexandre III, Urbano IV, Benedicto VII. Os benedictinos celestinos foram fundados pelo Papa Celestino V.

Conegos regulares de Santo Agostinho: Leão I, II, III, IV e VII, Gelasio I, Felix III, Estevão IV, que logo foi benedictino, Honorio I, II, III, Sergio I e II, Paschoal I e II, Benedicto III e IV, Urbano II, que tambem foi benedictino, Formoso, London, Alexandre III e III, Innocencio II e

III, Calixto II, Lucio II, Eugenio II e IV, Anastacio IV, Adriano IV.

Os eremitas de Santo Agostinho: — Gelasio I e Clemente VII e tambem o anti-papa Felix V, que por algum tempo acreditou de boa fé na legitimidade de sua funcção.

Carmelitas: — São Telesphoro, S. Dionysio e Benedicto XII.

Dominicanos: — Innocencio V, Benedicto II, Pio V (Santo) e Benedicto XIII.

Franciscanos: — Nicolau IV, Alexandre V, Sixto IV, Sixto V. Contam tambem como seus Gregorio IX, que quiz ser enterrado com o habito de franciscano; Martinho IV, que procedeu da mesma forma; Julio II, que foi noviço; Gregorio XI, que moreu no mesmo dia de sua eleição, e o anti-papa Pedro Corbario, chamado Nicolau V. Entre todos, contam-se 70 Papas das Ordens regulares.

PAPAS DE VARIAS NAÇÕES

Syrios, 7; gregos, 14; italianos, 192; africanos, 3; sardios, 2; calmatas, 2; de Tracia, 1; espanhoes, 4; (S. Damaso, João XXI, Calisto III e Alexandre VI. Os dois ultimos eram valencianos. Alguns contam tambem como espanhol o Papa Melchiades). Franceses, 14; borgonhezes, 2; Allemães, 6; entre elles dois saxões e dois bavaros; inglezes, 1; (Adriano IV); belga, 1 (Adriano VI).

PAPAS DE ILLUSTRE LINHAGEM

Clemente I, da familia imperial; Caio e Celestino I, Virgilio, João III, Gregorio Magno, Adriano I, Sergio III, João XI e XII, Benedicto VII e VIII e João XX, dos condes de Tusculo, Leão IX, conde de Ausburgo; Victor II, conde de Claver; Estevão X, dos duques de Lotarigia; Gregorio VII, dos condes de Petiliani, Victor III, filho do principe de Benevento.

PAPAS DE FAMILIAS HUMILDES

S. Pedro, pescador; S. Dionysio; João XVIII; Damaso II, filho de um pobre commerciante; Adriano IV, cuja mãe pedia esmola; Urbano IV, filho de um guardador de porcos; Benedicto XI, filho de uma lavadeira; Benedicto XII, filho de um padeiro; Bonifacio IX, clerigo humilde; Alexandre IV, pauperrimo; Nicolau V, cuja mãe vendia, no mercado, ovos e aves; Gregorio VII era filho de um carniceiro; Sixto IV, filho de um pescador; Adriano VI, filho de um marinheiro; Sixto V, filho de um pastor e em sua mocidade guarda de porcos; Pio X, cujos paes eram modestos agricultores, etc.

PAPAS QUE GOVERNARAM POUCOS DIAS

Sisinio, 20 dias; Estevão II, 3; Bonifacio VI, 15; Damaso II, 23; Celestino IV, 17; Pio III, 26; Marcello II, 22; Urbano VII, 12; Leão XI, 25.

Não chegaram a um anno: Sixto II, S. Marcos, Sabiniano, Bonifacio III, Leão II, Benedicto II, Conon, Estevão V, Romano, Leão V, Cristobal, Landon, Benedicto V, Bonifacio VII, João XIV, XVI e XVIII, Silvestre III, Clemente II, Estevão X, Benedicto X, Celestino II, Lucio II e alguns outros.

PAPAS QUE REINARAM MAIS DE 20 ANNOS

Adriano, 23 annos e meio; Leão VI, 20 annos e alguns mezes; Alexandre III, 22; Silvestre I, 21 annos e 10 mezes; Urbano VIII, 21 annos e 1 mez; Leão I, o Magno, 20 annos e cerca de 2 mezes; Clemente XI, 20 annos e 3 mezes; Pio IX, 31 annos, 7 mezes e 2 dias; Leão XIII, 25 annos e 5 mezes. Tambem reinaram mais de 18 annos, Innocencio III, Paschoal II, João XXII e Zeferino. Pio XI reinou 17 annos.

PAPAS DO MESMO NOME

João, 23; Gregorio, 15; Benedicto, 15; Innocencio, 13; Clemente, 14; Leão, 13; Estevão, 10; Bonifacio, 9; Alexandre e Urbano, 8; Pio, 12 (incluindo o actual reinante); Adriano, 6; Celestino, Martino, Nicolau, Paulo e Sixto, 5; Anastacio, Eugenio, Felix, Honorio, Sergio, 4; Calixto, Julio, Lucio, Victor e Silvestre, 3; Agapito, Dono, Damaso, Marcello, Paschoal, Gelasio, Pelagio e Theodoro, 2.

Conclusão final

Está terminada a tarefa que me impoz o meu amor á Egreja, minha mãe, — refutar as calumnias lançadas contra ella pela ignorancia e a impiedade.

Procurei refutar os erros, desmascarar as calumnias e demonstrar a verdade sobre um ponto de doutrina, infelizmente muito ignorado e muito deturpado.

Ao começar o trabalho, disse que este livro seria, para muitos, uma verdadeira REVELAÇÃO.

Ao terminar a ultima pagina, repito ainda a mesma asserção, e digo altamente que esta obra veio revelar segredos, mysterios, verdades e horizontes por muitos ignorados.

A Egreja catholica é tão pouco conhecida!

E' tão calumniada...

E' tão vilipendiada...

E' tão deturpada...

Melhor conhecida, esta Egreja divina será necessariamente mais venerada e amada.

Ella deve ser amada.

Pois ella é o centro do amor.

Ella é o amor!

⁂

Ha na composição de certas palavras uma significação que muitas vezes nos escapa, e que é entretanto de uma realidade tão palpavel, ao ponto de parecer quasi impossivel não se distinguir nellas o dedo de Deus.

No dia em que o divino Salvador esteve deante de Pilatos, este lhe perguntou:

Que é a verdade?

E a verdade estava deante delle. Esta verdade é Jesus Christo.

Facto curioso: os estudiosos descobriram nas letras da pergunta de Pilatos um anagramma que dá a resposta á mesma pergunta.

Quid est veritas? — perguntou o Governador.

Est vir qui adest — diz a propria pergunta, invertendo-se umas letras.

E' o homem que está aqui presente!

E' Jesus Christo.

A alma humana, creada á imagem de Deus, é a expressão mais alta do amor do Creador, como o é da suprema grandeza do homem.

E, cousa singular: A este termo mais alto da grandeza corresponde o termo da ultima baixeza: *a lama.*

A palavra: *lama,* é a inversão da primeira syllaba de *alma.*

São os dois extremos da dignidade humana: alma—lama.

O termo que exprime de um modo synthetico a religião de Jesus Christo é a palavra ROMA, por ser a cidade onde reside o chefe supremo da Egreja: o Santo Padre, o Papa.

ROMA, palavra magica que, por designio especial de Deus, exprime o que elle deve inspirar-nos: O AMOR.

Lida ás avessas, a palavra *Roma* é *amor*.

Admiravel coincidencia, que é talvez mais do que uma coincidencia, mas sim o dedo de Deus.

Roma é a cidade do amor, não como cidade, sem duvida, mas pela pessôa sagrada, que a immortaliza: o Papa.

A palavra: PEDRO, por anagramma dá: PODER.

Pedro é o representante e o detentor, na terra, do poder de Deus.

ROMA é AMOR.

Pedro recebe de Deus o PODER.

Elle deve receber dos homens O AMOR.

Devemos *amar ao Papa*, como os filhos AMAM aos seus paes.

Devemos *defender o Papa*, como os filhos DEFENDEM seus paes.

Devemos *obedecer ao Papa*, como os filhos OBEDECEM aos seus paes.

Pedro, amas-me? — perguntou o Salvador ao primeiro Papa, antes de o investir da dignidade suprema.

E a resposta de Pedro foi positiva: *Tu sabes, Senhor, que eu te amo!*

O Papa, representante de Jesus Christo, como successor de São Pedro, tambem pergunta a cada um de seus filhos, espalhados por milhões e milhões neste mundo afóra: FILHO, AMAS-ME?

E' preciso que cada catholico possa repetir a palavra de São Pedro: *Santo Padre, tu sabes que eu te amo!*

Esta palavra resume todos os nossos deveres para com o Papa.

AMAR — é venerar, é obedecer, é defender aquelle que se ama.

Tal deve ser o culto que tributamos ao Santo Padre, o Papa, ao eterno representante da verdade eterna.

Veritas manet in aeternum!

Querido leitor: Eis o fim do novo livro annunciado.

Depois de o terdes lido, agora, dizei-me si não é deveras novo?

Não sei porque; mas parece-me ser este o melhor livro que tenho escripto.

Escrevendo estas paginas, senti-me tão sensivelmente assistido e consolado... senti estas paginas tão acima da minha propria capacidade que, involuntariamente, exclamei diversas vezes: *Digitus Dei est hic!*

Deus ajudou-me a fazer este livro.

Lêde-o... Elle vos revelará segredos sublimes, maravilhas encantadoras.

Lêde-o com CALMA e AMOR.

A calma abre os horizontes.

O amor abre os céus!

São, pois, horizontes do céu.

P. J. M.

INDICE